

MATILDE ZIMMERMANN



CARLOS FONSECA

E A REVOLUÇÃO NICARAGUENSE

expressão
POPULAR

CARLOS FONSECA
E A REVOLUÇÃO NICARAGUENSE

MATILDE ZIMMERMANN

CARLOS FONSECA
E A REVOLUÇÃO NICARAGUENSE

1ª edição

**EXPRESSÃO
POPULAR**

São Paulo, 2012

Copyright © 2012, by Editora Expressão Popular

Projeto gráfico, diagramação e capa: *ZAP Design*

Impressão: *Cromosete*

Ilustração da capa: *Josué de Castro por Cândido Portinari*

Revisão: *Victor Strazzeri e Maria Elaine Andreoti*

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada
ou reproduzida sem a autorização da editora.

Edição revista e atualizada conforme o novo acordo ortográfico

1ª edição: abril de 2012

EDITORA EXPRESSÃO POPULAR

Rua Abolição, 201 – Bela Vista

CEP 01319-010 – São Paulo-SP

Fones: (11) 3105-9500 / 3522-7516, Fax: (11) 3112-0941

livraria@expressaopopular.com.br

www.expressaopopular.com.br

SUMÁRIO

Apresentação – Josué de Castro, fome de Justiça.....	9
<i>Bernardo Mançano Fernandes e Carlos Walter Porto Gonçalves</i>	

INTRODUÇÃO

Em 7 de novembro de 1979, mais de cem mil pessoas abarrotavam a Praça da Revolução em Manágua, Nicarágua, para reverenciar Carlos Fonseca Amador, o fundador da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN). Os manifestantes eram, em sua grande maioria, rapazes e moças dos bairros pobres e das vilas rurais, participantes da insurreição que, apenas alguns meses antes, derrubara a ditadura de 40 anos da família Somoza e levava a FSLN ao poder. Milhares e milhares chegaram à manifestação armados e agitavam seus rifles no ar quando a multidão gritava em coro: “Comandante Carlos, às ordens!”

Era o terceiro aniversário do dia em que Fonseca morreu em combate contra o exército de Somoza; seus restos mortais haviam sido exumados e trazidos para a capital para serem enterrados novamente. A FSLN planejara um evento mais singelo, no qual não só Fonseca seria homenageado, mas também vários dos mártires mais importantes do movimento. Mas o anúncio dos planos do novo sepultamento de Fonseca, assim como a convocação para uma “ofensiva final” contra Somoza seis meses antes, provocaram uma resposta que foi além de qualquer coisa que os líderes da FSLN pudessem ter previsto. Uma cerimônia simples no remoto povoado de Waslala, próximo à encosta coberta de mata onde Fonseca morreu, foi tomada por centenas de camponeses que chegaram em lombo de mula ou cavalo e a pé,

alguns tendo caminhado mais de um dia inteiro. Um helicóptero levou os restos mortais de Fonseca para Matagalpa, sua cidade natal. Cerca de 50 mil pessoas compareceram: praticamente a população inteira da cidade, além de muitos que caminharam da zona rural nas redondezas. As pessoas se reuniam à beira da estrada e nos pequenos vilarejos ao longo do caminho para presenciar a passagem da caravana que levava os ossos de Matagalpa até Manágua.

Carlos Fonseca, embora já não estivesse vivo, era o herói popular da revolução nicaraguense de 1979. Era muito mais conhecido pelo cidadão comum do que qualquer das pessoas que formavam o novo governo revolucionário. Os jovens homens e mulheres que combateram a Guarda Nacional nas insurreições de 1978 e 1979 consideravam-se sandinistas, mas muitos apenas conheciam alguns elementos básicos da FSLN: que sua bandeira vermelha e negra era a de Sandino, que Carlos Fonseca fora seu dirigente máximo, que seu compromisso com a tomada do poder era para valer e que lutava do lado dos operários e camponeses. E isso bastava.

Carlos Fonseca era também o líder sandinista que resumia mais perfeitamente o caráter radical e popular da revolução, sua dinâmica anticapitalista e antilatifundiária. Em especial, duas formulações de Fonseca se destacaram na jornada de 7 de novembro e nos atos que a precederam. A primeira, tomada do herói nacionalista e guerrilheiro, general Augusto César Sandino: “Só os operários e os camponeses irão até o fim”. A segunda, estampada, na primeira página do jornal da FSLN em 8 de novembro, declarava: “Não se trata apenas de mudar os indivíduos no poder: trata-se de mudar o sistema, de derrubar as classes exploradoras e de levar as classes exploradas à vitória”.¹

Por cerca de 20 anos, Fonseca fora a figura ideológica central e o líder estratégico do movimento revolucionário na Nicarágua. Os

¹ *Barricada* (Manágua), 6-8 de novembro de 1979; *La Prensa* (Manágua), 7-8 de novembro de 1979; *Intercontinental Press* (Nova York), 3 de dezembro de 1979.

escritos que definiam a ideologia política da Frente Sandinista – documentos programáticos, análises histórico-sociais, discursoschaves e manifestos – eram, quase sem exceção, obra sua. Até sua morte, Carlos Fonseca desempenhou também, mesmo na prisão ou no exílio, um papel crucial na organização do trabalho diário da FSLN, recrutando quadros, expandindo sua influência política e planejando suas operações militares.

Antes de 1979, a maioria das pessoas na América do Norte, na Europa e muitos na América Latina nunca tinham ouvido falar da Nicarágua; mas a revolução nicaraguense cativou o imaginário das pessoas em todo o mundo. Os guerrilheiros jovens e mal vestidos da FSLN, conhecidos carinhosamente como *muchachos* (“meninos”), tinham triunfado em uma revolução armada contra uma ditadura entrincheirada. Longe da América Central, os telespectadores estavam chocados com a brutal violência do governo de Somoza e da Guarda Nacional e impressionados com a imagem de gente comum – estudantes, donas de casa, trabalhadores – enfrentando os tanques do governo com barricadas de paralelepípedos e bombas caseiras. A maioria dos participantes dos levantes urbanos e rurais do início de 1979 era oriunda das classes populares, mas, no final, davam apoio amplo à revolução também as classes médias, a Igreja Católica e até setores da burguesia nicaraguense. Um levante genuinamente popular finalmente forçou o Presidente Anastasio Somoza a fugir do país e destruiu a odiada instituição da Guarda Nacional. De todos os movimentos guerrilheiros socialistas e nacionalistas que surgiram na América Latina nas décadas posteriores à Revolução Cubana de 1959, somente a FSLN da Nicarágua chegou ao poder.

É impossível compreender esta revolução ou o papel de Carlos Fonseca nela sem saber um pouco sobre a Nicarágua e sua história. Em 1979, a Nicarágua era um país empobrecido, subdesenvolvido e escassamente povoado no meio da América Central, uma região de países pobres e atrasados no plano econômico. Do tamanho da

Inglaterra,² ela tinha uma população de menos de 2,5 milhões de habitantes.

Quando os espanhóis conquistaram a Nicarágua, no início do século 16, encontraram uma terra de lagos e vulcões, de montanhas cobertas de pinheiros, selvas tropicais, planícies quentes e férteis e vastas florestas de madeiras preciosas. No entanto, não encontraram o que queriam: ouro e prata disponíveis para uma pilhagem fácil. Nos primeiros anos, a principal atividade econômica desenvolvida pelos novos senhores foi o comércio de escravos – a captura e envio de índios para trabalhar nas minas de prata e mercúrio do Peru. Por volta de 1600, a violência da escravização, combinada com a devastação provocada pelas novas doenças introduzidas pelos europeus, reduziu a população do oeste da Nicarágua, estimada em 600 mil, a umas poucas dezenas de milhares de habitantes. Levou mais de dois séculos para que a população recuperasse os níveis anteriores à conquista.

A independência da Espanha foi alcançada em 1821, mas a estrutura econômica colonial persistiu século 20 adentro. A criação de gado nas grandes fazendas foi a atividade econômica mais importante, até o auge do café, na década de 1880. O cultivo de produtos agrícolas, para consumidores europeus e norte-americanos, dominava a economia de mercado, tornando a Nicarágua dependente das flutuações dos preços mundiais, da demanda e da concorrência, e garantindo que, mesmo nos melhores anos, os lucros fossem principalmente para os grandes proprietários de terra e os comerciantes. A maioria da população continuava cultivando feijão e milho praticamente da mesma maneira que seus antepassados faziam antes da conquista; mas a redução do tamanho das terras em posse dos camponeses forçava muitos deles a trabalhar também como assalariados sazonais. As comunidades indígenas desfrutavam uma autonomia significativa,

² Pouco menor que o Estado do Ceará (N. T.).

mas também estavam sujeitas ao trabalho forçado em obras públicas e plantações de café. As relações pré-capitalistas de trabalho e a tecnologia primitiva permaneceram sendo características da Nicarágua por muito mais tempo do que em outras partes da América Latina. Não foi senão com o auge algodoeiro dos anos 1950 que a produção agrícola de caráter plenamente capitalista chegou ao país.

A vida política da Nicarágua, da independência até 1979, caracterizava-se pela exclusão dos trabalhadores e dos camponeses do poder político, pelo uso da violência para resolver os conflitos entre as diferentes facções da classe dominante e pela intervenção dos Estados Unidos. As guerras frequentes entre aqueles ligados ao Partido Liberal e o Conservador não tinham muito a ver com questões ideológicas; eram instigadas por rugas pelo poder entre as famílias abastadas e por rivalidades entre as duas grandes cidades coloniais, Granada e León. Nos anos 1850, William Walker, um aventureiro norte-americano apoiado inicialmente pelo governo dos Estados Unidos, aproveitou-se de uma guerra entre liberais e conservadores para autodeclarar-se presidente da Nicarágua, legalizar a escravidão e declarar o inglês a língua oficial, até que foi derrotado pela resistência popular e um exército centro-americano unificado. Nas décadas anteriores à construção do Canal do Panamá, o industrial norte-americano Cornelius Vanderbilt fez fortuna explorando as vantagens geográficas da Nicarágua para transportar passageiros e carga por uma curta rota de terra e água entre os oceanos Pacífico e Atlântico. No princípio do século 20, os Estados Unidos intervieram militarmente para derrubar o presidente liberal José Santos Zelaya, impor o conservador Adolfo Díaz em seu lugar e começar uma ocupação militar que durou, com alguns poucos anos de interrupção, até 1933. Os bancos, as alfândegas e a estrada de ferro da Nicarágua foram concedidos a banqueiros norte-americanos, e o Tratado Bryan-Chamorro, de 1914, deu aos Estados Unidos direitos exclusivos em perpetuidade para construir um canal através do território nicaraguense.

Em 1927, Augusto César Sandino, um dos generais liberais que combatiam o presidente conservador imposto, negou-se a assinar uma rendição mediada pelos Estados Unidos e se pôs à frente de uma guerra de seis anos contra os *marines*³ norte-americanos. Os esforços do exército camponês de Sandino, somados à crescente oposição à intervenção dos Estados Unidos, levou, em 1933, à retirada das tropas norte-americanas. Sandino foi assassinado em 1934 por ordem de Anastasio Somoza García, chefe de uma nova força militar, treinada pelos Estados Unidos: a Guarda Nacional. Nos anos 1960 e 1970, Carlos Fonseca deu nova vida ao exemplo de Sandino para inspirar uma nova geração a combater o governo e a Guarda Nacional, encabeçados pelos filhos de Anastasio Somoza.

Quem era Carlos Fonseca? Que aspectos de sua vida e de seu meio social levaram-no à rebeldia? Como e por que suas ideias mudaram com o tempo? Que impacto tiveram a história e a cultura nicaraguenses sobre seus pontos de vista políticos, e em que grau foi influenciado pelos eventos mundiais fora da América Central? Era um marxista? Um nacionalista? Internacionalista? Castrista? Sandinista? Qual era sua compreensão da estrutura de classes da Nicarágua, e que papel projetava para as diferentes classes sociais na revolução? Qual era sua perspectiva sobre o papel das mulheres na luta guerrilheira e na sociedade pós-revolucionária? Como diferiam suas ideias das de outros na FSLN e fora dela, tanto na esquerda como um todo quanto nos movimentos de oposição da Nicarágua? Qual foi a contribuição de Carlos Fonseca para a vitória ulterior da revolução nicaraguense, que viria três anos após a sua morte?

Este livro, utilizando uma vasta coleção de escritos de Fonseca, desconhecidos até agora, narra sua história situando o desenvolvimento de suas ideias no contexto do mundo em que viveu e da realidade nicaraguense que estudou e pela qual lutou para transformar. Destacam-se duas influências dominantes na vida e na filosofia política de Fonseca: a revolução socialista de Cuba e, em particular, os escritos e as ações

³ Fuzileiros navais. (N. T.).

de Ernesto “Che” Guevara; e, ainda, a longa tradição de resistência e coragem dos trabalhadores e camponeses nicaraguenses, exemplificada especialmente por Sandino, o general anti-imperialista. Assim, Carlos Fonseca seguiu os passos de dois indivíduos, mais que quaisquer outros: os de Che Guevara e os de Augusto César Sandino. Estes foram seus heróis pessoais, mas ele também os via como representantes de processos históricos mais amplos; pois seguir os passos de Che significava seguir também Fidel Castro, o Movimento 26 de Julho, e os rebeldes que atacaram o Quartel Moncada em 1953. Estudar Sandino e tomá-lo como exemplo significava, ao mesmo tempo, aprender com os índios que combateram os conquistadores espanhóis, com os jovens que atiraram pedras no invasor William Walker e com os patriotas que lideraram a resistência contra a intervenção norte-americana nas décadas anteriores a Sandino.

A contribuição de Carlos Fonseca encontra-se na confluência de dois temas: por um lado, a batalha pela libertação nacional e contra o imperialismo norte-americano; e, por outro, a luta pela revolução socialista. Sua visão de uma “revolução popular sandinista” incluía a vitória militar sobre a ditadura de Somoza, respaldada pelos Estados Unidos, e uma transformação social para pôr fim à exploração dos trabalhadores e camponeses nicaraguenses. O objetivo de Fonseca era construir um movimento que estivesse profundamente enraizado na realidade material da Nicarágua e em sua tradição de rebeldia, simbolizada por Sandino, ao mesmo tempo em que olhava para Cuba – e, por trás de Cuba, a Revolução Russa – para obter inspiração e sentido do que era possível. Escrevia Fonseca em 1975

Não é nossa tarefa descobrir as leis universais que levam à transformação de uma sociedade capitalista em uma sociedade de homens e mulheres livres; nosso modesto papel é o de *aplicar* estas leis, que já foram descobertas, à situação de nosso país.³⁴

⁴ FONSECA AMADOR, Carlos. “Síntesis de algunos problemas actuales” in: *Obras*. Manágua: Editorial Nueva Nicaragua, 1982, v.1, p. 98-99 (itálico no original)

A tarefa que atribuiu para si não era “modesta”; era difícil e perigosa e o êxito estava longe de ser garantido. De fato, de todos os grupos guerrilheiros formados na América Latina nos anos seguintes à Revolução Cubana de 1959, o que parecia ter as *menores* chances de êxito era provavelmente a FSLN. A transformação de um punhado de estudantes radicais em um movimento à frente de uma insurreição popular levou quase duas décadas e foi marcada por mais derrotas do que vitórias, longos períodos de isolamento e o acúmulo de uma enorme lista de mártires. Mesmo entre os estudantes, os sandinistas só alcançaram a hegemonia anos após o término da década de 1960. No amplo movimento de oposição a Somoza e no movimento sindical, até o final dos anos 1970, prevaleceram vozes mais moderadas que a da FSLN.

Durante este período, a FSLN foi pouco a pouco recrutando para suas fileiras jovens estudantes e operários – um ou dois de cada vez. A criação de um estilo de liderança coletiva que pudesse tomar o poder à frente de um levante popular foi um longo processo que envolveu duros debates, discussões, propostas conflitantes, experimentação, mudanças de rumo e responsabilidades compartilhadas. Quando a revolução aconteceu, em 1979, todos – amigos e inimigos – reconheceram que ela havia sido liderada pela FSLN.

Um dos temas de meu trabalho é que esta liderança, experimentada e comprometida, esta “vanguarda” – para usar a linguagem da época –, era um ingrediente necessário para o êxito da revolução nicaraguense. Como Che Guevara, estou convencida de que uma das pré-condições mais importante para a revolução é a humana. O foco deste livro são os homens e as mulheres que lutaram para construir a FSLN nos anos 1960 e 1970 e, em particular, o papel central desempenhado por Carlos Fonseca.

A maioria dos livros sobre a revolução nicaraguense foi escrita por cientistas sociais interessados, em primeiro lugar, em analisar o comportamento da FSLN depois que tomou o poder. Eles descrevem a

ideologia e o programa da FSLN como era no começo dos anos 1980, baseando-se em entrevistas e discursos de vários dirigentes do partido e do governo, em conjunto com algum material histórico relativo a Carlos Fonseca e outros. Esta perspectiva lhes permite mostrar a complexidade da ideologia sandinista no começo dos anos 1980, mas não dá conta do desenvolvimento orgânico desta ideologia política, do processo de aprendizagem, das idas e vindas, dos debates e da rejeição de estratégias falhas. Isso levou a vários erros comuns, incluindo a mistificação do processo pelo qual Sandino foi escolhido como um símbolo, a superestimação da importância da teologia da libertação no período de formação da FSLN e a uma apreciação insuficiente do papel desempenhado por Carlos Fonseca em momentos-chave. O enfoque da literatura sobre a FSLN no poder dá a impressão de que a vitória da revolução nicaraguense era inevitável, enquanto uma perspectiva de cunho mais histórico recupera a imprevisibilidade e o drama do processo. Os leitores desta obra poderão ficar surpresos com a força e a estabilidade do regime dos Somoza durante os anos 1960 e princípio dos anos 1970, a debilidade militar e numérica da FSLN e seu papel periférico no interior do movimento de oposição, assim como com a quantidade de momentos em que o movimento guerrilheiro poderia ter sido aniquilado ou abandonado a meta da revolução.

A revolução nicaraguense – como todas as revoluções – foi fruto de uma experiência nacional particular, da história, do conjunto de tradições e da cultura política daquele país. A chave para desenvolver uma ideologia nacionalista revolucionária e um programa da mesma natureza para a Nicarágua foi a ressurreição e a reinterpretação de Augusto César Sandino. Adaptando as lições da década de 1920 para as necessidades dos anos 1970, Fonseca enfatizou duas ideias centrais: a FSLN tinha que ter a classe trabalhadora e o campesinato como fundamentos e tinha que estar preparada para enfrentar o imperialismo norte-americano, que ela considerava o principal obstáculo,

tanto para a independência nacional da Nicarágua como para a luta por justiça social da classe trabalhadora.

Um componente necessário deste processo foi o repúdio, por parte da FSLN, das perspectivas políticas e dos métodos do Partido Comunista. Fonseca, originalmente membro do partido pró-Moscou na Nicarágua, rompeu com este no princípio dos anos 1960, criticando o eleitoralismo dos comunistas, sua recusa a empreender a luta armada e sua falta de confiança na capacidade dos operários e camponeses nicaraguenses de levar adiante uma revolução socialista. Esta orientação, voltada antes para a reforma do que para a revolução, e que privilegiava as alianças com partidos que representavam os interesses das forças capitalistas e da classe média – orientação esta desenvolvida durante os anos 1930, sob a liderança soviética de Joseph Stalin – foi comum a todos os partidos latino-americanos que tinham Moscou como referência. Os estudiosos da Nicarágua referem-se a esta filosofia política como “stalinismo” ou “frentismo popular” ou “a tradição da Terceira Internacional”; Carlos Fonseca chamava-a de “browderismo”⁵. Fonseca liderou uma cisão à esquerda do Partido Comunista, repudiando o conservadorismo e os métodos burocráticos do PC nicaraguense em favor do marxismo revolucionário de Che Guevara e Fidel Castro. Fonseca encarou esta guinada como uma aproximação maior – e não um afastamento – do marxismo.

Alguns acadêmicos argumentam que esta atitude simbolizou a rejeição do marxismo por parte de Fonseca em favor de um nacionalismo mais pragmático, que tornou possível a revolução nicaraguense de 1979.⁶ Os textos políticos de Fonseca, produzidos ao longo de um

⁵ Earl Browder foi secretário-geral do Partido Comunista dos Estados Unidos de 1930 a 1944.

⁶ A forma mais extrema desta tese se encontra na obra de Hugo Cancino Trancoso, que começa com a premissa de que o marxismo é fundamentalmente incompatível com o nacionalismo e que “não há maneira de integrar os elementos

período de mais de duas décadas, mostram-no, ao contrário, cada vez mais comprometido tanto com o socialismo científico como com o nacionalismo revolucionário nicaraguense. Marxismo e nacionalismo foram dois aspectos entrelaçados da filosofia política de Fonseca, unidos pela argamassa do anti-imperialismo e simbolizados por seu constante emparelhamento de Che Guevara e Augusto César Sandino.

Eu argumento que a Revolução Cubana de 1959 marcou a guinada crucial da evolução política de Fonseca, evidenciando-lhe a possibilidade de uma profunda revolução social em seu próprio país, fazendo-o estudar a história de Sandino e conduzindo diretamente à formação da FSLN. “Somos a geração *fidelista*”, dizia Fonseca, com o objetivo de estabelecer na Nicarágua “o segundo território livre da América”.⁷

Deve-se observar que, aos olhos daqueles que falam pelo que resta da FSLN em finais dos anos 1990, este é o argumento mais controverso do livro. Os textos de Fonseca, incluindo seus escritos históricos sobre Sandino e seu último documento estratégico, elaborado menos de um mês antes de sua morte, enfatizam reiteradamente a importância da Revolução Cubana e sua relevância para a Nicarágua. No momento da revolução nicaraguense, a ajuda material e a inspiração de Cuba foram amplamente reconhecidas. A FSLN – para encanto e assombro dos cubanos – enviou 26 de seus 36 dirigentes militares mais graduados para Havana para a comemoração do 26 de Julho de 1979, apenas sete dias depois da vitória nicaraguense.⁸ Durante a jornada comemorativa de Car-

do discurso nacionalista com o discurso marxista-leninista”. Cf. TRANCOSO, Hugo Cancino. *Las raíces históricas y ideológicas del movimiento sandinista (1927-1979)*. Odense: Odense University Press, 1984, p. 140

⁷ Carlos Fonseca Amador ao companheiro Denis, 17 de setembro de 1960. Arquivo do IES.

⁸ Eu estava em Cuba para as comemorações de julho de 1979 e assisti à concentração do dia 26. Milhares de cubanos tinham ido ao aeroporto para saudar a esperada delegação de dois ou três nicaraguenses. Foi um momento

los Fonseca, em novembro de 1979, e em outras manifestações políticas dos primeiros meses da revolução, a multidão gritava palavras de ordem como: “Cuba! Cuba! Cuba!” e “Viva Fidel!”. No transcorrer dos anos 1980, entretanto, os dirigentes da FSLN mencionavam Cuba com cada frequência vez menor, reescrevendo finalmente sua própria história e substituindo o modelo de Cuba pelo sueco ou pelo mexicano.

Talvez seguindo o exemplo destes dirigentes da FSLN, os estudiosos da revolução tendem a subestimar a importância de Cuba. Alegam que após um encantamento inicial e passageiro por Cuba, que durou talvez até a queda de Che Guevara na Bolívia em 1967, os sandinistas abandonaram o modelo cubano e perseguiram uma revolução de tipo diferente, que era policlassista, cristã e não socialista.⁹ Meu estudo sobre Carlos Fonseca demonstra que a FSLN, sob sua liderança, ao mesmo tempo em que se enraizou de maneira cada vez mais profunda na realidade nicaraguense, continuou a ver a Revolução Cubana como um exemplo do que

de grande impacto quando os jovens guerrilheiros em trajes de combate saíram lentamente, um atrás do outro, em uma fila aparentemente interminável.

⁹ Ver, por exemplo, BLACK, George. *Triumph of the people: the Sandinista Revolution in Nicaragua*. London: Zed Press, 1981; BOOTH, John A. *The end and the beginning: the Nicaraguan Revolution*. Boulder: Westview, 1982; LÓPEZ, Julio, NÚÑEZ, Orlando, e CHAMORRO, Carlos Fernando. *La caída del somocismo y la lucha sandinista en Nicaragua*. San José da Costa Rica: Educa, 1979; TIRADO, Manlio. *La Revolución Sandinista*. México, D. F.: Editorial Nuestro Tiempo, 1983; WALKER, Thomas. *Nicaragua in Revolution*. Nova York: Praeger, 1982. Nenhum destes estudiosos vai tão longe quanto um livro recente segundo o qual a Revolução Cubana, fora no caso da Guatemala, teve pouco impacto em toda a América Central; cf. WRIGHT, Thomas. *Latin America in the Era of the Cuban Revolution*. Westport: Praeger, 1991, p. 178. Dois estudos sobre a Nicarágua que enfatizam muito o papel de Cuba (o primeiro, em geral, favorável aos sandinistas e o segundo, hostil) são VANDEN, Harry E. e PREVOST, Gary. *Democracy and socialism in sandinista Nicaragua*. Boulder: L. Rienner, 1993; e DAVID, Nolan. *The ideology of the sandinistas and the Nicaraguan Revolution*. Coral Gables: Institute of Interamerican Studies, 1984.

era possível.

O leitor deve estar ciente de que algo mais do que curiosidade acadêmica me motivou a empreender este projeto de pesquisa. Eu já era uma defensora ativa da revolução nicaraguense quando ouvi falar, pela primeira vez, em Carlos Fonseca. Em fevereiro de 1980, apenas alguns meses depois da jornada de recepção dos restos mortais de Fonseca na capital, fiz a primeira de muitas viagens à Nicarágua. Vivi em Manágua no princípio dos anos 1980 e escrevi uma série de artigos a favor da revolução, fazendo a crônica dos primeiros anos de governo da FSLN. Durante a guerra dos “contra”¹⁰, respaldada pelos Estados Unidos, participei da colheita do algodão em uma fazenda estatal próxima da zona de guerra e fiz palestras nos Estados Unidos em solidariedade à revolução sandinista. No final da década me mudei novamente para a Nicarágua para ajudar no projeto da FSLN na Região Autônoma do Atlântico Norte. Fiquei decepcionada, embora não surpresa, quando a FSLN foi derrotada eleitoralmente em fevereiro de 1990.

Na Nicarágua dos anos 1980, o retrato de Carlos Fonseca estava por toda parte, nos murais e cartazes. Parecia um pouco divino, talvez altivo – meio aristocrata e meio Jesus Cristo. Quando a FSLN começou a publicar alguns textos de Fonseca, fiquei impressionada com o contraste entre a maneira como ele era representado naqueles murais onipresentes e o radicalismo descomplicado de seu próprio discurso, sua defesa da violência revolucionária e sua identificação com as privações e interesses cotidianos dos operários e camponeses da Nicarágua. Diferentemente da maioria dos marxistas latino-americanos, Carlos Fonseca escreveu e falou em uma linguagem que

¹⁰ Os “contra” consistem na força mercenária de milhares de homens, em parte composta por antigos membros da Guarda Nacional, em parte por combatentes estrangeiros, financiada e organizada pelo Governo Reagan e pela CIA – mas também com o apoio de segmentos da burguesia nicaraguense –, cujo objetivo era fazer triunfar a contrarrevolução na Nicarágua (N. T.).

o povo entendia. Fiquei impressionada com sua clareza e determinação frente a seus objetivos e lamentei quando a FSLN suspendeu abruptamente a publicação dos escritos de Fonseca depois de 1985 e deixou suas *Obras* se esgotarem.

Quando voltei à Nicarágua nos anos 1990, os murais revolucionários tinham sido apagados ou cobertos com tinta, e nos discursos dos políticos sandinistas já não se mencionava Carlos Fonseca. Mas conheci muitos nicaraguenses das chamadas “classes humildes” cujas lembranças de Fonseca eram intensas. Homens e mulheres de diferentes idades que encontrava nos mercados, nos ônibus, nos povoados, na sala de espera de um ambulatório, respondiam quase que com as mesmas palavras à notícia de que eu estava escrevendo uma biografia de Carlos Fonseca. “Carlos, esse era dos nossos. Falava nossa língua”. E, frequentemente: “Ele não teria deixado que isso acontecesse com nossa revolução”.

Na época em que o livro foi escrito, a FSLN tornara-se um partido eleitoreiro de centro-esquerda, cuja plataforma e ações eram similares às de outros partidos de mentalidade reformista que existem na América Latina dentro ou fora do poder. Alguns dos jovens guerrilheiros idealistas que combateram junto a Fonseca tinham se tornado empresários milionários, grandes proprietários de terra ou políticos corruptos. A revolução nicaraguense tinha acabado. Muitos dos livros sobre as revoluções latino-americanas publicados nos anos 1990 partem desse contexto. Estes exames póstumos, feitos no pós-Guerra Fria, estão interessados, antes de tudo, na explicação das *derrotas* de todos os esforços revolucionários depois de Cuba, incluindo o da Nicarágua. Na medida em que abordam a Nicarágua, seu ponto de partida é a derrota eleitoral de 1990, não a revolução vitoriosa de 1979. Meu propósito é tentar reconstruir, por meio da figura central de Carlos Fonseca, os eventos e ideias que produziram a FSLN e a revolução de 1979. O que motivou Fonseca e seus seguidores? O que escreveram e disseram naqueles anos, e como acabaram os líderes indiscutíveis de

uma insurreição popular? Penso que é mais interessante, importante e incomum o fato de que muitos milhares de nicaraguenses estivessem dispostos a morrer pela FSLN em 1979, do que o fato de que, uma década mais tarde, não tivessem vontade de votar nela.

O atendente de bar fictício irlandês Mr. Dooley criticou certa vez as histórias que apenas “nos diz de que morreu um país”. Como Mr. Dooley, eu “gostaria de saber de que viveu”.¹¹

¹¹ DUNNE, Peter Finley. *Mr. Dooley on ivrything and ivrybody*. Nova York: Dover Publications, 1963, p. 203.

I. MATAGALPA: OS PRIMEIROS ANOS, 1936-1950

Em princípios de julho de 1936, uma costureira de Matagalpa chegou ao Cartório de Registro Civil da cidade para registrar o nascimento de um filho de sua vizinha Augustina Fonseca, solteira de 26 anos, procedente da zona rural, que trabalhava como lavadeira. O escrivão anotou os dados do bebê: nascido em 23 de junho, nome Carlos Alberto Fonseca, filho ilegítimo.¹²

Enquanto crescia, a criança viu como seu mundo era dominado por ásperos e às vezes violentos contrastes: entre seu país – a Nicarágua – e o imperialismo dos Estados Unidos, entre os cafeicultores e comerciantes brancos da região de Matagalpa e os colhedores de café e *campesinos* – índios, em sua imensa maioria –, entre o pequeno grupo revolucionário que ele fundara e o poderoso e bem armado governo de Somoza.

Mas o primeiro contraste de que Carlos Fonseca Amador tomou consciência deve ter sido o existente no interior de sua própria família. Vivia com sua mãe, seu irmão mais velho, Raul e, com o

¹² CHM reg. 18698, caixa 1, pasta “documentos personales”.

tempo, seus três irmãos menores em um cômodo sem janelas, de cerca de três metros e meio de comprimento, no quintal da casa de uma tia. A um quilômetro estava a mansão onde seu pai, Fausto Amador Alemán, vivia com sua esposa e filhos. O solar Amador, um dos poucos edifícios de dois andares de Matagalpa, juntamente com a fachada da catedral, à meia quadra de distância, dominava o norte da cidade. Em seu interior, os resplandecentes pisos e móveis de acaju, os mosaicos de azulejos, o jardim de árvores e flores e o elegante mobiliário importado eram mantidos imaculados pelos empregados que ali viviam. A mãe de Carlos, Augustina Fonseca Ubeda, chegara a Matagalpa vinda de um chuvoso povoado serrano, San Rafael del Norte, por volta de 1930. Segundo um residente local e parente distante de Carlos, San Rafael del Norte era “uma localidade habitada por pessoas simples, brancas e louras em sua maioria, dedicadas, as que tinham terras, à pecuária e ao cultivo da cana-de-açúcar,” e a família Ubeda era de “pecuaristas, plantadores de cana ou de pequenas hortas, homens de trabalho e de vida austera, muito religiosos; às vezes só apareciam no povoado para as comemorações da Semana Santa.”¹³

Como muita gente da zona rural do Norte, Augustina Fonseca, que tinha 20 anos em 1930, chegou à cidade em busca de trabalho e fugindo da guerra. San Rafael del Norte era o povoado de Blanca Aráuz, a esposa do chefe guerrilheiro Augusto César Sandino,¹⁴ e as montanhas de Segóvia que cercam o povoado tinham se transformado em zona de guerra no final dos anos 1920.

¹³ BLANDÓN Jesús Miguel. *Entre Sandino y Fonseca Amador*. Manágua: DEPEP, 1981, pp. 181 e 183.

¹⁴ Blanca Aráuz era apenas três anos mais velha do que Augustina Fonseca, e as duas eram jovens altas, esbeltas, até mesmo parecidas uma com a outra. (Sandino, certa vez, apresentou sua esposa como “95% espanhola”; Cf. WUNDERICH, Volker. *Sandino: Biografía Política*. Manágua: Instituto de História da Nicarágua, 1995, p. 70. Seguramente elas se conheceram no pequeno povoado de San Rafael del Norte.

Augustina, ou Tina, como era conhecida, chegou a Matagalpa com suas duas tias, pouco mais velhas do que ela, Isaura e Victoria Ubeda. Tina achou trabalho como doméstica no Hotel Bermúdez, onde em 1933 deu à luz dois gêmeos, Raul e Carlos. (Este Carlos morreu ainda criança). O pai dos gêmeos era, segundo se diz, o tenente Pennington, do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos, um oficial das forças anti-Sandinho estacionadas no norte da Nicarágua.¹⁵ Quando Isaura Ubeda comprou uma confortável casa de esquina perto da Praça Laborío, no extremo sul da cidade, permitiu que Tina e seu filho Raul se instalassem no quarto dos fundos. Foi nesta casa que nasceu Carlos Fonseca¹⁶.

A vizinha de Tina, Benita Alvarado, disse que o cotidiano de sua amiga era composto “por trabalho duro constante, sua vida era lavar e passar.” Mas Benita também descreve a si mesma e a Tina como *festeiras*, moças que, em sua juventude, gostavam de festas. “Passeávamos e saíamos para dançar nos lugares que havia na saída para Jinotega. Tina era muito bonita e por isso não tinha que se arrumar muito; ao contrário, nas festas era a mais simples, mas a mais bonita”, disse Benita. Segundo a nora de Augustina, esta teve a “dupla desgraça de ser pobre e bela.” Entre os pretendentes de Tina em 1935 estava o pai de Carlos, Fausto Amador, um rico jovem de 22 anos que acabava de voltar da escola nos Estados Unidos e tinha a reputação de *playboy* e impetuoso.¹⁷

¹⁵ Benita Alvarado, entrevista com a autora, Matagalpa, 20 de fevereiro de 1996; José Ramón Gutiérrez Castro, entrevista com a autora, Rivas, 24 de fevereiro de 1996. Uma fotografia do tenente Pennington aparecia frequentemente nos jornais anti-intervencionistas do México e dos Estados Unidos nos anos 1930. Parece muito jovem e com a mão direita está segurando, pelos cabelos, a cabeça decapitada do guerrilheiro sandinista Silvino Herrera. Por uma terrível coincidência, o diário cubano *Granma* publicou esta foto junto a um artigo de Carlos Fonseca em 20 de fevereiro de 1971.

¹⁶ Durante a década de 1980, este imóvel, conhecido como *casa berço*, foi transformado em museu, dedicado à vida de Carlos Fonseca.

¹⁷ Benita Alvarado, entrevista com a autora, Matagalpa, 20 de fevereiro de 1996;

Sempre solteira, Augustina Fonseca teve mais três filhos nos 15 anos seguintes. Cada vez que engravidava – quando Carlos tinha quatro anos, depois quando tinha dez, e de novo quando ele já estava com cerca de 15 –, Isaura expulsava de sua casa Tina e seus filhos. Sem um centavo e sem ajuda dos pais das crianças, a família cada vez buscava um lugarzinho onde meter-se até que nascesse o novo bebê. Mais tarde Carlos descreveria para um amigo uma dessas casas temporárias: um quartinho alugado por 40 córdobas (o equivalente a 5 dólares ou R\$ 7,50) por mês, dobrando a esquina da casa de Isaura: “a porta não estava nem fixada – de noite tínhamos que encostar as camas nela para que não se abrisse.”¹⁸ No fim, Isaura sempre se compadecia quando Tina prometia mudar de vida, e cada vez lhe permitia voltar com a família cada vez maior.

Na Nicarágua, naquele tempo, era comum os casais da classe trabalhadora e camponesa viverem juntos por muitos anos e terem filhos sem a formalidade do casamento. A própria Isaura Úbeda tinha este tipo de relações com o seleiro Agustín Castillo. No entanto, todas as gestações de Augustina Fonseca parecem ter sido o resultado de encontros sexuais casuais, e não do tipo de relações mais estáveis nos quais a sociedade reconhecia um vínculo familiar. Seus cinco filhos tinham pais diferentes. Amigos e membros da família que entrevistei não acreditam que qualquer gravidez de Augustina Fonseca tenha sido fruto de uma violação. Ao mesmo tempo, descrevem-na como carente de opções na vida depois que teve seu primeiro filho ilegítimo – especialmente este, cujo pai, ao que se dizia, era um ianque. Vista como “um bem danificado,” a moça tinha poucas possibilidades de casar-se, ou de unir-se em uma relação de fato ou estável.¹⁹

María Haydée Terán, entrevista com a autora, León, 2 de julho de 1994; Nelly Arrieta de Vilchez, entrevista com a autora, Matagalpa, 10 de junho de 1995; Reinaldo Guido, entrevista com a autora, Rivas, 27 de maio de 1995.

¹⁸ BLANDÓN, *op. cit.*, p. 185.

¹⁹ Benita Alvarado, entrevista com a autora, Matagalpa, 20 fev. 1996; María

A atitude estrita de Fonseca com relação ao casamento e à monogamia pode ter origem em parte naquelas experiências da infância. Aos 18 anos, Carlos disse a seu amigo íntimo Ramón Gutiérrez que nunca tivera relações sexuais. Quando Ramón, assombrado, perguntou-lhe a razão, Carlos disse-lhe que jamais faria a uma mulher o que tinham feito a sua mãe. Em um poema que Fonseca escreveu para a revista *Segovia* em 1954 estão estas linhas: “É bom que (...) Tomasa vá ter um filho./ Mas está mau que (...) o filho de Tomasa não vá ter pai”. No julgamento de 1964, perguntaram a Carlos Fonseca sobre o relatório da Guarda Nacional segundo o qual, depois de sua prisão, ele necessitara de tratamento por doença venérea. “Vejam, companheiros – respondeu – sou um asceta, quase um místico. Dedico todo meu tempo à revolução e à pátria. O que lhes dissertam é falso. É pura invenção”.²⁰

Quando Carlos Fonseca matriculou-se na universidade nacional, em 1956, preencheu “doméstica” no espaço para a ocupação dos pais. O funcionário olhou-o e disse: “Não está querendo dizer dona de casa?” Ao que Carlos respondeu: “Não, sou filho de uma doméstica”.²¹

Escrevendo a seu pai em 1960, Fonseca dizia-lhe: “a vida de minha mãe é só tristeza, uma tragédia contínua”. Carlos pedia-lhe ajuda, não para si, mas para sua mãe:

Esta pobre mulher, nesta altura de sua vida, jamais soube o que significa viver em um quartinho próprio. Todo o tempo foi uma escrava das cozinhas em que trabalhou e que também me serviram de lar... Para minha mãe, viver com minha tia é uma experiência penosa. Pois em Matagalpa

Haydée Terán, entrevista com a autora, León, 2 jul. 1994; Doris Tijerino, entrevista com a autora, Manágua, 28 jun. 1994; ver também FONSECA AMADOR, Carlos, “Declaración”, in: *Obras*, p. 182.

²⁰ José Ramón Gutiérrez Castro, entrevista com a autora, Rivas, 26 jun. 1994; “CARFONA” [Carlos Fonseca Amador], “Está bién, pero está mal”, *Segovia* 2 (set. 1954); BLANDÓN, *op. cit.*, p. 220.

²¹ TABLADA, Guillermo Rothschild. “Tres fichas universitarias de Carlos Fonseca Amador”, *Ventana*, 25 abr. 1981.

ela poderia viver em uma casinha alugada que, com água e luz, custaria no máximo umas 100 córdobas. Naturalmente, ela ficaria com meus irmãos menores. Garanti a ela que o senhor nos ajudaria, não propriamente porque tenha obrigação de fazê-lo, mas porque compreenderá que a realização deste sonho será para mim uma satisfação incomparável. Quando ela aparecer no escritório, peço-lhe que se lembre que ela só encontrou tristezas nesta vida e que, portanto, sofre profundamente quando recebe olhares de menosprezo.²²

Fausto Amador não respondeu favoravelmente a esta súplica. Agustina Fonseca viveu na cozinha de Isaura Úbeda até morrer, em consequência de um derrame, em 1967. Morreu sem um centavo e seus filhos tiveram que tomar dinheiro emprestado para comprar um modesto caixão para enterrá-la.

O pai de Carlos pertencia a uma das famílias mais ricas e politicamente poderosas da região. Embora nem na certidão de nascimento nem na de batismo de Carlos Alberto seja mencionado o pai, seus avós Amador aparecem na certidão de batismo de 1937²³ e, em um dado momento, durante seus anos de escola primária, o pai começou a reconhecer o parentesco.

A família Amador de Matagalpa era composta por importantes cafeicultores, comerciantes e políticos desde o século 19. O pai de Fausto Amador e avô de Carlos era Horacio Amador, um importante negociante de café que também possuía cafezais e várias casas em Matagalpa. Um dos tios de Fausto, Sebastián Amador, fora o chefe político da região de Matagalpa, de 1915 a 1917, durante a administração do presidente conservador Adolfo Díaz. Os Amador, como a maioria das famílias aristocráticas de

²² Carlos Fonseca Amador, San José, a “Querido pai”, 11 abr. 1960, CHM, caixa 3, pasta “Cartas familiares”. Fonseca referia-se frequentemente a Isaura e Victoria Úbeda como suas tias, embora fossem realmente suas tias-avós. Naquele tempo, C\$ 100.00 (cem córdobas) equivaliam a aproximadamente 15 dólares, ou 26 reais.

²³ CHM reg.19.887, caixa 3 (18).

Matagalpa, apoiavam tradicionalmente o Partido Conservador, mas Fausto mudou sua filiação para o Partido Liberal Nacionalista (PLN), do presidente Anastasio Somoza García. Em 1950, Fausto transferiu-se com sua família para Manágua, para administrar várias das grandes empresas de Somoza. Nos anos 1970 ele possuía uma grande quantidade de terras agrícolas nas regiões de Matagalpa e Manágua, além de quatro casas luxuosas em Manágua e da mansão familiar de Matagalpa.²⁴

Pouco depois do nascimento de Carlos Fonseca, Fausto Amador casou-se com Lolita Arrieta, filha e neta de destacados profissionais liberais e cafeicultores de Matagalpa. Entre 1939 e 1950, Fausto Amador e Lolita Arrieta tiveram uma filha e três filhos: Gloria, Iván, Fausto Orlando e Cairo. Coincidentemente, Carlos tinha, pelo lado materno, três irmãos e uma irmã: Raúl, René, Juan Alberto e Estela. Suas relações mais próximas foram com Fausto Orlando Amador e Juan Alberto Fonseca, ambos quase dez anos mais jovens.

Carlos tinha um apetite voraz e mais tarde recordaria a pobreza, as humilhações e a fome constante de seus primeiros anos, quando vendia nas ruas o semanário *Rumores* e ia de porta em porta vendendo doces, para levar alguns centavos ou um pouco de pão para seus irmãos menores. Um dos patrões de sua mãe, Salvador Pineda, flagrou-a passando a seu filho sobras de comida e, de acordo com Carlos, “expulsou-me a pontapés como a um cachorro”. Um verso de um poema de Fonseca, de 1955, diz: “os ricos te alimentam com sobras”. Em 1956, quando estava trabalhando como bibliotecário

²⁴ GOULD, Jeffrey L., “O café, o trabalho e a comunidade indígena de Matagalpa, 1880-1925”, in: BRIGNOLI, Héctor Pérez e SAMPER, Mario (orgs.). *Tierra, café y sociedad: Ensayos sobre la historia agraria centroamericana*. San José da Costa Rica: Programa Costa Rica/Flacso, 1994, p. 332-334; “Fausto Amador hijo explota con tierras”, *El Nuevo Diario*, 25 fev. 1996; Nelly Arrieta de Vélchez, entrevista com a autora, Matagalpa, 10 jun. 1995. Devido à associação com Somoza, as propriedades de Fausto Amador foram confiscadas quando do triunfo da revolução, em 1979. Foram devolvidas nos anos 1990.

escolar, levava de tempos em tempos à lanchonete do instituto algum estudante faminto do turno do dia como seu “convidado”.²⁵

Carlos tinha uma lembrança mais carinhosa de outro dos patrões de sua mãe, Nacho Lay, o proprietário do Restaurante Shangai. O dono do restaurante chinês notou que o menino tinha que se aproximar muito do enorme relógio de parede para saber a hora e encomendou os primeiros óculos para ele, quando tinha cerca de 12 anos. Fonseca usou óculos com lentes “de fundo de garrafa” pelo resto de sua vida, e algumas de suas cartas expressam inquietação com sua visão cada vez mais deteriorada. Um amigo da escola secundária recordava que uma vez perguntou a Carlos porque ele parecia tão triste. “Acabo de chegar de Manágua, poeta”, respondeu-lhe. “Fui ver o oculista. Disse-me que tenho que escolher entre deixar de estudar ou ficar cego”. “E o que vai fazer, poeta?”, perguntou-lhe o amigo. “Nada. Vou ficar cego, porque o estudo é minha vida”. Um pretensioso – e falso – informe de vigilância da Guarda Nacional assegurava a Somoza, em 1968, que “o comunista Carlos Fonseca Amador está agora completamente cego”.²⁶

No final dos anos 1940, a pobreza de Carlos foi aliviada por alguma ajuda financeira proveniente de seu pai. Lolita, a esposa de Fausto Amador, convenceu-o a assumir a responsabilidade por Carlos, que era muito parecido fisicamente com seu pai e irmãos paternos e estava adquirindo a reputação de aluno brilhante.²⁷ Carlos visitou a mansão Amador e conheceu seus irmãos paternos e a esposa de seu pai. Durante este período, Fausto Amador administrava La Reina, uma mina de ouro de propriedade estadunidense no povoado de San

²⁵ José Ramón Gutiérrez Castro, entrevista com a autora, Rivas, 26 jun. 1994; FONSECA AMADOR, Carlos, “16 versos del molendero”, *Segovia* 6-7 (janeiro-fevereiro de 1955); Octavio Robleto, entrevista com a autora, Manágua, 9 jun. 1995.

²⁶ BLANDÓN, *op. cit.*, p. 191-192; CHM, reg. 00535, caixa 1.

²⁷ Benita Alvarado, entrevista com a autora, Matagalpa, 20 fev. 1996; José Ramón Gutiérrez Castro, entrevista com a autora, Rivas, 26 jun. 1994.

Ramón, a uns 30 quilômetros da cidade (onde tinha uma amante e outro filho menor), passando só os fins de semana na casa familiar de Matagalpa. Quando Carlos começou a escola secundária em 1950, segundo Nelly Arrieta, irmã de Lolita, Fausto pagava cerca de dez córdobas mensais pela escola, a alimentação em uma cantina próxima do instituto e a roupa que ele comprava de um comerciante local. Em 1960, Fonseca escreveu à Lolita Arrieta expressando sua gratidão por sua benevolência e assegurando-lhe: “a bondade com que a senhora me acolheu, tanto a mim como a todas aquelas pessoas que tiveram a oportunidade de estar próximas de você, está sendo correspondida nos belos filhos que recebeu”. Chegou a elogiar o bom coração de Iván, e, o brilho de Fausto Orlando e a expressar sua preocupação porque os valores de Gloria seriam corrompidos se ela frequentasse a escola nos Estados Unidos.²⁸

Escritores vinculados à FSLN negam frequentemente que Carlos Fonseca tivesse alguma relação com seu pai somozista.²⁹ Mas as próprias cartas de Fonseca e outros documentos revelam uma realidade diferente e mais complicada. Suas cartas pessoais indicam que, pelo menos até o final dos anos 1960, Ele desejava obter a compreensão

²⁸ Nelly Arrieta de Vilchez, entrevista com a autora, Matagalpa, 10 jun. 1995; Carlos Fonseca Amador, São José, a “dona Lolita”, Manágua, 10 jun. 1960, CHM reg. 00332, caixa 3.

²⁹ Cf., por exemplo, HERNÁNDEZ, Sahiri Tabares, “Carlos Fonseca Amador: continuador de Sandino”, *Barricada*, 13 ago. 1979; SUÁREZ, Jacinto, “En cada militante está presente la labor de Carlos”, *Nicarahuac* 13 (nov.-dez. 1986); SAAVEDRA, Humberto Ortega, “Estrategia triunfante fue obra de todos bajo la orientación de Carlos”, *Barricada*, 7 nov. 1979. O próprio Fonseca alimentou esta ideia, dizendo a um jornalista em 1970: “Por razões de caráter familiar, tenho vínculos tanto com as classes exploradas como com as classes exploradoras, mas, à medida que adquiri consciência da vida, decidi romper os vínculos com os exploradores, preferindo dedicar minha energia à luta pela transformação revolucionária, pela emancipação dos humilhados, explorados e oprimidos”. Cf. FONSECA AMADOR, “La lucha armada en Nicaragua” [entrevista com Hernán Uribe Ortega], *Punto Final* (Santiago) 129 (27 ago. 1971).

de seu pai e sentia um enorme, ainda que doloroso, afeto por ele. “Quero lhe falar francamente”, dizia-lhe Fonseca em uma carta de 1960, “porque não posso falar de outra forma a quem eu amo”. E continuava:

Não é a primeira vez que lhe digo que é mais importante para mim a compreensão espiritual de meu pai do que sua ajuda material (...) Ficarei muito feliz se o senhor pudesse fazer uma viagemzinha de apenas um dia a este país [Costa Rica] para que eu pudesse vê-lo e para que pudéssemos conversar longamente. Ou será que, para vê-lo, é necessário que eu tome um tiro?³⁰

Na mesma carta, Carlos tentava achar justificativas para os vínculos de seu pai com a ditadura dos Somoza:

Às vezes me dói pensar na posição que o senhor ocupa, mas também sinto legítimo orgulho quando vejo que até hoje ninguém me provou qualquer mal de que meu pai fosse o autor. Digo que meu orgulho é legítimo, pois rara é a pessoa que, estando na posição de meu pai, não se afunda em atos horrorosos. E então penso que, se meu pai tivesse vivido em um tempo e em um lugar melhores, teria posto sua capacidade a serviço do povo, da humanidade, do progresso. A voz da razão me diz que não foram a intriga e a ambição que alçaram meu pai à importante posição que ocupa, mas simplesmente suas capacidades.

Mesmo em 1967, quando já estava comprometido com a política revolucionária havia muito tempo, Fonseca escreveu uma carta pessoal e apaixonada a seu pai. Explicava-lhe por que não lhe tinha escrito durante sete longos anos: “soube que o senhor disse que eu, cedo ou tarde, lhe enviaria uma carta, que o faria na primeira oportunidade em que tivesse necessidade de dinheiro. A prova de que às vezes sou excessivamente sensível é que suas palavras me magoaram e me absteve tanto de escrever-lhe como de pedir-lhe ajuda, apesar de

³⁰ Carlos Fonseca Amador, São José, a “Querido papá”, Manágua, 15 jan. 1960, Arquivo IHN, também CHM reg. 00326, caixa 3. Seis meses antes, Fausto visitara seu filho ferido em um hospital de Honduras, uma visita sobre a qual disse Carlos: “Fortaleceu meu espírito, encheu-o de felicidade”.

que precisei desta última em mais de uma ocasião”. De fato, Carlos pedia a seu pai, nesta carta, um empréstimo de dez mil córdobas, que prometia pagar em seis meses com uma “taxa de juros de um milhão de agradecimentos por cento”. Fonseca disse então a seu pai: aprecio o “respeito que o senhor demonstrou em relação ao caminho que adotei na vida”, o que aparenta ser fruto da generosidade filial; terminava sua carta com a esperança de que o período de distanciamento tivesse ficado para trás:

Quero falar-lhe de tantas coisas que sinto que me atormentam. Tenho tido vontade de vê-lo, de conversar longamente, vontade de ouvi-lo e de ser ouvido. Repito que sei que o senhor me compreende, mas (...) escutando-me iria me compreender muito mais. Não estou propondo encontrá-lo pessoalmente. Por muitas razões, sei que isso agora não é possível (...) Durante muitos anos, o senhor foi a pessoa com quem mais sonhei enquanto dormia. E esses sonhos eram sempre desagradáveis. De uns tempos para cá isso mudou. E os sonhos nos quais aparece são bons. Consegui finalmente compreendê-lo, reconheço e agradeço seu afeto fraterno [sic].³¹

Carlos Fonseca identificava-se com a classe social de sua mãe. Seus sentimentos para com Augustina Fonseca parecem ter sido uma mistura de amor, lealdade, piedade e não pouca culpa. Arriscava sua própria segurança para visitá-la durante seus anos de clandestinidade e pedia a seus jovens companheiros da FSLN que corressem um risco considerável para levá-la a visitá-lo em Costa Rica e Honduras. Via seu pai como alguém cujo parentesco era também intelectual. As cartas de Fonseca a seu pai estão cheias de análises históricas e literárias, em que tenta transmitir suas ideias e motivações políticas em desenvolvimento. Educado nos Estados Unidos, Fausto Amador era fluente em inglês e espanhol e tinha fama de brilhante administrador. Por outro lado, Augustina Fonseca era conhecida tanto por sua timidez

³¹ Carlos Fonseca Amador, San José, a “Papá, queridísimo papá”, Manágua, 12 jun. 1967 [68? – o último dígito está ilegível], CHM reg. 00350, caixa 3, pasta “Cartas familiares”.

como por sua beleza. Mesmo jovem, segundo dizem seus vizinhos, “era uma mulher que quase não falava”. Alguns contemporâneos de Carlos, que conheceram sua mãe, chegaram a crer que ela fosse iletrada, ainda que, na verdade, soubesse ler e escrever³².

Menos de um ano depois da morte de Augustina Fonseca, em uma mensagem de Dia das Mães dedicada às mulheres cujos filhos e filhas tinham sido assassinados pela Guarda Nacional, Fonseca afirma que ela, eventualmente, teria aceitado sua atividade revolucionária: “Que me seja permitido evocar neste dia a mãe daquele que escreve estas linhas, minha mãe proletária, cujos dias no mundo já se acabaram. Em sua humildade chegou a compreender e a dizer, com satisfação, que este filho foi um patriota verdadeiro”.³³ Outros residentes de Matagalpa da época lembram-se dela como triste e confusa com o radicalismo de Carlos; infelizmente, não há testemunho da própria Augustina a esse respeito.

A angústia pessoal e a pressão social que o Carlos adolescente sofreu em consequência de suas circunstâncias familiares foram exacerbadas pela atmosfera provinciana de seu lugar de nascimento. Matagalpa, nos anos 1940, era um povoado pequeno, de cerca de 12 a 15 mil habitantes. A cerca de 800 metros de altura sobre o nível

³² “Carlos Fonseca visto por María Haydeé Terán”, *Barricada*, 9 nov. 1979; Benita Alvarado, entrevista com a autora, Matagalpa, 20 fev. 1996; Octavio Robleto, entrevista com a autora, Manágua, 27 fev. 1996; Tomás Borge, em um discurso de 1982, referiu-se a “aquelas cartas cheias de ternura que Carlos escrevia a sua mãe, compartilhando com ela suas alegrias e descobertas”, mas em nenhum lugar existe evidência dessas cartas. Cf. BORGE, Tomás, “Fieles a Carlos y a su sagrada herencia”, *El Nuevo Diario*, 25 jun. 1982.

³³ FONSECA AMADOR, “Mensaje del FSLN a las madres de los Mártires nicaragüenses”, 30 mai. 1968, CHM reg. 00299, caixa 5; Benita Alvarado, entrevista com a autora, Matagalpa, 20 fev. 1996; BLANDÓN, *op. cit.*, p. 214. Fonseca – como a maioria dos nicaraguenses – usava o termo “proletário” para referir-se não só aos assalariados operários industriais, como também a uma ampla gama social incluindo empregadas domésticas, feirantes, artesãos, donos de oficinas e algumas vezes até pequenos proprietários de terra.

do mar, assemelhava-se mais aos povoados de serra da América do Sul ou da Guatemala do que às pantanosas e quentes Manágua e León, que chegavam a arder a temperaturas de 38°C durante a maior parte do ano. Localizado em um vale estreito junto ao Rio Grande de Matagalpa, o povoado era dominado por duas ruas paralelas pavimentadas que davam acesso à catedral, no extremo norte do povoado, e com a Praça de Laborío no extremo sul. Verdes colinas erguiam-se a uma ou duas quadras a leste da Avenida Central; a oeste estavam o mercado e o rio. De junho a dezembro chovia quase diariamente, torrentes de lama desciam dos morros para o povoado, e o Rio Grande se enchia com a água gelada que vinha com muita força das montanhas.

No final do século 19, o governo nicaraguense oferecera gratuitamente 500 *manzanas* de terra (equivalente a 350 hectares) apta para o café nas montanhas em torno de Matagalpa a qualquer investidor que plantasse 25 mil pés de café e lhes desse manutenção por conta própria até que comesçassem a produzir. Isso atraiu cerca de 200 imigrantes prósperos de Alemanha, Estados Unidos, Inglaterra, Itália e França.³⁴ Plantações de café com nomes tais como Bavária e Washington surgiam nas colinas em torno de Matagalpa. Na escola secundária Carlos Fonseca teve amigos de sobrenome Büschting e Lecler.

Matagalpa orgulhava-se de uma atmosfera mais cosmopolita que a de outras localidades de seu tamanho. O Clube dos Alemães, fundado no começo do século, foi a base para o Clube dos Estrangeiros, onde confraternizavam os ricos imigrantes e seus filhos. Os alemães também tinham seu albergue de caça e clube nas montanhas, batizado de “Floresta Negra” em referência a sua terra natal. Famílias aristocráticas como os Amador teriam sido bem-vindas ao Clube dos Estrangeiros, mas a elite nicaraguense tinha seu próprio Clube Social,

³⁴ GOULD, “El café”, p. 303; BALDIZÓN, Alberto Vogl. *Nicaragua con amor y humor*. Manágua: Ministerio de Cultura, [1985?], p. 328 (1 quadra equivale a 1,7 acres).

em uma colina próxima à catedral. Uma pequena comunidade chinesa, encabeçada por várias famílias de comerciantes, tinha seu próprio clube e cemitério. Alguns dos negócios mais importantes da cidade eram a loja de tecidos e ferramentas de Hüpper, a de objetos para casa de Lau, a floricultura Leytón, a loja de suprimentos industriais de Mixer, a companhia de transportes Siles e o restaurante “Tante Mari” de Maria Uebersezig. O sr. Potter solicitava que os hóspedes de sua fazenda se vestissem formalmente para o jantar e o sr. Wiley organizou o primeiro transporte por caminhão de Matagalpa para as terras baixas. O doutor Josephson dava atenção médica aos moradores da alta sociedade de Matagalpa. Entre as famílias proprietárias das maiores plantações de café estavam os italianos Vita, os norte-americanos Hawking e Sullivan e os alemães Boesche. Há meio século, Matagalpa tinha sua própria sala de cinema, praça de touros e estação de trens, nenhuma das quais existe hoje.³⁵

Um jornal escolar de Matagalpa descrevia o povoado em 1954, com “seus bairros irregulares, pedregosos e úmidos”.

Metida em um buraco, Matagalpa é açoitada pelo vento que sopra frio pelas ruas. Muitas casas parecem construídas de alvenaria e pertencem a ricos cafeicultores; as filhas destes senhores educam-se nos melhores colégios de Manágua, Granada, León e dos Estados Unidos. Eles não querem ser tachados por ninguém de ignorantes de Matagalpa (...) Não há nada de provinciano em Matagalpa. Aqui os chineses, turcos, norte-americanos, alemães e até um russo consideram-se nativos. Só os índios não são nativos. Matagalpa tem duas avenidas longas de casas contíguas; geralmente há em cada casa uma venda, e o povoado dá a sensação de um mercado. Todos vendem alguma coisa. É o segundo departamento no que se refere a comércio depois de Manágua. O Mercado Velho – que, na verdade, é

³⁵ BALDIZÓN, *op. cit.*, p. 330-340; ver também os anúncios em *Rumores e Segovia*. Um relatório de 1930 da Guarda Nacional sobre as 24 famílias donas das maiores propriedades de café enumera nove norte-americanos, sete nicaraguenses (incluindo um Amador, que era tio de Carlos Fonseca), três alemães, três britânicos, um italiano e um suíço; Cf. GOULD, “O café”, p. 366-372.

novo – é diversificado e agradável. Há barbearias, sapatarias, restaurantes e lanchonetes, além de uma aglomeração humana que constantemente torna necessária sua expansão em novas direções.³⁶

Matagalpa e toda a região do centro-norte da Nicarágua foram mais afetadas que a maioria das outras zonas do país pelo desenvolvimento político, econômico e cultural de Honduras, El Salvador e Guatemala. A longa fronteira com Honduras era facilmente transponível, e muitas famílias das regiões fronteiriças tinham membros de ambos os lados. Por mais de um século, contrabandistas, trabalhadores imigrantes e intelectuais dissidentes trafegaram mercadorias e ideias através das fronteiras, tanto para dentro como para fora. Carlos Fonseca e Augusto César Sandino foram apenas dois dos milhares que buscaram refúgio do outro lado da fronteira porque tinham problemas com a polícia em seu próprio país. A região de Matagalpa era também a porta de entrada ao norte da Costa Atlântica, com suas minas de ouro e seus assentamentos de índios miskitos e sumos.

Apesar de seu caráter internacional, Matagalpa tinha a aparência de um povoado fronteiriço quando Carlos Fonseca estava crescendo, nos anos 1940. Em suas ruas eram mais comuns os cavalos do que os automóveis, e as mercadorias eram transportadas em carros de bois. Cada hotel, mesmo os de melhor nível, tinha um poste para amarrar as rédeas dos cavalos, além de um amontoado de feno para alimentá-los. Os caminhos que levavam da periferia da zona urbana para as plantações de café eram transitáveis por carros e caminhões só durante a estação seca, de janeiro a maio. A maioria dos negócios estava vinculada à agricultura – comerciantes de café, ferramentas, alimentos e produtos veterinários. Os habitantes da cidade, de todas as classes sociais, mantinham estreita relação com o campo e estavam bem familiarizados com a vida rural. As famílias ricas, como os Vogl e os Vita, tinham suas residências principais em suas fazendas de café,

³⁶ CENTENO, Ernesto, “Matagalpa”, *Segovia* 5 (dez. 1954).

ainda que mantivessem também casas na cidade. Muitos dos colegas de classe de Fonseca na escola secundária, provenientes de famílias da classe média baixa, passavam os fins de semana e as férias escolares na fazenda da família. O próprio Carlos passou temporadas com sua tia-avó no distante povoado de Matiguás.

A vida comercial de Matagalpa acompanhava o ciclo do café. Os três ou quatro meses do período da colheita começavam normalmente em dezembro; em fevereiro as plantas beneficiadoras estavam abarrotadas de café em grão, e proprietários e trabalhadores tinham dinheiro para gastar no povoado. A maior parte das tarefas era sazonal; os cafeicultores empregavam muito poucos trabalhadores permanentes durante o ano, contratando frequentemente famílias inteiras só para o período da colheita. Durante o resto do ano, chamado em Matagalpa de “temporada quieta”, a maioria dos cortadores de café regressava a seus pequenos lotes para cultivar feijão e milho.

À medida que a produção de café aumentou nas montanhas de Matagalpa, no final do século 19 e princípio do século 20, os antigos camponeses autossuficientes foram forçados a alugar terras para cultivar ou expulsos para o interior, para a fronteira agrícola. Entre as duas guerras mundiais, a produção de café no departamento de Matagalpa triplicou, enquanto o número de pessoas identificadas no censo como agricultores reduziu-se à metade. Mas esta expropriação não foi abrupta nem completa. Embora o auge comercial do café favorecesse os grandes produtores, um significativo número de sitiantes médios permaneceu até depois da Segunda Guerra Mundial, colhendo café em pequenas quantidades junto a produtos alimentícios para venda e consumo local.

Os cortadores de café e os camponeses das montanhas que cercam Matagalpa eram em sua maioria índios, mas seus idiomas nativos já haviam sido substituídos pelo espanhol. Houve algum debate acadêmico sobre o tamanho da população rural ainda identificada como indígena nas montanhas no século 20. A perspectiva tradicional

considerava que uma rebelião dos índios de Matagalpa, em 1881, representou o último gesto de resistência com uma dinâmica étnica significativa e que, já nas primeiras décadas do século 20, toda a população da região do Pacífico podia ser considerada mestiça. Em *Viva Sandino*, escrito em 1974, Carlos Fonseca dizia – falando dos participantes da chamada Guerra dos Índios de 1881: “não se trata exatamente de índios, e sim de camponeses mestiços que se expressam em espanhol, já que não conservam sua língua nativa, ainda que sua aparência denote uma origem indígena predominante”.³⁷

Os recentes estudos históricos de Jeffrey Gould apresentam uma realidade consideravelmente mais complexa. Partindo de uma quantidade significativa de evidências oriundas da região de Matagalpa, Gould demonstra que, apesar das pressões, como perda da terra comunitária, discriminação racial e revezes militares, a população indígena preservou alguns traços de sua cultura e formas de organização social em pleno século 20. Foi apenas durante a Segunda Guerra Mundial que os índios de Matagalpa abandonaram seus trajes característicos, quando, no período da guerra, um tratado com os Estados Unidos sobre a produção de algodão provocou o fim do cultivo desta planta nas montanhas. Pelo menos até os anos 1940, a população indígena de Matagalpa, embora consideravelmente menor que a de princípios do século, ainda se identificava como indígena e falava um dialeto característico “quase cantando”, segundo a descrição da historiadora local Pinita Arnesto. Em um texto do começo dos anos 1960, Pinita

³⁷ O principal expoente deste ponto de vista é Jaime Wheelock Román; cf. seu *Las raíces indígenas de la lucha anticolonial en Nicaragua*. México, D. F., Siglo XXI, 1975. FONSECA AMADOR, “Viva Sandino”, in: *Obras*. Manágua: Editorial Nueva Nicaragua, 1982, v.2, p. 34. [Edição brasileira in: STEDILE, João Pedro e BALTODANO, Mónica (orgs.) *Sandino: vida e obra*. São Paulo: Expressão Popular, 2008, p. 25-101]. Nesta passagem, Fonseca chama também a Guerra de 1881 de “sintoma visível da decomposição do sistema feudal nicaraguense” e de “um antecedente da colossal guerra de guerrilhas que cerca de meio século depois seria encabeçada por Augusto César Sandino”.

faz uma detalhada descrição da vestimenta, da costumes, língua e instrumentos dos índios, e afirma que aqueles que antes viviam nos arredores do povoado tinham sido expulsos mais e mais para a profundidade das montanhas.³⁸ Os membros das comunidades nativas eram identificados como índios por seus vizinhos e empregadores, sendo discriminados social e economicamente. Durante o período do pós-guerra persistiram os elementos de consciência étnica mezclados aos de classe entre os cortadores de café e camponeses da região de Matagalpa.³⁹

Nos anos 1930 e 1940, durante a juventude de Carlos Fonseca, os índios dos subúrbios se reuniam a uma quadra de sua casa, na Praça Laborío, para buscar trabalho. Muitas das aldeias, ou assentamentos rurais de índios, mantinham na cidade casas para seus membros. O Cemitério dos Índios situava-se não muito longe de onde os *ladinos*, ou os que falavam espanhol, eram sepultados. No ano-novo os índios caminhavam até Matagalpa, alguns com seus trajes tradicionais. No final de cada desfile, o líder dos índios, designado para o ano seguinte, recebia as insígnias da autoridade, um bastão com borlas de linha. Por volta dos anos 1940, estes chefes indígenas tinham sido, em sua maioria, cooptados e transformados em agentes do Estado. Uma das responsabilidades do homem selecionado cada ano para receber o bastão era, por exemplo, levar os índios para votar nas eleições a favor

³⁸ ARNESTO, Josefina. *Breves apuntes de la historia de Matagalpa*. Matagalpa: s.d., p. 4-8; CASTRO, Ramón Gutiérrez. *Breve historia de Matagalpa: la guerra de los indios de 1881*. Manágua: Tipografía Villalta, 1954; BALDIZÓN, *op. cit.*, p. 215; MCEWAN, Guillermo. *El interior es lo de afuera*. Manágua: Editorial Vanguardia, 1994, p. 110; GUIDO, Reinaldo, entrevista com a autora, Rivas, 27 mai. 1995.

³⁹ GOULD, “O café”, p. 238; *id.*, “‘Vana ilusión!’ The highlands indians and the myth of Nicaragua Mestiza, 1880-1925”. *Hispanic American Historical Review*, n. 73. ago. 1993, p. 423 e 427-429; cf. também GOULD, Jeffrey. *To die in this way: nicaraguan indians and the myth of mestizaje, 1880-1965*. Durham: Duke University Press, 1998, que tratam do impacto do discurso de uma Nicarágua mestiça sobre os índios em várias partes do país.

do candidato somozista. O envolvimento dos índios com os partidos Liberal e Conservador tinha uma história intrincada que remonta pelo menos ao começo do século. Os cafeicultores de Matagalpa lutaram duramente contra os trabalhadores indígenas por dois tipos de poderes legais. Queriam a proibição da propriedade comunitária da terra, uma causa tradicionalmente liberal, mas também queriam leis aprovando o trabalho forçado, uma reivindicação usualmente conservadora. Gould demonstrou como os líderes liberais e conservadores buscaram implantar as políticas da terra e do trabalho reivindicadas pelos cafeicultores ao mesmo tempo em que procuravam evitar a resistência indígena e, se possível, obter o apoio eleitoral dos mesmos.

As relações de trabalho nas zonas cafeeiras de montanha tinham mais em comum com o passado colonial do que com a produção plenamente capitalista. As formas pré-capitalistas, incluindo o trabalho forçado dos índios e o endividamento por peonagem, persistiu em Matagalpa e no departamento vizinho de Jinotega até a primeira metade do século 20. Com produtividade muito mais baixa e custos de transporte muito mais elevados que outros produtores centro-americanos de café, os nicaraguenses só podiam competir pagando baixíssimos salários, exigindo dos colhedores longas jornadas diárias de extenuante trabalho braçal, sem as máquinas disponíveis em outros lugares, e forçando os trabalhadores a aceitar como salário produtos alimentícios com elevados preços nos armazéns dos próprios fazendeiros. O racismo contra os índios justificava que em Matagalpa o pagamento pelo trabalho fosse ainda mais baixo do que em outros lugares da Nicarágua: apenas metade do salário de um trabalhador da região cafeeira próxima de Manágua. As políticas de crédito usurário permitiam aos cafeicultores adquirir a terra dos pequenos proprietários; os primeiros contavam, aliás, com a cooperação da Guarda Nacional, que perseguia e encarcerava os índios que aceitavam adiantamentos de dinheiro em espécie e tentavam abandonar a

fazenda antes do fim da colheita.⁴⁰

Um mês antes do nascimento de Carlos Fonseca, o Chefe da Guarda Nacional da Nicarágua, Anastasio Somoza García, derrubou o presidente eleito, o liberal Juan Sacasa, em um golpe apoiado por setores do movimento operário. Dois anos antes, Somoza ordenara o assassinato do general guerrilheiro Augusto César Sandino e supervisionara a perseguição e o extermínio da maioria dos chefes do exército de Sandino. Assim que se tornou presidente, em 1936, adotou políticas planejadas para consolidar seu regime por meio do fortalecimento do aparato estatal e de sua força policial, a Guarda Nacional. Obteve um êxito considerável incorporando setores populares, em particular trabalhadores urbanos, à máquina eleitoral de seu Partido Liberal Nacionalista. O reforço de Somoza às políticas creditícias e trabalhistas, beneficiando o capital exportador como um todo, serviu-lhe de base para uma série de acordos políticos com o Partido Conservador.

Os estudos sobre a Nicarágua, posteriores a 1979, enfatizaram o conflito político e econômico entre a família Somoza e outros setores da burguesia nicaraguense, mas o historiador Knut Walter alega convincentemente que os 20 anos de governo de Anastasio Somoza García (1936-1956) foram “um esforço ininterrupto para forjar uma aliança política e social”, que alcançou êxito considerável. Um esquema de poder cuidadosamente construído para ser compartilhado entre liberais e conservadores, segundo Walter, assentou os alicerces de uma situação estatal estável “na qual os produtores de café e algodão, fazendeiros e pecuaristas, industriais e comerciantes podiam prosperar em um clima tranquilo”. O estudo de Jaime Biderman sobre

⁴⁰ BIDERMAN, Jaime M. *Class structure, the State and capitalist development in Nicaraguan agriculture*. Tese de Doutorado, University of California, Berkeley, 1982, p. 61-63; ENRÍQUEZ, Laura J., *Harvesting change: labor and agrarian reform in Nicaragua, 1979-1990*. Chapel Hill and London: University of North Carolina Press, 1991, p. 29-30; GOULD, “El café”, p. 327.

o desenvolvimento do Estado e da agricultura na Nicarágua durante o século 20 conclui também que o governo nicaraguense, além de servir aos interesses da família Somoza, “também deu respostas às reivindicações gerais de acumulação de capital e às necessidades de distintas frações da classe capitalista”. Amalia Chamorro utilizou o conceito gramsciano de hegemonia para a Nicarágua, argumentando que Somoza governou não apenas com um aparato repressivo altamente desenvolvido como também mediante uma “hegemonia parcial”, baseada em um amplo apoio dos segmentos burgueses dos dois partidos políticos e dos Estados Unidos, em eleições realizadas regularmente e de maneira ao menos formalmente democrática. Contou ainda com a projeção da imagem de um Estado modernizante e com apelos populistas junto às classes populares, particularmente a classe trabalhadora. Jeffrey Gould examinou em detalhes a retórica populista e a imagem pró-operário cultivada por Somoza nos anos 1940.⁴¹ Estes estudos revisionistas referentes às administrações de Somoza García e de seus filhos Luis e Anastasio Somoza Debayle põem em questão de maneira convincente o estereótipo da Nicarágua somozista como feudo de uma única família poderosa, uma nação governada por uma “dinastia”, uma “maflocracia,” ou, como diria um acadêmico, um “regime patrimonial pretoriano” baseado “na exclusão política das classes altas”.⁴²

⁴¹ WALTER, Knut. *The regime of Anastasio Somoza García and State formation in Nicaragua, 1936-1956*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1987, p. 236-238; BIDERMAN, *op. cit.*, p. 18; CHAMORRO, Amalia, “Estado y hegemonía durante el somocismo”, in: LANUZA, Alberto *et al.* (orgs.) *Economía y sociedad en la construcción del estado en Nicaragua*. San José da Costa Rica: Icap, 1983, p. 241-276; GOULD, Jeffrey, “For an organized Nicaragua: Somoza and the Labour Movement, 1944-1948”. *Journal of Latin American Studies*, n. 19. nov. 1987, p. 353-387.

⁴² Cf. MILLETT, Richard, *Guardians of the dynasty*. Maryknoll, Nova York: Orbis Books, [1977?]; CRAWLEY, Eduardo. *Dictators never die: Nicaragua and the Somoza family dynasty*. Nova York: St. Martin's Press, 1979.; WICKHAM-CROWLEY, Timothy P. *Guerrillas and revolution in Latin America: a*

A consolidação do regime somozista em Matagalpa nos anos 1930 e começo dos 1940 era um reflexo do processo seguido no resto do país. Matagalpa, baluarte dos conservadores, prosperava sob o governo liberal de Somoza. Os preços do café subiram, os custos da produção agrícola mantiveram-se baixos e o Estado investiu dinheiro na construção do tipo de infraestrutura de que os exportadores necessitavam.

Há que se dizer que os métodos de Somoza provocavam ressentimentos e oposição. Seus amigos e parentes, assim como os membros do Partido Liberal Nacionalista, tinham tratamento preferencial para os altos cargos nos novos empreendimentos e receberam uma parcela generosa das terras e negócios confiscados dos alemães durante a Segunda Guerra Mundial. Alguns jovens membros do Partido Conservador protestavam que seus líderes tinham feito um pacto com Somoza em troca de cotas de poder. Uma manifestação antissomozista irrompeu em Manágua e León em 1944, conduzida por jovens conservadores e dissidentes liberais que deixaram o partido de Somoza para formar o Partido Liberal Independente (PLI).⁴³ Esta mobilização encontrou eco entre a juventude conservadora de Matagalpa. Estudantes do Instituto Nacional do Norte (INN), publicaram vários números de um jornal chamado *Vanguardia Juvenil* no final dos anos 1940. Estes estudantes rebeldes podem ter influenciado Fonseca, embora este não tenha ingressado no INN senão em 1950. Em 1947, quando Carlos tinha apenas 11 anos, ele e um amigo de juventude, Manuel Baldizón, abandonaram sua escola em protesto porque sua professora antissomozista, Lucidia Mantilla, fora demitida. Os garotos finalizaram o ano escolar assistindo aulas na casa da professora Mantilla.⁴⁴

comparative study of insurgents and regimes since 1956. Princeton: Princeton University Press, 1992, p. 269-270

⁴³ WALTER, *op. cit.*, p. 129-134.

⁴⁴ Miguel Ángel Herrera, “Carlos Fonseca: El anhelo de servir a la patria”, MS, Manágua, s.d., p. 3. Baldizón foi assassinado com 22 anos, combatendo junto a Carlos Fonseca na batalha de El Chaparral.

Doris Tijerino, nascida em Matagalpa em 1943 e mais tarde dirigente da FSLN, descreveu o envolvimento de sua mãe ligada aos conservadores em atividades da oposição radical.⁴⁵ O caso da mãe de Doris, entretanto, foi algo excepcional entre os latifundiários conservadores de Matagalpa. Lá, como nas demais localidades do país, as famílias conservadoras ricas tinham entrado em acordo com o governo de Somoza no final dos anos 1930. As famílias de proprietários imigrantes, por seu lado, sempre tinham evitado se envolver, fosse com os liberais, fosse com os conservadores. E alguns aristocratas de Matagalpa, como o pai de Fonseca, Fausto Amador, simplesmente mudaram de lado, passando dos conservadores para os liberais. Estavam em boa companhia: o liberal mais poderoso de todos na Nicarágua, Anastasio Somoza García, era filho de um cafeeiro conservador. Em todo caso, a diferença programática era mínima.

Tirando proveito da onda expansiva do capitalismo posterior à Segunda Guerra Mundial, a economia nicaraguense viveu um auge durante os anos 1950 e por boa parte da década seguinte. A produção de algodão disparou, até chegar a ser o principal produto de exportação do país; a produção e os preços do café aumentaram; e houve um aumento rápido de empregos para a classe média, na burocracia estatal e nas profissões liberais. Em meados dos anos 1950, Carlos Fonseca e um grupo de amigos adolescentes começaram a expressar sua revolta com as miseráveis condições de vida, saúde e analfabetismo dos trabalhadores, camponeses e colhedores de café da região de Matagalpa. Em um contexto de aumento de riqueza sem precedentes para as classes dominantes, especialmente os capitalistas exportadores, e de bem-estar acomodado para a classe média, a pobreza e a exploração sofridas pela maioria da população da Nicarágua pareciam intoleráveis para estes estudantes secundaristas.

⁴⁵ TIJERINO, Doris. *Inside the nicaraguan revolution*. Vancouver: New Star Books, 1983.

As ideias políticas e sociais do jovem Fonseca emergiram tendo um pano de fundo caracterizado por todo um leque de tradições de oposição. Por volta do começo dos anos 1950, pelo menos cinco tipos de impulsos antissomozistas ou antigovernamentais faziam-se ouvir na região de Matagalpa e seus arredores.

O primeiro era o da oposição tradicional ou burguesa, representada especialmente pelo Partido Conservador, ainda que, também, pela ala antissomozista do Partido Liberal, o PLI. A resolução dos nicaraguenses ricos, liberais ou conservadores, de opor-se ao regime estava limitada pelo fato de que se beneficiavam de um sistema efetivamente bem administrado por Somoza. Em 1950, o “Pacto dos Generais”, apadrinhado pelos Estados Unidos, formalizou a partilha do poder entre os liberais de Somoza e a principal corrente dos conservadores. Não obstante, havia uma divisão de gerações na oposição tradicional; um grupo mais jovem, mais orientado para a ação e menos subserviente, entrou em cena por volta dos anos 1940. Em Matagalpa era representado por jovens como Tomás Borge, Guillermo McEwan, os irmãos Vargas e Ramón Gutiérrez; a maior parte deles provinha de famílias conservadoras e, no final dos anos 1940, foram estudantes do INN.

A região também tinha uma longa história de resistência indígena contra os espanhóis e o domínio latino, representada especialmente pela rebelião dos índios em 1881, em Matagalpa. Nas primeiras décadas do século 20, a população indígena das terras montanhosas do norte buscava, nas distintas correntes dos partidos Liberal e Conservador, proteção contra a alienação de suas terras e direitos políticos. Nos anos 1920, o tio-avô de Fonseca, Sebastián Amador, desencadeara uma onda de terror contra as comunidades indígenas dos arredores da cidade. Carlos e seus amigos adolescentes compreendiam que muitos dos habitantes da zona rural de sua região ainda se identificavam como índios, mas os estudantes tendiam a ver a resistência dos índios como algo de interesse histórico, mais do que como uma tradição

viva. Repudiavam o racismo e a brutalidade com que os cafeicultores e a Guarda Nacional tratavam a população indígena, mas as atitudes destes mesmos estudantes tendiam a ser paternalistas. Mesmo depois da formação da FSLN, Fonseca e seus seguidores nunca compreenderam realmente a profundidade da identidade étnica na Nicarágua nem foram além de sua posição paternalista.

Um duplo ressentimento contra a intervenção militar e econômica dos Estados Unidos jazia no coração da terceira tradição. Matagalpa e as províncias próximas tinham sido o centro da ocupação dos *marines* norte-americanos, de meados de 1927 até 1932, e, mesmo duas décadas mais tarde, o maltrato dispensado aos nicaraguenses por parte dos ocupantes, e particularmente seu abuso das mulheres nicaraguenses, ainda suscitava ódio. Embora o regime de Somoza tivesse feito muito para apagar a história da luta de Sandino contra os *marines*, pelo menos nas áreas urbanas persistia este ânimo anti-intervencionista generalizado. Os ideólogos dos dois partidos tradicionais apelavam para o sentimento anti-ianque, embora mantivessem, concomitantemente, relações políticas e de negócios muito próximas com os Estados Unidos. Os conservadores pintavam o liberal Somoza e a Guarda Nacional justificadamente como criaturas dos Estados Unidos, e os liberais, com igual razão, afirmavam que os presidentes conservadores tinham cedido os direitos sobre o canal da Nicarágua no impopular Tratado Bryan-Chamorro e que foram eles que chamaram os *marines*. Não houve uma contrapartida cultural a estas expressões de nacionalismo político dos líderes conservadores e liberais. A burguesia nicaraguense e a classe média, talvez por causa de seu pequeno tamanho, nunca desenvolveram uma cultura nacional, permanecendo voltados para os Estados Unidos. Os nicaraguenses ricos estudavam nos Estados Unidos, ali compravam sua roupa, preferiam falar inglês em reuniões sociais, liam as versões originais dos romances e contos de mistério norte-americanos e mobiliavam suas casas como se vivessem em Miami ou Nova Orleans. Os cinemas

nicaraguenses projetavam os filmes de Hollywood frequentemente em inglês, sem legenda. As normas culturais dos ricos eram transmitidas aos pobres – a única decoração nas choupanas camponesas distantes da capital era, muitas vezes, recortes das páginas da revista *Life*. Antes da FSLN, o único desafio ao domínio norte-americano sobre a vida intelectual, foi proveniente da direita por meio da atração de algumas lideranças intelectuais nicaraguenses dos anos 1930 e 1940 para o falangismo católico.

A quarta tradição de oposição, e a única com apoio significativo da classe trabalhadora, era a do Partido Comunista da Nicarágua (Partido Socialista da Nicarágua, PSN).⁴⁶ Quando se estabeleceu pela primeira vez como uma organização legal durante a Segunda Guerra Mundial, o partido deu apoio parcial a Somoza. Na época, foi hábil em usar sua legalidade e o espaço aberto pelas leis trabalhistas de Somoza para desempenhar um papel significativo no movimento operário à esquerda dos sindicatos somozistas.⁴⁷

A última tradição, a mais importante para Fonseca nos anos 1960 e 1970, foi a encabeçada por Augusto César Sandino. Nos primeiros anos da década de 1950, apesar de uma violenta campanha para exterminar os combatentes de Sandino e de uma cruzada ideológica

⁴⁶ Com exceção de El Salvador, os partidos comunistas pró-Moscou da América Central e do Caribe, na época da Segunda Guerra Mundial, tinham adotado nomes que não incluíam a palavra *comunista*: em Cuba, depois de 1944, o Partido Comunista chamou-se oficialmente Partido Socialista Popular (PSP); na Costa Rica, Partido Vanguarda Popular (PVP); na Guatemala, Partido Guatemalteco do Trabalho (PGT), e assim por diante.

⁴⁷ Não posso concordar com a conclusão de Jeffrey Gould de que o PSN “não vinculou seu apoio relativo a Somoza a um postulado ideológico, mas sim à leitura cuidadosa de uma conjuntura extremamente complexa” GOULD, “For an organized Nicaragua...”, *cit.*, p. 383. O apoio do PSN a Somoza estava alinhado às políticas adotadas pelos partidos pró-Moscou ao redor do mundo em dois quesitos fundamentais: primeiro, apoiavam um governante associado às potências aliadas na Segunda Guerra Mundial; e, segundo, operavam dentro da estrutura eleitoral dos partidos capitalistas tradicionais.

para mostrá-lo como um bandido, longe, nas montanhas, ainda havia gente que combatera no exército de Sandino ou que lhe tinha dado seu apoio. Quase uma década mais tarde, o próprio Carlos Fonseca assumiu a tarefa de procurar por todo o norte da Nicarágua estes antigos sandinistas e aprender tudo o que pudesse com eles. Mas isso só aconteceria mais tarde. Quando Fonseca estava nos últimos anos da educação secundária, a tradição sandinista era menos presente para ele do que qualquer outra. Não haveria qualquer referência a Sandino na revista cultural na qual Fonseca expôs, pela primeira vez, suas ideias políticas e sociais, em 1954 e 1955.

2. UM ESTUDANTE REBELDE, 1950-1958

Em 1950, com 14 anos, Carlos Fonseca entrou na única escola pública que oferecia o curso secundário em Matagalpa, o Instituto Nacional do Norte (INN). Nenhum de seus irmãos por parte de mãe chegou ao ensino secundário. Raúl tinha apenas um ano ou dois de escolaridade; René e Juan Alberto no máximo terminaram a 4ª série. Carlos concluíra o primário com os maiores louvores de sua classe, na única escola pública para meninos da cidade, a Escola Superior de Rapazes, situada a poucas quadras de sua casa. Os alunos do INN eram predominantemente rapazes, embora, no princípio dos anos 1950, o Instituto tivesse começado a admitir algumas moças como estudantes diurnas. Havia bolsas de estudo disponíveis para cobrir a pequena taxa cobrada pelo curso, e os estudantes internos, de famílias pobres, recebiam uma modesta ajuda do governo. Em meados dos anos 1950, um estudante dizia que o INN era “mais um reformatório do que um instituto, e que o estudante interno, se quisesse sobreviver, tinha que aprender rápido como roubar comida”. Um artigo da revista estudantil *Segovia*, em 1955, enfatizava a procedência operária dos estudantes:

Esta nossa pequena fábrica que se chama Instituto sempre estará pronta para produzir jovens bem-formados a partir de jovens pobres, filhos de pessoas humildes. Os estudantes que saíram do INN são todos recrutados entre o povo, filhos de sapateiros, mecânicos, pedreiros, costureiras, vendedoras de loja etc.; os filhos dos ricos e dos novos ricos têm muito dinheiro e podem ir para os EUA e aos grandes centros de estudos.⁴⁸

Como instituição pública, o INN tinha vínculos com o Estado somozista e privilégios para os filhos dos funcionários públicos, oficiais da Guarda Nacional e ativistas eleitorais do Partido Liberal Nacionalista, de Somoza. A ligação de Carlos com a família Amador pesou tanto quanto sua excelência escolar na decisão de dar-lhe uma bolsa completa. Ainda que mais tarde na vida tenha preferido usar apenas o sobrenome Fonseca, no INN sempre foi Carlos Fonseca Amador.

Apesar de seu *status* semioficial, o INN tinha uma tradição de atividade estudantil oposicionista. *Vanguardia Juvenil*, de curta duração, foi publicado em 1946 pelos estudantes do INN, assim como a também efêmera *Espártaco*, de 1947 a 1948. Tomás Borge, um estudante do INN que depois ajudou a fundar a FSLN, escrevia virulentos artigos antissomozistas para *Vanguardia Juvenil*. Descreveu o bloco que apoiava o candidato de Somoza nas eleições de 1947 como “uma frente (...) composta por reacionários, subservientes e covardes, cujo ideal é perpetuar o poder do *Führer* nicaraguense e da sua Gestapo, para que continuem derramando o sangue de nossos jovens rebeldes; para que continuem as perseguições, as prisões e os espancamentos”.⁴⁹ Durante esse mesmo período pré-eleitoral, Borge, Ramón Gutiérrez e outros jovens dissidentes cobriram de preto uma ponte que Somoza ia atravessar.

⁴⁸ Benita Alvarado, entrevista com a autora, Matagalpa, 20 fev. 1996; BLANDÓN, *Entre Sandino...*, p. 194; CASTRO, José Ramón Gutiérrez, “Nuestro Instituto Nacional del Norte celebró el 2 de marzo acto de clausura”, *Segovia* 6-7 (jan.-fev. 1955).

⁴⁹ *Vanguardia Juvenil* 7 (dez. 1946).

Os estudantes radicais do INN passaram algumas noites na cadeia por suas atividades. Gutiérrez descreveu como uma vez “fizeram-nos varrer com as mãos as ruas próximas ao Parque Central, recolher merda com as mãos. Alguns dos jovens tiveram que ir, sob custódia, jogar fezes no Rio Grande de Matagalpa, nos arredores da cidade. Não havia latrinas na prisão da cidade, e dejetos e urina eram recolhidos em latas de 15 litros e lançados no rio”. Em 1952, o INN foi o único centro de estudos secundários no país que se uniu à greve dos estudantes universitários que reivindicavam a retirada, da universidade nacional, de uma placa em honra de Somoza.⁵⁰

No princípio dos anos 1950, Fonseca compareceu a várias reuniões de um grupo da juventude conservadora e durante algum tempo trabalhou com a União Nacional de Ação Popular (Unap), um movimento dirigido por intelectuais que tinham participado das manifestações antissomozistas de meados dos anos 1940. Mas, naquele mesmo período, pusera-se em contato com uma organização que teria uma influência política mais importante sobre ele: o Partido Comunista da Nicarágua, o PSN. Como Fonseca explicou a um juiz em 1957, “vi que a Unap e seus dirigentes nacionais tinham demasiado bem estar econômico, eram demasiadamente perfumados, aburguesados, razão pela qual se acabaram minhas simpatias por ela”. A sua desilusão com a Unap somou-se um interesse crescente pelo marxismo:

Como minhas inquietações democráticas continuavam, e a Unap não conseguiu satisfazê-las, procurei respostas para elas no marxismo, dedicando-me a buscar, em todas as livrarias, livros marxistas, fossem obras filosóficas, políticas ou romances e poesia; minha curiosidade fora despertada e me levou a procurar diariamente nos jornais notícias sobre os países comunistas e sobre o movimento comunista nos demais países do mundo, ainda que eu

⁵⁰ Ramón Gutiérrez Castro, Rivas, para a autora, Manágua, 7 jun. 1995; IES, “Cronología Básica de Carlos Fonseca”, *in*: FONSECA AMADOR, *Obras*, v. 1, p. 431.

acreditasse, devido à minha nascente simpatia pelo marxismo, que as notícias sobre o comunismo, enviadas pelas agências internacionais, eram forjadas.⁵¹

Em 1953 ou, possivelmente, no início de 1954, disse a um dirigente da Unap que não podia mais apoiar a organização porque se tornara marxista.⁵²

Ainda que não pudesse encontrar muitos livros marxistas nas bibliotecas e livrarias de Matagalpa, Fonseca teve um professor no INN, Rafael Antonio Díaz, que emprestava secretamente livros radicais de sua própria biblioteca aos estudantes interessados. Quando Carlos foi a Manágua para visitar a família de seu pai, encontrou uma livraria vinculada ao Partido Comunista.

Existe alguma controvérsia sobre o momento em que ele se filiou ao PSN e quão seriamente assumiu esta filiação. Uma cronologia detalhada, preparada pelo Instituto de Estudos do Sandinismo (IES), diz que se filiou em julho de 1955, depois que saiu de Matagalpa para Manágua. O patrão de Carlos em Manágua também diz que foi ali que ele se filiou ao partido. Em 1956, ele ajudou a organizar a primeira célula estudantil do PSN em León, e esta data é considerada algumas vezes como a de seu ingresso no partido. Uma data ainda posterior poderia ser considerada pelo fato de que Fonseca, quando voltou de Moscou em 1957, disse a seus interrogadores da Guarda Nacional que não era membro do Partido Comunista, ainda que simpatizasse com suas ideias.⁵³ Mas a evidência de que ele se uniu ao PSN por

⁵¹ FONSECA AMADOR, “Declaração, 1957” *in: id.*, p. 166-167.

⁵² Ernesto Cardenal, entrevista com a autora, Manágua, 27 jun. 1994; HEYCK, Denis Lynn Daly. *Life stories of the Nicaraguan Revolution*. Nova York: Routledge, 1990, p. 24.

⁵³ IES, “Cronología básica”, p. 433; uma versão mais curta, publicada poucos anos depois, para consumo popular, não menciona o vínculo de Fonseca com o Partido Comunista; ver IES. *Carlos: el eslabón vital*. Manágua, EniEC, 1985; TABLADA, Guillermo Rothschild, *Los guerrilleros vencen a los generales: homenaje a Carlos Fonseca Amador*. Manágua: Ediciones Distribuidora Cultural, 1983, p. 2; FONSECA AMADOR, “Declaração, 1957”, p. 170. Essa negação não merece crédito porque é incompatível com outras afirmações de

volta de 1954, em Matagalpa, é convincente. De acordo com Tomás Pravia (conhecido como “Colocho”), dirigente da principal célula de Matagalpa nos anos 1950, Carlos comparecia semanalmente às reuniões, como membro votante, pagava a contribuição partidária de uma córdoba por semana e foi formalmente transferido para a jurisdição da sede nacional do partido em Manágua e depois para León, quando deixou Matagalpa, em 1955. Colocho, outro trabalhador comunista chamado Santos Sánchez (“O Camarada”) e o amigo de Fonseca, Ramón Gutiérrez, concordam que a relação de Carlos com a célula era diferente da de Ramón, que comparecia como observador, não votava nem apresentava moções.⁵⁴

Jesús Blandón, um estudante do INN em meados dos anos 1950, diz que dois estudantes eram membros do PSN – Fonseca e Marcos Altamirano.

As tarefas que desempenhavam consistiam principalmente em vender o jornal do Partido, *Unidade*, do qual [a célula de Matagalpa] recebia 300 exemplares. A venda durava dois dias, pois percorriam os bairros, entravam nas casas e liam um artigo do jornal para os compradores potenciais. Também convidavam a família do comprador para que participasse de discussões sobre o jornal, de modo que este comprador se transformasse, ao mesmo tempo, em um simpatizante do partido.

De acordo com Colocho, o Carlos adolescente chegava a vender, em algumas ocasiões, cem exemplares de uma edição, carregando o jornal em sua pasta de livros pelos bairros da classe trabalhadora, entre os vendedores do mercado e nos locais de trabalho.⁵⁵

Fonseca e porque era uma política do PSN e de organizações similares em todo o mundo que os membros negassem sua militância caso fossem interrogados.

⁵⁴ José Ramón Gutiérrez Castro, entrevista com a autora, Rivas, 26 jun. 1994; Tomás Pravia Reyes “Colocho”, entrevista com a autora, Matagalpa, 20 fev. 1996.

⁵⁵ BLANDÓN, *Entre Sandino...*, p. 197; Tomás Pravia Reyes “Colocho”, entrevista com a autora, Matagalpa, 20 fev. 1996. O jornal do PSN chamou-se *Unidade e Orientação Popular* em diferentes momentos desse período.

Os textos da maturidade política de Fonseca são extremamente críticos em relação ao PSN, partido que ele condena como colaboracionista de classe e burocrático, incapaz de encabeçar uma revolução na Nicarágua e relutante a fazê-lo. Chamava o PSN de “browderista”, em referência ao secretário-geral do CPUSA (Partido Comunistas dos EUA) Earl Browder, principal defensor no hemisfério Ocidental da participação dos comunistas em “frentes populares” ao lado de forças burguesas. Uma vez que Fonseca decidiu que o PSN não era genuinamente marxista, teve pouca paciência com os trabalhadores que simpatizavam com o Partido. Para entender sua própria atração para o PSN, vale considerar onde e quando, concretamente, ele se filiou. Cerca de 15 jovens trabalhadores constituíam a célula do PSN em Matagalpa no começo dos anos 1950. Colocho era o mais velho: tinha então 26 anos. Com exceção de Carlos Fonseca e de um ou dois estudantes de nível secundário, todos os membros eram trabalhadores, principalmente da construção civil. Envolvidos em atividades sindicais, tinham contato na zona rural com os trabalhadores dos cafezais. Isso contrasta com a liderança de classe média do partido na capital: entre os sete comunistas acusados de produzir em Manágua um panfleto ilegal, no início da década de 1950, incluíam-se dois médicos, um escritor e um homem de negócios.⁵⁶

Para Carlos, o fato de o PSN não ser uma organização legal, no princípio dos anos 1950, só acrescentava credibilidade revolucionária ao partido. As reuniões em Matagalpa eram realizadas, a cada semana, na casa de um membro diferente, e o jornal tinha que ser vendido clandestinamente. “Chegávamos de maneira ultrassecreta, batíamos à porta e esperávamos um longo tempo; íamos com as golas levantadas, tapando-nos até a queixo, segundo tínhamos lido em um livro sobre as conspirações contra o ditador Rosas, da Argentina”,

⁵⁶ Tomás Pravia Reyes “Colocho”, entrevista com a autora, Matagalpa, 20 fev. 1996; WALTER, *Regime...*, p. 226 e 282.

lembrar-se-ia mais tarde um dos amigos de Carlos. O PSN fora posto na ilegalidade e alguns de seus dirigentes foram presos no final dos anos 1940, quando teve início a Guerra Fria e Somoza mudou seu esquema populista “pró-operário”, de 1944 a 1946, para cerrar fileiras com a elite opositora.⁵⁷

É possível que Fonseca tenha tido momentos de dúvida sobre o potencial revolucionário do PSN já nestes anos em Matagalpa. Segundo Ramón Gutiérrez, no final de 1954 ou princípio de 1955, Carlos convenceu o resto da célula do PSN em Matagalpa a aprovar uma resolução convocando uma revolução armada de operários e camponeses na Nicarágua. Porque Carlos não pôde ir, Ramón foi sozinho a Manágua apresentar a resolução ao Birô Político. O dirigente do PSN, Manuel Pérez Estrada, recebeu Gutiérrez em sua casa e começou a ridicularizar a resolução, chamando-a de “aventureira”, ameaçando invocar a “disciplina partidária” e queixando-se do atraso do campesinato. “Isto reduziu muito nosso entusiasmo”, disse Gutiérrez em uma entrevista de 1994. Colocho, o dirigente da célula de Matagalpa, insistiu em dizer que este incidente nunca ocorreu, e que Fonseca jamais expressou tais opiniões antes da Revolução Cubana. A apresentação de semelhantes ideias radicais no seio da célula de um Partido Comunista em meados dos anos 1950 teria sido, segundo Colocho, “inaceitável, contrária aos interesses da união nacional”.⁵⁸ No entanto, o relato de Gutiérrez tem o tom da verdade. As ideias de Carlos estavam em plena ebulição – afinal,

⁵⁷ GOULD, Jeffrey. “Nicaragua” in: BETHELL, Leslie e ROXBOROUGH, Ian (orgs.), *Latin America between the Second World War and the Cold War, 1944-1948*. Cambridge e Nova York: Cambridge University Press, 1992, p. 263; BLANDÓN, *Entre Sandino...*, p. 193; GOULD, “For an organized Nicaragua”, p. 353-387.

⁵⁸ Tomás Pravia Reyes “Colocho”, entrevista com a autora, Matagalpa, 20 fev. 1996; José Ramón Gutiérrez Castro, entrevista com a autora, Rivas, 26 jun. 1994. Deve-se lembrar de que as duas entrevistas aconteceram quatro décadas depois dos eventos em questão.

ele tinha apenas 17 anos. Não é difícil imaginar seus arroubos de entusiasmo pela revolução armada, mesmo no contexto de completa lealdade ao caminho moderado e cauteloso do PSN, arrastando com ele os jovens trabalhadores da célula de Matagalpa.

Uma descrição de Fonseca em uma reunião na casa do intelectual marxista Manolo Cuadra, em meados dos anos 1950, mostra-o como um adolescente inquieto, indagador, totalmente carente de traquejo social. Entrevistado em 1986, um dos convidados de Cuadra lembrava-se de um “jovem magro, reservado, sério, que só falava com seu anfitrião e que geralmente não se sentava, ficando à margem da conversa, em um canto da sala, apoiado na parede e dali observando cada um dos presentes e o próprio grupo”. Ocasionalmente Carlos aproveitava-se de um intervalo na conversa para fazer uma pergunta do tipo: “Manolo, você acredita que a burguesia vai governar este país para sempre?”, ou “Manolo, você acredita que uma aliança dos operários, camponeses e intelectuais é possível?”, e depois voltava para o seu canto, esperando a resposta de seu anfitrião.⁵⁹

Durante o quinto e último ano do nível secundário de Carlos Fonseca, este começou a colaborar com dois jovens amigos, cujas ideias sobre o mundo e o desejo precoce de transformá-lo eram semelhantes aos seus. Ramón Gutiérrez, cujo pai era dono de uma pequena sapataria, estivera envolvido em atividades havia cinco anos. Quando Ramón tinha cerca de 16 anos, foi excomungado pela Igreja Católica e forçado a abandonar a cidade depois da publicação de uma sátira aludindo a um concurso de masturbação entre um grupo de arcanjos. Vivendo na Guatemala durante a presidência de Jacobo Árbenz, Ramón obteve uma cópia do *Manifesto comunista* em francês e alguns textos de Mao Tse-tung em espanhol, que levou consigo quando regressou a Matagalpa, em 1954. Ramón, algumas vezes chamado “Moncho”, retomou seus estudos no INN e começou a discutir os panfletos que

⁵⁹ ABURTO, Juan, “Lembranças de Carlos Fonseca”, *Ventana*, 8 nov. 1986.

trouxera com seu novo amigo, Carlos Fonseca. Em uma foto tirada no Natal de 1955, ele e Carlos parecem muito semelhantes – altos, magros, ar estudioso e sério por trás das idênticas armações pretas de seus óculos. O segundo novo amigo de Carlos tinha uma aparência um pouco diferente. Pequeno, moreno e mais jovem, Francisco “Chico” Buitrago transferiu-se de Terrabona, pequeno povoado ao norte, para Matagalpa, para terminar a escola secundária. Porque fora seminarista e andava sempre de branco, seus amigos no INN chamavam-no às vezes de “Padre”, mas Buitrago, como seus dois amigos mais velhos, já não aceitava a pregação da igreja. No princípio de 1954, Carlos tinha 17 anos, Francisco 15 e Ramón Gutiérrez, 20.⁶⁰

Os três amigos organizaram um grupo estudantil no INN, o Centro Cultural, com Carlos como presidente e Ramón mantendo-se discreto, para evitar atrair a ira da igreja. Em agosto de 1954, o Centro começou a publicar uma revista cultural chamada *Segovia*, com novos números publicados quase a cada mês, até que Carlos, seu editor, formou-se e deixou Matagalpa, nos primeiros meses de 1955. Buitrago pôs em circulação mais quatro números da revista, antes de acompanhar Carlos a Manágua, no início de 1956, o que marcaria o fim da publicação de *Segovia*. Os estudantes financiavam seu projeto com as vendas da publicação e com anúncios dos comerciantes locais; algumas vezes complementavam o orçamento com empréstimos de Matilde Morales, uma professora simpatizante, em cuja casa se reuniam para planejar cada número.

Segovia não tinha por objetivo a oposição direta ao governo de Somoza; o nome do ditador quase nunca aparecia na revista. Um

⁶⁰ BORGE, Tomás. *La paciente impaciencia*. Manágua: Editorial Vanguardia, 1989, p. 97; José Ramón Gutiérrez Castro, entrevista com a autora, Rivas, 26 jun. 1994. Buitrago foi um dos primeiros dirigentes da FSLN; morreu em ação em 1963; Gutiérrez nunca aderiu à FSLN e foi o único dos três amigos que sobreviveu. O ano letivo na Nicarágua ia de maio ou junho a fevereiro; o último ano de Carlos no INN começou em maio de 1954.

artigo continha até um modesto elogio a um programa de moradias públicas financiado pelo governo. Os articulistas evitavam assuntos abertamente políticos, conscientes da vulnerabilidade de uma publicação oficial de estudantes de uma instituição pública. Só depois de uns quantos números desde seu início, o influente jornal de oposição *La Prensa* publicou um pequeno artigo intitulado “As sementes vermelhas de Matagalpa”, tratando com condescendência e, simultaneamente, chamando de comunista a juventude por trás do *Segovia*. Em uma reunião de emergência, inquietos sobre como reagiriam seus pais e professores, o grupo editorial discutiu sobre a indesejada atenção nacional de que foram alvo e a possibilidade de que por isso perdessem suas bolsas.⁶¹ Mas *Segovia* resistiu à esta crise. Quando deixou de existir, em 1956, foi porque seus articulistas estudantes tinham se mudado ou perdido o interesse; não sucumbiu à repressão governamental.

Os 12 artigos escritos por Carlos Fonseca incluem poesia, editoriais sobre a vida estudantil e textos analíticos sobre o voto feminino e sobre as guerras de independência do século 19. A coleção de *Segovia* nunca foi publicada e quase não foi objeto de atenção por parte dos estudiosos.⁶² Mas estes textos juvenis oferecem uma valiosa perspectiva das ideias políticas e sociais de Carlos Fonseca, já que a produção da revista foi sua primeira experiência de atividade política coletiva. Ele era o centro de um núcleo de quatro ou cinco adolescentes que dirigia politicamente a iniciativa e organizava 20 ou mais jovens, homens e mulheres, para escrever artigos e vender a revista. Ao lado de Carlos, Chico e Ramón, os

⁶¹ José Ramón Gutiérrez Castro, entrevista com a autora, Rivas, 26 jun. 1994.

⁶² As únicas exceções são MACKENBACH, Werner, “El problema de la nación en el pensamiento juvenil de Carlos Fonseca”, MS, 1995; e BLANDÓN, *op. cit.* Alguns artigos culturais foram reproduzidos anos mais tarde em uma revista cubana; ver “Carlos Fonseca en Segovia”, *Casa de las Américas* (Havana) 174 (1989): 3-11.

organizadores principais eram Raúl Lecler, cujo pai era professor, e Cipriano Orúe, que provinha de uma família de intelectuais ligados aos conservadores. O círculo ampliado incluía estudantes tais como a vizinha de Carlos, Bertha Prado, filha de um coronel da Guarda Nacional. Além de vender *Segovia*, Bertha recebia livros políticos emprestados por Carlos e fez cursos de costura para que um dia pudesse dar treinamento vocacional a mulheres trabalhadoras.⁶³ O papel de Fonseca no grupo *Segovia* pressagiava de muitas maneiras sua participação futura na política universitária e na FSLN. Embora o projeto representasse um esforço coletivo, Carlos era inquestionavelmente seu principal organizador e sua eventual ausência se fazia sentir. Todos os dirigentes de nível secundário que trabalharam junto a ele eram rapazes. Os outros ativistas eram todos extremamente leais a Fonseca e impressionavam-se com seu nível de compromisso político e escolar, ainda que não compartilhassem dele.

“A juventude de Matagalpa está pegando fogo”, assim começava Fonseca o editorial de lançamento do primeiro número de *Segovia*. “Uma bala não está quente quando é disparada? Somos a bala disparada pelo anseio de servir à pátria”. Este curto parágrafo introduzia os dois temas centrais e inter-relacionados de *Segovia*: o papel-chave da juventude e a estreita relação entre a educação e a nação. O tema da violência também estava presente, mas não era tão frequente em *Segovia* como chegaria a ser nos textos ulteriores de Carlos.

Carlos comparava sua própria geração à anterior, dizendo que “a fria atividade da intelectualidade nicaraguense será aquecida pela juventude”. Voltava a este assunto no editorial principal, vários meses depois. Não bastava ser jovem e cheio de energia; os estudantes também tinham que ser unidos, ler muito e ter consciência de seu papel na sociedade. “Estamos certos de que Matagalpa possui uma juventude de grande talento; mas em outras épocas Matagalpa tam-

⁶³ PRADO, Bertha Z., “Carlos, un gran lector”, *Barricada*, 9 nov. 1980.

bém possuiu jovens talentosos que, por falta de orientação cultural, deram mal resultado”.⁶⁴

O papel mais importante que os estudantes podiam desempenhar, segundo Fonseca e os outros jovens que publicavam *Segovia*, era levar alfabetização e, conseqüentemente, a civilização aos trabalhadores e camponeses pobres. Naquele tempo, mais de 80% da população rural da Nicarágua era analfabeta, e estes estudantes consideravam seu dever patriótico difundir o saber no campo. Os artigos de Francisco Buitrago, em particular, desenvolviam a estreita relação entre educação, civilização, industrialização e nacionalidade. Seu artigo convocava uma campanha nacional de alfabetização chamada “Construamos a Pátria!”. “Pensamentos de um Estudante Segoviano”, no primeiro número, conclamava os estudantes a “ocupar (...) o lugar do soldado, pronto para o chamado de sua pátria e ansioso por empunhar as armas do pensamento”. Buitrago retomaria várias vezes este tema; em um dos últimos números escreveu: “devemos fazer todo o possível para ensinar os camponeses, pequenos proprietários de terra e trabalhadores rurais a ler e a escrever; se fizermos isso, não apenas deixaremos de ter analfabetos, como também teremos uma nação mais avançada”. Buitrago tinha palavras severas para os estudantes apáticos que não se preocupavam com o “vampiro, que extrai gota a gota o sangue daqueles concidadãos que, por não terem boas condições financeiras, foram atirados ao trabalho braçal, convertendo-se em carne fresca para a exploração”. Os estudantes não eram os únicos convocados a ajudar seu país, ensinando os analfabetos a ler e a escrever. Espalhadas ao longo dos 11 números da revista, havia exortações dirigidas aos proprietários de terra e aos empregadores, tais como: “O senhor que tem fazenda, verifique quem são seus trabalhadores analfabetos e ensine-os a ler e a escrever” e “Ensine sua empregada a

⁶⁴ FONSECA AMADOR, “Editorial: La juventud intelectual matagalpina necesita ponerse en contato para orientarse bien y poder triunfar”, *Segovia* 6-7 (jan.-fev. 1955).

ler e terá feito a melhor ação de sua vida”. O número final de *Segovia*, no princípio de 1956, reimprimia uma carta de Carlos Fonseca ao ministro da Educação Pública, na qual propunha a instalação de bibliotecas populares nos cabeleireiros e barbearias de todo o país, para uso do “povo que frequenta as barbearias em busca de jornais e revistas, ou seja, o povo operário”.⁶⁵

Durante a existência de *Segovia*, foi sendo dada maior atenção aos assuntos sociais, particularmente às condições de vida da classe trabalhadora. As estruturas coloniais prevaleciam, especialmente no campo, tornando a Nicarágua, nas palavras de Fonseca, “inadequada para que se viva como um ser humano”. Os artigos ressaltavam os problemas da fome, a moradia em casas arruinadas e superlotadas e a falta de proteção social e sindical. *Segovia* saudou 1956 com um artigo que dizia: “O ano novo do pobre é de lágrimas, de tristezas, mas também de esperanças para aqueles que possuem a ideologia redentora, para os que compreendem que o povo tem a força da maioria”.⁶⁶

Fonseca frequentemente usava as metáforas mãe-filho, sendo a Nicarágua, ou a nação, a mãe, e o estudante preocupado com os problemas sociais, o bom filho. Não era o primeiro a usar esta metáfora, mas ele pôs sua própria ênfase juvenil nesta visão nacionalista de gênero. Em um artigo intitulado “Futuro”, chamava as cidades nicaraguenses de “virgens seminuas”, depois afirmava com ousadia que, com a industrialização, estas “nossas cidades haverão de contrair núpcias. Deixarão de ser virgens! Não serão raptadas! E então fundarão famílias. Haverá filhos! A revolução estará se realizando. E serão

⁶⁵ CASTILLO, Francisco Buitrago, “Pensares de um estudante Segoviano”, *Segovia* 1 (ago. 1954); *Segovia* 10 (s. d., princípio de 1956); *id.*, “Estudantes: hacia un verdadero estudiantado”, *Segovia* 3 (out. 1954); FONSECA AMADOR, “Carta al Sr. Ministro de Educación Pública en la que se sugiere utilizar las barberías como bibliotecas populares”, *Segovia* 11 (fev. 1956)

⁶⁶ FONSECA AMADOR, “Editorialoide”, *Segovia* 2 (set. 1954); “Editorial”. *Segovia* 10 (s. d., princípio de 1956).

nicaraguenses os que mais usufruirão os recursos nicaraguenses”.⁶⁷ O contraste dificilmente poderia ser mais explícito: de um lado, as virgens que estão seminuas, atrasadas, perigosas, sujeitas a serem violadas por estrangeiros não identificados, que delas tirarão proveito; do outro, mulheres casadas com filhos, vivendo em seus lares, nicaraguenses desfrutando a prodigalidade da nação, moderna e até revolucionária.

Um artigo intitulado “O voto da mulher” apareceu no número de dezembro de 1955, assinado por Carlos, como “ex-editor de *Segovia*”. Esta curta contribuição, que Fonseca enviou de Manágua pelo correio, era claramente uma resposta ao ensaio de Ramón Gutiérrez do número anterior, de junho, “O voto feminino na Nicarágua e a improdutividade da mulher”. Gutiérrez tomara uma posição sectária, formulada na terminologia marxista, dando a entender que o voto feminino era prematuro até que a revolução industrial transformasse a mulher em operária assalariada, porque “as mulheres do norte da Nicarágua” – escrevera Ramón – “não sabem das necessidades da nação visto que ignoram até mesmo como se ganha a vida. São mulheres improdutivas porque o trabalho que desempenham não produz nada”. Esta não era uma questão acadêmica – o governo de Somoza já estendera o voto à mulher, como parte de um pacote de reformas constitucionais que também permitia a reeleição do presidente. O PSN era no mínimo pouco entusiasta com a ideia do voto feminino. Fonseca rebateu: “Nas próximas eleições, as mulheres nicaraguenses terão direito a votar. Infelizmente, existe um grande setor que é contra esse fato e considera que as mulheres nicaraguenses não devem se meter em política. Somos contra esta opinião porque consideramos que devem ter o direito ao voto todas as pessoas afetadas diretamente pela política”. Depois de assinalar o fato de que dois terços das crianças nicaraguenses eram criados

⁶⁷ *Id.*, “Futuro”, *Segovia* 1 (ago. 1954).

por mães solteiras, Fonseca conclamava as mulheres a depositar seus primeiros votos a favor das políticas que garantissem a todos os nicaraguenses “feijão, roupa e liberdade”.⁶⁸

No cerne dos escritos de Fonseca e Buitrago estava o conceito de que o progresso e a modernização eram quase inevitáveis, resultado automático da propagação da educação. Ainda que muito conscientes da pobreza e do atraso da Nicarágua e, especialmente, da vida dura de suas classes trabalhadoras, estes jovens acreditavam que seu país seguiria o caminho da Europa ocidental e dos Estados Unidos em direção a uma nacionalidade moderna graças à industrialização e ao progresso econômico. Desde que os estudantes e intelectuais cumprissem suas responsabilidades educativas, o avanço cultural e as melhores condições sociais viriam por meio do desenvolvimento capitalista. As ideias da Ilustração, como eram interpretadas pela tradição liberal de seu próprio país desde o século 19, tinham sentido para estes jovens de meados dos anos 1950. Uma década mais tarde, sob o estímulo da Revolução Cubana, Fonseca repudiaria a ideia da modernização por meio do desenvolvimento capitalista, mas ela era inteiramente compatível com a versão do marxismo que aprendera no PSN em sua primeira juventude. Os comunistas acreditavam que países como a Nicarágua estavam destinados a transitar por um longo período de desenvolvimento econômico na linha ocidental, e que o socialismo, como havia sido o caso do capitalismo, eventualmente chegaria a estes países vindo de fora.

Segovia representou algo novo ao repudiar o quadro tradicional da política dos partidos Conservador e Liberal. Diferentemente do PSN ou da juventude de oposição conservadora dos anos 1940, a juventude do INN tinha pouco interesse pelas eleições. Os únicos artigos que mencionavam a votação eram aqueles que tratavam do voto feminino.

⁶⁸ *Id.*, “El voto de la mujer”, *Segovia* 9 (dez. 1955).

Há outros dois aspectos de *Segovia* que merecem menção: seu entusiasmo ardente e juvenil e seu caráter regional. Em seu estilo de escrever, assuntos tratados e vinculação com o calendário de exames dos editores, a revista constantemente refletia suas origens estudantis com poesia, sátira, contos, notícias esportivas, artigos históricos e reportagens sobre assembleias e comemorações escolares. *Segovia* funcionava como uma revista cultural no sentido mais amplo. Fonseca explicitava sua própria definição beligerante de cultura quando escrevia sobre *Segovia*: “Nossa ação cultural é análoga à assumida por um combatente que, correndo extremo perigo, chegasse até o exército inimigo apenas para quebrar o nariz de um soldado”.⁶⁹ Há algo quase infantil na frase, ainda que não seja atípica a franqueza nos textos e na oratória de Fonseca ao longo de sua vida. Ambos, Fonseca e Buitrago, frequentemente empregavam metáforas militares em seus escritos para *Segovia*.

O editorial de abertura da revista prometia que este “órgão cultural saído [da região] das Segovias” mostraria ao resto da Nicarágua que a região norte-central podia produzir algo mais que colheitas agrícolas e vacas leiteiras.⁷⁰ Um artigo de Francisco Buitrago no primeiro número referia-se à “virgindade destas montanhas frias, ainda não inteiramente exploradas pelo estrangeiro mercantil e ganancioso. Daqui surgimos nós, plenos da fecundidade destas colinas, de ideais tão grandes como a majestade destes pinheiros gigantescos que nos acariciam e deste espírito indômito de que todo segoviano é senhor”.

O que falta em *Segovia* é claro também. O nome de Augusto C. Sandino nunca aparece em seus 11 números. É verdade que a região das Segovias foi o centro do apoio para o levante de Sandino, de modo

⁶⁹ *Id.*, “Editorialoide,” *Segovia* 2 (set. 1954).

⁷⁰ A denominação geográfica “as Segovias” refere-se às cinco províncias do norte: Matagalpa, Jinotega, Estelí, Madriz e Nueva Segovia; é uma região montanhosa, delimitada pelas planícies costeiras do Pacífico a oeste, a fronteira hondurenha ao norte e as montanhas da região da Costa Atlântica a leste.

que o primeiro olhar para o nome da revista parece ser uma maneira indireta (e, portanto, segura) de identificar-se com sua luta. Mas jovens conservadores, como Tomás Borge, tinham escrito artigos sobre Sandino aproximadamente uma década antes, e Fonseca poderia ter encontrado alguma maneira de fazer referência a Sandino. Inclusive a história de Fonseca sobre a luta pela libertação nacional da Nicarágua desde a conquista espanhola até seus próprios dias, que se estende por dois números da revista, não menciona a guerra de 1926 a 1933. É provável que o nome da revista tenha sido escolhido simplesmente porque as Segovias eram o lugar em que este grupo de jovens vivia. Identificavam-se com o exuberante cenário montanhoso de sua região, sua história de resistência indígena e sua tradição democrática comparada com as antigas capitais aristocráticas de Granada e León. Fonseca certamente já ouvira falar de Sandino naquela época. Mas era um simpatizante e, provavelmente, já então um membro do PSN, que considerava Sandino um pequeno-burguês aventureiro.⁷¹ O fato é que os escritos de Fonseca não mencionariam Sandino nenhuma vez até o final dos anos 1950, quando seu nome aparece no contexto da Revolução Cubana.

Quando Carlos formou-se, em 1955, ganhou a Estrela de Ouro por ter sido o melhor de sua classe durante todos os cinco anos. Também ganhou o primeiro prêmio em francês, um idioma que tinha aprendido para ler *O Manifesto Comunista*. O *Manifesto* ajudou-o

⁷¹ O PSN não existia quando Sandino foi assassinado em 1934, mas o jornal de seu equivalente na Costa Rica trazia, poucos dias depois de morto o guerrilheiro, a seguinte nota: “Sandino, filho de camponeses, camponês ele mesmo, tinha todas as características da classe de que provinha, individualista, mentalidade limitada, respeito fetichista pela propriedade privada, dificuldade para assimilar uma doutrina social revolucionária capaz de dar um rumo seguro a sua luta”. Em um tom similar, *El Machete*, jornal do Partido Comunista mexicano, fez, por ocasião da morte de Sandino, o seguinte comentário: “Sandino quis tanto se tornar presidente da Nicarágua que traiu a luta contra o imperialismo. Mas tudo o que conseguiu foi morrer como um pobre diabo” (cf. *La Prensa*, 18 mai. 1995, p. 12).

em seu exame final, no qual escreveu um ensaio intitulado “Capital e trabalho”. Fonseca escreveu:

Para os comunistas, o problema do salário justo não existe. Karl Marx, em sua obra *O capital*, esclarece que: ‘O trabalhador tem direito ao produto integral de seu trabalho’. Tal fórmula marxista, ainda que extremista, nos parece como a única capaz de pôr fim à enorme crise econômica que trouxe tanta miséria e (...) [ilegível] (...) e ignorância aos proletariado.

Já em seu exame final da escola secundária, Carlos mostrava a insolência e o ódio de classe que marcaria seu tratamento para com as classes superiores pelo resto de sua vida:

É necessário que os proprietários dos instrumentos de produção sejam os proletários. Então, para que isso aconteça, será preciso tomar a propriedade dos capitalistas? Sim, será necessário expropriá-la. Que importa provocar o sofrimento de uns poucos que sempre viveram fartamente à custa da exploração do trabalho proletário? O povo tem um ditado que diz: ‘O único jeito de ficar rico é tornar-se ladrão’. E o povo diz isso não porque algum demagogo comunista o tenha convencido. O povo fala assim porque sabe que os fazendeiros temem ir a suas fazendas com medo de que os camponeses que roubaram atirem neles.⁷²

Depois de sua formatura, Carlos mudou-se para Manágua, residindo por um breve período na casa de seu pai, até persuadir o diretor do Instituto Ramírez Goyena, Guillermo Rothschuh Tablada a contratá-lo para organizar a biblioteca do colégio. “Apresentou-se a mim no meu escritório no Goyena, certa manhã, e declarou: ‘Sou um poeta’”, relata Rothschuh. “Perguntei-lhe o que havia escrito e recitou para mim os ‘16 versos do pássaro do moleiro’.⁷³

⁷² GUTIÉRREZ, “Nuestro INN celebró”, em *Segovia* 6-7 (jan.-fev. 1955); FONSECA AMADOR, “El capital y el trabajo: examen de bachillerato, INN”, Matagalpa, 27 fev. 1955, CHM reg. 00398, caixa 2. Uma fotocópia do manuscrito original foi encontrada nos arquivos da Agência de Segurança Nacional (Oficina de Seguridad Nacional – OSN), aparentemente o texto mais antigo de Carlos Fonseca resgatado pela polícia secreta de Somoza.

⁷³ “Colaboradores de Carlos en *Segovia*”, *Segovia* (Manágua) 1 (jul. 1985).

“O Goyena”, fundado em 1893, era um dos principais centros leigos de ensino secundário. Assim como o INN em Matagalpa, o instituto tinha vínculos estreitos com o Partido Liberal somozista, dando preferência na admissão e ajuda financeira aos filhos dos políticos liberais e dos oficiais do exército. Rothschuh Tablada, o jovem diretor do Goyena, tinha reputação de estimular o pensamento crítico de seus estudantes. Sob sua influência, um grupo de estudantes, em meados dos anos 1950, estava estudando a Revolução Mexicana e sonhando “com uma mudança na Nicarágua, com a queda da ditadura e com a possibilidade de o povo ter educação, saúde, moradia e pão”. Rothschuh desencadeara uma tormenta quando encomendou a pintura de um mural no Goyena intitulado “A Raça”, e *La Prensa* referiu-se a ele uma vez como um “elemento comunista”. Como funcionário do Ministério da Educação, Rothschuh não criticava diretamente Somoza. Fora membro da Juventude Somozista em sua cidade, e um de seus poemas publicados era um hino de glorificação à esposa de Somoza. Rothschuh poderia ter tido dificuldade em explicar sua decisão de contratar Fonseca Amador se o jovem radical não fosse também filho de um proeminente somozista.⁷⁴

Um estudante interno descreveu assim a chegada do novo bibliotecário, apenas uns dois anos mais velho que a maioria dos estudantes:

Ele trouxe poucas peças de roupa em sua bagagem, um par de sapatos e muitos livros, junto com alguns exemplares de *Segovia* (...) era alto e magro, testa larga, um grande pomo de Adão, roupa humilde, mas limpa (...) Carlos aderiu logo às discussões que quase diariamente havia no pátio, ao entardecer. No começo limitava-se a fazer algumas observações, depois chegou a ser um líder entre o numeroso grupo que não se limitava aos do Goyena, pois com frequência compareciam

⁷⁴ LÓPEZ, Humberto, “No era igual a nosotros: 57 años dele natalicio de Carlos Fonseca”, *Barricada*, 23 jun. 1993; RAMÍREZ, Roberto Sánchez, “Carlos Fonseca Amador, bibliotecario”, *El Nuevo Diario*, 5 nov. 1981; FONSECA AMADOR, “Notas y experiencias revolucionarias (transcripción de charla)”, 1975, CHM reg. 09466, caixa 2B.

pintores e poetas, sendo os mais assíduos [o jornalista] Manuel Díaz y Sotelo e Manolo Cuadra.⁷⁵

Fonseca estimulava os estudantes a seu encargo a estudar a história nicaraguense. Uma vez incumbiu-os de encontrar tudo o que pudessem sobre uma figura desconhecida chamada Cleto Ardóñez. “É preciso procurá-lo nos arquivos – Carlos os orientou até que produzam uma biografia para resgatá-lo do menosprezo e do esquecimento a que o condenaram os falsos historiadores”.⁷⁶ Ele próprio, mais tarde, assumiria projeto similar com Augusto C. Sandino.

Mas Fonseca não era um simples arquivista. Também realizava trabalho político com os estudantes. No final do dia, comentava um jovem:

Carlos fechava a biblioteca do Goyena para abrir a que tinha em seu armário. Menor em número de livros, mas de mais qualidade. Era um armário sem muita roupa e sem nada de comer, mas cheio de livros, revistas e folhetos. Sempre que saía tinha um livro debaixo do braço.⁷⁷

A atividade política extracurricular de Fonseca não escapava à atenção do diretor do instituto. “No Ramírez Goyena fundou sua própria Escola de Recrutamento”, diria Roths Schuh mais tarde. “Aqui pescou seus primeros discípulos”.

Imagino Carlos, com muitos livros debaixo do braço, indo e vindo pelos bairros pobres de Manágua, passando livros do Goyena a trabalhadores sindicalizados e do sindicato partia para um esconderijo mais privado... Ou, então, vendendo a revista *Segovia* que ele fundara, ou, ainda, revendendo *Orientação Popular* [o jornal do PSN] nos ônibus de Manágua, indo e vindo nas conduções todas as noites e descendo exatamente às dez, no parque “Fray Bartolomé de las Casas”, diante do Bairro dos Pescadores,

⁷⁵ SÁNCHEZ, “Carlos bibliotecário”, *El Nuevo Diario*, 5 nov. 1981.

⁷⁶ TORRES, Ignacio Briones, “Sob as bandeiras de Sandino”, *Barricada*, 23 jun. 1980. Cleto Ordóñez resistiu à anexação da Nicarágua pelo autoproclamado “Imperador do México” Augustín Iturbide depois da independência da Espanha, em 1821.

⁷⁷ SÁNCHEZ, “Carlos bibliotecario”, *El Nuevo Diario*, 5 nov. 1981.

onde tinha uma reunião às dez e dez com os sapateiros desta margem turbulenta e miserável do Lago de Manágua.⁷⁸

Fonseca impressionava muitos estudantes do Goyena por sua autodisciplina e sua abstinência de bebida, fumo e atividade sexual, mas poucos estavam preparados para seguir seu exemplo. Nisso eram semelhantes a seus equivalentes do INN de Matagalpa, onde alguns estudantes tinham começado a desertar do grupo de *Segovia* devido ao rigor de Carlos e a sua tendência a criticá-los por irem a uma festa em vez de participarem de uma reunião.⁷⁹

O recruta mais importante de Carlos no Goyena foi Jorge Navarro, um estudante gentil e trabalhador, proveniente de uma pequena cidade do norte, que, segundo seus companheiros de classe, “era tão sério que nunca saía, passando todo o tempo lendo e jogando basquete”. Navarro é o membro da FSLN que mais frequentemente é comparado a Fonseca em termos de retidão moral. Diz-se que ele caminhava de um extremo ao outro de Manágua para economizar os 25 centavos da passagem do ônibus, mesmo tendo em seu poder C\$ 50 mil que a FSLN “expropriara” no assalto a um banco.⁸⁰ Em fins de 1955, Francisco Buitrago mudou-se de Matagalpa para Manágua, para trabalhar com Fonseca e Navarro.

Fonseca ainda tinha esperanças de construir um movimento nacional de estudantes secundaristas. Fazia pressão no Instituto Ramírez Goyena para que fossem admitidos estudantes que tivessem

⁷⁸ TABLADA, Guillermo Rothschild, “El carácter pedagógico de Carlos Fonseca”, *El Nuevo Diario*, 23 jun. 1983; *id.*, “Carlos, gran bibliotecario y gran lector”, parte 1, *El Nuevo Diario*, 10 nov. 1982.

⁷⁹ José Ramón Gutiérrez Castro, entrevistas com a autora, Rivas, 26 jun. 1994 e 27 mai. 1995.

⁸⁰ SÁNCHEZ, “Carlos bibliotecario”, *El Nuevo Diario*, 5 nov. 1981; BORGE, “Historia político-militar del FSLN”, *Encuentro* (Manágua) 15 (set. 1979); MERCADO, Sergio Ramírez, “La generación del 23 de julio, una generación decisiva”, in: *Las armas del futuro*. Manágua: Editorial Nueva Nicaragua, 1987, p. 106.

sido expulsos de outros colégios. Sob sua direção, os estudantes do Goyena publicaram por pouco tempo um boletim mimeografado chamado *Diriangén*, em homenagem a um cacique indígena que combatera os espanhóis. Em 14 de setembro de 1955, para celebrar a festa nacional da Nicarágua, Fonseca, Buitrago e Rothschuh organizaram uma marcha na qual os estudantes de três institutos públicos dirigiram-se à fazenda San Jacinto, lugar de uma famosa batalha de meados do século 19 contra o invasor William Walker. Ainda que Fonseca estivesse começando a tentar atingir os estudantes dos colégios particulares católicos de nível secundário, seus contatos em meados dos anos 1950 eram todos nas instituições públicas.

Em março de 1956, no final do ano escolar nicaraguense, Fonseca deixou o Instituto Ramírez Goyena e mudou-se para León, onde entrou na Universidade Nacional da Nicarágua como estudante de Direito. León, uma cidade colonial a cerca de 90 quilômetros a noroeste da capital, sobre as quentes planícies costeiras, fora, desde o século 18, a fortaleza tradicional da ala liberal da oligarquia nicaraguense, rival da conservadora Granada. A cidade era famosa tanto por sua catedral como por sua universidade, e a Igreja Católica desempenhava um papel proeminente e público na vida da cidade. Em outros lugares da América Latina, os conservadores eram conhecidos como o partido da igreja e os liberais, geralmente associados ao segmentos laicos; mas na Nicarágua as demarcações ideológicas não eram tão claras.

León era a segunda maior cidade da nação, um bastião de apoio eleitoral para o Partido Liberal Nacionalista de Somoza, e tinha seus próprios jornais liberais. Outras duas alas dos liberais estavam baseadas lá: o *obreirismo* liberal, representando os interesses dos artesãos e de outros trabalhadores urbanos, e o Partido Liberal Independente, o PLI, formado em León, em 1944, por elementos de classe média e burgueses opositores de Somoza.

Tradicionalmente uma área de criação de gado, produtora de grãos e de açúcar, os departamentos de León e seu vizinho a noroeste,

Chinandega, transformaram-se em função do auge da produção de algodão na década posterior à Segunda Guerra Mundial. Por volta de 1955, a fibra substituíra o café como principal produto de exportação. A superfície plantada com algodão aumentou cinco vezes entre 1951 e 1955, e a produção cresceu quase dez vezes. A área em torno de León, que fora o celeiro da Nicarágua, se transformou em um semideserto, à medida que os donos das plantações derrubavam as florestas e expulsavam de suas terras os arrendatários e as comunidades indígenas. Durante a estação seca, os ventos quentes enchiam de poeira todos os cantos da cidade, e o ar rescendia a pesticida.⁸¹

Os ricos plantadores de algodão viviam em León em mansões escondidas atrás de modestas fachadas. Ainda hoje, caminhando em uma rua dessa cidade, se tem a impressão de passar por três ou quatro pequenas casas enfileiradas, cada qual com uma porta e uma ou duas janelas diante de uma rua sem árvores. Mas uma porta ou uma janela aberta revelará que as três ou quatro casas são realmente uma única luxuosa moradia, com sala e quartos distribuídos em torno de um pátio do tamanho de um pequeno parque, plantado com árvores e flores e rodeado por quatro amplos corredores de colunas em forma de arcos.

A Nicarágua, nos anos 1950, tinha apenas cerca de mil estudantes universitários e uma única instituição de estudos superiores, a Universidade Nacional de León (chamada, até 1958, Universidade Nacional da Nicarágua, e desde então Universidade Nacional Autônoma da Nicarágua, Unan). Assim como os institutos leigos de nível secundário onde Carlos Fonseca estudara e trabalhara, a Universidade Nacional tinha estreitos vínculos com os aparelhos do Estado somozista. Os

⁸¹ Em um único ano de auge durante a década de 1950, várias centenas de cortadores de algodão morreram na província de Chinandega por inalação dos gases pesticidas. Cf. GOULD, Jeffrey, *To lead as equals: rural protest and political consciousness in Chinandega, Nicaragua*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1990, p. 164.

estudantes de ascendência liberal, ou que vinham recomendados por lideranças do Partido Liberal, eram listados no “Livro Vermelho” e recebiam tratamento preferencial quando se tratava de ajuda financeira e qualificações. No entanto, um movimento pela autonomia universitária começava a ganhar força na metade dos anos 1950. A esta altura, o objetivo dos defensores da autonomia era uma universidade “apolítica”. Um manifesto de princípio dos anos 1950 insistia em que uma universidade que tolerasse a organização estudantil *contra* Somoza seria tão ruim quanto uma que se alinhasse com o regime.⁸² A autonomia finalmente foi concedida em março de 1958, diante das exortações do reitor da universidade, Mariano Fiallos Gil, com uma lei inspirada na autonomia universitária obtida em Córdoba, Argentina, em 1918, quatro décadas mais cedo.

Os estudantes universitários nicaraguenses eram uma minoria privilegiada e em sua maior parte buscavam uma carreira nas profissões liberais ou na burocracia estatal. No entanto, nem todos os estudantes da Unan provinham de famílias ricas. Algumas bolsas iam para os filhos de simpatizantes modestos de Somoza; as famílias mais ricas nicaraguenses tendiam a enviar seus filhos e filhas a universidades nos Estados Unidos e na Europa ou, pelo menos, ao México.

Quando chegou a León, no começo de 1956, Carlos Fonseca instalou-se em um cômodo subsidiado, perto da universidade; pagava por mês para comer em um dos restaurantes mais baratos de León. O Centro Universitário (posteriormente Cuun) nomeou-o editor-chefe de seu jornal *O Universitário*. Octavio Robleto, um amigo desde o Instituto Ramírez Goyena, que vivia nos arredores, lembra que Fonseca mais uma vez tinha mais livros que roupas e encontrara

⁸² SANDINO, Rolando Avendaño. *Masacre estudiantil*: 23 de julio de 1959, León, Nicaragua [Manágua?]: Tipografía América, 1960, p. 30; GALEANO, Marcia Traña, ROJAS, Xiomara Avendaño e GUTIÉRREZ, Róger Norori, “Historia del movimiento estudiantil universitario (1944-1979)”, MS, Manágua, 1985, s.p.

um professor compreensivo que lhe emprestava os livros marxistas que dificilmente se podiam encontrar na Nicarágua de Somoza. Quando Carlos visitava Octavio, os dois passavam a metade da noite falando de política e de literatura – Cervantes, Neruda, Rubén Darío, Manolo Cuadra.⁸³

Em 1957, Fonseca descrevia com orgulho a intensa atividade política de seu primeiro ano em León: “A esta tarefa [ativismo estudantil] dediquei todo meu entusiasmo porque, para mim, os jornais, encontros e panfletos constituíam a campanha cívica, pacífica, base decisiva na luta contra qualquer ditadura inimiga do povo. Esta correta tese era defendida por um valente grupo de liberais independentes, como também pelas massas populares”.⁸⁴ Quando isto foi escrito, Fonseca ainda pensava que a transformação podia ser obtida mediante “uma campanha cívica, pacífica”, uma ideia contra a qual argumentaria vigorosamente nas próximas décadas.

Em León, ele organizou a primeira célula de estudantes do PSN na Nicarágua. Seus membros incluíam Tomás Borge, um companheiro de Matagalpa, e ocasional articulista do jornal de oposição *La Prensa*, e Silvio Mayorga, um estudante do quarto ano de direito, proveniente de uma modesta família de pequenos fazendeiros do povoado de Nagarote. Borge é quem possuía mais experiência política no grupo. Ele estivera envolvido com a juventude conservadora em Matagalpa no final dos anos 1940 e participara de uma conferência estudantil latino-americana em Bogotá, Colômbia, em 1948. Lá, encontrou o então líder estudantil cubano Fidel Castro e teve a oportunidade de presenciar o levante urbano conhecido como o “Bogotazo”.

O grupo universitário do PSN em León organizou o estudo dos clássicos do marxismo e enviou Silvio Mayorga à Conferência Mun-

⁸³ BLANDÓN, *op. cit.*, p. 201; Octavio Robleto, entrevista com a autora, Manágua, 9 jun. 1995.

⁸⁴ FONSECA AMADOR, *Un nicaragüense en Moscú*, in: *Obras*, v. 1, p. 281.

dial da Juventude Democrática, no Ceilão, em 1956. A iniciativa de formação de uma célula exclusivamente estudantil proveio de Fonseca mais do que da liderança nacional do PSN. Ele iria se queixar mais tarde de que seu partido dava pouca atenção à organização universitária. “Esta célula busca estabelecer relação com o Partido Comunista que existe na Nicarágua, com o objetivo de seguir suas instruções, de ser dirigido por ele. Mas, de fato, o PSN não tem qualquer preocupação com o movimento estudantil”. O que também era verdade com relação ao trabalho anterior de Fonseca junto aos estudantes de Matagalpa e de Manágua; Ramón Gutiérrez chamou de “estúpida” a célula comunista de Matagalpa, porque ele e Carlos “tinham 20 estudantes que seguiam nossa linha, e os socialistas nunca nos deram nenhuma direção”.⁸⁵ Seja como for, a célula estudantil de León durou apenas alguns meses.

O presidente da Nicarágua foi assassinado em León em setembro de 1956. Fundador e primeiro chefe da Guarda Nacional, aliado diplomático dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, Somoza García fora presidente da Nicarágua, quase sem interrupção, por duas décadas. Quando o mataram, seu filho mais velho, Luis Somoza Debayle, foi imediatamente nomeado presidente. Seu segundo filho, Anastasio, educado na academia militar estadunidense de elite de West Point, já era o chefe da Guarda Nacional. (Anastasio Somoza Debayle é conhecido na Nicarágua como “Tachito,” para distingui-lo de seu pai, Anastasio Somoza García, cujo apelido era “Tacho”).

O assassino de Somoza, Rigoberto López Pérez, foi executado no local do atentado pela escolta presidencial. Um poeta de vinte e sete anos, López Pérez tinha fortes vínculos com o dissidente PLI, e fora armado e treinado por ex-membros antissomozistas da Guarda Nacional que viviam no exílio em El Salvador. Dezesesseis anos depois,

⁸⁵ *Id.*, “Notas y experiencias revolucionarias [1975]”; José Ramón Gutiérrez Castro, entrevista com a autora, Rivas, 26 jun. 1994.

em suas “Notas sobre a carta-testamento de Rigoberto López Pérez”, Fonseca descrevia López Pérez como um “digno descendente de Sandino”, considerando que sua ação fora “não apenas compreensível, mas justificada”, porque “no país não existe nem organização, nem direção, nem consciência revolucionária”.⁸⁶ Fonseca, no entanto, não elogiava López Pérez em 1956, quando ainda estava comprometido com os métodos não violentos e achava que o PSN daria à Nicarágua a liderança de que necessitava.

O presidente Luis Somoza declarou estado de sítio depois que seu pai foi baleado e começou uma caçada aos suspeitos de conspiração, particularmente intensa em León. A área ao redor da universidade foi transformada em campo militar, e suas ruas, bloqueadas por cercas de arame farpado, eram patrulhadas pela Guarda Nacional. Centenas de estudantes e outros dissidentes foram presos, inclusive Carlos Fonseca, que sequer conhecera López Pérez e não sabia nada sobre o complô de assassinato. Preso de 26 de setembro a 14 de novembro, Carlos foi isento de qualquer acusação e libertado, provavelmente devido à intervenção de seu pai. Tomás Borge ficou preso por mais de dois anos e só foi libertado depois de repetidos protestos dos estudantes.

Quando a Guarda prendeu Fonseca, confiscou-lhe 80 livros, panfletos e jornais, incluindo textos de Marx e Engels, poemas de Pablo Neruda, romances de Faulkner, Balzac e Dostoiévski, e ensaios sobre religião e política. Depois de libertado, Fonseca – identificando-se como “filho de Fausto Amador” – escreveu ao chefe da Guarda Nacional, Anastasio Somoza Debayle, exigindo a devolução do material confiscado. “Tudo o que a Guarda Nacional levou não tem nenhum valor para a segurança do Estado. Ao contrário, para mim representa o fruto de minhas inquietações de dez anos”. Fonseca escreveu ainda que tinha confiança que o coronel Somoza devolveria “meus estimados

⁸⁶ FONSECA AMADOR, “Notas sobre la carta-testamento de Rigoberto López Pérez”, in: *Obras*, v. 1, p. 396.

livros e meus retratos queridos”, e que, assim fazendo, “evitará em mim o crescimento de inúteis ressentimentos”.⁸⁷

Esta reivindicação provocou uma carta de um oficial da segurança da Guarda Nacional ao “Chefe Diretor” Somoza. Escrita em papel com timbre do Birô de Segurança Nacional (OSN), a carta é um documento fascinante, escrito inteiramente em inglês. A assinatura é ilegível, mas o inglês fluente e correto do autor sugere que era um norte-americano. Aparentemente, Somoza achava muito natural receber uma comunicação de sua polícia secreta em inglês, tendo rabiscado no final da página, no mesmo idioma, “Devolva as coisas que não são comunistas. ASD”. A conclusão do oficial de segurança, de que Fonseca era demasiado radical, e sua política demasiado aberta para ser membro do Partido Comunista, fora astuta e até profética, ainda que, de fato, incorreta para aquele momento.

1. Segue anexa uma cópia da lista de pertences apreendidos de FONSECA Amador no momento de sua detenção. A maior parte da literatura é comunista. O indivíduo é um defensor confesso da doutrina comunista, ainda que negue ser membro do Partido Comunista. Acredita-se que ele *não* é membro do Partido Comunista, porque alguém tão franco em assuntos relacionados ao comunismo em um país onde o comunismo é ilegal seria provavelmente repudiado pelos membros clandestinos do partido.

2. O pai do indivíduo, Fausto F. AMADOR, afirmou que lamenta que seu filho natural tenha se tornado um expoente muito mais franco do comunismo desde seu recente encarceramento. FONSECA afirmou durante seu interrogatório que ele e Tomás BORGE planejavam continuar suas atividades em Matagalpa e León depois de sua libertação.⁸⁸

Apesar de suas sete semanas na cadeia, Fonseca terminou o primeiro ano na Unan entre os melhores de sua classe. O boletim que recebeu, depois de seus exames de fevereiro, em 1957, continha, em muitas matérias, a pontuação máxima e em nenhuma menos de oito, em uma

⁸⁷ Carlos Fonseca Amador, Matagalpa, ao “Coronel”, 11 dez. 1956, CHM reg. 00346, caixa 3.

⁸⁸ CHM reg. 00535, caixa 1.

escala de zero a dez. No entanto, este foi seu último bom resultado. Esteve fora do país durante quase todo o ano letivo de 1957-1958, e por isso seu segundo ano na Faculdade de Direito só começou em junho de 1958. Depois dos exames finais, em fevereiro de 1959, seu boletim observava, depois de cada matéria, simplesmente: “Não se apresentou”.⁸⁹

Em 1957, o PSN enviou Carlos Fonseca à União Soviética como seu delegado ao Sexto Congresso Mundial dos Estudantes e da Juventude pela Paz e a Amizade. Cerca de 35 mil jovens assistiram ao festival em Moscou, e cerca de 700 foram à conferência posterior em Kiev, Ucrânia. No livro que Fonseca escreveu sobre sua visita, parece que tomou quase acidentalmente a decisão de comparecer. Estava sofrendo aguda “fadiga mental”, disse, em consequência do intenso ativismo estudantil, seguido por 55 dias na prisão e dois meses preparando-se intensivamente para os exames finais. Em junho de 1957, com mais de um metro e oitenta, pesava pouco mais de 60 quilos. Um médico prescreveu-lhe longas férias, e Fonseca foi para a Costa Rica para recuperar-se. Ali procurou Manolo Cuadra, que lhe falou do festival juvenil e conseguiu sua passagem para a União Soviética. É mais provável que a viagem de Fonseca tenha sido organizada da mesma maneira que a de outras delegações latino-americanas, pelo Partido Comunista. Fonseca, como membro do PSN, sendo um dirigente estudantil muito conhecido, era a pessoa indicada para ser enviada por um pequeno partido que só podia enviar uma delegação de uma única pessoa em um evento de envergadura internacional. Ele foi listado na conferência (sob o pseudônimo de Pablo Cáceres) como representante da “Jeunesse Parti Socialiste” da Nicarágua.⁹⁰ O revolucionário salvadorenho Roque Dalton, que ele

⁸⁹ TABLADA, Guillermo Rothschild. *Los guerrilleros vencen a los generales: homenaje a Carlos Fonseca Amador*. Manágua: Ediciones Distribuidora Cultural, 1983, p. 118.

⁹⁰ FONSECA AMADOR, *Un nicaragüense en Moscú*, p. 281- 283; CHM reg. 00698, caixa 1 (8). O crachá de identificação de Fonseca acabou nos arquivos da OSN.

conheceu em Moscou, disse que naquela época Fonseca era membro do Partido Comunista.

Em *Um nicaraguense em Moscou*, escrito no princípio de 1958, Fonseca apresentou uma versão jornalística acrítica de sua viagem à União Soviética e à Alemanha Oriental. Descreveu a União Soviética como o paraíso dos trabalhadores, seus planos quinquenais como totalmente cumpridos. Terríveis problemas sociais, como a prostituição, estariam totalmente abolidos, assim como o desemprego e a discriminação, que teriam sido eliminados para sempre. “A intenção de meu folheto”, explica no início, “é pôr um grão de areia nicaraguense na edificação da paz mundial (...) Desejo contribuir para a coexistência pacífica das grandes potências que têm diferentes sistemas sociais”. A única crítica do livro aos Estados Unidos era que se negava a reconhecer as intenções pacíficas da União Soviética. Fonseca elogiava a “modesta” maneira de viver dos membros da cúpula soviética e afirmava que “os jornais constituem um dos principais meios de crítica”. Insistia que, “ao contrário do que se possa pensar, os russos não gostam de ocultar os erros que cometem ou os defeitos que têm”. Fonseca passou por alto as revelações de Krushev e repetidas vezes elogiou Stalin como um grande líder. “Por toda parte vi na União Soviética monumentos a Stalin. E de Nikita [Krushev], não vi nem um único”. Fonseca alegava ter descoberto a verdade acerca do levante húngaro de 1956, citando um jovem húngaro que teria dito: “Agradecemos aos soviéticos a ajuda que nos deram para impedir que os criminosos fascistas tomassem o poder na Hungria”.⁹¹

Fonseca, ao longo de sua vida, foi escrupulosamente honesto, frequentemente reprovando os companheiros sandinistas que exageravam as qualidades ou escondiam os defeitos de seu próprio movimento. Por que então, em 1957, pintou um quadro unilateral e cor de rosa da União Soviética? Seus anfitriões indubitavelmente

⁹¹ *Ibid.*, p. 280, 310-311, 306 e 325.

organizaram viagens e entrevistas que apresentavam a sociedade soviética da melhor maneira possível, mas isso só explica parcialmente a falha de Fonseca em descobrir qualquer aspecto negativo. A explicação que melhor se adapta a seu caráter é que estava simplesmente deslumbrado com os avanços técnicos e sociais da União Soviética e pelo fato de ter chegado a ser uma enorme potência mundial em apenas quatro décadas, a partir da Revolução Russa. Ele, assim como outros milhares de estudantes e operários, especialmente os provenientes de países subdesenvolvidos, viam o socialismo que se praticava na União Soviética como o caminho para sair do atraso e da desigualdade de suas respectivas sociedades. Se não fosse por seu título, *Um nicaraguense em Moscou*, seria possível pensar facilmente que se tratava da criação de um jovem membro do partido comunista da Indonésia ou da Bolívia, ou mesmo dos Estados Unidos. Ainda que escrito no estilo próprio de Fonseca, direto e simples, o livro não tinha nada do conteúdo revolucionário de seus textos posteriores à Revolução Cubana. O que mais se aproximou deste era seu entusiasmo pelos aspectos da “cultura juvenil” do festival. “O festival reuniu em Moscou o melhor do mundo: a juventude. Penso que o que há de mais valioso no Panamá não é seu canal, mas sua juventude. O que há de mais valioso em Cuba não é sua indústria açucareira, e sim sua juventude”.⁹²

O nome de Augusto C. Sandino não aparece em *Um nicaraguense em Moscou*. Em um trecho, Fonseca conta que muitos delegados de outros países lhe davam insígnias e broches com os retratos de seus heróis nacionais e lhe pediam lembranças semelhantes, que ele não tinha para dar: “eu ficava muito triste”, escreve, “quando os demais delegados me pediam alguma lembrança. Porque minha viagem foi organizada muito rapidamente e não tive tempo de providenciar lembranças de meu país, como moedas, selos, caixas vazias de cigar-

⁹² *Ibid.*, p. 316-317.

ros etc.”⁹³ Não há indicação aqui de que a Nicarágua pudesse ter seu próprio herói nacional.

Um nicaraguense em Moscou chama a atenção por sua descontinuidade em relação a todos os textos posteriores de Fonseca.⁹⁴ Glorificava a URSS, não mencionava Sandino e aceitava sem questionar a teoria do PSN de que a Nicarágua não necessitava de uma transformação revolucionária, e sim de um longo processo de reforma no qual o movimento sindical teria o papel-chave. Fonseca fez várias conferências sobre a situação na Nicarágua durante sua viagem à União Soviética e à Alemanha Oriental. A única coisa que sobreviveu foi sua mensagem ao Quarto Congresso da Federação Mundial dos Sindicatos em Leipzig, em outubro de 1957, onde expôs algumas estatísticas relativas à pobreza e à falta de educação dos trabalhadores nicaraguenses e elogiou a força do movimento sindical entre 1944 e 1947 (quando, sob a liderança do PSN, deu apoio parcial a Somoza). Ele também não contou que seu país estava em estado de sítio havia aproximadamente um ano, enfatizando, em vez disso, o espaço disponível para a organização dos operários e a circulação do jornal pró-operários do PSN.⁹⁵

O PSN designou Rodolfo Romero para editar os “erros políticos” do livro de Fonseca. Apenas alguns anos mais velho do que Fonseca, Romero já era comunista havia quase uma década e trabalhara tanto

⁹³ *Ibid.*, p. 322.

⁹⁴ Artigos na imprensa nicaraguense, ao contrário, tratam *Un nicaragüense en Moscú* como um exemplo inicial do que consideram uma obra consistente em sua totalidade. Cf., por exemplo, ARELLANO, Jorge Eduardo, “Carlos y su amistad con Manolo”, *Ventana*, 28 nov. 1987; COLOMA, Fidel, “La prosa juvenil de Carlos Fonseca Amador”, *La Prensa Literaria*, 11 nov. 1979; CHAMORRO, Carlos F., “En torno a *Un nicaragüense en Moscú*”, *Segovia* (Manágua), 26 jul. 1985; LÓPEZ, David Gutiérrez, “Con Carlos Fonseca en la URSS”, *Nicaráuac*, 13 (nov.-dez. 1986).

⁹⁵ FONSECA AMADOR, “Mensaje de Carlos Fonseca con el seudónimo de Pablo Cáceres en el IV Congreso Sindical Mundial, RDA”, CHM reg. 07193, caixa 5.

com o PVP da Costa Rica como com o PGT da Guatemala. Fez poucas sugestões, além de recomendar a Carlos que eliminasse um trecho em que uma estudante de escola primária fazia um discurso que soava como se viesse de Lenin. Enquanto trabalhavam no livro, os dois homens tornaram-se amigos. Rodolfo contava a Carlos suas experiências de 1954 durante o golpe militar contra o presidente guatemalteco Jacobo Árbenz. Romero permaneceu na Guatemala durante um período, ainda que isso não tivesse sido solicitado pelo PSN, para participar da curta e desorganizada resistência ao golpe. Ali conheceu um jovem médico argentino que também estava buscando uma maneira de enfrentar a tomada do poder pelos militares. O médico não tinha experiência de combate, e Rodolfo ensinou-lhe a limpar e disparar armas automáticas. Romero conheceu o argentino como Ernesto Guevara, mas ele se unira ao rebelde cubano Fidel Castro e que os cubanos começaram a chamá-lo de “Che”.⁹⁶

Quando Carlos Fonseca escreveu *Um nicaraguense em Moscou*, era um membro leal do PSN. O livro foi publicado pelo partido no começo de 1958, com uma introdução do secretário-geral, Manuel Pérez Estrada. Fonseca vendeu o livro ostensivamente, em assembleias, estações de trens e praças públicas, e deu exemplares a amigos e parentes, tendo, inclusive, enviado pelo correio um exemplar a Anastasio Somoza, junto com uma carta em que perguntava sobre a devolução dos livros e a máquina fotográfica apreendidos quando de seu regresso à Nicarágua.⁹⁷

⁹⁶ Rodolfo Romero, entrevista com a autora, Granada, 24 jun. 1994; Clara Mayo, “Fue una noche de junio cuando conocí a Che”, entrevista a Rodolfo Romero”, *Juventud Rebelde* (Havana), 7 jun. 1988, 8; ANDERSON, Jon Lee. *Che Guevara, a revolutionary life*. Nova York: Grove Press, 1997, p. 394 e 396.

⁹⁷ COREA, Rafael René, “Breve imagen de Carlos Fonseca”, *El Nuevo Diario*, 7 nov. 1991; Nelly Arrieta de Vilchez, entrevista com a autora, Matagalpa, 10 jun. 1995; BLANDÓN, *Entre Sandino...*, p. 202; TORRES, Ignacio Briones, “La primera guerrilla de Carlos Fonseca (Apuntes para una biografía)”, *El Nuevo*

Não há evidências de que Fonseca divergisse da política do PSN em 1958. Um dos projetos mais importantes do partido naquele ano era apoiar a nova legislação trabalhista de Somoza, que expandia o sistema de segurança social ao mesmo tempo em que aumentava os impostos sobre o salário dos trabalhadores. Fonseca condenaria posteriormente o dirigente do PSN, Pérez Estrada, por falar no mesmo palanque com “os dirigentes sindicais pelegos e desacreditados do regime somozista” e denominaria o comportamento do PSN uma prova de sua “tendência crônica a atuar a reboque dos grupos políticos tradicionais controlados pelas classes exploradoras”.⁹⁸ Estas críticas, no entanto, seriam feitas muito depois de 1958.

Fonseca começou seu segundo ano na Faculdade de Direito da Unan em junho de 1958. Foi eleito para o Comitê Executivo do Cuun, onde trabalhou muito próximo a Fernando Gordillo, o qual, com 17 anos, já era conhecido como poeta e orador. A Unan obteve finalmente sua autonomia, em março de 1958, e já não estava vinculada ao estado somozista nem ao Partido Liberal Nacionalista. O reitor da universidade, Mariano Fiallos Gil e o jovem acadêmico Carlos Tünnerman escolheram Carlos Fonseca para pronunciar o discurso de boas-vindas aos estudantes no primeiro ano de autonomia universitária.

Carlos usou sua posição de líder da universidade para envolver os estudantes na política nacional e internacional, ajudando a organizar, em julho de 1958, os protestos que evitaram que a Unan concedesse ao irmão do presidente dos Estados Unidos, Milton Eisenhower, um título de doutor *honoris causa*. Muitas das responsabilidades de Fonseca estavam relacionadas com os assuntos estudantis mais corriqueiros. Entre as cartas assinadas por ele, que

Diario, 28 out. 1982; Carlos Fonseca Amador, [León?], ao Gen. Anastasio Somoza, Manágua, 21 mai. 1958, CHM reg. 00348, caixa 3.

⁹⁸ FONSECA AMADOR, “Acerca da lucha del FSLN: breve cronología”, 1972, CHM reg. 00244, caixa 2A.

foram parar no novo arquivo Carlos Fonseca Amador da polícia secreta, havia solicitações de locais para reuniões estudantis, um lembrete a uma companhia interurbana de ônibus sobre descontos para os estudantes e o anúncio do programa para a feira universitária anual de agosto de 1958.⁹⁹

Em outubro de 1958, a primeira greve nacional dos estudantes na história da Nicarágua reivindicava do governo a libertação de Tomás Borge e de outros estudantes encarcerados desde o assassinato de Somoza García, mais de dois anos antes. Junto com outros dirigentes universitários, Fonseca reuniu-se com o presidente Luis Somoza em Manágua, em 15 de outubro, para apresentar as reivindicações dos grevistas. O ativismo estudantil pode muito bem ter sido a razão pela qual Carlos foi de repente encarcerado no final de novembro, “por razões desconhecidas”, como ele diria mais tarde. Desta vez foi rapidamente posto em liberdade, provavelmente porque seu pai intercedeu.

A participação dos estudantes secundaristas na greve de outubro a dezembro levou a uma reunião no mês de dezembro em León para organizar uma associação nacional de estudantes secundaristas. Fonseca, que ao longo de sua vida insistiria sempre na importância de mobilizar os estudantes secundaristas da Nicarágua, desempenhou um papel crucial na organização desta reunião. Escreveu aos grupos estudantis estimulando-os a eleger delegados e convenceu o reitor da Unan a tranquilizar os diretores dos colégios de nível secundário que estavam indecisos quanto a autorizar os estudantes a participarem. Segundo o delegado de um colégio católico da vizinha Chinandega, alguns dos estudantes universitários não pareciam pensar que a autonomia se estendesse aos estudantes secundaristas. Chegado o momento de redigir o tradicional comunicado final sobre os resultados da reunião, este delegado lembrava que “um par de estudantes

⁹⁹ Pasta: “Cartas de Carlos Fonseca como Secretario de Relaciones del Cuun”, CHM reg. 00376, caixa 3.

universitários nos apresentou um texto elaborado por eles para que o aceitássemos”. A reunião quase fracassou quando os estudantes secundaristas protestaram contra este tratamento prepotente. No entanto, Carlos Fonseca interveio, “afirmando que incumbia exclusivamente à nova direção estudantil, sem interferência de ninguém, a redação do comunicado final”. O Cuun continuou o contato com os estudantes secundaristas mesmo depois que Fonseca deixou León. René Núñez, mais tarde dirigente da FSLN, descreveu como os estudantes universitários iam a seu instituto público no princípio dos anos 1960 para fazer palestras, organizar encontros e redes de apoio para as marchas e manifestações.¹⁰⁰

Fonseca continuou como membro do PSN, mas recebia pouca atenção por parte da direção, apesar de seus leais esforços para envolver os estudantes em ações de solidariedade com as lutas dos trabalhadores. Ele escreveu um editorial em *O Universitário* apoiando a greve dos estivadores no porto próximo de Corinto; falou em um comício da greve em Corinto como representante do movimento estudantil e continuou vendendo o jornal *Unidade*. O PSN esteve também envolvido em greves pelo direito à terra da vizinhança indígena de Subtiava, que envolveu mobilizações de mais de mil pessoas e que também contavam com o apoio da comunidade universitária como um todo.¹⁰¹ Como um proeminente líder estudantil e membro do PSN, é quase certo que Fonseca tenha participado destas lutas. Ele

¹⁰⁰ Carlos Fonseca Amador, León, a Mariano Fiallos Gil, León, 25 nov. 1958, CHM reg. 00376, caixa 3; COREA, “Breve imagen”, *El Nuevo Diario*, 7 nov. 1991; ARIAS, Pilar, *Nicaragua: revolución. Relatos de combatientes del frente sandinista*. México: Siglo XXI, 1980, p. 22; Ignacio Briones Torres, que escreveu numerosos artigos sobre Fonseca, também foi delegado à reunião dos secundaristas; ver CHM reg. 00376, caixa 3.

¹⁰¹ Rodolfo Romero, entrevista com a autora, Granada, 24 jun. 1994; GOULD, Jeffrey, “‘La raza rebelde’: las luchas de la comunidad indígena de Subtiava, Nicaragua (1900-1960)”. *Revista de Historia*, n. 21-22, San José da Costa Rica: jan.-dez. 1990, p. 69-115 e 104-107.

morava em León em 1958, e a praça central de Subtiava está a menos de dois quilômetros da universidade.

Mas os acontecimentos de 1958, contudo, conduziavam Fonseca a uma ruptura com o PSN. Assim como outros estudantes radicais da Nicarágua e de toda a América Latina, ele seguia com entusiasmo crescente o que estava acontecendo na ilha caribenha de Cuba.

3. A REVOLUÇÃO CUBANA, 1958-1961

Quando Fidel Castro e seu Movimento 26 de Julho derrubaram o ditador cubano Fulgencio Batista, em janeiro de 1959, as comemorações explodiram por toda a Nicarágua. Uma procissão religiosa de uma escola católica de rapazes transformou-se em manifestação de apoio aos guerrilheiros cubanos. Segundo o jornal conservador *La Prensa*, a vitória de 1º de janeiro “despertou júbilo e alegria geral em toda a República, principalmente em Manágua, onde foram disparados fogos e rojões durante todo o dia.” Os grupos juvenis do Partido Conservador, Partido Liberal Independente e Partido Social Cristão organizaram na mesma tarde uma manifestação gritando “Viva a Liberdade”, “Viva Cuba Livre” e “Viva Fidel” até que a Guarda Nacional dissolveu a manifestação. Alguns dias depois, a polícia interrompeu bruscamente outra manifestação pró-Cuba, detendo por pouco tempo, em cada ocasião, vários políticos opositores. As comemorações não se limitavam às grandes cidades. Segundo um relato jornalístico do povoado agrícola El Viejo, perto de Chinandega, “também aqui o povo se encheu de júbilo com a notícia da queda do ditador cubano. A notícia espalhou-se por todas

as casas e houve rostos sorridentes, apertos de mãos e felicitações mútuas. Em várias partes da cidade se estouraram bombinhas. Como se pode ver, o líder Fidel Castro goza da total admiração de todos aqueles que desejam a liberdade.” Em um artigo de 10 de janeiro, proveniente de um povoado muito conservador, *La Prensa* revelava mais os objetivos da burguesia opositora na Nicarágua do que qualquer dos acontecimentos em Cuba:

Desde as primeiras horas da manhã do primeiro dia do ano, quando se tomou conhecimento da queda do déspota Batista e do triunfo definitivo da redentora causa do herói Fidel Castro, portador da bandeira da justiça e da democracia, houve saudações entusiastas de alegria nesta cidade por parte dos numerosos elementos conservadores e liberais da oposição. Foi muito comentado, nos diversos círculos da cidade, como os triunfantes revolucionários, ao chegar, às cidades de Cuba, fizeram-no na maior ordem e respeito à vida e à propriedade.¹⁰²

O rápido desenrolar da guerra de guerrilhas contra o exército de Batista já tinha estimulado um incremento das atividades armadas anti-Somoza na Nicarágua. Germán Pomares, um camponês que chegou a ser chefe guerrilheiro da FSLN, descreveu essa época como um período em que “todo o mundo vivia conspirando.” Uma enorme parcela destes esforços foi levado a cabo por rebeldes da região de Matagalpa e se concentrou nas montanhas do norte. Julio Alonso, um professor de San Ramón, perto de Matagalpa, organizou uma série de ações armadas. Alonso, que tinha participado de um abortado golpe militar contra Somoza em 1954, esteve em contato com Carlos Fonseca por volta do final da década de 1950 e recebeu ajuda de Cuba em 1959. Chale Haslam, um pequeno proprietário da província de Matagalpa, de 26 anos, reuniu, nos últimos meses de 1958, o primeiro agrupamento guerrilheiro majoritariamente camponês desde os tempos de Sandino. Enrique Montoya, outro jovem proprietário de terras de Matagalpa, alistou-se depois que foi injustamente preso e

¹⁰² *La Prensa*, 3, 7, 8 e 10 jan. 1959.

viu a Guarda Nacional disparar contra dois peões de sua fazenda. O guerrilheiro José de Jesús López, apelidado “o miskito” devido a sua pele escura, foi estudante do INN pouco depois de Carlos Fonseca. Um construtor de Matagalpa, chamado Fanor Rodríguez Osório, conspirou com antigos membros da Guarda Nacional e foi ferido junto a Fonseca em El Chaparral.¹⁰³

Embora Matagalpa fosse o caldeirão da rebelião, toda a zona do Pacífico presenciou ações armadas contra a ditadura dos Somoza durante 1958 e 1959. A maioria delas era similar às tentativas de golpe que haviam ocorrido esporadicamente desde 1940 e muito diferentes do movimento armado que Fonseca encabeçaria nos anos 1960 e 1970. Todas elas se assemelhavam a golpes militares em que os desiludidos membros da Guarda Nacional e antigos membros da Força Aérea desempenhavam papéis importantes. Até o levante ao qual Fonseca aderiu em 1959 era comandado por um ex-oficial da Guarda Nacional. Ademais, todas estas ações estavam imbricadas no embate dos dois partidos tradicionais da oligarquia nicaraguense: cada tendência do Partido Conservador e dos liberais antissomozistas articulava suas próprias miniconspirações, conduzidas por seus políticos mais proeminentes, com seus aliados militares próprios e o apoio de comitês de exilados no México, na Venezuela ou nos Estados Unidos. Outra característica destas rebeliões, especialmente daquelas vinculadas ao Partido Conservador, era que usualmente se rendiam sem participar de nenhum combate real. Finalmente, mesmo que tivessem algum programa político, estes movimentos armados procuravam apenas tirar Somoza do poder e substituí-lo por seus próprios líderes.

¹⁰³ LÓPEZ, Víctor Tirado, “La historia dió la razón a Carlos Fonseca”, in: *Habla la vanguardia*, Manágua, 1982, p. 92; BLANDÓN, *Entre Sandino...*, p. 158, 169 e 61. Em uma entrevista de 1970, Fonseca disse: “Esta luta vem se desenvolvendo ano após ano em função da Revolução Cubana. E, quando em Cuba ainda se lutava na *Sierra*, essa batalha já repercutia na Nicarágua”. Cf. FONSECA AMADOR, “Retornar a las montañas”, *Verde Olivo* (Havana), 46 (15 nov. 1970), 54.

A campanha guerrilheira organizada pelo general sandinista veterano Ramón Raudales foi uma exceção parcial. Raudales combaterá junto a Sandino na guerra de 1927 a 1933 e buscou ressuscitar a campanha de Sandino em 1948.¹⁰⁴ Inspirado pelos eventos em Cuba, o velho Raudales, já então com 68 anos em 1958, recrutou um grupo de 25 jovens lutadores que se autodenominavam Exército Revolucionário da Nicarágua e se comprometeram a lutar até a morte proferindo um juramento semelhante ao dos soldados de Sandino. O programa de Raudales, embora convocando apenas um governo liberal-conservador de conciliação nacional, defendia reivindicações democráticas fundamentais, como a reforma agrária, a nacionalização das minas em mãos de estrangeiros e a expropriação da fortuna dos Somoza e de seus comparsas. Raudales foi morto em combate em meados de outubro de 1958 nas montanhas ao norte de Matagalpa, e seu pequeno exército foi desbaratado.

Em meio a este aumento de complôs e levantes contra Somoza, dezenas de nicaraguenses rumaram para Havana nos primeiros meses da Revolução Cubana. Entre eles estava Carlos Fonseca; é bem possível que estivesse lá durante os exames de fevereiro de 1959 em León, que não prestou. Os entusiastas que chegavam a Havana incluíam não apenas estudantes radicais e membros de todas as tendências de oposição – conservadores, liberais independentes, socialistas e social-cristãos –, mas, também, impostores, oportunistas e simplesmente curiosos. Um nicaraguense chamado Ignacio Pastora, autodeclarado general do Exército Rebelde, chegou com um espanhol que se apresentou como comandante da Força Aérea Revolucionária e um francês que disse ser o chefe da Marinha; os três viveram à larga no hotel Habana Riviera vendendo “títulos” de apoio à futura revolução nicaraguense, até que os cubanos prenderam-nos. Chester Lacayo,

¹⁰⁴ Quero agradecer a Michael Schroeder por chamar minha atenção para os documentos sobre o levante guerrilheiro de Raudales, de 1948.

comandante de outro exército fantasma, alistou milhares de cubanos para combater Somoza – coletando cinco dólares de cada um – e depois desertou para os Estados Unidos, onde acusou Fidel Castro de tentar exportar a revolução para a América Central.¹⁰⁵

Carlos Fonseca não era ainda suficientemente destacado na oposição nicaraguense para ser incluído em algum dos grupos que se reuniram com os líderes cubanos revolucionários, Fidel Castro e Che Guevara. Pelo menos dois grupos chegaram a solicitar ajuda para organizar um levante armado contra a ditadura de Somoza: uma delegação de jovens conservadores, encabeçada por Pedro Joaquín Chamorro e organizada dentro de um Diretório Revolucionário, e um, mais radical, Comitê Revolucionário. De acordo com um dos líderes do Diretório, Adán Selva Ramírez, os moderados receberam uma resposta fria. Selva parafraseou a resposta de Guevara à sua solicitação da seguinte maneira: “Vejam vocês. Penso o mesmo que Fidel. Parece-me que vocês não são capazes de fazer uma revolução na Nicarágua. Inclusive, prefiro dar esse apoio a outros grupos de tendência progressista. No entanto, se vocês estão decididos a fazer seu movimento, pois façam-no e quando já estiverem em território nicaraguense e tiverem liberado uma faixa dele, seríamos uns canalhas se não os apoiássemos”.¹⁰⁶ Segundo Selva, os jovens conservadores reuniram-se então com o embaixador dos Estados Unidos na Costa Rica, o qual lhes prometeu seu apoio desde que a expedição derrubasse Somoza sem derramamento de sangue e sem convocar uma greve geral. O grupo Chamorro-Selva foi-se, para organizar a mal planejada e frustrada operação de Olama y Mollejones, que entrou na Nicarágua a partir da Costa Rica, no final de maio de 1959, tendo sido rapidamente esmagada.

¹⁰⁵ BLANDÓN, *op. cit.*, p. 69, 79, 101, 203, 102. Infelizmente para Lacayo, o avião em que viajava teve que fazer uma aterrissagem de emergência em Havana, onde foi preso, julgado e executado.

¹⁰⁶ *Ibid.*, 86.

O grupo que recebeu apoio cubano surgiu do Comitê para a Libertação da Nicarágua, o qual, em fevereiro de 1959, publicou uma convocação às armas conhecida como “Carta de Havana”.¹⁰⁷ Composto por nicaraguenses e cubanos que os apoiavam, este grupo conseguiu articular membros do PSN e do PLI, estudantes radicais e delegados de um grupo no exílio, radicado na Venezuela. Che Guevara ajudou a organizar a operação militar e escolheu seu comandante, Rafael Somarriba, um ex-membro da Guarda Nacional da Nicarágua, que estivera exilado nos Estados Unidos por cerca de 12 anos. Guevara também designou para a expedição vários veteranos da recente guerra revolucionária cubana. Alguns sobreviventes da guerrilha de Ramón Raudales se uniram ao grupo, inclusive o amigo de infância de Carlos Fonseca em Matagalpa, Manuel Baldizón, de 22 anos de idade.

Guevara conhecia pouco a oposição nicaraguense, mas via Augusto C. Sandino como um herói e odiava a ditadura de Somoza por sua relação com o imperialismo dos Estados Unidos. Em março de 1959, convidou Rodolfo Romero, seu amigo da resistência de curta duração na Guatemala de 1954, para vir a Havana e aconselhá-lo sobre o panorama da revolução na Nicarágua. Segundo Romero, ele disse ao Che que o PSN estava “prostrado”, e que o único caminho a seguir pela Nicarágua era “o caminho de Cuba”, diante do que Guevara enviou-o ao campo de treinamento de Somarriba. Romero entendeu que o próprio Guevara planejava unir-se à operação guerrilheira quando regressasse de uma viagem à Indonésia.¹⁰⁸

¹⁰⁷ María Luisa Lafita, entrevista com Eloisa Linger, Havana, jun. 1991. Quero agradecer Linger por compartilhar comigo suas gravações.

¹⁰⁸ ANDERSON, *Che Guevara...*, p. 396-397; Rodolfo Romero, entrevista com a autora, Granada, 24 jun. 1994. A descrição que Romero fez para mim de sua conversa em 1959 com Che é consistente com o que disse em entrevista a Jon Anderson. Não obstante, acho que Romero estava equivocado ao recordar que possuía, já no início de 1959, opiniões sólidas quanto aos juízos políticos sobre o PSN, que ele (junto com Fonseca) só elaborariam realmente no final de 1959 e mesmo no princípio de 1960.

Na época em que seu amigo Rodolfo envolveu-se na expedição de Somarriba, Fonseca saiu de Cuba só para ser preso em Maná-gua, no dia 8 de abril, e deportado por helicóptero para a Cidade da Guatemala. Ali entrou em contato com grupos de estudantes guatemaltecos e exilados nicaraguenses, inclusive Fanor Rodríguez, um membro do Comitê para a Libertação da Nicarágua apoiado por Cuba. Fonseca disse a seus parentes que planejava ingressar na Faculdade de Direito na Guatemala e continuar seus estudos; mas, em vez disso, foi para Honduras e começou a treinar para unir-se à expedição contra Somoza. Em maio, o grupo de Somarriba, agora batizado de “Brigada 21 de Setembro Rigoberto López Pérez”, tinha 55 membros em uma chácara ao sul de Honduras e outros 27 homens em treinamento. Só os cubanos e aqueles que tinham combatido com Raudales possuíam alguma experiência militar. A expedição era um segredo conhecido por todos na capital de Honduras, e o embaixador nicaraguense naquele país enviou informes regulares a Somoza sobre sua atividade. Em 29 de maio disse o presidente Luis Somoza: “na Costa Rica está sendo preparada uma invasão por gente com a qual é possível conversar. Mas, em Honduras, outra, de estilo comunista, está se gestando, e esta terá que ser esmagada.”¹⁰⁹

Carlos Fonseca tinha problemas para ser aceito na Brigada Rigoberto López Pérez. O relato mais completo de sua participação está em um longo artigo de quatro partes escrito por Ignacio Briones Torres, baseado em entrevistas de sobreviventes em Havana, em 1960.¹¹⁰ Segundo este relato, Somarriba crivou Fonseca de perguntas sobre sua preparação e motivação. Quando o rapaz queixou-se de que outros voluntários não estavam sendo submetidos ao mesmo interrogatório, Somarriba “explicou-lhe que seu aspecto físico gerava preocupação. Que os dias por vir, a luta, seus riscos, as intempéries,

¹⁰⁹ BLANDÓN, *op. cit.*, p. 109, 65, 107, 108.

¹¹⁰ TORRES, Ignacio Briones, “A primeira guerrilha de Carlos Fonseca”, *El Nuevo Diario*, 28 out. 1982, 7-9 nov. 1982.

tudo seria muito difícil e exigiria grandes sacrifícios (...) Foi convidado a voltar a Tegucigalpa para cumprir sua tarefa revolucionária em outra trincheira. A atividade de formação de quadros, por exemplo”.

“É verdade que sou estudante, – respondeu Fonseca – mas um estudante revolucionário. Sei que posso aguentar. Deixem-me prová-lo.” Somarriba, enormemente preocupado com a visão obviamente ruim do novo recruta, instou-o várias vezes mais a voltar, sugerindo que estaria melhor na guerra urbana porque “a montanha é um inimigo feroz.”

“Quero combater”, respondeu-lhe Carlos. “Não esqueça que ninguém me trouxe, nem ninguém me enviou.” Somarriba finalmente aceitou Fonseca, designando-o para a coluna da retaguarda, comandada pelo cubano Onelio Hernández. De acordo com seu diário, Hernández pensava que “o rapaz poderia vir a ser um problema” devido a sua debilidade física, mas o comandante estava impressionado positivamente pela familiaridade de Fonseca com as armas de fogo. “Parecia que o jovem estudante já tinha dedicado antes um bom tempo a praticar tiro, pois demonstrara ‘desenvoltura e precisão’, apesar da miopia”. No segundo dia, Fonseca teve que procurar o médico da expedição porque “tinha o rosto incrivelmente inflamado, profundas olheiras sob os olhos, no meio da inflamação. Os mosquitos tinham praticamente destruído seu rosto.”

A coluna marchou todo aquele dia e o seguinte (aniversário de 23 anos de Carlos) só para ser emboscada por tropas do exército de Honduras e da Guarda Nacional da Nicarágua em El Chaparral, Honduras, em 24 de junho de 1959. Seis dos rebeldes morreram no tiroteio, inclusive o comandante cubano Hernández e o amigo de Fonseca, Manuel Baldizón; outros três guerrilheiros foram feridos e executados por seus captores. Outros 15 combatentes feridos, inclusive Carlos Fonseca, foram capturados e levados pelo Exército hondurenho para um hospital-prisão em Tegucigalpa. Fonseca, que fora baleado no pulmão esquerdo, escreveu em sua cama de hospital, três semanas

depois: “No primeiro dia lancei pela boca uma enorme quantidade de sangue e, de tarde no mesmo dia, tinha um aspecto tal que, segundo me contam agora, meus companheiros não acreditavam que eu sobreviveria, e até discutiu-se quem morreria antes, eu ou outro (...) O outro companheiro perdeu a discussão, porque faleceu”. Somarriba, o comandante da expedição, ileso e protegido por seu passaporte dos Estados Unidos, rapidamente saiu do país.

“Não foi uma batalha, e sim o *mais odioso dos massacres*”, escreveu Fonseca na mesma carta. Um as palavras rabiscadas na parte superior da carta manuscrita davam sua explicação sobre o massacre: “Rafael Somarriba, traidor responsável pela morte e o desastre.” Fonseca não pensava que Somarriba fosse realmente um agente de Somoza, mas que era inadequado para a tarefa: “Talvez Rafael seja um homem honrado. *Mas isso não basta para ser um líder em nossos tempos*”. Ele continua escrevendo que sua primeira experiência guerrilheira tinha lhe proporcionado “ensinamentos que não é possível aprender nem em mil volumes, nem com cem professores”.¹¹¹

A principal lição que Fonseca aprendeu em El Chaparral dizia respeito à liderança necessária para uma revolução vitoriosa. No contexto da recente vitória em Cuba, esta foi a linha de análise que o levou a estudar Sandino e que também o levou à ruptura com o PSN. Menos de um ano depois de El Chaparral, ele desenvolveu este tema claramente em uma longa carta a seu amigo e mentor, o professor Edelberto Torres, velho inimigo de Somoza e membro do Comitê para a Libertação da Nicarágua. “Sempre que se trava uma luta – escrevia Fonseca – existem elementos com os graves defeitos de Rafael Somarriba, mas estes não causam muitos problemas quando há também outros dirigentes com qualidades claramente superiores”. O “atraso” do movimento na Nicarágua, segundo Fonseca, significava

¹¹¹ Carlos Fonseca Amador, Tegucigalpa, a “Recordada Estelita” [Estela Escobar], Guatemala, 15 jul. 1959, CHM reg. 19.086, caixa 3 – grifos no original.

que “nosso povo não produzira ainda seus dirigentes naturais, (...) dirigentes indiscutíveis”.¹¹²

“Nós, jovens, somos os que temos a obrigação de levar adiante a luta”, acrescentava. Mas observava que a ignorância dos jovens acerca de sua própria história os impedia de cumprir suas responsabilidades revolucionárias. Contava que tivera que ir à Costa Rica para aprender sua própria história, referindo-se aos escritos virtualmente desconhecidos de intelectuais nicaraguenses do século 19 e 20; mas não menciona Sandino nesta carta.

El Chaparral pode também ter sido a gota d'água na deteriorada relação de Fonseca com o PSN. Embora ainda fosse membro do partido, em 1958, assumiu responsabilidades cada vez maiores no movimento estudantil, independentemente do PSN. Veio então a vitória da Revolução Cubana encabeçada por um movimento organizado fora das estruturas do Partido Comunista cubano. Os comunistas nicaraguenses eram parte do comitê de apoio à Brigada Rigoberto López Pérez, mas não encorajaram Fonseca a unir-se à expedição, e ele, por sua vez, nunca pediu permissão. Fonseca disse mais tarde que o PSN tomou El Chaparral como confirmação de seu ponto de vista pessimista sobre a revolução: “depois da derrota, o grupo do partido socialista, seus elementos predominantes, renunciaram totalmente, absolutamente, à luta armada”. Os dirigentes do partido entraram na operação com a ilusão de que a vitória revolucionária seria rápida e fácil, segundo Fonseca. Na sequência decidiram que seria “sumamente difícil, sumamente improvável, em última instância, impossível”.¹¹³ El Chaparral também representou uma virada decisiva para Carlos Fonseca, mas na direção oposta.

Rodolfo Romero, ainda membro do PSN quando participou da Brigada Rigoberto López Pérez, disse o seguinte: “depois dos aconte-

¹¹² Carlos Fonseca Amador, San José, ao Prof. Edelberto Torres, México D. F., 8 jun. 1960, Arquivo do IHN.

¹¹³ FONSECA AMADOR, “Notas y experiencias [1975]”.

cimentos de El Chaparral, o partido nos expulsou, Carlos e eu. Houve uma reunião formal do Comitê Central e nos expulsaram porque não estavam de acordo com nossa atitude ‘guerrilheirista’, como disseram”.¹¹⁴

Quer Carlos Fonseca tenha sido formalmente expulso do PSN ou apenas o deixado de lado devido às diferenças políticas, o fato é que a ruptura representou uma importante guinada em seu próprio pensamento político. O PSN fora a maior influência em sua vida durante muitos anos. Quando escreveu *Um nicaraguense em Moscou*, Fonseca concordava com as perspectivas políticas do PSN, compartilhadas com outros partidos comunistas de toda a América Latina. Ele via como tarefa internacional dos comunistas nicaraguenses a defesa dos interesses diplomáticos dos Estados socialistas existentes, primeiramente a União Soviética; e, como tarefa doméstica, organizar-se dentro do sistema capitalista existente em torno de reivindicações econômicas e de reformas democráticas. A revolução social não estava no horizonte em países como a Nicarágua e não era provável que estivesse ainda por algum tempo. A vitória da Revolução Cubana convenceu Carlos Fonseca de que a revolução era possível e que era necessária uma nova organização para conduzi-la. A FSLN e o PSN desenvolveriam linhas filosóficas diferentes, concorrendo uma com a outra ao longo dos anos 1960 e 1970 – os comunistas condenando os sandinistas como “aventureiros” e “suicidas” até as vésperas da insurreição de 1979.

Rigoberto Palma, o membro do Comitê Central do PSN encarregado do trabalho do partido na Brigada Rigoberto López Pérez, foi entrevistado brevemente antes de sua morte, no início dos anos 1980. Segundo ele, embora Carlos fosse membro do PSN, “o jovem negou-se” a obedecer à ordem do partido de regressar a Manágua, “pois decidira seguir seu próprio caminho”. Nas palavras de Palma, “[eu] vim para Manágua e ele voltou a Cuba”.¹¹⁵

¹¹⁴ Rodolfo Romero, entrevista com a autora, Granada, 24 jun. 1994.

¹¹⁵ BLANDÓN, *op. cit.*, p. 204.

Antes que Fonseca saísse de Honduras, esteve várias semanas no hospital San Felipe de Tegucigalpa, onde sua mãe e seu pai, separadamente, visitaram-no. Simón Delgado, um proeminente opositor nicaraguense e tio de Silvio Mayorga, foi a Tegucigalpa para transportar para Havana os prisioneiros de El Chaparral. Entrevistado no início dos anos 1980, Delgado disse que Fonseca estava ainda em tão mal estado que o capitão da Pan American Airlines a princípio se negou a permitir que ele e outro guerrilheiro ferido subissem no avião. Durante o voo Fonseca permaneceu em uma maca “vomitando sangue, expelindo sangue pelas feridas, em um estado de extremidade grave”.¹¹⁶

No período em que Fonseca saiu de Honduras, houve um evento em León que foi resultado direto de El Chaparral e que viria a alterar a história do movimento estudantil nicaraguense. Em 23 de julho de 1959, a Guarda Nacional atacou manifestantes desarmados, matando quatro deles e dois espectadores, além de ferir cerca de cem pessoas. A partir de então os estudantes radicalizados, aproximadamente da idade de Fonseca, seriam denominados a “Geração de 1959” ou a “Geração do 23 de Julho”, e seriam nitidamente diferenciados da “Geração de 1944”, formada por estudantes conservadores e dissidentes do liberalismo.

Tudo tivera início com as reportagens vindas de Honduras depois de El Chaparral, que indicavam que Carlos Fonseca era um dos vários estudantes nicaraguenses dados por mortos, o que provocou manifestações de protesto na Unan no final de junho. Em meados de julho, soube-se que Fonseca estava em um hospital militar de Tegucigalpa, e o Cuun convocou uma passeata para o dia 23 de julho, com o objetivo de reivindicar o respeito a sua vida e protestar pela matança em El Chaparral. Tanto as autoridades administrativas da

¹¹⁶ DELGADO, Simón, “Versão de uma testemunha do combate de ‘El Chaparral’”, *El Nuevo Diario*, 9 nov. 1980; *id.*, “Carlos, um humanista”, *El Nuevo Diario*, 28 nov. 1982.

universidade quanto a jurisdição local da Guarda Nacional concederam permissão para a passeata.

A marcha de 23 de julho cresceu de várias centenas a cerca de 3 mil manifestantes. “Já não caminhavam apenas universitários,” escreveu o dirigente da manifestação, Fernando Gordillo; “secundaristas e comerciários juntaram-se a nós”. E, mesmo quando a Guarda Nacional tentou interromper a marcha, os estudantes sentiam-se seguros e estavam em um clima quase festivo, de acordo com Gordillo:

Além dos discursos, ouviam-se vivas e gritos de toda espécie; e, por último, os companheiros, para demonstrar sua decisão de não retroceder, sentaram-se na rua. Apesar da dificuldade de estar confrontando a Guarda e seus capacetes de aço, apesar das ameaças (às quais na realidade não dávamos muito crédito), um ar de contentamento, semelhante à satisfação de um esportista que se esforça até o limite em uma competição difícil, reinava entre todos nós, os que estavam sentados na rua e os que continuávamos discutindo o que fazer.¹¹⁷

Justamente quando um dirigente estudantil propunha regressar ao Centro Universitário, a Guarda Nacional atacou, primeiro lançando gás lacrimogêneo e depois disparando seus rifles sobre a multidão de estudantes em fuga. Quatro estudantes, entre 17 e 21 anos, foram massacrados, todos de famílias modestas. Doze mil pessoas – praticamente toda a cidade de León – compareceram ao enterro no dia seguinte. A universidade não reabriu até 31 de agosto, momento em que estudantes e professores realizaram uma vitoriosa campanha para expulsar a Guarda Nacional do campus universitário. Meses mais tarde, realizou-se em León o Primeiro Congresso Nacional de Estudantes Universitários. Carlos Fonseca não compareceu, embora durante décadas persistiram os rumores de que estivera ali, disfarçado. Teria concordado com as resoluções adotadas, as quais incluíam o repúdio ao Tratado Bryan-Chamorro pró-EUA, bem como “a con-

¹¹⁷ GORDILLO, Fernando. *Obra*. Manágua: Editorial Nueva Nicaragua, 1989, p. 297 e 295.

denação da atitude entreguista dos dois partidos históricos e o apoio aos organismos estudantis da América Latina em sua preocupação com a solução dos problemas operários”.¹¹⁸

Ainda que todos os setores da oposição tivessem protestado contra o massacre de 23 de julho, havia diferentes visões sobre a relação da universidade com a mudança política e social e, especialmente, sobre o papel dos radicais no movimento estudantil. Os dois enfoques aparecem nos relatos das testemunhas presentes, publicados respectivamente pelo amigo de Fonseca, Fernando Gordillo, e, em tom mais moderado, pelo correspondente de *La Prensa* Rolando Avendaña Sandino. Avendaña condenava a Guarda Nacional pelo assassinato de manifestantes desarmados, mas era também extremamente crítico em relação aos dirigentes estudantis, que acusava de “demagogos”, dizendo que muitos “chegam com a pauta política recebida de velhos políticos, que os dirigem por controle remoto”. Ele achava que a Guarda tinha sido provocada por estes dirigentes de organizações estudantis, que não nomeou, “alguns dos quais até gostam de ser chamados de comunistas”.¹¹⁹

Carlos Fonseca estava se recuperando em Cuba durante os meses seguintes à marcha de 23 de julho em León. Ele e outros nicaragueneses feridos haviam sido levados ao hospital Calixto García quando chegaram a Havana. No hospital, Fonseca conheceu o comunista cubano Pedro Monet, que junto com sua esposa, Rosa García, deu-lhe apoio e amizade fundamentais durante sua estada. Monet via Fonseca e seu companheiro de quarto, Fanor Rodríguez, em um cômodo bem pequeno, sem visitas: “No [quarto] de Carlos tudo era precário; até a roupa que lhe tinham dado ficava verdadeiramente ridícula. Muito pequena para sua altura, as calças mal lhe chegavam

¹¹⁸ AVENDAÑA, “Massacre estudantil”, p. 90; RAMÍREZ, “A geração de 23 de Julho”, p. 106, in: TRAÑA, Marcia et al. *Historia del movimiento estudiantil universitario* (1944-1979). MS, Manágua, 1985.

¹¹⁹ AVENDAÑA, in: TRAÑA, *op. cit.*, p. 47-49.

um pouco abaixo dos joelhos”. Quando Carlos ficou suficientemente bem para abandonar o hospital, deram-lhe um lugar para morar em Miramar, um bairro de classe média. Perguntou a Pedro e a Rosa se podia receber correspondência e fazer reuniões na casa deles, ao que lhe responderam: “Rapaz, parece que não entendeu que esta é tua casa. Você pode fazer o que bem entender aqui”. Entrevistado pouco antes de sua morte, em meados dos anos 1980, Monet disse que no quarto em sua casa “havia uma mesinha; quatro caixas de cerveja como assentos (...) E ali começaram a reunir-se”. Carlos e Silvio Mayorga chegavam primeiro, cada domingo, para reunirem-se com Tomás Borge, Noel Guerrero e outros.¹²⁰

Foi durante este período em Cuba que Carlos começou a estudar seriamente Sandino. É provável que o único livro que tenha lido sobre Sandino antes do final de 1959 – o único disponível na Nicarágua – tenha sido *O verdadeiro Sandino, ou o calvário das Segovias*¹²¹, supostamente escrito por Somoza García. O tema do livro de Somoza era, não surpreendentemente, que “o calvário das Segovias” era um bandido, assassino terrorista e comunista; mas o volume incluía também reproduções de muitas das cartas de Sandino e de seus comunicados de guerra. Ele pode ter lido este livro em algum momento de 1958, quando já estava acompanhando avidamente o progresso da guerrilha nas montanhas da Sierra Maestra, em Cuba.

Fonseca foi de Cuba para a Costa Rica no final de 1959 ou princípio de 1960, onde seu interesse por Sandino sem dúvida continuou. Em uma carta de 1960 a seu pai, Fonseca dizia-lhe que tinha descoberto na Costa Rica informações sobre a história de seu próprio país de que jamais dispusera, ainda que não mencionasse Sandino. Teve

¹²⁰ BRIONES, “La primera guerrilla de Carlos Fonseca”, *El Nuevo Diario*, 9 nov. 1982; QUESADA, Emilio Suri. *Y nadie se cansa de pelar*. Manágua: Editorial Vanguardia, 1987, p. 179.

¹²¹ SOMOZA GARCÍA, Anastasio. *El verdadero Sandino, o, el calvario de las Segovias*. 2a ed., Manágua: Editorial San José, 1976.

que agradecer à Revolução Cubana pela biografia de Sandino que lhe foi muito útil, –*Sandino: general de homens livres*. Os dois volumes de Gregorio Sélser tinham sido publicados primeiro em Buenos Aires, em 1957, e depois reimpressos em Havana, em 1960, como primeiro projeto da nova editora criada pelo governo revolucionário cubano. É improvável que Fonseca tenha tido acesso à primeira edição argentina.

Os estudiosos da FSLN dedicaram considerável atenção à análise da filosofia sandinista da organização.¹²² O ensaio pioneiro de Steven Palmer, de 1988, que expõe as implicações da ideia de Fonseca de que Sandino representava um “caminho”, admite o impacto da Revolução Cubana e reconhece o conflito fundamental entre o marxismo revolucionário de Fonseca e a política do PSN. Mas compartilha com outros acadêmicos o erro de datar a identificação de Fonseca com Sandino em 1955 ou 1956, citando o diário poético da prisão de Tomás Borge, *Carlos, o amanhecer deixou de ser uma tentação*. Neste assunto e em outros, os estudiosos da Nicarágua deixaram-se levar pela versão dada pela direção da FSLN, posteriormente à revolução, ao aceitar Tomás Borge como a fonte mais autorizada sobre Carlos Fonseca e a história inicial da FSLN; e, talvez sem perceber, estenderam ao poeta Borge uma licença poética de considerável envergadura. Isso levou, ao mesmo tempo, a interpretações profundamente equivocadas das ideias de Fonseca, mesmo em estudos em grande medida meticolosos e bem documentados, como a de que ele teria sido um discípulo do marxista peruano José Carlos Mariátegui e que pensava que os estudantes membros da FSLN eram “movidos mais por vergonha do

¹²² Para outras interpretações, cf. PALMER, Steven, “Carlos Fonseca and the construction of sandinismo in Nicaragua”, *Latin American Research Review*, n. 23, 1988, p. 91-109; WRIGHT, Bruce E., *Theory in the practice of Nicaraguan Revolution*. Athens: Ohio University Center for International Studies, 1995, p. 55-66; HODGES, Donald. *Intellectual foundations of the Nicaraguan Revolution*. Austin: University of Texas Press, 1986; TRONCOSO, *Las raíces históricas...*

que por consciência”.¹²³ Em defesa de Borge, deve-se dizer que sua descrição de Carlos Fonseca como um comprometido sandinista, já em meados dos anos 1950 foi escrita quando o autor estava na prisão, isolado e confinado em um calabouço, submetido à tortura de permanecer encapuzado por longos períodos, sem livros, notas, calendários ou oportunidades para comparar sua própria memória à de outros.

Se Carlos Fonseca, no começo de 1956, já estivesse bem informado sobre Sandino, se já o visse como o “caminho” a ser seguido, seguramente isso teria encontrado expressão em seus escritos e atividades políticas. Onde encontrou os livros sobre Sandino e onde os escondeu? A biblioteca completa de 80 livros e panfletos confiscada a Fonseca pela Guarda Nacional, em setembro de 1956, não continha uma só palavra sobre Sandino. E por que Carlos permaneceria dois ou três anos mais em um partido que desprezava seu herói? Não há menção a Sandino em nenhum dos textos, cartas ou discursos de Fonseca até princípios de 1960, sendo que, depois, não há exemplo de um texto político seu em que Sandino deixe de aparecer.

Aqui está implícito algo mais do que meros detalhes de cronologia. A pergunta de como, quando e por que Fonseca começou a estudar Sandino é crucial para a compreensão do desenvolvimento de sua ideologia política, a relação entre marxismo e libertação nacional no caso nicaraguense e o impacto da Revolução Cubana sobre o pensamento revolucionário nicaraguense. Projetar o sandinismo de Fonseca até 1955 é mistificá-lo, transformá-lo em um artigo de fé, separá-lo da própria experiência e do comportamento de Carlos.

¹²³ BORGE, Tomás. *Carlos, the dawn is no longer beyond our reach*. Vancouver: New Star Books, 1984, p. 20-22; VANDEN, Harry E. e PREVOST, Gary. *Democracy and socialism in Sandinista Nicaragua*. Boulder: L. Rienner, 1993, p. 35; GILBERT, Dennis. *Sandinistas*. Nova York e Oxford: Basil Blackwell, 1988, p. 5. No 20º aniversário da morte de Fonseca, o jornal da FSLN *Barricada*, editado por Tomás Borge, publicou um número especial que tinha mais a ver com o próprio Borge do que com Carlos Fonseca.

Uma das vantagens de analisar a ideologia e a estratégia da FSLN por meio de uma biografia de seu principal líder é que exige um marco histórico. As ideias de Carlos Fonseca mudaram e se desenvolveram ao longo do tempo, sob a influência de sua experiência pessoal e familiar, da observação da realidade de Matagalpa e, posteriormente, do resto da Nicarágua, das posições das organizações a que pertenceu, de seu estudo da história, das discussões e debates com seus contemporâneos e dos grandes eventos nacionais e mundiais. Ele passou por um processo de experimentação, buscando o Partido Comunista por um tempo, antes de repudiar seu enfoque como demasiado conservador, por exemplo. Este processo dinâmico fica menos nítido quando a ideologia da maturidade de Fonseca é projetada para sua adolescência.

O período de 1958 a 1960 representou um momento decisivo muito importante nas ideias políticas de Fonseca. No começo de 1958 ainda elogiava Stalin, e, em 1960, já apontava o exemplo de Sandino e lia o livro do Che Guevara, *Guerra de guerrilhas, um método*. Em menos de dois anos, Fonseca transforma-se de ativista universitário que lia livros marxistas a praticante da guerra revolucionária. O ímpeto para esta mudança crucial foi a Revolução Cubana, começando com a guerra de guerrilhas de 1958. A vitória do Movimento 26 de Julho, mais do que qualquer coisa, convenceu-o de que em seu próprio país era possível algo mais radical do que a perspectiva de frentes eleitorais e da organização dos trabalhadores do PSN. Sua convicção de que uma revolução socialista também era possível na Nicarágua levou-o a estudar a história de sua nação – algo que já constituía um interesse pessoal – e o levou a observar com mais cuidado a figura de Sandino.

Na Havana de 1959, Fonseca descobriu que os dirigentes da Revolução Cubana conheciam Augusto César Sandino e o levavam a sério. No final dos anos 1940, Fidel Castro se unira ao desafortunado Batalhão Sandino com o objetivo de derrubar o ditador

dominicano Rafael Trujillo. Castro e o Che Guevara estudaram as experiências da guerra de guerrilhas de Sandino com o estrategista espanhol Alberto Bayo, no México, em 1956. Quando os expedicionários de El Chaparral foram de Cuba para a América Central, na primavera de 1959, diz-se que Guevara os despachou com estas palavras: “amo a terra de Sandino e também quero combater lá”.¹²⁴ Blanca Sandino Aráuz, a única filha de Sandino, viveu em Havana desde 1960 até 1979, como hóspede de honra do governo cubano.

A Revolução Cubana tinha um herói nacional e símbolo anti-imperialista em José Martí, que morreu combatendo o colonialismo espanhol em 1895, ano do nascimento de Sandino. Martí teve, no mínimo, o mesmo papel na ideologia do Movimento 26 de Julho que o que Sandino viria a representar na da FSLN. Um manifesto editado por Fonseca e publicado como um cartaz em julho de 1960 engrandecia e citava ao mesmo tempo Martí e Sandino; esta foi a primeira declaração pública de apoio a Sandino na Nicarágua pelo grupo que cercava Fonseca. Nos anos posteriores a 1953, e especialmente depois de 1959, os dirigentes cubanos ressuscitaram Martí como um revolucionário anti-imperialista, deslocando a imagem de poeta, professor e “apóstolo” espiritual que prevalecera durante a primeira metade do século. Carlos Fonseca acompanhou a propagação da imagem revolucionária de Martí e a publicação de seus textos políticos durante as décadas seguintes, à medida que prosseguia seu próprio estudo de Sandino. Em um discurso de 1974, em Havana, disse que os povos cubano e nicaraguense estavam unidos por “laços históricos indestrutíveis. O pensamento e a ação de José Martí e de Augusto César Sandino nos indicam um caminho de luta comum”. Uma carta de Fonseca à revista cubana *Bohemia*, em meados dos anos 1970, elogiava um artigo sobre Sandino por esboçar um paralelo com José Martí, enquanto indicava vários pontos

¹²⁴ HODGES, *Intellectual foundations...*, p. 167-172.

em que o autor cometera erros de interpretação de fatos relativos aos escritos de ambos, Sandino e Martí.¹²⁵

No final de 1959 e princípio de 1960, oito ou dez estudantes nicaraguenses, que tinham começado trabalhando juntos em Matagalpa ou em León, começaram a se reunir regularmente em Havana para discutir a situação de seu país. De fato, o centro de operações da ala mais radical do movimento estudantil nicaraguense transferira-se temporariamente de León para Havana. Em junho de 1960, um jornal desta capital publicou uma declaração de estudantes nicaraguenses condenando a expulsão de diplomatas cubanos da Nicarágua. Quem assinava, pelo centro estudantil de León (Cuun) eram Tomás Borge (“delegado em Cuba”) e Carlos Fonseca (“delegado na Costa Rica”). Os estudantes revolucionários e ex-estudantes Silvio Mayorga, Rodolfo Romero e Noel Guerrero assinavam em nome de um grupo de nicaraguenses no exílio, com base na Venezuela. Nenhum dos que assinavam era identificado como residente na Nicarágua.¹²⁶ Considerando-se que o Cuun representava os estudantes de uma pequena universidade – a mais pobre da América Central – o conselho estudantil tinha conexões internacionais de peso. Além de seus delegados em Cuba e na Costa Rica, em 1969 o Cuun enviou Fernando Gordillo a uma conferência internacional em Bagdá e Jorge Navarro, que não era estudante, a uma conferência no Vietnã do Norte.

¹²⁵ Cartaz: “Manifiesto del Centro Universitario al Pueblo de Nicaragua ‘23 de Julio de 1960’”. León: Editorial Antorcha, 1960, CHM reg. 03958, caixa 5; KIRK, John M., “From apóstol to revolutionary: the changing image of Jose Martí”. *NorthSouth* 4, n. 7, p. 88-106; FONSECA AMADOR, “Discurso em ato de solidariedade”, Havana, 6 set. 1974, CHM reg. 19.729, caixa 5; *id.*, carta a Ángel Guerra, editor de *Bohemia*, Havana, 16 fev. 1974, CHM reg. 00379, caixa 3.

¹²⁶ *Combate* (Havana), 10 jun. 1960. A Frente Unitária Nicaraguense (FUN) foi uma ampla coalizão de exilados antissomozistas na Venezuela, México e alguns outros países.

Como fora o caso do núcleo do grupo, que cinco anos antes publicara *Segovia* em Matagalpa, todos estes estudantes e ex-estudantes eram rapazes. As jovens nicaraguenses da universidade e da comunidade próxima participaram das celebrações da vitória cubana e dos protestos que se seguiram a El Chaparral, mas não iam a Havana nem desempenhavam um papel direto na organização dos grupos que desembocariam na FSLN. Os jovens conspiradores, se é que pensavam no assunto, aparentemente esperavam das mulheres apenas que lhes dessem apoio e que engrossassem as fileiras das manifestações; pode ser que até as próprias jovens também vissem assim seu papel. Fonseca estava interessado na participação das mulheres cubanas em duas organizações que se formaram enquanto ele estava em Havana em 1959: os Comitês de Defesa da Revolução, de base comunitária, e a Federação de Mulheres Cubanas (FMC). Imediatamente depois que recebeu alta no hospital, pediu para acompanhar Rosa García a uma reunião da FMC, onde fez um caloroso discurso acerca das condições na Nicarágua. Foi sua primeira atividade política em Cuba.

Carlos Fonseca nunca mais seria um estudante ou consideraria a universidade a arena principal de suas atividades. Esta decisão-chave foi resultado direto da Revolução Cubana. Seu amigo Roque Dalton, que Fonseca visitou imediatamente antes do desastre de El Chaparral, disse que a decisão de Fonseca, que “abandonou seus estudos universitários e se integrou a um movimento guerrilheiro antissomozista”, era “uma decisão de caráter mais importante que a simples opção pela militância política em que já estávamos mergulhados”. Foi uma decisão que encheu de dor Augustina Fonseca. Um amigo de Carlos, dos tempos de Matagalpa, que viajou com ele em um avião para Havana, em 1962, aproximou-se dele e lhe disse: “Quase sempre vejo tua mãe. Vai até minha casa para conversar. Vive aflita porque você está metido nisso. Diz que a esta altura você já seria advogado.”

“Olha, irmão – respondeu-lhe Carlos – a Nicarágua tem muitos advogados, mas carece de verdadeiros revolucionários.”¹²⁷

No decorrer de 1960, Carlos Fonseca e os outros estudantes nicaraguenses que se reuniam em Havana regressaram a seu país ou à vizinha Costa Rica, deixando Rodolfo Romero para representá-los em Cuba. Como primeira tarefa, ajudaram a organizar manifestações em Manágua e León no primeiro aniversário do massacre estudantil de 23 de julho. Os manifestantes foram atacados pela polícia, e o movimento estudantil teve mais dois mártires. O Cuun, em León, publicou um manifesto chamado “23 de julho de 1960”, dirigido ao povo da Nicarágua para comemorar a data. A versão em cartaz deste manifesto, preservado nos arquivos secretos da polícia, contém na parte superior a anotação manuscrita: “Editado por C. F. Amador”. Embora Carlos Fonseca não estivesse na Nicarágua em 23 de julho de 1960, o conteúdo político do manifesto indica que pode muito bem ter influenciado sua formulação. Seus temas centrais são a comemoração dos mártires estudantes, a condenação da “farsa democrática” do governo de Somoza, a necessidade de uma revolução radical, a identificação dos estudantes com os interesses da maioria operária e camponesa, o apelo a uma reforma agrária revolucionária, a responsabilidade do imperialismo dos Estados Unidos pela imposição de regimes ditatoriais na América Central, a inspiração da Revolução Cubana, o exemplo de Sandino e o papel histórico da juventude como agente de transformação.¹²⁸

O período entre a Revolução Cubana de 1959 e a fundação da FSLN, mais de três anos depois, foi marcado por intensos debates e mudança ideológica por parte de Fonseca e seus amigos. O manifesto de julho de 1960 representou uma etapa neste processo, com

¹²⁷ Miguel Ángel Herrera, “Carlos Fonseca: a trinta anos de El Chaparral”, *Barricada*, 25 jun. 1989 (nessa época, Dalton era membro do Partido Comunista de El Salvador); BLANDÓN, *op. cit.*, p. 214..

¹²⁸ Cartaz: “Manifesto 23 de Julho de 1960”.

Cuba e a guerra de Sandino contra os *marines* claramente projetadas como modelos. Em termos da possibilidade de uma transformação revolucionária na Nicarágua, houvera uma ruptura definitiva com a ideologia e a estratégia do PSN.

Foi dito algumas vezes que a razão pela qual Fonseca e seus seguidores romperam com o PSN foi o compromisso dos jovens revolucionários com a luta armada. Mas isso simplifica demais a questão. O uso da violência para resolver as disputas ou remover um presidente fazia parte da cultura política da Nicarágua. Muito antes que a FSLN ou o PSN fossem formados, grupos e partidos de todo o espectro político aceitavam a luta armada em princípio e a empregavam na prática. O próprio PSN dizia estar comprometido com a luta armada e tinha participado de várias tentativas de golpe e levantes violentos. O mesmo acontecia dentro das forças de oposição, nos partidos Conservador e Liberal. Embora as abortadas invasões de El Chaparral e Olama y Mollejones de princípio de 1959 tenham sido as últimas operações armadas significativas conduzidas pelos partidos tradicionais Comunista, Liberal e Conservador na Nicarágua, estes grupos continuaram dando apoio verbal à luta armada – até mesmo executando algumas ações violentas – no primeiro ou segundo ano da nova década. Os primeiros meses de 1960 viram ações guerrilheiras em Las Trojes, na área fronteira com Honduras, assim como um levante frustrado nas montanhas ao norte de Matagalpa, encabeçado por um indivíduo vinculado ao Partido Conservador. Ações armadas esporádicas, combinadas com manifestações e greves estudantis, levaram o presidente Luis Somoza a declarar um segundo estado de sítio, em novembro de 1960 (o primeiro fora imposto depois da morte de seu pai, em 1956). Os jovens conservadores responderam à declaração de 1960 com ataques violentos em diferentes cidades, ações que, segundo Fonseca, “conferiam-lhes certa autoridade junto à pequena burguesia urbana”. Quando começou 1961, os trabalhadores bananeiros nicaraguenses, com vínculos com o Partido Comunista da Costa Rica, realizaram ações guerrilheiras

no extremo sul da Nicarágua. Fonseca disse depois que o fato de que um grupo dentro do PSN começasse a invocar a luta armada em 1961 causou confusão e tornou mais difícil para ele ganhar recrutas para uma opção independente.¹²⁹ Em 1962, o grupo mais influente a pregar a luta armada não era o minúsculo grupo que rodeava Fonseca, e sim o Partido Conservador. O candidato conservador à presidência em 1963, Fernando Agüero, ameaçou lançar uma revolução armada se perdesse a eleição.

Por um ou dois anos após a Revolução Cubana, os jovens revolucionários pensaram que suas diferenças com o PSN, incluindo o importante assunto da luta armada, podiam ser resolvidas sem um rompimento definitivo. Fonseca descreveria mais tarde a primeira etapa do debate sobre a estratégia como uma “luta interna dentro do Partido Socialista”, porque ainda via a si mesmo, ao menos nominalmente, como um membro do partido no final de 1959 e começo de 1960. Em outra referência ao seu próprio papel, escreveu: “depois de El Chaparral, vários meses tentando justificar nossa posição ao Partido Socialista demonstraram que era nula a possibilidade de conseguir organizar, a partir deste partido, a luta armada revolucionária – era, repetimos, absolutamente nula”. Alguns de seus seguidores ainda acreditavam que seria possível ganhar o PSN para uma causa revolucionária. Fonseca dizia que o grupo com o qual entrara clandestinamente na Nicarágua, vindo da Costa Rica em 1960, tinha

certa ilusão de que ainda era necessário esgotar a discussão com os elementos dominantes na direção do Partido Socialista. Ou seja, mesmo não havendo muita esperança de levar estes elementos a uma posição mais radical e mais assertiva, nós ainda não avançamos, como procuramos esclarecer, para uma existência totalmente independente (...) [Isso] contribuiu ou teve um papel no que se refere a dificultar o progresso da atividade clandestina nascente ou, digamos, embrionária no país.

¹²⁹ FONSECA AMADOR, “Notas y experiencias [1975]”, p. 77-80; BLANDÓN, *op. cit.*, p. 69 e 80.

Analisando esse período alguns anos mais tarde, Fonseca escreveu: Desde 1959 até 1962, conservou-se entre os membros da FSLN a ilusão de que era possível conseguir uma mudança na linha pacifista da direção do Partido Socialista nicaraguense. Em termos práticos, foi no ano de 1962 que se dissipou esta ilusão, quando se formou a Frente Sandinista, um agrupamento independente, ainda que durante algum tempo tenha persistido a ideia de que era possível chegar a algum tipo de unidade com a direção do Partido Socialista, coisa que a realidade se encarregou de desmentir.¹³⁰

Nenhum documento do período crucial de 1959 a 1962 sobreviveu para ilustrar de que maneira o grupo de Fonseca ou os dirigentes do PSN encaravam seu distanciamento crescente. As primeiras referências de Fonseca à cisão apareceram em uma entrevista em meados de 1963. Instado por um jornalista mexicano a definir a ideologia da FSLN, ele explicou: “Aqueles que a dirigem atualmente são socialistas. Mas convidamos todos os nicaraguenses íntegros, de todos os partidos, a combater conosco, desde o Partido Conservador da Nicarágua, que, em certas ocasiões, manifestou-se favoravelmente a uma insurreição, até o Partido Comunista, que aqui se chama Partido Socialista da Nicarágua”.

“Isto quer dizer que os comunistas não participam da FSLN?”, pressionou o jornalista.

“Por ora, não”, respondeu Fonseca.¹³¹

Tempos depois Fonseca analisaria a ruptura com o PSN como causada não só pelo tema da violência revolucionária, mas também pelos diferentes objetivos sustentados por ambas as organizações, pela orientação para classes sociais distintas, e mesmo por conta de

¹³⁰ FONSECA AMADOR, *op. cit.*, p. 24, 46 e 57; *id.* “Nicaragua Hora cero” *In: Obras*, v. 1, p. 86-87.

¹³¹ *Id.*, “Bajo la sombra de Sandino [entrevista com Víctor Rico Galán]”, *Siempre* (México) 542 (13 nov. 1963): 31. Entre os ensaios analíticos e a correspondência pessoal da primeira metade de 1960 e esta entrevista, três anos depois, apenas um documento atribuído a Fonseca sobreviveu, e sua autoria é duvidosa.

um conceito diferente de internacionalismo. Segundo ele, depois do massacre estudantil de 23 de julho de 1959,

houve no país uma situação em que os pequenos agrupamentos de jovens revolucionários propuseram-se a tarefa de forjar um movimento armado revolucionário, enquanto os elementos dominantes no Partido Socialista defendiam a execução das mesmas atividades de sempre, isto é, o partido procuraria estabelecer uma aliança com os setores pequeno-burgueses tradicionais.

No mesmo documento abordou o tema dos partidos pró-Moscou, que tinham uma perspectiva semelhante à do PSN, cujo internacionalismo implicava a subordinação das lutas locais às necessidades diplomáticas do governo soviético: “Certo internacionalismo limitado pretende considerar unicamente os interesses dos trabalhadores de certas regiões do mundo, esquecendo os interesses dos trabalhadores de outras regiões, inclusive os interesses dos trabalhadores de seu próprio povo. Na realidade, trata-se de uma caricatura de internacionalismo”.¹³²

Fonseca nunca considerou suas diferenças com o PSN um repúdio ao marxismo, ainda que alguns dos outros líderes iniciais da FSLN possam ter entendido desta maneira. Ele, na realidade, sempre assegurou que os dirigentes do partido pró-soviético eram “falsos marxistas”, e que era a sua organização a que estabelecia uma continuidade histórica com Marx, Lenin e a Revolução Russa. Em uma entrevista de 1970 insistiu: “para o camponês da montanha, para o pobre das periferias, para o estudante dos povoados afastados, os revolucionários, os rebeldes, os comunistas são os membros da Frente Sandinista, ainda que em algumas reuniões internacionais em outro continente não nos seja reconhecida, contra toda razão, esta legítima qualificação”. Já em 1961, depois de romper com o

¹³² *Id.*, “Charla del com. Carlos Fonseca en la conmemoración del 4 de Octubre”, Havana, 4 out. 1973, CHM reg. 00248, caixa 6 (1); *id.* “Notas y experiencias [1975]”, p. 34 e 81.

PSN, mas antes da formação da FSLN, Fonseca disse que não era um comunista, porque ainda tinha muitos defeitos e que francamente não se considerava um revolucionário exemplar, enquanto os comunistas de coração, os comunistas genuínos, seriam pessoas incomparáveis, verdadeiros revolucionários. Apesar da existência de um partido autodenominado marxista nos anos anteriores à formação da FSLN, Fonseca denunciava o que era evidente, isto é, “a ausência na Nicarágua de um instrumento de luta dotado de um método científico com o qual o proletário pode se fortalecer em seu empenho pela transformação social”.¹³³ Em parte atribuía o atraso do movimento socialista na Nicarágua à ausência de imigrantes operários europeus pró-socialistas, comparando este fato a outros lugares da América Latina.¹³⁴

A FSLN foi fundada, segundo a perspectiva de Fonseca, para ser um “instrumento de luta”, que estabelecesse uma continuidade com o passado e que retomasse o fio histórico abandonado nos anos 1930. Estava convencido de que, embora as ideias marxistas revolucionárias tivessem chegado tarde ao seu país, “o povo da Nicarágua possui ricas tradições de rebeldia que tiram o sono da

¹³³ *Id.*, “La lucha armada en Nicaragua”, 19 (esta entrevista de *Punto Final* foi reproduzida como “Una entrevista a Carlos Fonseca” em *Barricada* de 23 jun. 1983; mas a versão de *Barricada* omite tudo no trecho citado que vem depois das palavras “Frente Sandinista”; a citação de Fonseca, de 1961, apareceu em um artigo posterior, a propósito de sua prisão em 1964, em *La Prensa*, 2 jul. 1964; *id.*, “Entrevista, 1970” [por Ernesto González Bermejo], in: *Obras*, v. 1, p. 227; *id.*, “Mensaje del FSLN con motivo del 150 aniversario del yugo colonial español”, 21 set. 1971, CHM reg. 00317, caixa 5.

¹³⁴ Em sua entrevista de 1970 para *Punto Final*, “La lucha armada en Nicaragua”, Fonseca disse que em meados de 1958 “rompeu-se a herança obscurantista do passado, que era particularmente forte na Nicarágua devido a diversos fatores, entre eles o fato de que nosso país não recebeu em absoluto, no final do século 19, a imigração de operários europeus com ideias socialistas”; este trecho foi omitido na versão reimpressa em *Barricada*, 23 jun. 1983; o mesmo ponto é retomado em FONSECA AMADOR, “Entrevista, 1970”, p. 220, e *Viva Sandino*, p. 35.

classe capitalista nacional”, e isso, acrescentava, “constitui a base para que recuperemos o tempo perdido pelo movimento revolucionário”.¹³⁵ Todos os seus escritos históricos sobre Sandino enfatizam esta temática.

Fonseca orgulhava-se de que ele e seus seguidores tivessem percebido, antes de qualquer outro grupo na América Latina, que uma das lições da Revolução Cubana era a necessidade de romper com o conservadorismo dos partidos marxistas pró-Moscou.

É preciso considerar que esta luta interna dentro do Partido Socialista ocorreu quando ainda não estava na ordem do dia, nos países da América Latina, a luta contra a política oportunista que consiste em não travar uma luta resolvida contra a classe reacionária e contra o imperialismo, incluindo a luta armada revolucionária (...) Em 1959 não havia sinal desta situação, que surgiria depois. Enfatizamos este fato porque mostra como apareceu cedo no país a decisão de passar a uma posição revolucionária consequente na luta contra o regime reacionário do país. Só anos depois ocorreriam atitudes semelhantes em outros países da América Latina¹³⁶.

Para Carlos Fonseca, o marxismo genuíno só foi alcançado na Nicarágua com o despertar da Revolução Cubana. Em uma entrevista de 1970, dizia: “Em nossa nação, praticamente até o triunfo da Revolução Cubana, não se falava de socialismo, e a ideologia revolucionária não penetrava na mente dos intelectuais”. No mesmo ano, disse a outro jornalista que 1958 foi o final de “um quarto de século de trevas, de paralisia, de atrofia do movimento popular nicaraguense (...) por um quarto de século não houve nem consciência revolucionária, nem organização revolucionária (...) Porque, por diversas razões, o marxismo levou muitos anos para aparecer na Nicarágua. Pode-se dizer que o marxismo finalmente entra e cria raízes em um

¹³⁵ FONSECA AMADOR, “Militancia activa del combatiente revolucionario”, 6 jun. 1968, CHM reg. 00269, caixa 2A..

¹³⁶ *Id.*, “Notas e experiências [1975]”, p. 27.

amplo setor do povo e da juventude nicaraguense com o triunfo da Revolução Cubana”¹³⁷.

A Revolução Cubana convenceu Fonseca de que um novo tipo de organização marxista era necessário na Nicarágua. Os primeiros anos da década de 1960 foram dedicados a criar esta organização.

¹³⁷ *Id.*, “Retornar a las montañas”; *id.* “Entrevista, 1970”, p. 217 e 219. Cf. também “Notas sobre a situación actual da Nicaragua [1960]”, 21 jun. 1972, 20, CHM reg. 00247, caixa 2A (15); e *Viva Sandino*, p. 35.

4. FUNDAÇÃO DA FSLN, 1960-1964

Carlos Fonseca e seus seguidores começaram, na década de 1960, como um grupo heterogêneo de jovens rebeldes, inspirados pela vitória cubana, e com forte ímpeto para fazer *alguma coisa* para derrubar Somoza. Este ânimo se prestava, ao mesmo tempo, a ações desesperadas e aventureiras, como reconheceu Fonseca naquele momento, destacando ao mesmo tempo, em uma linguagem que lembra Che Guevara, “que o perigo do aventureirismo não deve ser tomado como pretexto para caminhar a passos de tartaruga”.¹³⁸

Fonseca e aqueles que o rodeavam foram rapidamente deixando de acreditar que o Partido Comunista viesse algum dia a encabeçar uma revolução. Era necessário um novo tipo de movimento político que fizesse algo mais do que participar de eleições e pressionar por reformas legais. Em um manifesto de 1969, ele alegava que, no caso da Nicarágua, “a luta legal do povo não pode levar à vitória” e que com “papeizinhos e reuniõezinhas” não era possível mudar a ordem

¹³⁸ *Id.*, “La lucha por la transformación de Nicaragua” [1960], in: *Obras*, v. 1, p. 28.

social.¹³⁹ Fonseca falava a linguagem das massas nicaraguenses; o uso desdenhoso da palavra *reuniõezinhas* tocava o coração da gente comum de seu país. Mas nem ele nem nenhum de seus companheiros tinham uma ideia clara em 1960 do tempo que levaria para aplicar o exemplo de Cuba à realidade concreta da Nicarágua. Seriam anos de experimentação, discussão e enfrentamento contra o regime de Somoza, antes que se assumisse uma posição coletiva sobre o tipo de organização necessária e sobre um programa de reivindicações.

Em função da vitória cubana de janeiro de 1959, Fonseca e seus amigos estudantes experimentaram várias formas diferentes de organização até conseguir delinear aquela que poderia ser a base de um movimento clandestino revolucionário. No princípio de 1959, os estudantes com vínculos com o PSN, inclusive Fonseca e Silvio Mayorga, fundaram a Juventude Democrática Nicaraguense (JDN) em um esforço por chegar à juventude urbana não estudantil. A organização estava aberta a todos os jovens que fossem “honestos e estivessem contra Somoza”, e suas atividades consistiam em pintar consignas revolucionárias em muros, além de participar de manifestações de apoio à Revolução Cubana, organizadas pela oposição burguesa em janeiro de 1959. A JDN deixou de existir no final de 1959, e alguns de seus membros formaram uma organização chamada Juventude Revolucionária Nicaraguense, ou JRN. Este grupo, originado ou em Havana ou em São José da Costa Rica, desenvolveu a maioria de suas ações neste último, onde publicou dez números de um jornalzinho chamado *Juventude Revolucionária*.¹⁴⁰ Os jovens ativistas da JRN atuavam junto aos trabalhadores das plantações de banana e das indústrias de calçados na Costa Rica e mantinham uma relação difícil com o Partido Comunista Costa-riquenho, o PVP.

¹³⁹ *Ibid.*, p. 27.

¹⁴⁰ BLANDÓN, *Entre Sandino...*, p. 206; FONSECA AMADOR, “Antecedentes del FSLN”, *Ventana*, 6 jul. 1985. Que se saiba, não existem cópias de *Juventude Revolucionária*.

A JRN participou de uma reunião de exilados nicaraguenses em Maracaibo, Venezuela, em 21 de fevereiro de 1960, 26º aniversário do assassinato de Sandino. Este encontro foi patrocinado pela Frente Unitária Nicaraguense (FUN), uma ampla coalizão de grupos de exilados no México, América Central, Estados Unidos e Venezuela, muitos deles com vínculos com o PLI ou com a oposição conservadora. Silvio Mayorga participou da convenção como delegado da JRN e Carlos Fonseca, como representante do governo estudantil da Universidade Nacional em León. Ambos assinaram o manifesto da FUN, “Intervenção sangrenta: Nicarágua e seu povo” e seu “Programa mínimo”. Fonseca e Mayorga puderam apresentar sua própria análise, mais radical, da situação nicaraguense em um informe aos estudantes da Universidade Central da Venezuela; também conheceram lá dois jovens nicaraguenses, que viriam a ser alguns dos primeiros membros da FSLN.¹⁴¹

A JRN não tinha presença real na Nicarágua. Ao começar o ano de 1960, no entanto, seus dirigentes estabeleceram contato com um novo grupo estudantil dentro do país, a Juventude Patriótica Nicaraguense (JPN), formada em sua maioria pelos filhos dos membros do Partido Conservador, de oposição. Este movimento surgiu de maneira relativamente espontânea, no contexto do entusiasmo dos estudantes nicaraguenses com a Revolução Cubana e da redução temporária da influência dos conservadores e liberais dissidentes, que se seguiu aos descabros de El Chaparral e Olama y Mollejones. Em dois documentos um tanto vagos, de 1960, “Princípios da JPN” e “O porquê, para que e como da JPN”, a

¹⁴¹ FONSECA AMADOR, “Breve análisis da lucha popular nicaragüense contra la dictadura de Somoza”, in: *Obras*, v.1, p. 39-54; cf. também Frente Unitária Nicaraguense, *Intervención Sangrienta: Nicaragua y su pueblo*. Caracas: FUN, 1961. Fonseca se sentia um pouco culpado por ter participado desta conferência, porque sua mãe tinha acabado de chegar à Costa Rica para visitá-lo, trazendo Estela, sua irmã, de oito anos de idade.

organização se definia como um grupo de jovens comprometidos com a democracia e com a justiça social, “sem acompanhar a bandeira de nenhum partido”.¹⁴² Entre os ativistas da JPN estavam dois jovens de origem operária vindos de Manágua, que chegariam a ser líderes da FSLN, Julio Buitrago, ainda adolescente em 1960, e José Benito Éscobar. A JPN desempenhou um papel muito importante nas ações de julho de 1960, que comemoravam o aniversário do massacre estudantil; durante vários meses depois promoveu manifestações contra o assassinato de um manifestante estudantil, contra o assédio do governo nicaraguense aos diplomatas cubanos e para mudar o nome da Avenida Roosevelt, em Manágua, para Avenida Sandino. A JPN organizou manifestações não só na capital como também em Matagalpa, Carazo e mesmo, até certo ponto, nas áreas rurais próximas a Manágua. Fonseca pediu a Marcos Altamirano, seu aliado político desde os dias do INN em Matagalpa, que se somasse às atividades da JPN, e Altamirano rapidamente se tornou o secretário-geral da organização. A direção da JPN e dos outros grupos radicais de estudantes, naquela época, era toda masculina, ainda que jovens mulheres participassem das manifestações e das outras atividades de protesto.

Fonseca elogiaria mais tarde a iniciativa da JPN, o entusiasmo de seus seguidores e sua habilidade para mobilizar a juventude contra a ditadura, o que era mais importante, dizia, do que os indivíduos que “por acaso” acabaram à frente do movimento. Quando o presidente Luis Somoza respondeu à volta das atividades radicais declarando estado de sítio, em novembro de 1960, atribuiu a culpa do rápido desaparecimento do movimento à inexperiência da liderança da JPN. Fonseca dirigiu críticas mais severas ao PSN, que usava algumas ações mal organizadas pela JPN (com a possível participação de agentes

¹⁴² Cf. “Principios de la Juventude Patriótica Nicaragüense” e “El porque, para que, y como del JPN”, *in*: IHN, Colección Hacia el Sol de la Libertad.

provocadores) como desculpa para condenar todas as ações militantes de rua e justificar sua própria inoperância.¹⁴³

A maioria dos ativistas dos efêmeros grupos estudantis do começo dos anos 1960 não chegou a participar da FSLN. Mas foram importantes precursores da FSLN em sua ênfase nas ações militantes de rua, na solidariedade com a Revolução Cubana e na independência, tanto dos partidos burgueses tradicionais quanto do Partido Comunista.

A repressão não foi a única resposta do regime de Somoza ao recrudescimento da atividade militante de oposição que começou em 1959. Para enfrentar a crescente radicalização da universidade pública em León, a administração Somoza apoiou, em 1960, a fundação de uma nova universidade de jesuítas, em Manágua. A Universidade Centro-americana (UCA) foi construída em terrenos da família Somoza, e o padre que foi seu primeiro reitor era tio do presidente. O Cuun de León publicou uma declaração de ataque à nova universidade na Conferência de Estudantes Centro-Americanos realizada no Panamá, em maio de 1960. Antecipava que unicamente “estudantes pertencentes às classes dominantes” teriam capacidade para pagar a matrícula na escola privada, e que seu caráter religioso impediria “as pesquisas de cunho científico, que devem ser o verdadeiro fundamento do ensino universitário”. Os dirigentes estudantis acusaram Somoza de criar a UCA “para usá-la como braço do governo ditatorial da Nicarágua, a fim de destruir a Universidade Nacional”. O presidente Luis Somoza estava usando uma tática adotada por seu pai na década de 1940 para enfrentar a influência dos comunistas no movimento sindical, pois, como explicou Jeffrey Gould, os sindicatos

¹⁴³ Fonseca dizia que os organizadores da JPN representavam uma liderança “improvisada” para o movimento de massas, em um momento em que as massas nicaraguenses não haviam encontrado ainda sua “liderança histórica”. Ele a considerava uma liderança que em geral, quase sem exceção, mostrou “não estar à altura da responsabilidade que as circunstâncias puseram em suas mãos”. Cf. FONSECA AMADOR, “Antecedentes del FSLN”; *id.* “Notas y experiencias [1975]”, p. 53.

somozistas foram uma bênção para Anastasio Somoza García.¹⁴⁴ No entanto, a tentativa de Luis Somoza de debilitar os radicais criando uma universidade alternativa foi para ele um desastre completo. Em poucos anos, alguns pais de classe média estavam enviando seus filhos e filhas a León para afastá-los da influência radical da UCA.

Este período de atividade opositora crescente, resultado direto da vitória da Revolução Cubana, proporcionou a Fonseca e seu círculo um amplo palco para realizar atividades políticas e recrutar partidários. O leque de oportunidades começou a se fechar em 1962, quando quase todas as forças de oposição somaram-se à campanha presidencial do candidato do Partido Conservador, Fernando Agüero. A pouca atração exercida pela política revolucionária continuou por alguns anos enquanto os estudantes colocavam à prova as possibilidades de atividade legal sob o governo de René Schick, o primeiro presidente nicaraguense em três décadas que não era membro da família Somoza.

Ao longo de 1959 e 1960, Fonseca trabalhou prioritariamente no movimento estudantil, e as organizações que ajudou a fundar eram compostas quase exclusivamente por estudantes. Mas suas aspirações eram maiores. Na Venezuela, em março de 1960, ele falou da Frente Interna de Resistência (FIR) e de suas “imensas possibilidades para se desenvolver e conseguir desempenhar um papel de primeira ordem no desenlace do processo antissomozista”. Em outro texto de 1960 referia-se à FIR e ao “Exército Defensor do Povo” (EDP) – este último aparentemente chamado assim devido ao Exército Defensor da Soberania Nacional, ou EDSN, de Sandino. Não há, no entanto, evidências de que, seja a FIR seja o EDP, essas organizações tenham existido fora da imaginação de Fonseca e Mayorga.¹⁴⁵

¹⁴⁴ Cuun, “Unámonos en la Liberación Nacional”, León, 1960, *in*: TRAÑA *et al.*, *Movimiento estudiantil*, GOULD, Jeffrey, “For an organized Nicaragua: Somoza and the Labour Movement, 1944-1948”, *Journal of Latin American Studies*, n. 19. nov. 1987, p. 368-375.

¹⁴⁵ FONSECA AMADOR, “Breve análisis [1960]”, p. 48-49; *id.* “La lucha por la transformación [1960]”, p. 29-30.

Em determinado momento do princípio de 1961, deu-se um passo importante no sentido da formação da FSLN, com o lançamento do Movimento Nova Nicarágua, ou MNN. A lista de seus membros incluía nomes conhecidos de estudantes e ex-dirigentes estudantis, tais como Fonseca, Mayorga, Borge, Gordillo, Navarro e Francisco Buitrago. Mas também incluía jovens da classe operária, como José Benito Éscobar, um pequeno empresário chamado Julio Jérez Suárez e o ativista camponês Germán Pomárez. Mais importante ainda, os fundadores do MNN contavam também com uns poucos sobreviventes da guerra de Sandino contra os *marines* norte-americanos. Santos López, que combatera junto a Sandino como parte de seu “Coro de anjos”, composto por soldados muito jovens, tinha quase 50 anos em 1961. Trouxe para o juvenil MNN não só sua valiosa experiência militar e a autoridade moral da luta de Sandino, mas também a presença de uma geração diferente.¹⁴⁶ Ainda que o MNN tivesse suas bases principalmente em Honduras, estabeleceu três pequenas células dentro da Nicarágua – em Manágua, Estelí e León – e realizou sua primeira aparição pública em uma manifestação contra a escalada da campanha anti-Cuba um mês antes da invasão da Baía dos Porcos, em abril de 1961.

O MNN logo desapareceu, dando lugar a outra organização que em grande parte contou com os mesmos membros e que, em algum momento do final de 1962 ou princípio de 1963, começou a chamar-se Frente de Libertação Nacional (FLN). Tomou seu nome da organização que combateu o domínio colonial francês na Argélia, que nessa época era vista pelos jovens nicaraguenses como luta dotada de maior importância, após a Revolução Cubana. Posteriormente, Carlos Fonseca propôs acrescentar a palavra *Sandinista* e denominar o agrupamento de FSLN. Os primeiros comunicados subscritos pela

¹⁴⁶ Cf. ARIAS, *Nicaragua...*, p. 26; FONSECA AMADOR, “Lucha guerrillera”, p. 16; “O Coronel Santos López nos primeiros passos da FSLN”, *Barricada*, 28 fev. 1984. Santos López morreu de causas naturais em 1965.

FSLN foram tornados públicos em setembro e outubro de 1963. A primeira aparição impressa do nome da nova organização ocorreu em novembro de 1963, em uma entrevista com Fonseca na revista mexicana *Siempre*.¹⁴⁷

Por que os revolucionários que cercavam Fonseca titubearam em 1962 para chamar de sandinista sua organização? O nome de Sandino já tinha começado a ressoar no movimento estudantil mais amplo, como ficou demonstrado nas manifestações de 1960, que exigiam mudar o nome da Avenida Roosevelt pelo de Avenida Sandino. No início de 1960, Fonseca indicava o exemplo de Sandino em seus próprios textos, chamando sua geração de “os filhos de Sandino” e denominando o exército de libertação que propunha, em homenagem ao “Exército Defensor da Soberania Nacional”, de Sandino. Em um ensaio de 1960, “Nicarágua, terra amarga” ele exalta o heroísmo de Sandino e cita algumas de suas frases mais conhecidas.¹⁴⁸

A mais forte oposição à proposta de Fonseca de denominar o novo grupo em homenagem a Sandino provinha de Noel Guerrero Santiago, um advogado de León. Guerrero, ainda que um tanto mais velho que a maioria dos estudantes que rodeavam Fonseca, era parte do núcleo dirigente dos grupos que precederam a FSLN. Ele passou a maior parte de sua vida no México e ali era membro do Partido Comunista; quando regressou à Nicarágua filiou-se ao PSN, no final da década de 1950. Abandonou o PSN com Carlos Fonseca depois de El Chaparral, mas parece que manteve o conservadorismo político do

¹⁴⁷ “Comunicado del FSLN: Al combate, pueblo de Nicaragua”, s. d.; mas a data do carimbo da OSN no documento em arquivo diz “26 de setembro de 1963”, CHM reg. 25.076, caixa 5; Frente Sandinista de Liberación Nacional, “Juramos vengar a los mártires del Río Bocay”, Manágua, 10 out. 1963, CHM reg. 25.077, caixa 5; FONSECA AMADOR, “Antecedentes del FSLN”; *id.*, “Bajo la sombra de Sandino”, p. 30.

¹⁴⁸ FONSECA AMADOR, “La lucha por la transformación [1960]”, p. 37-38; *id.* “Nicaragua, tierra amarga”, *Nuevo Amanecer Cultural*, 21 jul. 1990; ver também o cartaz “Manifiesto 23 de Julho 1960”.

partido. Tomás Borge descreveu as cenas iniciais da discussão sobre Sandino com as seguintes palavras:

O sujeito de León era erudito, conhecia a teoria marxista. Foi naquela época muito paciente e fraterno; discutia conosco.

‘Sandino – disse Carlos, certa vez– é uma espécie de caminho. Seria uma leviandade reduzi-lo a alguém que só necessita ser mencionado uma vez por ano, no aniversário de sua morte. Acho que é importante estudar seu pensamento’.

Noel Guerrero respondia: ‘Um caminho? Isso é poesia! Não esqueçam quão suspeita é a exaltação que diversos ideólogos burgueses fizeram deste guerrilheiro. Sandino lutou contra a ocupação estrangeira, não contra o imperialismo. Não chegou a ser um Zapata, isto é, não colocou o problema da terra’.¹⁴⁹

Naquele tempo, Guerrero era considerado mais “erudito” que Fonseca. Talvez tenha convencido os outros de que era mais radical identificar-se com a revolução argelina do que com Sandino. A importante decisão de finalmente identificar a organização como sandinista foi resultado de três processos que já estavam se desenvolvendo em 1961 e 1962: o estudo organizado da vida e das ideias de Sandino, o compromisso crescente com a ideia de realizar uma revolução de caráter genuinamente nicaraguense e a emergência de Carlos Fonseca como indiscutível dirigente central do movimento.

Quando Fonseca descreveu mais tarde a formação da FSLN, insistiu que primeiro veio a ação, não a teoria:

A Frente não nasceu de uma assembleia ou de um congresso, nem lançou um manifesto anunciando sua criação. Nem mesmo apresentou um programa. Para a Frente, primeiro foi a ação e, com base em suas primeiras

¹⁴⁹ BORGE, *Paciente impaciencia*, p. 121, 184 e 187. Esta é a mesma conversa que Borge situava em 1955 ou 1956 em seu texto da prisão, *Carlos, the dawn....* Em sua autobiográfica *Paciente impaciencia*, Borge é impreciso com relação à data, mas diz que Guerrero foi o principal oponente à ideia de batizar a organização em homenagem a Sandino, no princípio dos anos 1960.

experiências, foi formulando e reformulando – porque (a organização) sempre teve grande consciência da importância da autocrítica – seu programa, sua estratégia e sua tática. A FSLN é um produto genuíno da história popular da Nicarágua.

Quando Fonseca assinalava a importância da ação, não estava falando sobre a ação não coordenada de um indivíduo. “Penso que o dever é agir”, escreveu em 1964. “Mas sem organização não pode haver ação”.¹⁵⁰

A vida de Fonseca naqueles anos exemplificava este ideal de ação. Em constante movimento, trabalhava com grupos de jovens em Havana, Costa Rica e Honduras, e ocasionalmente entrava na Nicarágua para reuniões com potenciais recrutas. Heriberto Rodríguez Marín, que era uns anos mais velhos que Fonseca e parte do grupo que fundou a FSLN, deu, em 1996, um testemunho deste processo. Proveniente de uma família de pequenos proprietários rurais liberais dos arredores de Ocotol, perto da fronteira hondurenha, Rodríguez se descreve como “sandinista de nascença”. Havia membros de sua família que tinham combatido com Sandino, e Rodríguez cresceu conhecendo as redes secretas de veteranos do Exército sandinista nos arredores de Ocotol.

No início de 1960, Rodríguez vivia em uma pequena casa em Tegucigalpa, Honduras, com vários revolucionários nicaraguenses, entre os quais figurava, frequentemente, Carlos Fonseca. Rodríguez descreveu suas atividades como segue: “Carlos estava procurando os velhos sandinistas, qualquer pessoa que tivesse conhecido Sandino. Eu o apresentava e eles nos apresentavam a outros. E como eu tinha mais experiência que alguns dos outros em assuntos militares, e também porque eu era do campo e da região de fronteira, deram-me a responsabilidade de abrir uma rota clandestina de Tegucigalpa a

¹⁵⁰ FONSECA AMADOR, “Antecedentes del FSLN”; *id.* “Desde lo cárcel yo acuso a la dictadura [Prisão”La Aviación”, 8 jul. 1964]”, *in: Obras*, v. 1, p. 236.

Estelí, estabelecendo contatos ali, distribuindo materiais de estudo”. Uma carta para Fonseca, de outro membro do grupo, descrevia o perigo de tentar fazer contatos políticos e distribuir propaganda antissomozista em uma área fronteiriça constantemente patrulhada pela Guarda Nacional.¹⁵¹

Em Tegucigalpa, Fonseca “falava de como tínhamos que fazer as coisas de forma organizada”, segundo Rodríguez. “E constantemente nos dizia como era importante estudar, preparar-se para quando fosse possível organizar uma insurreição popular de massas”. Ele estava impressionado com a atenção de Fonseca para os detalhes, especialmente quando se tratava de questões de segurança. “Lembro-me de como Carlos me dizia: ‘Tenha sempre um plano, mesmo para as coisas pequenas. Nunca diga a você mesmo: só vou comprar uma Coca-Cola. Decida previamente – se não tiverem Coca, vou comprar uma Pepsi. Se não houver Pepsi, então uma Fanta. Não deixe que te peguem de surpresa, aprenda sempre a pensar antecipadamente, a estar preparado”.

Segundo Rodríguez, em certo momento de 1962, Fonseca chamou-o para que fosse de Ocotal para Tegucigalpa, dizendo-lhe que, por fim, as coisas estavam se organizando. Outros chegaram de Cuba e de outros lugares – Rodríguez se lembra de Borge, Guerrero, Iván Sánchez, Bayardo Altamirano e Faustino Ruiz. Segundo sua memória, naquele momento o grupo deixou de chamar-se MNN e adotou o nome FLN. Isto corresponde fielmente à própria declaração de Fonseca no julgamento de Manágua, em julho de 1964: interrogado por um juiz que lhe pediu para que descrevesse em detalhe e desde o começo sua participação na FLN e na FSLN, ele começou:

¹⁵¹ Heriberto Rodríguez Marín, entrevista com a autora, Manágua, 14 fev. 1996; ver também a entrevista com Rodríguez in: EUGARRIOS, Manuel, “Carlos, revolucionario ejemplar”, *El Nuevo Diario*, 8 nov. 1986; “Gabriel” (Germán Gaitán), Manágua, a “Julián” (Carlos Fonseca), Tegucigalpa, 2 ago. 1961, CHM reg. 00392, caixa 3, pasta “Cartas”.

“Por volta da primeira metade do ano de 1962, chegaram a Honduras Noel Guerrero Santiago, Tomás Borge Martínez, Pedro Pablo Rivas e Faustino Ruiz” (vindos de Cuba, juntando-se àqueles que já estavam em Tegucigalpa, disse, em resposta a uma pergunta posterior), “e todos nós discutíamos a situação política da Nicarágua”.¹⁵²

A formação da FSLN levou vários anos e envolveu muitas reuniões e discussões em pelo menos quatro países. Em termos tanto de formas de organização como de programa político, a FSLN passou por um período inicial de experimentação, saídas em falso e blocos com forças distintas. O grupo procurava constantemente novos quadros, sem ter ainda uma ideia muito clara de que aquisições pretendia fazer. Foram publicados vários números de um jornal clandestino chamado *Trinchera*: um artigo no número de janeiro de 1963 mostra que a organização ainda estava usando o nome de FLN, e que suas ideias políticas eram heterogêneas.¹⁵³

A vitória mais duradoura da FLN/FSLN durante esse período foi uma nova organização para coordenar o trabalho no movimento estudantil, a Federação Estudantil Revolucionária, ou FER, uma entidade legal, ainda que frequentemente perseguida pelo regime que existiu até 1979 e foi sempre uma importante fonte de quadros e meio de influência da FSLN. Sua primeira vitória foi obtida em 1963, com a eleição dos membros da FSLN Casimiro Sotelo, Julio Buitrago e David Tejada como dirigentes do governo estudantil da UCA, em Manágua. O centro estudantil elaborou um manifesto de 14 pontos em seu primeiro congresso, postulando “um movimento revolucionário organizado que defenda um sistema revolucionário genuíno” e prometendo

Lutar para resgatar as classes exploradas das garras da oligarquia e do capitalismo (...) Defender uma justa distribuição das riquezas, a erradicação

¹⁵² FONSECA AMADOR, “Declaración, 1964”, in: *Obras*, v. 1, p. 183 e 188.

¹⁵³ “A Frente de Liberación Nacional (Sus Fines)”, *Trinchera*, janeiro de 1963, in: IHN, Colección Hacia el Sol de la Libertad.

do analfabetismo, a criação de um novo sistema de educação (...) Combater por uma reforma agrária integral, reforma urbana, nacionalização de empresas estrangeiras (...) Lutar pela eliminação dos partidos tradicionais, principais causadores da tragédia do povo nicaraguense.¹⁵⁴

A versão da história da FSLN que se tornou parte da tradição popular na Nicarágua – e que aparece praticamente em todos os livros sobre a revolução nicaraguense – é a que narra a fundação da organização em um encontro em Tegucigalpa em junho ou julho de 1961, do qual participaram Silvio Mayorga, Carlos Fonseca e Tomás Borge.¹⁵⁵ Esta reunião fundadora parece ser uma invenção posterior a 1979. A versão dos participantes dos primeiros tempos da FSLN antes de 1979, inclusive os escritos de Fonseca e um longo testemunho de Tomás Borge, de 1976, não mencionam nenhuma reunião fundadora. Foi só depois da revolução, em 1979, que os discursos e artigos (tanto de, como sobre Tomás Borge) começaram a apresentá-lo como o único sobrevivente de uma junta de três fundadores. Borge chegou a sugerir datas para esta reunião. No meio de um discurso no final de 1979, subitamente lembrou que a fundação da FSLN foi em 19 de julho de 1961, data exata da derrubada de Somoza pela FSLN, 18 anos mais tarde.¹⁵⁶

Rodolfo Romero, um dos poucos sobreviventes dos anos iniciais da FSLN, disse, em uma entrevista em 1994, que a reunião dos três

¹⁵⁴ Buitrago, com 19 anos em 1963, de uma família operária de Manágua, foi mais tarde o chefe da clandestinidade operária. Estes três líderes da UCA foram assassinados pela Guarda Nacional entre 1967 e 1969. CEUCA, “Los estudiantes de la UCA se manifiestan...”, in: TRANA *et al.*, *Movimiento estudiantil*.

¹⁵⁵ Cf., por exemplo, BORGE, *Carlos, the dawn...*, p. 33; BLACK, George, *Triumph of the people: The Sandinista Revolution in Nicaragua*. London: Zed Press, 1981, p. 75; GROSS, Lisa, *Handbook of leftist guerrilla groups in Latin America and the Caribbean*. Boulder: Westview Press, 1995, p. 126.

¹⁵⁶ “E em 1961 – há aqui uma coincidência importante que não tínhamos notado –, em 19 de julho de 1961 é fundada a Frente Sandinista de Libertação Nacional (estivemos tão aturdidos que só agora, neste momento, me dei conta); BORGE, “Historia político-militar del FSLN”, *Encuentro*, n. 15, set. 1979, p. 41.

fundadores era um mito. Romero, que tinha a mesma idade de Borge, saiu do PSN com Fonseca em consequência de El Chaparral e foi um proeminente ativista na JPN, MNN, FLN, assim como no início da FSLN.

Nunca houve uma reunião formal para fundar a Frente. Ele declarou com considerável ênfase: Tudo o que ler sobre isso é falso.

Apesar do carinho que tenho pelo comandante [Borge], devo dizer-lhe que a Frente Sandinista nunca teve nenhum aniversário oficial; nunca houve nenhum congresso, nenhuma convenção, nenhuma assembleia de fundação. Não houve nada. Nunca. A FSLN foi criada no calor do combate.¹⁵⁷

A FSLN, nascida em ação, só publicou um documento programático em 1969. As discussões e debates dos primeiros anos levaram a um consenso sobre alguns princípios fundamentais: o exemplo de Cuba, a independência diante dos partidos Conservador, Liberal e Comunista; a necessidade de uma organização clandestina; o compromisso com a luta armada; e, depois dos primeiros desacordos, a identificação com a luta de Augusto César Sandino.

A Revolução Cubana abastecia a embrionária FSLN não só no aspecto militar, mas também – o que era ainda mais importante – com lições políticas. Fonseca insistiria mais tarde no impacto que a crescente radicalização da revolução de Cuba nos anos que se seguiram à derrubada de Batista teve sobre os jovens nicaraguenses. A crescente identificação da liderança cubana com a ideologia do proletariado no decorrer de 1961, explicava ele, “tinha importância para os revolucionários nicaraguenses porque mostrava que a identificação com os explorados era a melhor garantia de travar uma luta vitoriosa contra a reação e contra o imperialismo”. Os acontecimentos em Cuba, no final de 1960 e em 1961, evidenciam, prosseguia, “mais do que nunca que a política do Partido Socialis-

¹⁵⁷ Rodolfo Romero, entrevista com a autora, Granada, 24 jun. 1994. Quando foi feita esta entrevista, Romero era um membro de base muito ativo da FSLN.

ta (da Nicarágua) era dar as costas à luta armada revolucionária, recusar-se a lhe dar qualquer atenção”.¹⁵⁸

O período político em que se formou a FSLN não coincidiu com a campanha militar de Sierra Maestra nem com o avanço dos guerrilheiros barbudos sobre Havana em janeiro de 1959, e sim com a mobilização em massa da classe trabalhadora em Cuba durante os anos de 1960 e 1961, a crescente nacionalização da economia, a forte polarização da sociedade em termos classistas e a declaração de Castro, em 1961, do caráter socialista da revolução. O próprio Fonseca se encontrava em Havana durante a Crise dos Mísseis, em outubro de 1962. Participou das mobilizações populares de apoio ao governo cubano e entendeu o desgosto dos cubanos quando os soviéticos decidiram retirar os mísseis sem consultá-los. Impressionou-se com o fato de que o presidente argelino Ben Bella – e apenas ele entre os líderes mundiais – permanecesse literalmente de pé, ao lado de Castro, durante a crise. Por volta do final de 1961, a FSLN tinha chegado à conclusão de que seguir a via cubana não apenas significava a derrubada da ditadura de Somoza respaldada pelos Estados Unidos, como também o começo da transformação socialista da Nicarágua. Como Fonseca disse a um jornalista cubano em 1970: “inspirados pela vitoriosa Revolução Cubana, inspirados pelo sublime Vietnã, inspirados pelo heroico comandante Ernesto Che Guevara, combatemos (...) A Frente Sandinista tem propósitos profundamente revolucionários para liquidar *não apenas* com o domínio imperialista na Nicarágua, mas também com a dominação de todas as classes exploradoras”.¹⁵⁹

Julio Buitrago, o chefe da clandestinidade urbana, explicava em 1968 que estava lutando para conquistar para os operários e cam-

¹⁵⁸ FONSECA AMADOR, “Notas y experiencias [1975]”, p. 65.

¹⁵⁹ BLANDÓN, *op. cit.*, p. 214-216; TAIBO, Paco Ignacio. Guevara, also known as Che. Nova York: St. Martin’s Press, 1997, p. 357-359 [Edição brasileira: *Ernesto Guevara, também conhecido como o Che*. São Paulo: Expressão Popular, 2011]; “Entrevista a Carlos Fonseca Amador por Elena A. Ferrada”, Radio Habana, Cuba, 30 out. 1970, transcrição em CHM reg. 24.807, caixa 6, ênfase no original.

poneses nicaraguenses os direitos que vira com seus próprios olhos na Cuba socialista. Escreveu a seu pai, que lhe oferecera ajuda para estabelecer-se com tranquilidade na Costa Rica, fora de perigo:

Abandonei o país não para garantir minha vida, e sim porque tinha que me preparar para poder combater esta tirania que afoga diariamente, na fome e na miséria, as amplas massas exploradas de nosso país. Minha experiência em outras terras, onde os homens vivem como seres humanos, onde o povo se governa, onde as crianças não conhecem nem a fome nem o frio, onde as terras cultivadas pertencem aos braços que as trabalham, onde não há gangues que dão duas horas aos inquilinos para que abandonem suas casas, onde as prisões se transformaram em escolas e um novo mundo está sendo criado através dos esforços de operários e de camponeses; é essa experiência que me dá força para seguir em frente.¹⁶⁰

O objetivo do grupo que se uniu a Fonseca em Honduras era replicar a Revolução Cubana. Mas suas explicações para esta vitória eram múltiplas. A maioria, provavelmente inclusive Fonseca, superestimava seu componente militar e subestimava a contribuição da organização política, das greves e das ações de massas. Baseavam-se em uma interpretação equivocada da insistência de Che Guevara e de Fidel Castro na primazia da *sierra* sobre o *llano*, isto é, do comando do Exército Rebelde estabelecido na Sierra sobre o aparato do Movimento 26 de Julho nas cidades das terras baixas. O modelo dos nicaraguenses, quando planejavam seu próprio levante em 1962, era uma guerra de guerrilhas rural, com apoio camponês e um acampamento de base na montanha, que desembocaria rapidamente em uma insurreição em escala nacional, para derrotar o Exército do ditador. Esta concepção ficou conhecida como *foquismo* ou teoria do *foco*, depois da análise de Régis Debray sobre a experiência cubana.¹⁶¹

¹⁶⁰ ALEGRÍA, Claribel e FLAKOLL, D. J. *Nicaragua: la revolución sandinista*. México: Ediciones Era, 1982, p. 192-193..

¹⁶¹ DEBRAY, Régis. *Revolution in the revolution?* Nova York: Grove Press, 1967; cf. também CHILDS, Matt D., “A historical critique of the emergence and evolution of Ernesto Che Guevara’s *foco* theory”, *Journal of Latin American Studies*, n. 27, out. 1995, p. 593-624.

Uma década mais tarde, Fonseca atribuiria a estratégia militar adotada em 1963 ao “ímpeto e à inexperiência juvenis”, e a uma falta de compreensão das lições da Revolução Cubana.

A perspectiva que tínhamos da experiência cubana na época era que bastara o desencadeamento da luta armada para que houvesse um levante de escala massiva. Era este nosso objetivo na Nicarágua no período imediatamente anterior a Rios Coco e Rio Bocay e durante esta mesma operação. Uma atenção um pouco mais cuidadosa das experiências dos povos russo e chinês em suas revoluções teria nos ajudado a superar em parte nossa preocupação exclusiva com a luta armada revolucionária.¹⁶²

Mas a ênfase excessiva nas ações militares sem o correspondente trabalho político entre as classes subalternas continuou sendo um problema na FSLN, dominando a estratégia de uma de suas tendências nos anos 1970 e causando dificuldades políticas depois da revolução de 1979.

No plano das vitórias militares, a Revolução Cubana mostrou-se impossível de ser reproduzida. Depois de apenas alguns meses na Sierra Maestra, o Exército Rebelde tinha um acampamento de base permanente e uma rede de comunicações, fazia ataques às posições inimigas com sucesso; recrutara e treinara camponeses locais e estabeleceu um sistema rudimentar de produção e de distribuição no território que controlava. Os sandinistas, em 17 anos de envolvimento nas operações guerrilheiras, não chegaram a ter um radiotransmissor e por vezes passavam anos sem causar uma baixa nas forças inimigas; durante a maior parte desse tempo, o “exército” guerrilheiro viu-se reduzido devido às mortes e deserções com mais rapidez do que sua capacidade de recomposição com os estudantes recrutados na cidade; a FSLN não conseguiu controlar nenhum território até 1979, quando as zonas liberadas consistiram em povoados e cidades na região oeste da Nicarágua, longe da zona de operações da guerrilha.

¹⁶² FONSECA AMADOR, “Notas y experiencias [1975], p. 58-60. Rios Coco e Bocay foi o nome dado à operação guerrilheira de 1963.

Em 1963, no entanto, os fundadores da FSLN ainda tinham esperança de reproduzir a experiência cubana. Até chegaram a elaborar, mecanicamente, um cronograma de 25 meses para a guerra revolucionária que conduziriam, baseados no lapso temporal entre a irrupção da guerra de guerrilhas nas montanhas da Sierra Maestra e a chegada triunfal do Exército Rebelde em Havana. Eles se prepararam no decorrer de 1961 e 1962, buscando os veteranos do Exército de Sandino para obter treinamento militar e adaptar o modelo cubano ao terreno nicaraguense.

Com exceção de Santos López, nomeado chefe de operações militares da nova FSLN, e de uns quantos que, como Fonseca, tinham participado de El Chaparral ou de algum dos outros levantes abortados de 1959 e 1960, os guerrilheiros reunidos para a operação de 1963 não tinham experiência prévia de combate dentro da Nicarágua. Muitos deles, no entanto, tinham recebido treinamento militar em Cuba, mesmo antes da formação da FSLN. Por volta do final de 1960, Rodolfo Romero aproximou-se pessoalmente de seu antigo amigo Che Guevara para solicitar treinamento militar para os jovens nicaraguenses que estavam em Cuba naquele momento. Cerca de 20 ou 30 nicaraguenses completaram uma escola de artilharia em janeiro ou fevereiro de 1961. Na sequência, Fidel Castro acatou a solicitação para que um pequeno grupo deles (incluindo Fonseca, Mayorga, Borge e Romero) passassem algumas semanas com as forças cubanas, combatendo os bandos contrarrevolucionários nas montanhas do Escambray. Esta experiência de combate – provavelmente a primeira de Borge e Mayorga – aconteceu nos meses imediatamente anteriores à invasão da Baía dos Porcos. Mayorga ficou responsável por todos os nicaraguenses que participaram da defesa organizada de Havana durante a invasão de abril de 1961.¹⁶³

¹⁶³ MAYO, “Fue una noche de junio”, *Juventud Rebelde*, 7 jun. 1988, 8; ANDERSON, *Che Guevara*, p. 394 e 396; IES, Colección Dirección Nacional Histórica, “Silvio Mayorga”.

Os guerrilheiros sentiam-se militarmente prontos, mas ainda tinham que localizar o equivalente nicaraguense da Sierra Maestra. Com este propósito, Fonseca e Santos López viajaram pelas montanhas nicaraguenses em 1962 e se decidiram por uma área remota a noroeste de Matagalpa, perto do ponto de encontro dos rios Coco e Bocay. “Ao ver a miséria que sofria a população indígena dos sumos – diria Fonseca um pouco depois, – achamos que esse segmento podia apoiar uma luta a favor de sua libertação”. Observando retrospectivamente esta decisão, em 1970, Fonseca admitiu que “houve certa improvisação, sem dúvida”, e que a área tinha algumas desvantagens: “isolamento – a parte mais isolada do norte do país, poderíamos dizer -, uma população muito atrasada e escassa, uma economia primitiva”.¹⁶⁴

A operação guerrilheira conhecida como Rios Coco e Bocay ou Raití-Bocay não foi uma invasão a partir de Honduras. Fonseca aprendera esta lição em El Chaparral. No entanto, a preparação logística e política se deu em Honduras: o treinamento militar, a compra de armas, a seleção dos quadros, a preparação dos planos de combate. No decorrer de 1962, várias dezenas de homens e uma quantidade de material de guerra foram introduzidos na zona de batalha escolhida; uma desastrosa falta de coordenação, em dado momento, resultou no afogamento de um dos combatentes e na perda de uma significativa porção das armas e suprimentos acumulados. Em seu momento máximo, este “exército” guerrilheiro foi constituído de 63 homens organizados em três colunas. Só a metade dos soldados tinha armas de fogo; a maioria levava espingardas de caça.¹⁶⁵

Nem todos os fundadores da FSLN estavam de acordo com a preparação da organização para lançar-se a uma luta guerrilheira. Em uma declaração a um juiz de Manágua, em julho de 1964, disse Fonseca:

¹⁶⁴ FONSECA AMADOR, “Declaración, 1964”, p. 184; *id.* “Entrevista, 1970”, p. 222.

¹⁶⁵ SÉLSER, Gabriela, “La primera guerrilla del Frente Sandinista”, *Barricada Edición Especial*, 7 nov. 1986.

Pessoalmente, muito me preocupou que nosso movimento se transformasse em uma aventura incerta, porque não a apenas a frente interna estava mal coberta, mas também porque havia um problema de indisciplina e falta de seriedade em nossas atividades em [Honduras] (...) Então passei a discutir, às vezes com paciência, outras com impaciência, a solução dos diversos problemas com os quais nos defrontamos desde que concebemos a ação em junho [de 1962] (...) Certos companheiros pintavam um quadro bastante otimista, com relação às possíveis conseqüências de nossas atividades, chegando a antecipar que levariam ao desenvolvimento de uma insurreição no país (...) Eu não compartilhava este otimismo; acreditava na abnegação, no espírito de sacrifício e na elevada moral dos companheiros responsáveis pelo trabalho interno, mas estava convencido de que, para obter êxito, era necessário mais do que moral elevada; era necessário ter experiência, algo que os companheiros no país não possuíam.¹⁶⁶

Ao mesmo tempo em que combatia aqueles enfoques exageradamente otimistas sobre a força do novo movimento, Fonseca estava envolvido no debate oposto com Noel Guerrero Santiago, o administrador financeiro da nova organização e uma voz de influência. O conteúdo político desta disputa particular é vago, só emergiram naquela época acusações e contra-acusações relativas a transgressões organizacionais, e Guerrero ficou desde então proscrito da história oficial da FSLN. Aparentemente, ele trazia consigo algo do pessimismo do PSN sobre a possibilidade de uma revolução socialista na Nicarágua e desaprovava a estratégia de insurreição. Em meados de 1963 abandonou a FSLN e se transferiu permanentemente para o México. A crise interna provocada pelo conflito com Guerrero impediu a participação pessoal de Fonseca na operação guerrilheira dos Rios Coco e Bocay como ele planejava.¹⁶⁷

¹⁶⁶ FONSECA AMADOR, “Declaración, 1964”, 184-185. *Frente interna* alude à organização clandestina dentro do país, especialmente nas cidades.

¹⁶⁷ Em um discurso de 1979, Borge se referiu a Guerrero como “um nicaraguense que viveu muitos anos no México e de cujo nome não quero me lembrar” (BORGE, “Historia político-militar del FSLN”). Fonseca deve também ter se referido a Guerrero quando disse que o grupo dirigente de 1962 ainda carecia

Pouco ou nenhum trabalho preparatório foi feito na área escolhida para a primeira operação guerrilheira. O trabalho político inicial do MNN e depois da FLN/FSLN dentro do país foi abandonado quando as energias concentraram-se nos preparativos para a operação militar. A FSLN, no final de 1962 e começo de 1963, era virtualmente desconhecida dentro da Nicarágua – certamente desconhecida na selva tropical da Costa Atlântica onde a operação estava baseada. Borge, que dela participou, disse mais tarde que os guerrilheiros terminaram em uma área “onde a população era, do ponto de vista político e mesmo econômico, primitiva. Muitos deles não sabiam falar espanhol e acho que nunca compreenderam muito bem quem nós éramos. Certamente não tinham certeza se éramos da Guarda Nacional ou o que éramos. Éramos seres realmente estranhos para eles”.¹⁶⁸ Nenhum dos guerrilheiros falava a língua dos sumos ou dos miskitos, ainda que com o grupo viajasse um camponês sumo de 12 anos de idade.

Em uma entrevista de 1979, Borge admitiu que, “na realidade, os guerrilheiros não poderiam ter sucesso, já que se tratava da operação guerrilheira mais atrapalhada que se poderia imaginar. Não havia conhecimento do terreno, não havia linhas logísticas de abastecimento, não existiam as condições para que uma guerrilha pudesse prosperar”. O combatente Pedro Pablo Ríos disse mais tarde que durante toda a marcha, desde a fronteira hondurenha até o povoado de Raití, “não tínhamos uma única casa de segurança, não havia base social; tínhamos que dormir na selva”.¹⁶⁹

de coesão por conta do peso decisivo de “elementos com maus-hábitos pacifistas que, de qualquer maneira, pouco depois abandonaram e desertaram da luta revolucionária” (FONSECA AMADOR, “Notas sobre la lucha popular contra la tiranía somocista”, 1973, CHM reg. 00253, caixa 2B). Cf. também BORGE, “Carlos y la fundación del FSLN”, *Barricada*, 8 nov. 1980.

¹⁶⁸ BORGE, “Historia político-militar da FSLN”, *Encuentro*, n. 15, set. 1979, p. 43.

¹⁶⁹ ARIAS, *Nicaragua...*, p. 28; SÉLSER, “La primera guerrilla...”, *Barricada*, 7 nov. 1986.

Frequentemente perdidos e quase sempre famintos, encharcados e com frio, os guerrilheiros caminharam pelas montanhas desde maio até agosto de 1963, encontrando a Guarda Nacional apenas por acidente. Tiveram a ideia, por alguma razão, de tornar o comando rotativo, mudando-o a cada semana. Certamente não tinham aprendido nada com Che Guevara, e é provável que o esquema talvez fosse oriundo dos anos que tinham passado como ativistas no movimento estudantil. Na séria situação de vida ou morte de uma guerra de guerrilhas, o comando compartilhado mostrou-se desastroso. As pequenas unidades em que a guerrilha foi flexivelmente organizada estavam frequentemente separadas umas das outras. Em agosto, um grupo foi eliminado em uma emboscada da Guarda Nacional e a operação foi abandonada. Em seu regresso, os sobreviventes, famintos e doentes, demoraram mais de um mês para se arrastarem até a fronteira hondurenha.

Francisco Buitrago, Jorge Navarro, Iván Sánchez, Modesto Duarte e Faustino Ruiz, todos próximos ou tendo acabado de completar 20 anos, estavam entre os mortos. Segundo o testemunho dos camponeses, foram capturados vivos e assassinados por seus captores. Apenas os estudantes influenciados pela FSLN protestaram quando se tornou público o assassinato daqueles conhecidos jovens rebeldes, um sinal muito claro do isolamento do movimento. “Devemos prestar atenção”, disse Fonseca mais tarde – ao fato de que não houve manifestações em consequência desse massacre por parte de outras forças políticas da Nicarágua, sequer dos dirigentes estudantis universitários ou de intelectuais e representantes da Igreja”.¹⁷⁰

Na época das operações dos Rios Coco e Bocay, os membros da nova FSLN sabiam muito pouco sobre o sentimento político dos camponeses nicaraguenses. Como Fonseca disse uma década mais tarde,

¹⁷⁰ FONSECA AMADOR, “Bajo la sombra de Sandino”, p. 30; *id.* “Notas sobre la lucha popular [1973]”.

“foi um enorme obstáculo não possuir praticamente nenhum contato, por isolado que fosse, com camponeses das zonas montanhosas, considerando o importantíssimo papel que com justiça foi atribuído à guerrilha rural. Ainda estávamos tentando trabalhar por meio do auxílio de proprietários de terra ligados ao Partido Conservador, o que era uma completa perda de tempo”.¹⁷¹ Vários dos jovens dirigentes da FSLN, inclusive Fonseca, tinham crescido em pequenas cidades provincianas ou vilarejos, sendo familiares para eles as condições de vida no campo. Uns poucos, como Faustino Ruiz e Germán Pomárez, tinham origens rurais. Mas a organização só começou realmente a fazer trabalho político entre os pequenos camponeses e trabalhadores agrícolas depois da derrota de 1963. A iniciativa foi tomada então por um dos guerrilheiros dos Rios Coco e Bocay, Rigoberto Cruz (conhecido pelo pseudônimo de Pablo Ubeda), que permaneceu nas montanhas do norte quando a operação se desfez.

Depois do fracasso da guerrilha, Fonseca percebeu que era a única pessoa “em condições de tomar as rédeas do que ainda restava de nossa organização”. Mas, em lugar de retornar à Nicarágua imediatamente para lidar com a crise, decidiu permanecer vários meses em Honduras, estudando a história nicaraguense e mundial: “Estudei por um período bastante longo, minuciosamente, a experiência do movimento revolucionário da Nicarágua, assim como as lutas revolucionárias de outros povos”. Da Nicarágua vinham informes que ele solicitava, indagando sobre a viabilidade da FSLN. Mas só em maio de 1964 regressou para inteirar-se pessoalmente da situação. Disse, então: “Meus temores acerca da ausência de preparação interna da organização para efetuar ações de combate foram dolorosamente confirmados”.¹⁷² Apenas um mês depois de seu regresso, Fonseca foi preso em Manágua, junto com

¹⁷¹ *Ibid.*

¹⁷² *Id.*, “Declaración, 1964”, p. 187-188.

outro jovem ativista da FSLN, o mexicano de nascimento Víctor Tirado López.

Quando Fonseca foi detido no bairro operário San Luís, em 29 de junho de 1964, imediatamente começou a gritar tão alto quanto pôde: “Sou Carlos Fonseca Amador, sou Carlos Fonseca Amador”. Assim, quando chegou o jipe que levaria os prisioneiros para o posto de polícia, os residentes do bairro já tinham chamado as estações locais de rádio e o jornal opositor *La Prensa*. Ao longo dos anos 1960 e 1970, muitos dos principais dirigentes da FSLN foram capturados vivos, segundo testemunhas, e depois dados por mortos pela Guarda Nacional, supostamente ao resistir à prisão ou tentando escapar. Quando Tomás Borge foi julgado, em agosto de 1976, tornou pública uma declaração, insistindo em que não tinha intenção de tentar fugir de sua guarda ou de se matar, e que responsabilizava as forças de segurança por qualquer coisa que pudesse lhe acontecer. Esta declaração, admitida por uma corte militar e reproduzida por inteiro no dia seguinte em *La Prensa*, pode ter desempenhado papel decisivo para salvar-lhe a vida durante sua prolongada prisão.¹⁷³

Em junho de 1964 foi a oitava e última vez que prenderam Fonseca dentro da Nicarágua. Teve a sorte de não ser capturado no final dos anos 1960 ou nos anos 1970, quando as oportunidades de ser assassinado enquanto preso eram muito maiores. O clima político na Nicarágua em 1964 não era propício ao maltrato descarado dos prisioneiros, especialmente aqueles que eram tão conhecidos como Carlos Fonseca. Um novo presidente nicaraguense, René Schick, fora eleito em 1963. Anastasio Somoza ainda era chefe-diretor da Guarda Nacional, e os nicaraguenses faziam piadas sobre o “grande presidente” (Tachito) e o “presidentinho”, mas Schick alegava ser contra os excessos do passado. O oficial que prendeu Fonseca e Tirado, um

¹⁷³ SÉLSER, Gabriela, “En algun lugar de Nicaragua”, *Barricada Edición Especial*, 7 nov. 1986. *La Prensa*, 17 ago. 1976.

dos mais notáveis torturadores da GN, bateu nos prisioneiros no caminho para o cárcere. Fonseca, no entanto, não sofreu torturas enquanto esteve preso. Foi julgado em uma audiência pública em 9 de julho e liberado depois de cumprir uma sentença de seis meses. Seu advogado disse que tinha que visitá-lo constantemente na prisão e não deixá-lo sozinho para evitar que a guarda o matasse.¹⁷⁴ Mas o perigo de que Fonseca fosse assassinado durante sua prisão em 1964 provavelmente era mínimo.

Vários dias depois de sua prisão, em 29 de junho, o governo recusou-se a confirmar a captura de Carlos Fonseca. Não obstante, o movimento estudantil não se fez esperar para lançar uma campanha com marchas, greves, ocupação de edifícios e conferências de imprensa. Desta vez os protestos não se restringiram a estudantes pró-FSLN. Membros da juventude do Partido Conservador e do PLI enviaram cartas aos jornais, e o próprio reitor da universidade encabeçou uma manifestação de protesto em León. Na tarde de 30 de junho, uma delegação de 26 estudantes pôs-se em marcha a pé, partindo de León para Manágua (uma distância de quase 100 quilômetros), paralelamente a uma ocupação de estudantes, em greve de fome, no edifício administrativo decorado com faixas que diziam “Basta de estudantes mortos” e “Exigimos liberdade e respeito à vida de nosso companheiro Carlos Fonseca”. Vários departamentos das universidades em León e Manágua foram fechadas pela greve estudantil; o instituto Ramírez Goyena e outros tantos colégios de nível secundário realizaram ações de solidariedade. Uma nova consigna fez-se ouvir: “Quem causa tanta alegria? Carlos Fonseca com sua guerrilha!”, adaptada de uma saudação mariana da festa religiosa popular nicaraguense da Puríssima Virgem. Esta não foi a última vez em que os jovens simpatizantes da FSLN adaptariam e secularizariam

¹⁷⁴ LÓPEZ, Roberto Fonseca, “Carlos en el cárcel hace 25 años”, *Barricada*, 23 jun. 1989.

de maneira criativa a linguagem religiosa existente, com não pouco desagrado da hierarquia católica.¹⁷⁵

De acordo com os defensores de Fonseca, a notícia de que seu julgamento seria aberto “correu como pólvora, e o local não foi suficiente para tanta gente”. A *Declaração* de Fonseca de 9 de julho, reproduzida na íntegra no dia seguinte em *La Prensa*, era uma ardorosa defesa da história e do programa da FSLN. Como o discurso “A história me absolverá” de Fidel Castro, de 1953, e a autodefesa de Nelson Mandela no julgamento Rivonia, o discurso de Fonseca na audiência passou a fazer parte da literatura programática de seu movimento.¹⁷⁶

As regras para um interrogatório judicial limitavam o prisioneiro a responder perguntas específicas formuladas pelo juiz. Apesar destas restrições, Fonseca conseguiu explicar como e por que fora organizada a operação guerrilheira de 1963, além de fazer um apelo de apoio à FSLN. Sua *Declaração* foi um exemplo precoce do que viria a ser uma importante ferramenta política para os sandinistas. Eles buscavam reverter o infortúnio acidental da prisão contra seus carcereiros e contra o governo somozista, usando o julgamento ou a corte militar como tribuna para narrar a história do ponto de vista da FSLN. Comparado com alguns outros veículos de propaganda usados pela FSLN – manifestos mimeografados, cartazes, comunicados militares e entrevistas – os depoimentos diante dos juízes levavam rapidamente a um amplo setor do público informações sobre as atividades e ob-

¹⁷⁵ *La Prensa*, 2 jul. 1964. “Quién causa tanta alegría? Carlos Fonseca con su guerrilla!” foi adaptado de “Quién causa tanta alegría? La Concepción de María!”. Cf. SUÁREZ, “En cada militante”, *Nicaráuac* 13 (nov.-dez. 1986).

¹⁷⁶ *La Prensa* 1º e 2 jul. 1964; LÓPEZ, Roberto Fonseca, “Carlos en el cárcel hace 25 años”, *Barricada*, 23 jun. 1989; CASTRO, Fidel, “History will absolve me”, in: HARNECKER, Martha e CASTRO, Fidel. *Fidel Castro’s political strategy: from Moncada to victory*. Nova York: Pathfinder Press, 1987 [Edição brasileira do discurso de Fidel Castro: *A história me absolverá*. São Paulo: Expressão Popular, 2010]; MANDELA, Nelson. *The struggle is my life*. Nova York: Pathfinder Press, 1986.

jetivos do movimento. Inclusive quando o conteúdo dos discursos da defesa era limitado pelo formato judicial, como foi o caso da *Declaração* de Fonseca em 1964, o próprio contexto do julgamento reforçava a imagem dos jovens como rebeldes em confronto com o Estado e sua força policial. Esses prisioneiros que eram acusados de graves crimes impediam, desta maneira, as tentativas do governo de retratar os revolucionários como insignificantes e ineficientes.

A estratégia do julgamento dava resultados mais efetivos quando a imprensa relatava, palavra por palavra, a alegação de defesa. Fidel Castro não teve esta vantagem quando pronunciou seu discurso *A história me absolverá* a portas fechadas; escreveu-o de memória e depois o tirou da prisão clandestinamente. Na Nicarágua, com a televisão controlada pela família Somoza, só *La Prensa* deu voz aos acusados como Carlos Fonseca e Tomás Borge. O jornal era propriedade da família Chamorro, que o dirigia e era a família mais proeminente da política nicaraguense desde o século 19. Vários Chamorro haviam sido presidentes da Nicarágua, e dezenas haviam ocupado posições-chave em uma série de governos administrados pelo Partido Conservador. As colunas sociais de *La Prensa* relatavam os bailes de debutantes da sociedade e os casamentos das pessoas mais ricas da Nicarágua. Mas o diário era também a voz da oposição antissomozista tradicional, e Pedro Joaquín Chamorro, que na década de 1950 substituíra seu pai como editor, estivera preso por suas atividades políticas. *La Prensa* cobria as atividades dos sandinistas, conferências de imprensa e audiências nos julgamentos, embora desaprovasse veementemente seus métodos de luta. É possível que a administração Schick tenha pretendido desestimular o jornal conservador de dar mais publicidade gratuita à FSLN quando em 1964, entre outras acusações, acusou Fonseca de conspirar para incendiar os escritórios do jornal.¹⁷⁷

¹⁷⁷ As hostilidades do jornal com Fonseca foram muito mais ásperas depois da fundação da FSLN. Continuaram, no plano editorial, até o fim de sua vida. Antes de 1963, *La Prensa* chegou algumas vezes a publicar artigos favoráveis

Apesar da extensa cobertura que *La Prensa* deu à prisão e ao julgamento de Fonseca em 1964, a linguagem com a qual era descrito o prisioneiro diferia pouco da que empregava o governo de Somoza. A notícia emitida pela secretaria de informação e imprensa da presidência sobre a prisão de Fonseca chamava-o de “dirigente esquerdista e conhecido agente internacional”. *La Prensa* referia-se a ele como o “jovem terrorista” e agente do comunismo internacional, apelando aos pais de família para que persuadissem seus filhos a “não se prestarem a ser instrumentos das maquinações e consignas do comunismo internacional”. Pedro Joaquín Chamorro ridicularizou Fonseca em dois editoriais assinados, um dos quais intitulado: “O que fazer com ele? Mandá-lo de volta à Universidade!”. A posição política de *La Prensa* estava clara na manchete de um de seus dois artigos de 2 de julho sobre o caso: “Manifestantes exigem respeito aos direitos humanos, mesmo para os comunistas”. Um editorial do intelectual do Partido Conservador, Reynaldo Antonio Téfel, introduziu um tema que *La Prensa* utilizaria ao longo dos anos 1960 e 1970: que os Somoza tinham criado o problema “terrorista” fechando as portas à oposição responsável.¹⁷⁸

Quando foi julgado, em 9 de julho, Fonseca já redigira seu co-

às atividades opositoras de Fonseca e mesmo um afetuoso, ainda que não pouco condescendente, poema intitulado “Rapazinho”: “Rapazinho de bairro / rapazinho sem cardápio / rapazinho de uma única camisa” (*La Prensa*, 17 jul. 1960). As relações entre *La Prensa* e a FSLN assumiram uma nova dinâmica na metade dos anos 1970, quando muitos de seus repórteres tornaram-se simpatizantes da organização e alguns chegaram a ser membros. Menos de um ano depois da revolução de 1979, o jornal cindiu-se entre os repórteres e editores pró-FSLN, que fundaram um novo jornal chamado *El Nuevo Diario*, e a facção anti-FSLN, que se manteve no controle de *La Prensa*. A própria família Chamorro se dividiu: *La Prensa*, *El Nuevo Diario* e o novo jornal da FSLN, *Barricada*, eram todos editados pelos filhos ou irmãos de Pedro Joaquín Chamorro.

¹⁷⁸ *La Prensa*, 1º, 2, 3 jul. 1964; TÉFEL, Reynaldo Antonio, “El caso Fonseca Amador, los Somoza, y el comunismo”, *La Prensa*, 19 jul. 1964.

nhecido manifesto da prisão, “Do cárcere acuso a ditadura”. Escrito com o pedaço de um lápis que lhe deu um prisioneiro comum, *Acuso* foi publicado como panfleto em León enquanto ele permanecia preso. Quanto ao conteúdo e estilo literário, era similar a *A história me absolverá*, que Fonseca provavelmente tinha lido. Como Castro, Fonseca dizia que a própria ditadura era culpada dos crimes de que falsamente o acusava, incluindo assassinato e roubo.

Em *Acuso*, Fonseca convocava para a formação de um Partido Sandinista, “o partido da nova geração”, um partido de ação, que não “perdia tempo com falatório aos sábados e domingos”. Criticava a “velha geração” de conservadores, liberais e comunistas dirigindo-se “à sua própria geração, àqueles que me conhecem, que me compreendem (...) Falo pelos jovens de minha abatida, mas não vencida, geração (...) a geração do 23 de julho”. Referindo-se a um fórum político organizado sob os auspícios do PSN e de outros grupos de oposição no princípio do ano na Unan, Fonseca disse que lhe dava tristeza ver os estudantes desperdiçarem seu tempo em debates estéreis.¹⁷⁹

Víctor Tirado, entrevistado em 1979, dizia que a convocação de Fonseca para um Partido Sandinista em *Acuso* teve uma resposta pouco calorosa por parte das outras tendências políticas. “Ninguém lhe fez caso e, ao contrário, algumas forças revolucionárias internacionais criticaram-no, e ele se viu isolado e sozinho e, até certo ponto, abandonado por alguns companheiros”. De acordo com outro observador, o panfleto encontrou algumas “mentes receptivas” nas fileiras universitárias e de nível secundário e nos círculos de trabalhadores, ainda que fosse repudiado por outros, algumas vezes por temor à represália do governo; outras vezes “silenciaram-no por conveniência”. Aparentemente, mesmo dentro da própria FSLN e dos círculos simpatizantes, não houve acordo quanto à convocação para a formação de um novo

¹⁷⁹ FONSECA AMADOR, “Desde lo cárcel yo acuso a la dictadura” [Prisão “La Aviación”, 8 jul. 1964], in: *Obras*, v. 1, p. 231-238.

partido político. Em setembro, Fonseca tirou clandestinamente outro texto da prisão, “Esta é a verdade”, em que defendia a FSLN contra as alegações do governo de planos para assassinar membros da oposição (incluindo comunistas) e de pretender incendiar os jornais próximos ao Partido Conservador, como *La Prensa*.¹⁸⁰

Carlos Fonseca apaixonou-se durante sua prisão em 1964. María Haydeé Terán, uma jovem ativista de León, tomava um ônibus para Manágua para visitá-lo quase todos as quintas e domingos, que eram os dias de visita na prisão. María Haydeé, dois anos mais moça que Fonseca, vinha de uma família muito conhecida de dissidentes liberais. Seu pai e seu irmão foram dirigentes do PLI, e a família possuía uma pequena editora e uma livraria em León, o Editorial Antorcha. Embora nunca tenha entrado na universidade, ela participava de reuniões com muitos ativistas estudantis enquanto trabalhava na livraria Antorcha, próxima do *campus* da universidade, esteve na marcha dos estudantes em 23 de julho de 1959. Como participara das atividades antissomozistas do começo dos anos 1960, estudantes membros da FSLN conseguiram para ela um encontro com um dirigente clandestino da organização. Ela só descobriu que tinha se encontrado com o próprio Carlos Fonseca quando descreveu posteriormente esta reunião secreta para Octavio Robleto, com quem saía naquela época. Ela decidiu não se filiar à FSLN, mas depois da prisão de Carlos, em junho de 1964, pediu a Octavio Robleto que a acompanhasse em uma visita a seu antigo amigo.¹⁸¹

¹⁸⁰ VARGAS, Marcio e ALEMÁN, Filadelfo, “A pesar de todo... vacío”, *La Prensa*, 8 nov. 1979; ÑURINDA, Armando, “El ‘Yo acuso’ de Carlos Fonseca”, *El Nuevo Diario*, 22 jun. 1985; FONSECA AMADOR, “Esta es la verdad”, in: *Obras*, v. 1, p. 239-242.

¹⁸¹ Anos mais tarde, Carlos disse a María Haydeé que se lembrava de tê-la conhecido pela primeira vez no final dos anos 1950, quando bateu na porta de sua família enquanto recolhia assinaturas para uma manifestação (María Haydeé Terán, entrevista com a autora, León, 2 jul. 1994). Robleto logo se deu conta que um vínculo emocional estava se estabelecendo entre Fonseca e María Haydeé.

Na última vez em que María Haydeé tentou visitar Carlos na prisão, no início de janeiro de 1965, os guardas lhe disseram que ele se fora e que não lhe dariam mais informações. Preocupada com a segurança de Carlos, María Haydeé valentemente foi à luxuosa casa de Fausto Amador e interpelou-o para que lhe dissesse o que sabia sobre o paradeiro de seu filho. Amador, no começo, negou saber algo, mas depois admitiu que a OSN o tirara da cama no meio da noite e o levava para o aeroporto, onde falara com Carlos e lhe dera 50 dólares antes de vê-lo embarcar em um avião militar.

O destino de Fonseca era a Guatemala, o aliado latino-americano mais próximo da Nicarágua somozista. Naquela sua terceira deportação para a Guatemala, esteve encarcerado por vários dias na prisão de La Tigrera. “Nesta prisão passei vários dias angustiado”, escreveu depois de ser libertado. “Ninguém sabia da minha prisão na Guatemala e [eu temia que] valendo-se de tal situação (...) me acontecesse algo grave”. Foi posto em liberdade e, ainda que não lhe causassem danos, foi deportado novamente para o México. Pouco depois, María Haydeé chegou à Cidade do México acompanhada por sua mãe e por seu irmão. Ela e Carlos se casaram em 3 de abril na casa de Don Edelberto Torres.¹⁸² Durante quase todo o ano seguinte, os recém-casados permaneceram fora da Nicarágua. Carlos permanecia distante fisicamente e algo distraído no trato pessoal, enquanto sua organização clandestina buscava uma estratégia para transformar a situação nicaraguense.

Quando havia outros visitantes, e os guardas só permitiam duas pessoas por vez para visitar Fonseca, María Haydeé ia conversar com ele, e Octavio passava o tempo com Víctor Tirado (Octavio Robleto, entrevista com a autora, Manágua, 9 jun. 1995). María Haydeé Terán jamais se integrou à FSLN.

¹⁸² María Haydeé Terán, entrevista com a autora, León, 2 jul. 1994. Carlos Fonseca, Tapachula, México, a Rodolfo Tapia Molina, diretor da Radio Informaciones, Manágua, 16 jan. 1965, CHM reg. 00333, caixa 5; “Carlos Fonseca visto por María Haydeé Terán”, *Barricada*, 9 nov. 1979.

5. A EVOLUÇÃO DE UMA ESTRATÉGIA, 1964-1968

Fonseca usava frequentemente a palavra “clandestino” para descrever seus esforços de organização. Mesmo antes da formação da FSLN, propunha uma combinação de guerra de guerrilhas rural com a “atividade clandestina organizada. Esta atividade organiza os comícios relâmpagos, as consignas a serem pintadas nos muros, a distribuição de panfletos subversivos etc. Podemos incluir nela também a rádio clandestina”. Dos esforços de organização anteriores a 1960 dizia: “pela primeira vez forma-se um agrupamento revolucionário no país que se propõe a realizar algo inteiramente novo: a atividade clandestina organizada que pode abrir o caminho para a luta armada de massas”.¹⁸³ Usando o termo “clandestino” quase como sinônimo de “revolucionário”, Fonseca referia-se não apenas a se organizar secretamente como também a um nível de compromisso moral por parte dos quadros, uma estratégia baseada na luta armada em lugar de eleições, e a meta de uma transformação social radical, não apenas

¹⁸³ FONSECA AMADOR, “La lucha por la transformación [1960]”, p. 29; *id.* “Lucha armada en Nicaragua”; *id.* “Notas sobre la lucha popular [1973]”.

uma mudança de regime. Não repudiava a atividade legal, mas esta era vista por ele como apoio para as ações clandestinas e armadas.

No entanto, desde o final de 1964 até meados de 1966, os membros da FSLN participaram quase exclusivamente de atividades legais, em coalizão com o Partido Comunista e outros grupos de oposição. Fonseca mais tarde analisaria isto como uma orientação equivocada, que levou a FSLN à beira do desaparecimento como força revolucionária independente. Naquele momento, no entanto, o movimento parecia estar pondo em prática a perspectiva indicada por ele em seu pronunciamento no julgamento de julho de 1964, quando disse que “agora devemos dedicar-nos a obter a unidade com as demais forças antissomozistas e revolucionárias, sem exclusão de nenhuma delas”. Reconhecia que a FSLN estava demasiadamente débil e isolada para conduzir uma “luta armada popular”, a qual, insistia, “[é] a única maneira de conquistar um governo revolucionário”. Sobre as recentes derrotas, Fonseca dizia: “nos ensinaram que não devíamos nos deixar arrastar por nossos desejos, perdendo o contato com a realidade”.¹⁸⁴

Depois da derrota guerrilheira de 1963, a FSLN mal existia. Segundo Jacinto Suárez, que se uniu à FSLN naquele ano em Manágua, a organização consistia em, no máximo, dez guerrilheiros na montanha e, talvez, 20 jovens como ele mesmo, em Manágua e León. Suárez relata: “Eram anos – em que não tínhamos nada – é preciso dizê-lo — não tínhamos nada! Um mimeógrafo de madeira, uma casa de segurança, uma caixa canetas coloridas, uns quantos metros de tecido, no máximo duas pistolas e muita vontade de trabalhar”. Até mesmo saber da existência da FSLN podia depender de onde a pessoa vivia. Uma meia dúzia de jovens membros do movimento, inclusive os irmãos Humberto e Daniel Ortega Saavedra, viviam ou trabalhavam a duas quadras da casa de Suárez, no bairro San Antonio, de Manágua.¹⁸⁵

¹⁸⁴ *Id.*, “Declaración, 1964”, p. 191.

¹⁸⁵ ARIAS, *Nicaragua...*, p. 33, 35 e 26.

As oportunidades de levar a cabo uma organização política aberta na Nicarágua eram maiores naquele período do que haviam sido durante duas décadas. O recrudescimento, em 1960-1962, das manifestações de estudantes e intelectuais, combinado com um leve incremento da militância operária, pressionava o governo nicaraguense a dar à oposição mais espaço para operar. Ao mesmo tempo, o governo dos Estados Unidos estava usando seu programa Aliança para o Progresso, que tinha uma forte presença na Nicarágua, para pressionar por eleições mais limpas e outras reformas. O novo presidente liberal, René Schick, desfrutava um certo grau de credibilidade democrática, tendo sido eleito com mais de 90% dos votos em 1963. Alguns participantes da guerrilha dos Rios Coco e Bocay aproveitaram o programa de anistia de Schick para regressar legalmente ao país. Um acadêmico caracterizou este período como o de uma significativa expansão da sociedade civil, com um florescimento especial de organizações da classe média e de profissionais, que defendiam os interesses de seus integrantes num contexto de apoio geral ao Estado somozista. Uma influente organização de mulheres liberais, por exemplo, obteve maior acesso para mulheres de classe média a postos políticos e carreiras profissionais. Uma indicação do êxito dessa política é que dois terços daqueles que votaram por Anastasio Somoza em 1974 foram mulheres.¹⁸⁶

A economia estava em forte expansão: de 1961 a 1967, a taxa anual de crescimento da Nicarágua foi superior a 7%, a mais alta

¹⁸⁶ Uma ala do Partido Conservador apoiou Schick, enquanto a outra defendeu a abstenção depois que não foi permitido a seu candidato, Fernando Agüero, fazer campanha livremente; cf. ALEGRÍA, Claribel e FLAKOLL, D. J. *Nicaragua: la Revolución Sandinista*. México: Ediciones Era, 1982, p. 173; CHAMORRO, “Estado y hegemonia”, p. 260-266; GONZÁLEZ, Victoria, “Somocista women, right-wing politics, and feminism in Nicaragua, 1936-1979”, palestra realizada durante a Conferência da Associação de Estudos Latino-Americanos (Lasa), Chicago, 24-26 set. 1998.

da América Latina. A taxa de crescimento, apenas na agricultura, durante os anos 1950 e 1960 chegou a cerca de 5% ao ano, uma das mais altas do mundo. A explosão da produção de algodão, que começou em 1950, foi acompanhada na década seguinte por um brusco aumento da exportação de gado, tradicional produto nicaraguense, e pelo começo da produção comercial de açúcar, mariscos, fumo e banana para exportação em grande escala. O novo Mercado Comum Centro-Americano permitiu um modesto incremento na industrialização, especialmente no processamento básico de produtos agrícolas e na embalagem de inseticidas e fertilizantes. A Aliança para o Progresso criou alguns empregos públicos, em serviços ao cidadão e na educação; a expansão agrícola e industrial levou a um crescimento do emprego gerencial e comercial. O auxílio econômico dos Estados Unidos em 1968 foi 27 vezes maior do que fora em 1960. Um auge da construção na capital possibilitou o surgimento de novos bairros de classe média. O centro de Manágua passou a ter um verdadeiro distrito comercial, com lojas que vendiam produtos manufaturados nos Estados Unidos para os novos consumidores ricos. Culturalmente, a classe média nicaraguense, ainda pequena, mesmo para os padrões latino-americanos, estava muito voltada para os Estados Unidos.¹⁸⁷

No entanto, a maioria da população nicaraguense não se beneficiava deste *boom* econômico. No campo, a distribuição da riqueza era mais desigual do que nunca. Em 1963, os 0,1% mais ricos da população rural detinham 20% da terra, enquanto a metade mais pobre detinha cerca de 3%. O algodão não era uma colheita para pequenos produtores e, por volta de meados dos anos 1960, 90% da superfície cultivada com esse produto estava em mãos de grandes latifundiários. O crescimento da produção de algodão nos anos 1950 e 1960, mais do que qualquer outro cultivo antes disso, foi responsável

¹⁸⁷ WALKER, Thomas W. *The christian democratic movement in Nicaragua*. Tucson: University of Arizona/Institute of Government Research, 1970, p. 9 e 17; ENRÍQUEZ, *Harvesting change...*, p. 37-38, 41-43..

pelo aumento da proletarianização do campesinato. Com a expansão da produção do café e do gado a partir do século 19 e começo do século 20, os pequenos proprietários tinham sido pressionados a aceitar arrendamentos ou se deslocaram para a fronteira agrícola. Foi com a chegada do algodão, o mais rentável e mecanizado cultivo da história da Nicarágua, que uma quantidade enorme de camponeses perdeu totalmente o acesso à terra e, em muitos casos, emigrou para as cidades. Milhares se espalharam pelos bairros orientais, na parte leste de Manágua, levantando novas comunidades urbanas periféricas, e muitos deles voltavam à zona algodoeira a cada ano para trabalhar durante a colheita. A população da capital duplicou durante os anos 1950 para quase 230 mil habitantes, e depois quase dobrou de novo no decorrer dos anos 1960. Ainda que a classe média se concentrasse na capital, a maioria da população da cidade era pobre; em 1969, três quartos das famílias de Manágua tinham uma renda inferior a 100 dólares mensais. No final dos anos 1960, aproximadamente metade da população da Nicarágua vivia na zona urbana, sendo que Manágua eclipsava, em tamanho, todas as outras cidades e povoados.¹⁸⁸

A capital era a base de operações da Mobilização Republicana (MR ou PMR), uma coalizão legal dominada pelo PSN. A MR fora formada em 1958, sendo Carlos Fonseca – ainda membro do PSN naquela época – um dos signatários de seu documento de fundação. Em 1964, depois da derrota em Rios Coco e Bocay, os jovens ativistas da FSLN uniram-se à MR, trazendo uma considerável infusão de

¹⁸⁸ BARAHONA, Amaru. *Estudio sobre la historia de Nicaragua del auge cafetalero al triunfo de la revolución*. Manágua: Instituto Nicaragüense de Investigaciones Económicas y Sociales, 1989; ENRIQUEZ, *op. cit.*, p. 37-47; BIDERMAN, Jaime M. *Class structure, the State, and capitalist development in nicaraguan agriculture*. Tese de Doutorado, Universidade da Califórnia - Berkeley, 1982; CANCINO, Hugo. *Las raíces históricas e ideológicas del movimiento sandinista: antecedentes de la Revolución Popular Nicaragüense, 1927-1979*. Odense: Odense University Press, 1984, p. 109; *Extra* (Manágua), Suplemento 72 (25 dez. 1969).

energia a esta organização algo adormecida. Tomás Borge, que descreveu mais tarde com muita agudeza o grupo como “um organismo da pequena burguesia radical”, chegou a ser dirigente público da MR e editor de seu jornal.¹⁸⁹

A Mobilização Republicana funcionava como ala esquerda do movimento opositor. Proporcionava um fórum para aqueles que consideravam a perspectiva revolucionária da FSLN demasiado perigosa e irrealista, mas que queriam comprometer-se em atividades antissomozistas e pró-operários. A MR trabalhava estreitamente com os conservadores, com o PLI e com os social-cristãos e, quando se aproximaram as eleições de 1967, deu seu apoio ao candidato presidencial dos conservadores, Fernando Agüero.

A FSLN era no máximo um aliado subalterno na MR. A linha política da Mobilização Republicana era a do PSN, o qual insistia que a via da mudança na Nicarágua eram as reformas, e não a revolução. A FSLN estava competindo com seu aliado de coalizão pela lealdade da juventude radical, e o PSN oferecia numerosos incentivos que a FSLN não podia oferecer, incluindo um histórico mais antigo, uma base de classe operária, seu próprio jornal, viagens gratuitas e bolsas para estudar na União Soviética. A FSLN tinha pouca ou nenhuma influência no movimento operário, e o PSN dominava importantes sindicatos. Os comunistas também tinham sido uma força no movimento camponês, organizando um congresso e uma marcha de protesto de centenas de camponeses que chegaram a Manágua em meados de 1965. Quando os membros da FSLN ingressaram na MR em 1964, de acordo com uma fonte, concordaram em permanecer à margem das áreas rurais, deixando o trabalho político ali a cargo do PSN.¹⁹⁰

O único terreno em que os sandinistas operavam em equilíbrio com seus pares moderados da MR era o movimento estudantil. Ainda

¹⁸⁹ BORGE, “História político-militar da FSLN”, *Encuentro* 15 (set. 1979).

¹⁹⁰ *La Prensa*, 13 ago. 1976, citando Tomás Borge.

que poucos numericamente, os seguidores da FSLN obtiveram, a partir da FER, o controle da representação estudantil universitária, tanto em Manágua como em León. Casimiro Sotelo, líder estudantil da UCA e secretário-geral da FER, editava o jornal *O estudante*, que representava a tendência revolucionária das duas universidades e de umas quantas escolas secundárias. A dirigente estudantil Michèle Najlis explicaria mais tarde como um minúsculo grupo, que incluía ela e Sotelo “tinham que fazer tudo” no jornal: “escrever os artigos, procurar a imprensa, corrigir provas, distribuir os jornais, recolher o dinheiro da venda e buscar os poucos anúncios de gente que nos ajudava, ou então a cotização voluntária de alguns colaboradores”.¹⁹¹ Entretanto, mesmo no movimento estudantil, em meados dos anos 1960 a FSLN perdeu terreno frente às forças moderadas. As eleições estudantis de 1965 em León favoreceram a Frente Demócrata Cristá (FDC). No ano seguinte os radicais perderam o controle do governo estudantil na UCA, Manágua; depois, a administração expulsou seu dirigente mais popular, Casimiro Sotelo. Apesar de uma campanha de dez dias dos estudantes da UCA, que incluiu a ocupação de edifícios, greves de fome e marchas de protesto, a administração recusou-se a permitir o retorno de Sotelo ao *campus* universitário. A influência da FSLN na universidade estava parcialmente determinada pela qualidade de seus dirigentes, o que tornava possível o trabalho no meio estudantil. Sotelo foi expulso, alguns agitadores estudantis dinâmicos tiveram que se esconder porque estavam “queimados”, isto é, expostos frente às autoridades, enquanto outros foram deliberadamente removidos pela FSLN para serem destinados ao trabalho clandestino urbano ou para combater nas montanhas.

A coalizão estudantil que derrotou a FER de 1965 a 1966 estava vinculada ao Partido Social Cristão da Nicarágua (PSCN ou PSC), um grupo que, se não era parte dela, colaborava com a MR. Integra-

¹⁹¹ IES, Arquivo: Colección Dirección Nacional Histórica, “Casimiro Sotelo”.

do majoritariamente por estudantes e intelectuais de classe média, o PSCN defendia reformas para “eivar” os pobres e melhorar as condições de vida da maioria. Este movimento floresceu no ambiente de relativa abertura de meados dos anos 1960, quando reuniu 30 mil assinaturas num curto espaço de tempo e assim obteve personalidade jurídica para as eleições. O partido oferecia financiamento por meio de bolsas a estudantes nicaraguenses brilhantes para que estudassem organização trabalhista e recebessem “treinamento ideológico” no Chile, em Portugal e na Venezuela.¹⁹²

Durante o interregno legal da FSLN, de 1964 a 1966, a juventude sandinista concentrou-se no trabalho educativo e na organização comunitária. Trabalhadores foram alfabetizados, utilizando-se frases como “Sandino foi um grande general” e foram realizadas campanhas levar água e energia elétrica aos bairros populares de Manágua. Jacinto Suárez admitiria mais tarde que ele e os demais estudantes tinham problemas para se comunicar com os trabalhadores e que suas tentativas de organização tinham muito de trabalho social paternalista: “O fato é que a gente chega ao bairro e não convive com as pessoas; chega quase sempre com uma atitude paternalista. Esse fenômeno é bastante generalizado... Às vezes, por uma questão de vocabulário ou por não entender verdadeiramente a forma de ser dessa gente, para nós a comunicação ficava ainda mais difícil”.¹⁹³

O período de trabalho em coalizão legal supostamente daria tempo à FSLN para “acumular forças”, expandir sua influência e articular seus poucos membros. Os resultados, diria Fonseca mais tarde, foram exatamente o oposto. “A prática nos ensinou que essa interrupção baixava a moral, o entusiasmo da militância e, portanto, a única coisa que ‘acumulamos’ foi a impotência”. Em *Hora zero*, escrita depois que a FSLN deixou a MR, Fonseca criticou o trabalho

¹⁹² WALKER, *Christian democratic movement...*, p. 37 e 45.

¹⁹³ ARIAS, *Nicaragua*, p. 36-37.

de 1964 a 1966 como “extremamente limitado”, “tendo se revestido de um caráter reformista”. Reconhecia a impossibilidade prática de continuar organizando ações armadas no período imediatamente posterior ao fracasso na operação dos Rios Coco e Bocay, mas dizia que a FSLN chegou a estar muito perto de renunciar à estratégia de insurreição e de desaparecer como força revolucionária independente. O balanço que fez do trabalho dentro da MR foi negativo: um baixo nível de atividade, desmoralização dos quadros, adoção “dos hábitos de trabalho e de organização do elemento pequeno-burguês tradicional”, perda de influência no movimento estudantil frente aos “elementos antirrevolucionários que se denominam cristãos” e no campo e na cidade para o PSN.¹⁹⁴

Uma revisão do boletim semanal da MR, *Mobilização Republicana*, reforça a afirmação de Fonseca de que a FSLN obteve muito pouco de sua atividade em coalizão. Um exemplar do jornal, de meados de 1965, por exemplo, não menciona o nome da FSLN, embora o artigo principal descreva o funeral de Marvin Guerrero, assassinado por esquadrões da morte somozistas. O artigo identificava Guerrero, fundador da FSLN, apenas como um ativista da MR. Carlos Reyna, um dos mais importantes quadros operários da FSLN, foi incluído como presidente do “Comitê Central Cívico Popular” da MR. Modesto Duarte, outro membro fundador da FSLN, era identificado apenas como “um patriota assassinado em Bocay-Raití”. Uma moderada “Mensagem à juventude nicaraguense” apareceu, com a assinatura de “Silvio Mayorga, Secretário de Cultura da Mobilização Republicana”. Talvez Mayorga e Reyna pensassem que sua influência política podia ser posta em risco se fossem vinculados publicamente a uma organização proibida. Mas, afinal de contas, Guerrero e Duarte estavam mortos. É difícil evitar a conclusão de que os dirigentes da

¹⁹⁴ FONSECA AMADOR, “Entrevista, 1970”, p. 222-223; *id.*, *Hora cero*, p. 87-89; *id.*, “Notas sobre la lucha popular [1973]”.

FSLN dentro do país deliberadamente decidiram não tornar pública a existência da organização em um jornal no qual tinham considerável influência.¹⁹⁵

As críticas de Fonseca às atividades dos sandinistas de meados dos anos 1960 não eram dirigidas a sua participação no trabalho legal em si, e sim a sua incapacidade de usar o espaço público com o objetivo de recrutar quadros e ganhar influência para sua própria corrente revolucionária. Ele ressaltava, por exemplo, que os panfletos que os militantes distribuíram na manifestação de 1º de Maio em Manágua não mencionavam a FSLN. Os sandinistas deviam ter feito mais, dizia Fonseca, para se distinguirem do PSN reformista. Em vez disso, “vacilou-se em apresentar uma ideologia claramente marxista-leninista”, tendo como resultado favorecer uma estratégia “que no plano nacional estava vinculada ao compromisso”.¹⁹⁶

O nível mais baixo das duas décadas de organização da FSLN entre os universitários deu-se durante a campanha nacional de eleições de 1966 a 1967. O Cuun em León trabalhava estreitamente vinculado aos social-cristãos e ao PSN para organizar o apoio a Fernando Agüero, o rico fazendeiro de gado e eterno candidato do Partido Conservador que, sem êxito, concorreu à presidência com Tachito Somoza. Não houve manifestações estudantis na Nicarágua depois da captura e assassinato de Che Guevara pelo Exército boliviano em outubro de 1967. No entanto, o ativismo estudantil fora da arena eleitoral nunca desapareceu de todo. Na inauguração da liga de beisebol da temporada de 1966, com Anastasio Somoza presente no estádio, uns 30 estudantes social-cristãos e sandinistas subitamente desenrolaram – em meio aos aplausos da multidão surpresa – uma enorme faixa em que se lia: “Basta de

¹⁹⁵ *Movilización Republicana* (Manágua), n. 114 (5 ago. 1965). Só uns poucos exemplares de *Movilización Republicana* foram localizados; os outros (de 1964 e 1965) são similares.

¹⁹⁶ FONSECA AMADOR, “Notas sobre la lucha popular [1973]”; *id.* *Hora cero*, p. 88.

Somoza!” A Guarda Nacional atacou violentamente os manifestantes, matando vários deles. Quando a GN assassinou o membro da FSLN e antigo presidente dos estudantes de Direito da UCA, David Tejada, em abril de 1968, os estudantes protestaram em Manágua e León. Eles estavam indignados com os relatos de que o corpo de Tejada fora lançado de um helicóptero na cratera de um vulcão ativo.

Fonseca assumiu toda a responsabilidade pela decisão da FSLN de participar da Mobilização Republicana. No entanto, esteve fora do país na maior parte deste período e, assim, não lhe coube a tarefa de conduzir, dia a dia, o trabalho da frente. Em comparação com os períodos posteriores de exílio, prestou pouca atenção, em meados da década de 1960, ao desenvolvimento político e organizativo na Nicarágua. Continuava sendo visto como o dirigente principal da FSLN e já adquirira qualidades sobre-humanas aos olhos dos jovens atraídos para o movimento, mas parece que se preocupava com outros assuntos nessa época. Depois de seu casamento com María Haydeé Terán, em abril de 1965, o casal viveu junto por um tempo no México e depois na Costa Rica. Em San José, Fonseca voltou a um projeto literário que tinha começado antes com Edelberto Torres, pesquisando a poesia anti-imperialista do poeta nicaraguense do século 19, Rubén Darío. Quase não há escritos políticos dele entre sua libertação do cárcere, no início de 1965, e finais de 1966.

Distintos fatores em 1966 desempenharam um papel na finalização do interlúdio legal da FSLN e a reafirmação do princípio de clandestinidade revolucionária. A FSLN enviou uma delegação à Conferência Tricontinental em Havana, em janeiro de 1966. Os sandinistas comemoraram quando Fidel Castro atacou a política conservadora dos partidos comunistas latino-americanos, muitos como o PSN; e depois leram, de Che Guevara, a “Mensagem à Tricontinental”, convocando para a criação de “dois, três, mil Vietnãs”. Em meados de 1966, Carlos Fonseca voltou secretamente à Nicarágua e começou a participar de maneira mais direta da condução da FSLN. Em agosto de 1966, Anas-

tasio Somoza anunciou sua candidatura à presidência, o presidente René Schick morreu de um ataque do coração e a Mobilização Republicana, encabeçada pelo PSN, lançava todas as suas energias na campanha pelo candidato da oposição burguesa. Em novembro de 1966, a liderança central da FSLN publicou um manifesto repudiando a política da Mobilização Republicana, intitulado “Sandino sim, Somoza não; revolução sim, farsa eleitoral não!”, assinado por Fonseca, Mayorga, Rigoberto Cruz, Oscar Turcios, e “Conchita Alday” (Doris Tijerino).¹⁹⁷

O evento que define este período foi uma concentração convocada pelos partidos de oposição burguesa e pelo PSN, em 22 de janeiro de 1967. Assim como a marcha estudantil de 23 de julho de 1959, a marcha e a concentração de 1967 terminaram com a Guarda Nacional disparando contra os manifestantes desarmados e em fuga. Mais de cem dos 50 mil manifestantes foram assassinados.¹⁹⁸ Fonseca e a FSLN culpavam os organizadores da concentração, quase tanto quanto a Guarda Nacional, pelo massacre. Alegavam que os líderes oposicionistas conservadores, liberais e comunistas tinham montado deliberadamente o desastre, acreditando que este provocaria um racha na Guarda Nacional e a intervenção direta dos Estados Unidos, que supervisionariam as próximas eleições ou até mesmo empossariam Agüero, o candidato da oposição. Embora não haja evidências que respaldem estas acusações, a verdade é que os líderes da concentração permaneceram bem protegidos dentro do Grande Hotel antes que o tiroteio começasse e que a perspectiva política destes partidos, nesses tempos e posteriormente, consistia em voltar-se para os Estados Unidos esperando que estes depusessem o regime de Somoza.

¹⁹⁷ GUEVARA, Ernesto Che. “Vietná and the struggle for freedom (Message to the Tricontinental)”, in: *Che Guevara and the Cuban Revolution: writings and speeches of Ernesto Che Guevara*. Nova York: Pathfinder Press, 1987; FONSECA, Carlos *et al.*, “Sandino sí, Somoza no; revolución sí, farsa electoral no!”, in: *Obras*, v.1, p. 243-247.

¹⁹⁸ ALEGRÍA e FLAKOLL, *Nicaragua...*, p. 178; WALKER, *Christian democratic movement...*, p. 17.

A FSLN publicou um feroz ataque à oposição eleitoralista depois da jornada de janeiro, mas sua atenção tinha se voltado para as montanhas do norte. Os preparativos para uma segunda operação guerrilheira começaram em meados de 1966, ao mesmo tempo em que Che Guevara iniciava sua própria rota para a Bolívia, no que seria sua campanha final. A região de Pancasán, escolhida pela FSLN, ainda que remota, era mais próxima a Matagalpa que a área onde haviam combatido em 1963, sendo habitada por camponeses que falavam espanhol, e não por índios miskitos. Os guerrilheiros estavam um pouco melhor preparados politicamente do que os de 1963. Vários dirigentes da FSLN, inclusive Carlos Fonseca, entraram na região e começaram a localizar as famílias camponesas que forneceriam alojamento e alimentação. Encontraram alguns veteranos do levantamento guerrilheiro de Chale Haslam, em 1959, e mesmo alguns antigos partidários do movimento de Sandino. Também conseguiram inteirar-se um pouco das rotinas e dos informantes da Guarda Nacional na região. Víctor Guillén, um guia camponês do lugar, acompanhou Fonseca à zona conhecida como Fila Grande:

O Comandante Carlos trabalhava noite e dia. Eu o acompanhava sempre. Era assim que funcionava: nós nos aproximávamos de uma casa e eu me adiantava para ver se tudo estava em ordem e se não havia gente estranha (...) O Comandante sempre insistia que devíamos estar bem-organizados. Os camponeses entendiam muito bem “Jesús”, que era o nome que ele adotou aqui.

Lembro-me que sempre falava de nossa exploração pelos ricos, da necessidade de fazer uma reforma agrária; sempre insistindo que se não se organizassem, os pobres não poderiam nunca tomar o poder na Nicarágua. Em Fila Grande a terra não é muito boa, chove muito. E então o Comandante dizia aos proprietários que, quando a revolução triunfasse, teríamos terras melhores trabalhar.

Mas para isso era necessário se organizar, lutar, quem sabe durante quanto tempo. Ele sempre dizia a todos: não devem imaginar que vai ser fácil.¹⁹⁹

¹⁹⁹ HERRERA, Miguel Ángel. “Carlos Fonseca: El anhelo de servir a la patria”, MS, Manágua, s.d., p. 32-35; GUILLÉN, Víctor, “A partir de abril de 66”, *Nicaráuac* 13 (nov.-dez. 1986): 121.

A operação guerrilheira de 1967, como a de 1963, estava baseada nas remotas montanhas do norte central da Nicarágua, uma região que os rebeldes, assim como todo o norte, chamavam de *montanha*. Era uma área escassamente povoada e subdesenvolvida, de umas 10 mil milhas quadradas, estendendo-se desde as proximidades de Matagalpa até quase a fronteira hondurenha ao norte e em direção às minas de ouro de Siuna e Bonanza a leste. A região varia em altitude e vegetação, incluindo uma densa selva úmida, bosques de coníferas e encostas montanhosas cobertas de arbustos. Em grande parte chove virtualmente todos os dias, de maio a dezembro, sendo a área cortada por rios que devem ser atravessados a pé ou em botes. Nos anos 1960 e 1970, o único povoado da região com mais de mil pessoas era Waslala. A maioria da população vivia em vilarejos de cem a 200 pessoas e em grandes fazendas dispersas, sem eletricidade nem serviços de saúde ou escolas. Não havia estradas pavimentadas em toda a região, e os caminhos de terra que ligavam os vilarejos eram intransitáveis para veículos durante a longa estação chuvosa. Cobrindo de 10% a 15% da área geográfica da Nicarágua, a região abrigava menos de 1% de sua população. A zona guerrilheira da FSLN coincidia com a de Sandino, mas o âmbito do EDSN de Sandino estendera-se mais para ocidente e mais para leste.

Em sua maioria, os residentes da montanha eram camponeses descendentes dos índios, mas que falavam espanhol; alguns deles tinham sido tirados de terras melhores e mais baixas pela expansão das plantações de café no século 19 e de algodão no século 20. Os pecuaristas começaram a transferir seus rebanhos para a parte sul da região montanhosa nos anos 1960. A maioria dos residentes da alta floresta era constituída de pequenos sitiantes, que cultivavam milho, feijão e mandioca para consumo próprio, vendendo o excedente na região. A ausência de um sistema de transporte, com exceção das canoas nos rios, limitava suas possibilidades de vender os produtos além da própria região. Grupos de índios falando sumo e miskito habitavam

os lugares mais afastados das zonas de operação da guerrilha, mas o território destes povos indígenas situava-se muito mais ao norte e a leste, a jusante o Rio Coco e ao longo da linha costeira no Atlântico.

A Guarda Nacional, baseada em seu quartel de Waslala, controlava a montanha mediante seus homens fortes dos vilarejos, os juízes de *mesta*. Os guerrilheiros dependiam dos camponeses da localidade, que os escondiam da Guarda Nacional e também lhes forneciam alimentos e guias. Uma das primeiras lições que os guerrilheiros sandinistas aprenderam no começo dos anos 1960, segundo Fonseca, foi a importância de “se aproximar com muita cautela de cada camponês”. Uma razão para serem precavidos era que uma grande parte das famílias camponesas da região tinha pelo menos um parente na Guarda Nacional. Desde os anos 1930 Somoza pusera em prática uma política de recrutamento ativo na zona onde operara o EDSN. Fonseca citava frequentemente a frase de Sandino: *a montanha não entrega ninguém*. Ele achava que os camponeses eram moralmente mais fortes do que os colaboradores urbanos, menos propensos a trair os rebeldes em função da propaganda da Guarda Nacional, do suborno e das torturas. A realidade respaldava mal esta ideia. A experiência da FSLN foi que os informantes podiam provir de qualquer classe social ou região. Havia camponeses pobres que corriam para avisar a Guarda Nacional quando viam os sandinistas, e houve membros de ricas famílias urbanas que desertaram da guerrilha e disseram às autoridades tudo quanto sabiam sobre seus ex-companheiros.²⁰⁰

A FSLN só pôde mobilizar cerca de 40 guerrilheiros para a operação de Pancasán – dois terços do número acampado quatro anos

²⁰⁰ FONSECA AMADOR, *Viva Sandino*, p. 52; *id.*, “Notas sobre la lucha popular [1973]”; SCHROEDER, Michael J. *To defend our nation's honor: toward a social and cultural history of the Sandino Rebellion in Nicaragua, 1927-1934*. Tese de Doutorado. Universidade de Michigan, 1993; ARIAS, *Nicaragua...*, p. 96.

antes. Mas os combatentes estavam um pouco mais bem treinados, principalmente em Cuba, e virtualmente todos melhor armados. Foi a primeira vez que uma mulher combateu nas fileiras sandinistas. Gladis Báez – com 26 anos, mais velha que muitos de seus companheiros soldados – provinha de uma família da classe trabalhadora de Chontales e fora militante do PSN durante dez anos, antes de unir-se à FSLN. Báez acredita que foi selecionada porque suas origens camponesas e sua experiência de operária convenceram os dirigentes da FSLN de que poderia resistir aos desafios físicos de uma guerra de guerrilhas. Havia muito poucas mulheres na FSLN na época talvez não mais do que cinco ou seis, ou cerca de 10% dos militantes; com exceção de Báez, eram em sua maioria ativistas estudantis.

De acordo com Báez, os principais dirigentes – Fonseca, Mayorga e Oscar Turcios – estavam comprometidos com a ideia de incluir mulheres, mas os demais guerrilheiros não queriam saber dela ali. “Alguns diziam que, por minha causa, iam matá-los todos; outros, que eram a favor da participação da mulher, mas não agora”. Três camponeses se foram por causa de Báez, e Fonseca convocou todo o resto do grupo.

Eram 4h da madrugada e fazia muito frio. Carlos disse que se havia alguém que não quisesse combater até o fim, podia ir embora e não seria considerado traidor. Todos olhavam para mim e perguntei se eles achavam que eu devia ir embora. Depois olhamos para Carlos, que tinha um olhar penetrante que atravessava a gente. E ninguém se foi. Para eles, se eu, que era mulher, não ia embora, muito menos eles. Alguns talvez quisessem ir, mas seu machismo não lhes permitia.²⁰¹

Báez percebia diferentes motivações para a inclusão de mulheres, mesmo entre os comandantes guerrilheiros. “Carlos compreendia o quanto as mulheres amavam seus filhos e seus pais, e a ideia de que

²⁰¹ Gladis Báez, entrevista com a autora, León, 1º jul. 1994; cf. também RANDALL, Margaret. *Sandinista's daughters*. Vancouver: New Star Books, 1981, p. 175-177.

pudessem deixar suas famílias para se unirem à guerrilha era algo que ele respeitava tremendamente”. Mayorga era – na opinião de Gladis – o mais entusiasta acerca da participação das mulheres. “Outros estavam convencidos de que era necessário, mas Sílvio se emocionava com isso. Ele achava que as mulheres traziam algo especial para a revolução, porque aprendiam a pensar sobre si mesmas em um novo sentido”. A experiência de Gladis Báez, em 1967, ilustra de forma contundente a atitude da FSLN em relação às mulheres: em abstrato, concordância geral sobre o direito das mulheres de participar em condições de igualdade. O que se combinava com um tremendo desnível na conduta pessoal e no grau de compreensão dos homens sandinistas acerca do papel das mulheres na sociedade.

A guerrilha de Pancasán iniciou suas operações em maio de 1967, com Carlos Fonseca – que comemorou seus 31 anos de idade na montanha – na vanguarda de uma das três colunas guerrilheiras. Poucos meses depois, os guerrilheiros tiveram vários pequenos choques com a Guarda Nacional, que concentrara na zona 400 soldados contrainsurgentes. Em 27 de agosto, uma emboscada da Guarda Nacional aniquilou completamente a coluna de Sílvio Mayorga. Entre os mortos estavam importantes quadros de direção da FSLN: além de seu fundador Mayorga, a organização perdeu Carlos Reyna, o operário de Manágua, que representara a FSLN na Conferência Tricontinental de 1966 em Havana, e Rigoberto Cruz, que, quase sem ajuda de ninguém, fora responsável pelo desenvolvimento dos contatos na montanha após 1963. Os guerrilheiros das duas colunas restantes decidiram suspender a operação. Mais familiarizados com o território do que estavam seus predecessores em 1963, retiraram-se rapidamente para Honduras.

Militarmente parece haver pouca diferença entre as campanhas na região dos Rios Coco e Bocay, de 1963, e de Pancasán, em 1967. Mas Fonseca e outros quadros da FSLN sempre alegaram que a segunda representou uma vitória política, porque mostrou a todo o país que

a FSLN ainda existia e era capaz de organizar uma ação armada e porque representou uma ruptura definitiva com a política reformista do PSN e da Mobilização Republicana. Ele provavelmente exagerava a repercussão que Pancasán teve atribuindo à operação o fato de a FSLN ter se tornado um nome muito conhecido na Nicarágua. O cientista social norte-americano Thomas Walker, autor de alguns dos livros mais difundidos sobre a revolução nicaraguense, esteve na Nicarágua durante o verão de 1967, pesquisando para um pequeno livro sobre o movimento democrata cristão. Ele pôde conhecer bem os jovens dirigentes da oposição legal e, no entanto, seu livro não menciona a FSLN.²⁰²

Depois de Pancasán, Fonseca e os demais sobreviventes entraram em um período de intensa discussão para entender o que tinha dado errado. Decidiram que algumas de suas táticas de organização e de recrutamento de camponeses tinham sido contraproducentes. Em seus preparativos para Pancasán, por exemplo, tinham procurado ganhar a confiança dos camponeses, proporcionando ajuda econômica ou fazendo empréstimos, uma prática que, segundo eles, “deformou alguns camponeses, que (...) davam um uso pessoal ao dinheiro, terminando por ver na organização um lugar para lucro, e não para o sacrifício na luta pela reivindicação popular”. Os camponeses recrutados frequentemente desertavam quando eram chamados a combater longe de suas casas. Notando que estes desertores depois realizavam, em suas próprias regiões, ações antilatifundiários e contra a Guarda, a FSLN deduziu que pelo menos alguns de seus aliados camponeses dariam apoio logístico e até participariam de combates perto de onde habitavam, ainda que não combatessem em outras regiões. Levou tempo e experiência, disse Fonseca mais tarde, para que os jovens da cidade aprendessem como galvanizar a rebeldia natural do camponês nicaraguense. “Em nossos primeiros contatos com os camponeses não

²⁰² WALKER, *Christian democratic movement...*

os conhecíamos devidamente e não encontrávamos a melhor forma de organizá-los nas fileiras guerrilheiras”.²⁰³ O vazio de comunicação que isolou os guerrilheiros sandinistas dos habitantes das montanhas em 1963 e em 1967, e dos trabalhadores urbanos de 1964 a 1966, persistiu por parte significativa da década seguinte.

A discussão pós-Pancasán gerou profundos questionamentos. Em outubro de 1967 deu-se a captura e o assassinato de Che Guevara na Bolívia. Em um país atrás do outro, por toda a América Latina, os exércitos governamentais esmagavam os movimentos guerrilheiros, alguns deles muito maiores que a FSLN. Luis Turcios Lima, fundador das Forças Armadas Revolucionárias, morreu pelas mãos do exército guatemalteco, e, no Peru, os líderes guerrilheiros Héctor Béjar e Hugo Blanco foram presos. Mas, segundo Jacinto Suárez, “em meio a tudo isso, a toda esta situação, uma discussão teve início no coração da Frente Sandinista. O que somos? Um partido, grupo armado, foco? Afinal, o quê? Começamos a questionar a famosa teoria do foco e a tentar nos definir. Bem, o que é a Frente Sandinista? O que somos, para onde vamos, o que queremos?”²⁰⁴

Henry Ruiz, que se uniu à FSLN nesse período, disse que seus integrantes interpretavam as lições de Pancasán de maneiras marcadamente divergentes. Alguns queriam manter a ênfase na guerrilha rural, e outros favoreciam o abandono da luta armada para se concentrarem no trabalho político dentro do movimento estudantil e nos bairros urbanos. O papel de Fonseca, nestas discussões, foi o de tentar encontrar um ponto de equilíbrio entre os dois extremos e enfrentar o desespero e mesmo o pânico com que alguns militantes reagiram à difícil situação do movimento. Em uma conversa com membros da FSLN, alguns anos mais tarde, dizia que a lição a tirar da morte do Che era que as dificuldades da FSLN representavam

²⁰³ FONSECA AMADOR, “Notas sobre la lucha popular [1973]”; *id.* “Entrevista, 1970”, p. 224; *id.* “Retornar a las montañas”.

²⁰⁴ ARIAS, *Nicaragua...*, p. 46.

um problema generalizado, e não algo peculiar à Nicarágua. Eram “dificuldades naturais”, insistia, que qualquer organização enfrentaria enquanto passava por um estágio intermediário entre a “etapa em que não possuía qualquer expressão armada revolucionária e a próxima fase, em que a vitória popular seria decidida pelo combate armado dos destacamentos revolucionários”.²⁰⁵

Fonseca convocou seu guia camponês, Víctor Guillén, para uma reunião em uma casa de segurança em Manágua depois da derrota de Pancasán. Pediu a Guillén que regressasse à zona e procurasse alguns colaboradores entre os que não tinham morrido nem sido capturados. “É preciso recomeçar o trabalho, disse a ele: porque ninguém pode acabar com esta luta”.²⁰⁶ Ao mesmo tempo, Oscar Turcios foi enviado para participar da luta guerrilheira que se travava na Guatemala, tanto para ajudar o movimento como para receber treinamento em ação. As ações violentas dentro da Nicarágua ficaram, por muito tempo, restritas às cidades e consistiram em retaliações a símbolos da ditadura e a assaltos a bancos. Em outubro de 1967, apenas uns poucos meses depois da derrota em Pancasán, a FSLN realizou o *justiciamento* (fazer justiça por meio da execução) de um dos mais odiados torturadores do regime de Somoza, Gonzalo Lacayo. Houve uma meia dúzia de tentativas – algumas delas com êxito – de roubar bancos e empresas com o objetivo de arrecadar fundos para a FSLN. Estas ações urbanas armadas saíram caro. Morreram mais sandinistas em consequência da execução de Gonzalo Lacayo e nos tiroteios dos assaltos do que os que caíram em combate em Pancasán.

Em contraste com o período posterior à derrota da operação dos Rios Coco e Bocay, época em que houve uma retirada política e militar, a FSLN passou à ofensiva política após Pancasán. No

²⁰⁵ FONSECA AMADOR, “Notas sobre la lucha popular [1973]”, parte 7.

²⁰⁶ GUILLÉN, “A partir de abril”, p. 124.

decorrer de 1968, uma série de curtos manifestos mimeografados buscava recrutar novos membros e mobilizar protestos mais amplos. Incluíram, por exemplo, uma convocação à luta no 34º aniversário do assassinato de Sandino, em fevereiro uma mensagem de 1º de Maio, de apoio às lutas dos trabalhadores por reivindicações concretas de caráter econômico e social um chamado no Dia das Mães ressaltando as condições enfrentadas pelas mulheres operárias e camponesas um chamado a protestar contra a visita do presidente dos Estados Unidos, Lyndon Johnson, em julho; uma declaração no primeiro aniversário da morte de Che Guevara, em outubro, e um manifesto antieleitoral no aniversário do assassinato de Casimiro Sotelo, em novembro. Tudo isso foi escrito por Fonseca. Embora a FSLN já tivesse uma estrutura de liderança mais formal, com uma Direção Nacional, Carlos Fonseca ainda era, quase sem a participação de mais ninguém, o responsável pelo desenvolvimento das posições políticas do grupo. Em janeiro de 1968 foi nomeado chefe político e militar da FSLN, e em fevereiro de 1969 tornou-se o secretário-geral da organização, cargo que manteve até sua morte.²⁰⁷

A FSLN tinha pouco menos de cem membros, mas sua propaganda neste período expressava uma confiança que não tinha relação com seu tamanho, sua influência política ou seus êxitos militares. Um típico panfleto mimeografado, cujo título dizia “o movimento guerrilheiro é invencível”, não mostrava tendências de compromisso com outras forças de oposição. Em uma linguagem que mostra

²⁰⁷ FONSECA AMADOR, “Mensaje del FSLN en el 34º aniversario del asesinato de A. C. Sandino: continuámos combatiendo!”, 21 fev. 1968, CHM reg. 25.299, caixa 5; *id.* [“pela FSLN”], “Mensaje del FSLN en ocasión del 1º de Mayo”, 1º mai. 1968, CHM reg. 25.300, caixa 5; *id.*, “Mensaje del FSLN a las madres de los mártires nicaragüenses”, 30 mai. 1968, CHM reg. 00299, caixa 5; *id.*, “Yanqui Johnson: *go home*”, in: *Obras*, v. 1, p. 251-253; *id.*, “En el primer aniversario de la inmolación del ‘Che’ juramos ser leales a su ejemplo”, 8 out. 1968, CHM reg. 25.281, caixa 5; *id.*, “Los mártires del FSLN son el honor de la Nicaragua de hoy”, 4 nov. 1968, CHM reg. 25.090, caixa 5.

claramente que foi escrito pelo próprio Carlos Fonseca, o panfleto arremetia contra os “os falsos opositores, os falsos revolucionários, os falsos cristãos e os falsos marxistas (...) todos esfregando as mãos, felizes, pensando que podem dedicar-se ao compromisso sem nenhuma guerrilha para atrapalhar o seu caminho”.²⁰⁸

Este foi o contexto no qual Fonseca, em abril de 1968, escreveu a “Mensagem da Frente Sandinista de Libertação Nacional aos estudantes revolucionários”, um de seus textos mais importantes sobre a estratégia revolucionária. Em resposta a um novo “Plano de desenvolvimento” publicado pela Unan com o apoio tanto dos comunistas como dos social-cristãos, o manifesto apelava aos estudantes que se considerassem revolucionários, para que “desmascarassem” as “demagogias” do PSC e dos “falsos marxistas” do PSN. Como em sua carta a D. Edelberto Torres em 1960 e seus escritos sobre a guerra de guerrilhas nos anos 1970, o tema central de Fonseca na “Mensagem” de 1968 era a questão da liderança.

Ele dirigiu severas críticas a alguns dos antecedentes do movimento estudantil dos anos 1960. Responsabilizava a Geração de 1944 por ter lutado “sob o signo de objetivos liberaloides antiquados”; dizia também que “a ação estudantil de 1944 careceu de iniciativa enquanto movimento social”. Também acusava os que propunham a autonomia universitária, de princípio dos anos 1950, de “contemplar os problemas nacionais a partir de um Olimpo intelectual”. Em uma passagem que teria sido profundamente ofensiva para a proeminente oposição intelectual da época, Fonseca chamou a autonomia universitária de “uma farsa” que se tornava ainda pior por conta de professores que se fazem passar por democratas. Em lugar de uma falsa autonomia que permitia ao governo mil maneiras de intervir, dizia ele, a universidade precisava estar vinculada aos interesses dos operários e dos campo-

²⁰⁸ “En las montañas de Yaosca combaten nuestros compañeros; el movimiento guerrillero es invencible”, 28 fev. 1969, assinado com o pseudônimo “Juan Pablo”, CHM reg. 18.859, caixa 5.

neses. “A universidade mantém-se com o suor do povo trabalhador. A cultura provém do trabalho milenar dos povos”.²⁰⁹

A mesma crítica iracunda aos intelectuais de classe média pode ser encontrada em outros textos de Fonseca dessa época. Em uma carta de 1968 a “R. C.”, solicitando uma doação financeira, Fonseca dizia:

As pessoas cultas possuem uma enorme dívida para com os combatentes revolucionários e para com o povo da Nicarágua que defendem (...) Quando foi mais desprezível a atitude do intelectual nicaraguense? Acaso quando foi quase totalmente absorvido – desde o martírio de Augusto C. Sandino em 1934 até a vitória socialista cubana – pelas classes exploradoras, tanto pelo setor que aparece à frente do poder como pelo que está incrustado na oposição? Ou acaso nos últimos dez anos – de 1959 a 1968 – em que, chegando a adquirir consciência do endurecimento do sistema, limitou-se a permanecer de braços cruzados?

Continuou neste tom para pedir 2 mil córdobas e advertir que na FSLN, “acreditamos que temos sido complacentes, excessivamente tolerantes ante a indiferença, ante a tendência contemplativa” dos intelectuais. Em outra carta, Fonseca arremete contra o “Dr. A. R.” por não enviar a contribuição prometida e menciona “aqueles que, por não serem sinceros”, serão os responsáveis caso o movimento fracasse. “Se o isolamento nos levar ao fracasso amanhã, levaremos para o túmulo a satisfação de que nosso sangue derramado gritará alto o suficiente para despertar as consciências surdas”.²¹⁰

²⁰⁹ FONSECA AMADOR, “Mensaje del Frente Sandinista de Liberación Nacional, FSLN, a los estudiantes revolucionarios”, in: *Obras*, v.1, p. 55-74. No ano seguinte, Fonseca incluiria no *Programa histórico* da FSLN um duro ataque aos acadêmicos autocentrados: “A universidade deve deixar de ser um viveiro de egoístas burocratas”.

²¹⁰ Carlos Fonseca, a “Lic. R. C.” [Raúl Castellón], 28 jun. 1968, CHM reg. 00354, caixa 3 (6); o manuscrito original da carta de Fonseca foi encontrado em um arquivo da OSN, junto com uma fotocópia, com a seguinte nota à margem: “remitida pelo mensageiro”, sugerindo que o destinatário entregou-a à polícia; Carlos Fonseca ao “Dr. A. R.”, 22 de março de 1968, CHM reg. 00363, caixa 3 (6).

Em sua “Mensagem aos estudantes revolucionários”, de 1968, Fonseca dirigiu palavras muito duras àqueles que se consideravam revolucionários, incluindo os filiados à FSLN. Enquanto os estudantes guerrilheiros estavam morrendo nas montanhas, acusava, “no essencial os estudantes revolucionários que permaneceram nas salas de aula cruzaram os braços”. No entanto, o problema não era uma apatia geral dos estudantes. Fonseca insistia que a maioria deles queria responder quando dirigentes como Silvio Mayorga e Casimiro Sotelo foram mortos, e só estavam esperando ser convocados para a ação quando Che Guevara foi assassinado. O problema era a falta de liderança por parte dos estudantes revolucionários, que Fonseca acusava de “indisciplina” e de sofrerem influência “pela penetração capitalista nas duas universidades do país”.

Fonseca dizia que os estudantes revolucionários perdiam frequentemente oportunidades de mobilizar seus companheiros e de enfrentar as numerosas propostas das organizações estudantis moderadas, que se concentravam em campanhas políticas restritas aos interesses universitários. Usava o exemplo de uma campanha dos estudantes reformistas para arrecadar fundos para a Unan mediante a venda de números de rifas. Não bastava que os estudantes revolucionários se opusessem a tal coleta, escrevia ele: “O certo é reunir os estudantes, editar materiais explicando a hostilidade do governo em relação à universidade, buscar o apoio do povo para conseguir um aumento, tanto do orçamento da universidade como do ensino em geral”.

Na “Mensagem” de 1968, Fonseca retoma seu tema inicial de que os estudantes tinham uma responsabilidade especial em um país como a Nicarágua, onde apenas uma minoria privilegiada tinha acesso à universidade e mesmo ao nível médio. Deviam ser “referência para as massas” e conhecer “as fábricas e os bairros, os povoados e as plantações”. Parte da responsabilidade dos estudantes para com as massas consistia em apresentar-lhes uma alternativa política clara, “uma ideologia revolucionária inequivocamente radical”. Infelizmen-

te, acusava Fonseca, as pressões dos moderados tinham afetado até mesmo os estudantes filiados à FSLN. A “Mensagem” instigava os estudantes sandinistas a serem mais agressivos no desafio aos discursos de harmonia de classes dos social-cristãos. A história, dizia, “ensina que não pode haver paz entre ricos e pobres, entre milionários e trabalhadores. A experiência histórica ensina que não pode haver outras situações além das seguintes: ou bem os ricos exploram os pobres, ou os pobres libertam-se, eliminando a riqueza dos milionários”.

Fonseca estimulava os jovens companheiros da FSLN a estudar o marxismo e a serem mais abertos quanto a suas convicções marxistas. Argumentava contra aqueles que, em partidos como o PSCN e o PSN, pensavam que era possível derrubar a ditadura de Somoza e conquistar um maior grau de autodeterminação para a Nicarágua sem uma mudança fundamental nas relações de classe. No movimento revolucionário, dizia Fonseca,

é necessário que declaremos, o mais claramente possível, que nosso objetivo é dar fim à sociedade dividida em exploradores e explorados, à sociedade dividida em opressores e oprimidos. Declaremos abertamente que nosso propósito maior é devolver a operários e camponeses, a todos os trabalhadores, as riquezas que lhes foram violentamente arrancadas. A independência nacional, a derrota do imperialismo estrangeiro, são requisitos para a edificação de um mundo novo, repleto de felicidade. Na busca desta nova vida, guiam-nos os nobres princípios elaborados por Karl Marx. A história moderna demonstra que os princípios marxistas são a bússola dos mais resolutos defensores dos pobres, dos humilhados, dos seres humanos oprimidos.²¹¹

Em 1970, quando a Frente Estudantil Revolucionária recuperou o controle do governo estudantil, seus candidatos ganharam proclamando claramente seus vínculos com a FSLN. Isso foi algo novo, segundo o ativista estudantil Omar Cabezas, chefe da campanha de Edgar “Gato” Munguía: “O Gato foi o primeiro presidente do Cuun

²¹¹ FONSECA AMADOR, “Mensaje”, p. 57, 64 e 59.

que ia de sala em sala repetindo que era comunista, sandinista e da FER; isso foi em 1970”. Fonseca e seus seguidores não consideravam necessário estar matriculado em uma escola para ser considerado dirigente estudantil, bastava ser jovem e ativo politicamente na base estudantil. Por exemplo, Francisco Buitrago chegou a ser um dirigente central do Cuun, embora nunca tenha podido, por razões econômicas, matricular-se na Unan. Ele acompanhou Carlos a León, como o fizera antes a Manágua, em 1956, para envolver-se na atividade política.²¹²

Em sua “Mensagem aos estudantes revolucionários”, Fonseca tocava em um tema ao qual voltaria em seus escritos posteriores sobre Sandino, advertindo que uma luta de libertação nacional não podia triunfar, em último grau, se não continuasse até solapar as relações capitalistas de propriedade:

Existe o perigo de que a insurreição armada não signifique necessariamente uma revolução, uma transformação do sistema social que prevalece no país. Portanto, temos a obrigação de imprimir à insurreição nicaraguense um profundo conteúdo revolucionário, de mudança social radical. Na história contemporânea de libertação nacional, houve casos em que as insurreições foram vitoriosas, mas que não resultaram na tomada do poder por governos revolucionários, casos em que não triunfou a revolução proletária.²¹³

Os estudantes revolucionários da FER e da FSLN estavam remando contra a maré no contexto da política nicaraguense do final dos anos 1960. O caso nicaraguense refuta a ideia, encontrada na obra do cientista social mexicano Jorge Castañeda e na de outros, de que a esquerda moderada na América Latina, nos anos 1960, foi posta à margem devido à euforia provocada pela Revolução Cubana; e de que uma esquerda eleitoreira, partidária do compromisso mais

²¹² CABEZAS, Omar. *La montaña es algo más que una inmensa estepa verde*. México: Siglo XXI, 1982, p. 38 [Edição brasileira: *A montanha é algo mais que uma imensa estepa verde*. São Paulo: Expressão Popular, 2008]; BLANDÓN, *Entre Sandino...*, p. 205.

²¹³ FONSECA AMADOR, “Mensaje”, p. 67-68.

do que do confronto com os Estados Unidos, obteve uma audiência séria só depois do colapso da União Soviética, no final da década de 1980.²¹⁴ Nos anos 1960, a oposição não revolucionária da Nicarágua era muito mais forte e influente do que a FSLN, com uma ampla capacidade de mobilização, líderes mais proeminentes e um jornal de maior circulação diária em todo o país. Foi a FSLN, o único grupo na Nicarágua que se identificava com a Revolução Cubana, que tinha que batalhar para ser ouvida, mesmo entre os estudantes universitários e de nível médio.

Entre os intelectuais que repudiavam a opção revolucionária nos anos 1960 estavam alguns que mais tarde somar-se-iam à FSLN, inclusive Carlos Tünnermann, Sergio Ramírez e Ernesto Cardenal. Quando foi reitor da Unan, em 1964, Carlos Tünnermann disse que a autonomia universitária significava uma universidade participativa, não uma “universidade politizada, isto é, uma universidade invadida pelos gritos e as paixões da rua”. Em 1970, Tünnerman insistia em “que na universidade não cabem os políticos nem a politicagem, mas sim a Política, entendida esta como o estudo e a reflexão sobre os problemas fundamentais da nação”.²¹⁵

A proposta política dos concorrentes reformistas da FSLN no movimento estudantil estava explícita em um pronunciamento subscrito por uns 20 acadêmicos e intelectuais no décimo aniversário do massacre de 23 de julho de 1959. Ali se enfatizava a importância da comunidade universitária para a promoção do desenvolvimento da sociedade como um todo, e sua importância – insistia o manifesto – estava “na razão, e não na força”. O progresso social só era possível “com o concurso de intelectuais, cientistas e técnicos altamente qualificados que ponham suas capacidades a serviço dos valores da

²¹⁴ Cf. CASTAÑEDA, Jorge G. *Utopia unarmed: the Latin american left after the Cold War*. Nova York: Alfred A. Knopf, 1993.

²¹⁵ BERHEIM, Carlos Tünnerman. *La universidad: búsqueda permanente*. León: Editorial Universitaria de la Unan, 1971, p. 23 e 36.

cultura”. Depois de resumir a extrema desigualdade da propriedade da terra na Nicarágua, os intelectuais apelavam para uma “razoável” distribuição da terra para que “se alcance a compreensão e a convivência desses dois mundos”, a elite e as massas. Além da realização deste harmonioso tipo de reforma agrária, solicitava-se ao governo a liberalização da importação de bens de capital, a melhora do fluxo de crédito interno, o incentivo à industrialização, o estímulo à educação, assim como facilidades para investimentos mais eficientes. Os acadêmicos moderados concluíam que as profundas mudanças de que a Nicarágua necessitava só podiam dar-se “por meio da humanização das relações entre patrões e operários, de modo a pôr a economia e o capital a serviço do homem”.²¹⁶

A comparação da “Mensagem aos estudantes revolucionários” de Fonseca, em 1968, com o “Documento da Geração do 23 de Julho”, de 1969, revela a enorme distância entre os dois campos, o revolucionário e o reformista, no movimento estudantil antissomozista: luta armada *versus* eleições, a montanha *versus* o campo, a luta de classes *versus* a harmonia de classes, um papel dirigente atribuído aos operários e camponeses *versus* o outro projeto, que propunha intelectuais e técnicos, socialismo *versus* desenvolvimento capitalista. Seria um equívoco, no entanto, pensar que os debates que aconteciam nas classes e assembleias estudantis eram claros ou nitidamente polarizados. Os dois terrenos ideológicos existiam, mas muitos estudantes nicaraguenses – provavelmente a maioria – não concordavam completamente com um nem com outro. O final dos anos 1960 e o princípio dos 1970 foi um período de intensa discussão e ação política dos estudantes na Nicarágua, como em muitos outros países do mundo. Sob a influência dos acontecimentos mundiais, da política nacional e de suas próprias situações familiares, os indivídu-

²¹⁶ SERRANO, Alejandro *et al.* *Frente a la situación nacional: Documento de la generación del 23 de Julio*. León: Editorial Antorcha, 1969.

os estavam sempre mudando, alguns se movendo em uma direção radical, outros se tornando mais conservadores.

A concorrência entre a FSLN e os social-cristãos tinha mais a ver com política do que com religião. O PSCN não tinha uma relação oficial com a Igreja Católica e incluía em princípio e de fato “pessoas de diferentes religiões e mesmo de nenhuma”. Mas o fato de que o partido e seus filiados estudantis se identificassem a si mesmos como “cristãos” era um atrativo para muitos dos jovens nicaraguenses de todas as classes que se indignavam frente à pobreza, ao racismo e à violência que viam a seu redor. A relação entre cristianismo e marxismo era acaloradamente debatida nos recintos universitários, e Fonseca tocava no assunto em sua “Mensagem”. “A convicção marxista”, escrevia ele, “não exclui o respeito às crenças religiosas da população nicaraguense”.²¹⁷ Este firme compromisso democrático com a liberdade religiosa é completamente diferente da ideia vigente uma década mais tarde, de que o cristianismo e o marxismo eram filosoficamente compatíveis ou mesmo, em algum nível, idênticos. Os estudantes católicos não tinham que renunciar a sua religião para integrar-se à FSLN, mas deviam repudiar a ideia de que os métodos não violentos podiam curar os males da sociedade. Fonseca mostrava o exemplo de Camilo Torres, um jovem sacerdote colombiano oriundo de uma família rica, que se transformou em guerrilheiro armado e morreu combatendo nas montanhas em 1966.

Camilo Torres era um padre, mas seus textos políticos tinham mais pontos em comum com Carlos Fonseca do que com os intelectuais católicos nicaraguenses do PSC ou do Partido Conservador. Apenas uns poucos anos antes que Fonseca, Torres escreveu uma “Mensagem aos estudantes” na qual acusava os universitários de serem não conformistas apenas na medida em que isso não impedia

²¹⁷ WALKER, *Christian democratic movement...*, p. 52; FONSECA AMADOR, “Mensaje”, p. 67.

seu ascenso na escala social, e de não contribuir em em nada, em um tempo de crise real, exceto com “palavrório e boas intenções”. Em uma linguagem ostensivamente similar à de Fonseca, o clérigo colombiano continuava recriminando-os: “quando a classe trabalhadora exige deles uma presença efetiva, disciplinada e responsável em suas fileiras, os estudantes respondem com promessas vãs ou com desculpas”.²¹⁸

Uma recente análise comparativa do movimento revolucionário do Terceiro Mundo no período pós-Segunda Guerra Mundial destaca o papel dirigente dos estudantes educados nos Estados Unidos ou na Europa Ocidental.²¹⁹ No caso da Nicarágua, virtualmente nenhum dos estudantes que chegaram a ser líderes da FSLN frequentaram universidades nos países industrialmente avançados. Houve, no entanto, dois importantes grupos de dirigentes da FSLN educados fora da Nicarágua; neste caso, as experiências universitárias desempenharam um importante papel no desenvolvimento de suas ideias políticas. Alguns jovens de famílias nicaraguenses endinheiradas estudaram no Chile durante os anos de Allende e mais tarde foram dirigentes de uma das tendências da FSLN. No entanto, a experiência mais importante foi a de um grupo ligeiramente mais numeroso de nicaraguenses que estudaram na Universidade Patrice Lumumba, em Moscou, durante os anos 1960. O mesmo debate acerca do potencial revolucionário dos partidos comunistas, que Fonseca conduzia na Nicarágua com respeito ao PSN, era travado em Moscou. O PSN frequentemente dava bolsas de estudos em Moscou a membros de seu próprio grupo juvenil assim como a outros estudantes que buscava recrutar. Gladis Báez, a jovem militante do PSN e líder sindical de origem trabalhadora provinciana, recebeu uma destas bolsas, em 1963. Em uma entrevista de 1994, ela contava que a primeira coisa que seus anfitriões soviéticos lhe disseram,

²¹⁸ TORRES, Camilo, “Mensaje a los estudiantes”, *Revista Conservadora del Pensamiento Centroamericano*, n. 105, jun. 1969, p. 6.

²¹⁹ COLBURN, Forrest D. *The vogue of revolution in poor countries*. Princeton: Princeton University Press, 1994.

quando chegou, foi que se mantivesse afastada de Óscar Turcios, que “podia encher sua cabeça com mentiras sobre Sandino”. Báez, ao contrário, foi atrás de Turcios, sendo influenciada por ele antes que este regressasse à Nicarágua, em 1964, para organizar a FSLN clandestina. Outros estudantes recrutados para a linha política da FSLN em Moscou foram Doris Tijerino, Henry Ruiz, Plutarco Hernández, Leticia Herrera, René Tejada e José Valdivia.²²⁰

Em 1968, os estudantes centro-americanos na Patrice Lumumba estavam divididos em duas facções: aquela que apoiavam as guerrilhas na Nicarágua e na Guatemala e que criticava muitos dos aspectos da política exterior soviética; e aquela que continuavam apoiando os partidos comunistas pró-Moscou. Em outubro de 1967, o grupo favorável à guerrilha tentou organizar uma assembleia na universidade para protestar contra o assassinato de Che Guevara. A assembleia foi abortada pelos estudantes comunistas ortodoxos da Argentina e da Venezuela. Depois do massacre de Tlatelolco na Cidade do México, em agosto de 1968, os estudantes mais radicais da Patrice Lumumba organizaram uma manifestação de protesto, encabeçada por estudantes mexicanos, diante da embaixada do México em Moscou. Para surpresa dos estudantes, a polícia atacou violentamente a manifestação, porque as autoridades temiam que pusesse em risco as relações do Kremlin com o governo mexicano. A polícia também dissolveu uma marcha estudantil que protestava, no final daquele mesmo ano, contra a visita do Xá do Irã a Moscou. Muito pouco depois, os estudantes pró-FSLN, que ainda não tinham voltado à Nicarágua, foram expulsos da União Soviética.²²¹

O confronto ideológico entre os estudantes em Moscou coincidiu com a condenação de Carlos, em 1968, à política conservadora

²²⁰ Gladis Báez, entrevista com a autora, León, 1º jul. 1994; HEYCK, Denis L. *Life stories of the Nicaraguan Revolution*. Nova York: Routledge, 1990, p. 93-94.

²²¹ HERNÁNDEZ, Plutarco. *El FSLN por dentro*. San José: Talleres Gráficos de Trejos Hermanos, 1982, p. 29-33.

do PSN. Sua “Mensagem aos estudantes revolucionários” culpava as políticas “oportunistas” dos partidos comunistas como o PSN pelas derrotas iniciais sofridas pelos movimentos guerrilheiros latino-americanos. Para Fonseca, a morte de Che Guevara, em 1967, representou o momento decisivo de ruptura entre o falso marxismo representado pelo PSN e o marxismo genuíno da FSLN. Como disse a seus seguidores estudantes em 1968:

O sacrifício de Ernesto Che Guevara, identificado com os ideais marxistas, veio mostrar que a época dos conformistas que se disfarçavam de marxistas pertence ao passado. O marxismo já é a ideologia dos mais ardentes defensores latino-americanos da humanidade. Já é hora de que a mente dos revolucionários nicaraguenses compartilhe o ideal marxista de libertação proletária.²²²

A FSLN, desde sua fundação, tirara a maioria de seus quadros da universidade, e não era de surpreender que o primeiro escrito prolongado sobre estratégia fosse dirigido aos estudantes universitários e de nível médio. Ao mesmo tempo, Fonseca tentava alcançar os intelectuais que tinham um amplo público na Nicarágua, com a esperança de que se pronunciassem contra a violação dos direitos humanos e divulgassem os temas em torno dos quais os sandinistas estavam combatendo. Não era o estilo de Fonseca suplicar a estes intelectuais proeminentes, apelar a seus egos ou ser cortês. Ernesto Cardenal, que já era um poeta muito conhecido, durante 1967 e 1968, reuniu-se com Fonseca em vários “aparelhos” em Manágua e adjacências. Segundo Cardenal:

Carlos me criticava por não escrever algo que tratasse diretamente do movimento guerrilheiro. Eu lhe explicava que não podia escrever poesia por encomenda, embora a verdade fosse que eu não estava preparado para escrever o tipo de coisas que ele queria. Mas continuou atrás de mim, e em algum momento eu fiquei pronto. Quando David Tejada foi assassinado, lembro-me que Carlos queria que eu fizesse uma denúncia contundente da

²²² FONSECA AMADOR, “Mensaje”, p. 67.

tortura. Que fosse para o rádio, e que escrevesse algo a respeito. Eu não queria prometer-lhe que o faria, mas ele era muito insistente, não teria me deixado escapar desta. Disse que se eu não o fizesse, estaria defendendo a tortura.²²³

Fonseca também realizou reuniões secretas com o mais proeminente poeta vivo, José Coronel Urtecho. O líder da FSLN assustou Coronel provocando-o: “Sabe que, depois de Somoza, o maior culpado pela situação da Nicarágua é você?”. Depois de várias horas, Coronel disse-lhe que tinha que ir embora para fazer um discurso, e Fonseca pediu-lhe que ficasse, dizendo-lhe: “aquela gente pode esperar e, de todo modo, eles não são muito importantes”. O relato que Coronel fez do encontro, como a entrevista com Cardenal, ilustram a atitude ríspida, característica de Fonseca, para com os intelectuais, mesmo com aqueles que respeitava. Mostram também que talvez Fonseca tenha tido interesse pessoal nesses encontros, além da ajuda que esperava que os intelectuais poderiam dar. De acordo com Coronel Urtecho, “depois passou para assuntos de maior afeição para nós dois, como os movimentos literários e seu interesse pela poesia”. Cardenal também disse que ele e Fonseca passaram muitas horas discutindo filosofia, literatura e religião.²²⁴

Para alcançar, mais além de suas fileiras, a potenciais membros e simpatizantes intelectuais, a FSLN teve que organizar seus próprios quadros com mais eficiência. Em junho de 1968, Fonseca fez circular dentro da organização um trabalho intitulado: “O que significa para um combatente revolucionário ser um membro ativo de nossa organização?”. O documento começava assim:

É frequente acontecer que um grande número de militantes da Frente Sandinista de Libertação Nacional não tenha tarefas a cumprir diariamente,

²²³ Ernesto Cardenal, entrevista com a autora, Manágua, 27 jun. 1994. David Tejado foi morto em abril de 1968.

²²⁴ URTECHO, José Coronel, “Carlos resucitó a Sandino”, *Nuevo Amanecer Cultural*, 8 nov. 1986; cf. também MORALES, Beltrán, “Carlos fue el centro, el alma del Frente en realidad”, *Nuevo Amanecer Cultural*, 7 nov. 1982.

cotidianamente. Domina entre nossos militantes o trabalho esporádico. Uma consequência grave de tal maneira de trabalhar é o desperdício das energias de que dispõe o movimento revolucionário. Transformou-se em um hábito a tendência a fazer cair todo o peso do trabalho em um reduzido número de companheiros. E sem a participação de todos os militantes não é possível cumprir todas as tarefas que o movimento revolucionário tem em suas mãos.²²⁵

Este documento, dirigido aos militantes das áreas urbanas, tratava de assuntos tão práticos como a importância de preparar uma agenda de antemão, o direito de cada membro de falar sem ser interrompido e a necessidade de manter a ordem nas reuniões. Instava os militantes a se familiarizarem com a situação local e, também, que tanto seus panfletos como as consignas pintadas nos muros fossem muito concretos, para evitar “o equívoco de convocar o povo para lutar contra a exploração e a opressão em termos abstratos”. Fonseca parecia estar se dirigindo às críticas previamente provocadas pelos membros quando ele indicara a importância da iniciativa individual e insistira que uma reunião da FSLN não devia ser uma sessão de conversa para “aqueles que falam e falam de revolução e na prática não defendem com ações o povo e a pátria”. Embora Fonseca fosse um marxista e achasse que cada um na FSLN devia estudar Marx e Lenin, seu critério para escolher a militância era sempre a disposição individual para assumir a ação revolucionária, e não a preparação ideológica. Por exemplo, só tinha elogios para dois jovens poetas que dedicaram suas vidas ao movimento revolucionário, mas que não se consideravam marxistas: Fernando Gordillo, para quem não havia proletariado nem real luta de classes na Nicarágua e que morreu justamente quando ia fazer parte da operação guerrilheira de Pancasán; e Leonel Rugama, que ia à missa aos domingos e morreu em um tiroteio com a Guarda Nacional, no começo de 1970.

²²⁵ FONSECA AMADOR, “Militancia activa”, p. 1.

Em trechos do documento citado, Fonseca fala claramente de sua visão do futuro, não do grupo reduzido e bastante isolado que a FSLN compunha realmente em 1968. Ele demandava que:

cada setor fosse organizado: trabalhadores da construção civil, sapateiros, trabalhadores têxteis, moveleiros, motoristas, mecânicos, trabalhadores do comércio, das grandes indústrias, estivadores e outros portuários, estudantes de todos os níveis, camponeses pobres, trabalhadores rurais etc. (...) O objetivo deve ser que em cada bairro, em cada setor produtivo, em cada local de trabalho, haja um núcleo ativo da FSLN.

Fonseca referia-se ao levante de 1965 na República Dominicana e à construção de barricadas na Paris de meados de 1968 como se estas fossem atividades que a FSLN pudesse reproduzir. Mas eram objetivos em si mesmos muito ambiciosos para uma organização cuja força estava refletida com precisão em uma manchete de 1969 do semanário opositor *Extra Semanal*: “28 mortos, 16 na prisão e 12 na clandestinidade: saldo atual da FSLN”.²²⁶

²²⁶ “28 muertos, 16 en el cárcel y 12 en la clandestinidad: saldo del FSLN”, *Extra Semanal*, 27 jul. 1969.

6. VIDA CLANDESTINA E NA PRISÃO, 1968–1970

A atenção da FSLN depois da derrota de Pancasán deslocou-se para a clandestinidade urbana. Nos anos seguintes, uma cultura baseada na prisão e na clandestinidade tomou forma nos “aparelhos” e nas celas dos cárceres da Nicarágua, uma cultura com seus próprios mitos, valores, linguagem secreta, relações de gênero, nomes de guerra, humor e literatura. Carlos Fonseca desempenhou um papel central na atividade clandestina, adquirindo a reputação de um lutador clandestino de proporções sobre-humanas. Um membro da FSLN, Hugo Torres, descreveu assim seu primeiro encontro com Fonseca:

Diante de nós, sem poses nem pretensões de demonstrar quem era, estava Carlos, a lenda: ‘o Zorro’, um dos ‘Três Mosqueteiros’, ‘Kadir, o árabe’, ‘O Homem Invisível’, aquele que escapara por debaixo do nariz da Guarda, aquele que desafiava seus carcereiros com sua firmeza e desprezo pela morte, o que entrara sem que o inimigo percebesse na casa vigiada de sua esposa Haydée, em León, e até a engravidara, escapando depois, o que morria e ressuscitava, aquele que, por pura diversão e para dar um exemplo de criatividade popular, punha no ridículo Somoza e seus adeptos, demonstrando a superioridade do povo, que ele personificava, sobre seus opressores.²²⁷

²²⁷ TORRES, Hugo, “Semblanza de una leyenda llamada Carlos”, *Barricada*, 8 nov. 1988.

A mitologia em torno da participação pessoal de Carlos Fonseca na clandestinidade urbana tem apenas uma leve relação com a realidade histórica. María Haydeé Terán disse, por exemplo, que Carlos não a visitou em León nem uma única vez durante os anos em que foi procurado pela polícia, jamais lhe telefonou, nem tampouco lhe enviou cartas pelo correio. O único contato que mantinha com seu marido se dava quando os mensageiros da FSLN lhe traziam uma carta ou a levavam a um “aparelho” em outra cidade. Estas visitas não eram frequentes. Fonseca não viu seu filho Carlos Fonseca Terán – nascido na Nicarágua, em 1966 – até que a criança tivesse cerca de dez meses de idade. Sua filha, Tania de los Andes Fonseca Terán, nasceu em janeiro de 1969, e quando Fonseca foi preso na Costa Rica, sete meses mais tarde, ainda não a tinha visto. Enquanto isso, a OSN acumulava centenas de páginas de notícias provenientes do telefone grampeado de Terán, os relatórios da vigilância e a correspondência pessoal interceptada, remetida a seu endereço ou dele procedente.²²⁸

As características físicas de Fonseca eram difíceis de dissimular. Mais de um metro e oitenta de altura, pele clara, magro, com penetrantes olhos azuis, ele tinha uma aparência bastante diferente da maioria de seus compatriotas nicaraguenses, especialmente no campo. Sem seus óculos característicos, era quase cego. Benita Alvarado, uma vizinha que vigiava a polícia quando Carlos chegava para visitar sua mãe em Matagalpa, nos anos 1960, contava que ele chegara uma vez disfarçado de vendedor de carvão. Embora ouvisse histórias de suas visitas a Matagalpa disfarçado de freira, ela nunca o viu com tais roupas; segundo ela, os boatos de que Carlos compareceu ao enterro de sua mãe de hábito eram apenas “parte da lenda”. Um amigo seu

²²⁸ María Haydeé Terán, entrevista com a autora, León, 2 jul. 1994 e 27 jan. 1996; “Carlos Fonseca Amador: es patriota no ladrón” [entrevista com María Haydeé Terán e Sergio Ardón], *El Universitario* (San José), set. 1969; pastas “OSN: Informes de vigilância a M. H. Terán” e “OSN: Telefonemas interceptados a M. H. Terán”, em CHM caixa 1A.

desde o INN disse que o reconheceu disfarçado de mulher em um ônibus em Manágua, no final dos anos 1960. Dizia-se que Fonseca chegou a ganhar deliberadamente cerca de 15 quilos em Cuba em 1974 e 1975, de maneira que tivesse uma aparência diferente quando regressou à Nicarágua e uma mulher jovem que compartilhou com ele um “aparelho” em Manágua, em 1975, informou que ele fazia exercícios faciais todos os dias para poder mudar sua aparência. Mas isso pode bem ser parte da mitologia. Até onde María Haydeé Terán sabia, Carlos nunca usou um disfarce feminino nem fez exercícios faciais. O aumento de peso em Cuba, segundo ela, era resultado da idade e de um modo de vida mais estável.²²⁹

Quando reingressou na Nicarágua pela última vez em 1975, Fonseca usava lentes de contato e um aparelho na boca que tornava mais pesada sua mandíbula, e viajava com um passaporte falso de empresário. Dentro da Nicarágua, parece que ele ia de uma casa de segurança a outra com apenas um disfarce mínimo, como uma mudança em sua roupa ou em seu penteado, ou substituindo as lentes de contato por óculos. Existem algumas referências a “disfarces” de estudante, e Humberto Ortega disse que em um de seus primeiros encontros, em um bairro popular de Manágua, viu Fonseca “disfarçado” de jogador de beisebol. Estas ligeiras mudanças de aparência parecem ter sido suficientes para desorientar a polícia de Somoza, que sempre se enganava quando pretendia ter descoberto o disfarce de Fonseca. Em 1973, por exemplo, o embaixador nicaraguense na Guatemala comunicou por rádio a Somoza que Fonseca fora definitivamente descoberto, vestido de médico, em um avião da Cruz Vermelha e que

²²⁹ Benita Alvarado, entrevista com a autora, Matagalpa, 20 fev. 1996; Dona Bütching, entrevista com a autora, Matagalpa, 10 jun. 1995; ACOSTA, Luz Marina, “Km. 20, Testimonio sobre Carlos Fonseca”, *Nuevo Amanecer Cultural*, 8 nov. 1986; María Haydeé Terán, entrevista com a autora, León, 27 jan. 1996.

ainda estava trabalhando na Guatemala com este disfarce.²³⁰ Fonseca foi repetidamente localizado na Nicarágua durante os anos que passou em Havana no princípio da década de 1970. Alguns destes informes podem ter começado como boatos populares; mesmo pessoas que não eram partidárias da FSLN frequentemente acreditavam no mito de que Fonseca podia passar sob o nariz da Guarda sem ser visto. Em outros casos, membros da Guarda Nacional e oficiais do governo provavelmente inventavam a informação sobre Fonseca para granjear algum favor de seus superiores.

Todos os membros clandestinos da FSLN e muitos de seus colaboradores tinham pseudônimos, e o próprio Fonseca usou numerosos nomes falsos. As medidas de segurança interna da FSLN proibiam o uso – mesmo que os demais membros da organização soubessem – do nome verdadeiro de um militante. Algumas vezes, quem os recrutava atribuía aos novos membros um pseudônimo; em tal caso o nome clandestino podia ser um apelido carinhoso ou um diminutivo, especialmente para recrutas muitos jovens. Os militantes mais experimentados normalmente escolhiam seus próprios nomes de guerra, e esses nomes revelam muito da cultura do movimento clandestino. Luisa Amanda Espinosa²³¹, morta pela Guarda Nacional aos 21 anos, escolheu o nome de “Lidia” por causa de Lidia Doce, uma heroína da Revolução Cubana. Doris Tijerino era conhecida como “Conchita Alday”, o pseudônimo que Carlos Fonseca lhe dera em homenagem a uma camponesa nicaraguense morta pelos

²³⁰ OORTEGA, “Estrategia triunfante”, *Barricada*, 7 nov. 1979; Carlos Manuel Pérez Alonso, Guatemala, ao Excelentíssimo General Don Anastasio Somoza Debayle, Chefe Supremo das Forças Armadas, Manágua, 29 jan. 1973, CHM reg. 00529, caixa 1.

²³¹ Espinoza, cuja mãe trabalhava como lavadeira em León para sustentar sua numerosa família, foi a primeira mulher membro da FSLN morta pela Guarda Nacional (RANDALL, *Sandino's daughters*, p. 33); Fonseca conheceu Bunke em Cuba, no começo dos anos 1960 (SUÁREZ, “En cada militante”, *Nicaráuac* 13 (nov.-dez. 1986), p. 134; RODRÍGUEZ, Marta Rojas. *Tania, la guerrillera inolvidable*. Havana: Instituto del Libro, 1970, p. 149; ARIAS, *op. cit.*, p. 126.

marines dos Estados Unidos, junto com seu companheiro, dois dias depois de este ter causado, em 16 de maio de 1927, as primeiras baixas nas forças norte-americanas de intervenção.

Os membros da FSLN assumiam frequentemente os nomes de companheiros mortos em ação. Fonseca passava muitas vezes por “David”, nome que adotou depois do assassinato do líder estudantil David Tejada. Ele chamou sua própria filha de Tania de los Andes Fonseca Terán em memória de Tamara Bunke, ou “Tânia”, que lutou junto ao Che na Bolívia. Dora Maria Téllez, uma comandante guerrilheira do final dos anos 1970, adotou os nomes de pessoas jovens como ela mesma, mulheres de procedência urbana endinheirada, que tinham morrido combatendo a Guarda Nacional. “O pseudônimo implica um compromisso com o morto, é como pegar a tocha deixada por ele. Também é uma maneira de jogar um fantasma na cara do inimigo”.

Os sandinistas clandestinos usavam algumas vezes os nomes de outros companheiros, uma prática que provavelmente causa mais problemas para os historiadores do que os que causou para a OSN. Ernesto Cardenal emprestou uma vez a Carlos Fonseca um livro sobre Gandhi, que lhe foi devolvido depois com uma carta comentando-o. “Ele não queria trazer-me problemas com uma carta assinada por Carlos Fonseca – explicava Cardenal – de modo que a assinou com o nome de Tomás Borge, mas ele sabia que eu saberia de quem provinha”.²³² Fonseca usava às vezes o nome de Victor, em meados dos anos 1960, quando compartilhava com Víctor Tirado uma casa no México.

A OSN manteve extensa documentação, em seus esforços para descobrir esses nomes secretos. Um informe confidencial sobre “Nomes e pseudônimos em cartas enviadas e recebidas por Carlos Fonseca Amador” dá pelo menos um pseudônimo para mais de 12 membros da FSLN. Cada histórico da OSN ou registro cronológico

²³² Ernesto Cardenal, entrevista com a autora, Manágua, 27 jun. 1994.

sobre Fonseca também contêm informação sobre os pseudônimos que ele usava, assim como sobre os “aparelhos” onde estivera. Um pseudônimo que a OSN jamais descobriu foi “Jesús”, usado por ele apenas durante as campanhas da guerrilha rural.²³³

No decorrer dos anos 1960, Fonseca e os demais membros clandestinos da FSLN montaram uma rede de “aparelhos” nas principais cidades do ocidente da Nicarágua. Estas casas, quase todas em bairros populares ou em pequenos sítios nos arredores do núcleo urbano, não eram apenas esconderijos ou lugares de trânsito. Foram também lugares onde os guerrilheiros se recuperavam de seus ferimentos, estudavam livros políticos e escreviam documentos, onde se realizavam reuniões da direção para discutir a estratégia e fazer treinamento militar. A maioria dos “aparelhos” eram casas de família dos colaboradores da FSLN, que arriscavam sua própria segurança garantindo um santuário aos guerrilheiros. A família Núñez acolheu em seu pequeno sítio, ao sul de Manágua, os organizadores clandestinos da FSLN em meados dos anos 1960. Depois da manifestação e do massacre de 22 de janeiro de 1967, a família inteira foi encarcerada, inclusive um garoto de 11 anos.²³⁴

Alguns daqueles que secretamente albergavam os guerrilheiros eram seus próprios pais – especialmente as mães dos revolucionários. Fonseca ficava frequentemente na casa de Dona Teodorita Rubí, que chamava de sua mãe adotiva; o filho dela, José Rubí, foi um dos quatro estudantes mortos durante a marcha de 23 de julho de 1959, em León. Quando Fonseca foi preso, em junho de 1964, tinha ficado na casa de Dona Irene, a mãe de José Benito Escobar. Mas geralmente, estava com a mãe de Róger Núñez, Dona Aurora Dávila, que chamava de

²³³ CHM reg. 00533, caixa 1, pasta “OSN: Documentos pessoais”; CHM reg. 00536-00538 e 00540-00542, caixa 1.

²³⁴ LINARES, Humberto Fonseca, “Las casas de seguridad de Carlos”, *El Nuevo Diario*, 7 nov. 1982; SELSER, “En algún lugar”, *Barricada*, 7 nov. 1986; Yolanda Núñez, entrevista com a autora, Manágua, 22 jan. 1996.

mãezinha. Os parentes de Jorge Navarro instalaram um “aparelho” em um bairro popular da Velha Manágua, e a família de Carlos Reyna abriu-lhes as portas de sua casa em um bairro miserável às margens do Lago de Manágua. Algumas destas famílias tiveram que se mudar mais de uma vez para continuar servindo de santuário.²³⁵

Ainda que alguns membros da FSLN fossem oriundos da classe média e mesmo de famílias burguesas, seus “aparelhos” estavam, naquela época, todos em bairros pobres, onde podiam ir e vir sem chamar muita atenção e onde os vizinhos eram mais propensos a oferecer proteção. O sítio dos Núñez, fora de Manágua, era pouco mais que uma choça, sem eletricidade nem água corrente. A casa de Dona Irene no Bairro San Luis era uma casa rústica de madeira, sem janelas, de apenas dois ou três quartos. Quando Fonseca e Víctor Tirado foram presos, em junho de 1964, a duas quadras da casa de Dona Irene, a resposta do bairro foi imediata. Os moradores chamaram a imprensa e um jovem mensageiro atravessou correndo a cidade até a casa de Dona Aurora, que aguardava Fonseca. Dona Aurora jogou todos os papéis da FSLN em uma maleta e cruzou na rua com uma vizinha tão pobre quanto ela. “Dona Zoilita”, pediu-lhe, “guarde esta mala para mim e eu pago seu aluguel este mês”. Ainda que a casa de Aurora tenha sido revistada, a maleta permaneceu debaixo da cama de Zoilita até que a FSLN pudesse recuperá-la.²³⁶

Omar Cabezas, um dirigente estudantil e organizador da FSLN em León, tentou, sem muita sorte, convencer figuras proeminentes da oposição naquela cidade a dar refúgio em suas casas a revolucionários clandestinos. “O problema é que eram velhos e eu era um fedelho naquele tempo (...) estou falando de 1970, 1971 (...) Eram velhos que estavam acostumados a se meter em conspirações de velhos, ou seja, em conspirações de conservadores e liberais, de velhos que conspiravam

²³⁵ Fonseca Linares, “Las casas de seguridad...”, *El Nuevo Diario*, 7 nov. 1982.

²³⁶ SELSER, “En algún lugar”, *Barricada*, 7 nov. 1986.

nos corredores dos cinemas ou nas mansões de León”. O problema era, além da distância entre gerações, a diferença de classe social. Apenas a dois quilômetros destas “mansões”, no bairro indígena de Sutiava, Cabezas encontrou um trabalhador índio e líder comunitário veterano, chamado Magnus Bervis, que transformou sua casa em um “aparelho” que, respeitosamente, os sandinistas chamavam de “O Forte”.²³⁷

A tarefa de manter limpos os “aparelhos”, de alimentar e servir de enfermeiras aos fugitivos cabia invariavelmente às mulheres. Houve sandinistas homens, inclusive Fonseca, que se incomodavam com esta divisão de tarefas baseada no gênero. Uma jovem que ocupava o mesmo “aparelho” que Fonseca, em 1975, disse que na primeira vez ela lhe pediu sua roupa suja e ele lhe disse que a lavanderia. Só concordou com que ela o fizesse quando lhe contestou que as regras de segurança da casa proibiam que ele saísse para a lavanderia. Julio Buitrago, chefe da clandestinidade urbana no final da década de 1960, estando encarregado de um “aparelho”, recebeu uma vez um visitante indesejável no meio da faxina semanal. Uma descrição do incidente inclui o seguinte detalhamento de tarefas: Carlos estava lavando as paredes, Róger passando pano no chão, Amanda varrendo e Tamara limpando a submetralhadora.²³⁸

Ainda que, na clandestinidade, se esperasse das mulheres mais do que dos homens nas tarefas de manutenção da casa, elas eram tratadas de forma equitativa quanto a suas responsabilidades militares. O fato de que recebessem armas e que aprendessem a usá-las dava a estas jovens uma confiança que se evidencia muito claramente em parte da literatura sobre a vida clandestina, assim como o impacto que esta confiança teve sobre seus companheiros homens. Um militante dizia

²³⁷ CABEZAS, *A montanha...*, p. 50-51, 53-55; ARIAS, *op. cit.*, p. 72.

²³⁸ ACOSTA, “Km 20”, *Nuevo Amanecer Cultural*, 8 nov. 1986; GUADAMUZ, Carlos José. *Y... las casas quedaron llenas de humo*. Manágua: Editorial Nueva Nicaragua, 1982, p. 50. “Amanda” era Olga Avilés López, e “Tamara”, Fátima Avilés; os dois homens eram Carlos Guadamuz e Róger Núñez.

à escritora Margaret Randall em 1980: “Lembro-me de uma vez em que Luisa Amanda vinha da montanha e três guardas detiveram-na. Estava vestida de enfermeira. Eles prenderam-na e um quis estuprá-la. Levou-a para o rio e, a princípio, ela o fez acreditar que permitiria. Uma vez ali, na margem do rio, ela o matou. Essa é a força que têm as mulheres nicaraguenses”.

Carlos Guadamuz descreveu como duas jovens entraram na clandestinidade urbana e imediatamente começaram a treinar o manejo de armas. “Terminamos tarde e, apesar de ter sido um dia muito cansativo (ao menos para nós rapazaes, porque elas estavam frescas como lírios), via-se que estavam cheias de júbilo e satisfação e, segundo disseram, mal podiam esperar para se depararem com o primeiro animal da Segurança para deixá-lo estirado como um selo no meio da rua”.²³⁹

Uma série de pressões e convenções contraditórias afetavam as relações entre homens e mulheres na clandestinidade. A visão patriarcal da família e as relações sociais estavam profundamente incutidas na cultura nicaraguense. O ideal era que a família e seus dependentes fossem encabeçados por um homem que os abastecesse e tomasse todas as decisões, e que a esposa permanecesse em casa e se encarregasse dos filhos. A esfera das mulheres era a casa e a dos homens, o amplo mundo da vida política e econômica. Mas somente famílias burguesas e setores da classe média podiam se conformar a estas disposições. As famílias da classe trabalhadora e camponesa eram, no mais das vezes, encabeçadas por mulheres, e, mesmo quando ambos os pais estavam presentes, a sobrevivência dependia do salário da mãe e dos filhos. Mas, como norma cultural, o ideal do lar como lugar para a esposa e a mãe penetrava todas as camadas da sociedade. Mesmo os jovens, homens e mulheres, que rompiam com a convenção social unindo-se à rebelião armada eram afetados por estas expectativas culturais profundamente arraigadas.

²³⁹ RANDALL, *op. cit.*, p. 30; GUADAMUZ, *op. cit.*, p. 36.

A FSLN clandestina tinha também suas próprias convenções sobre o papel das mulheres, algumas relacionadas às medidas de segurança e outras, impostas por Carlos Fonseca. Talvez devido a sua própria criação, ele tinha uma atitude bastante tradicional frente à monogamia e a inviolabilidade dos laços conjugais. Isso podia ser difícil tanto para mulheres como para homens sandinistas. Quando um homem e uma mulher membros da FSLN queriam viver juntos, era requisito obter permissão de seu superior ou responsável na organização. Quando Doris Tijerino y Ricardo Morales Avilés se apaixonaram, no final dos anos 1960, seus cargos na organização eram tão altos que tinham que obter aprovação do próprio Carlos Fonseca. Morales era legalmente casado com outra mulher e, por isso, durante quatro meses, Fonseca se recusou a responder à solicitação do casal. Tijerino descreveu o que aconteceu quando decidiram que já haviam esperado bastante: “Na casa em que vivíamos havia um quarto vazio, e eu disse: ‘Ok, este vai a ser o quarto meu e de Ricardo, posto que temos uma relação’. E lembro-me de que Carlos ficou furioso: andava de um lado para o outro e bufava, sem dirigir-me a palavra”. Doris Tijerino estava vivendo em Cuba quando Morales foi assassinado, em setembro de 1973. Nessa ocasião o comportamento de Fonseca enfureceu-a:

Quando mataram Ricardo, Carlos encarregou-se de escrever uma carta à esposa legal de Ricardo, que já nem vivia na Nicarágua, pois se fora para o México. Escreveu a ela, expressando-lhe suas condolências, e não teve nem sequer uma palavra amável para mim. Foi ele quem me disse que Ricardo tinha morrido, mas só porque eu estava de guarda quando ele recebeu a notícia. Depois disso seu comportamento foi como descrevi: ela era a esposa, e não eu. E isto estava errado.²⁴⁰

²⁴⁰ Doris Tijerino, entrevista com a autora, Manágua, 28 jun. 1994. Cf. também em RANDALL, *Sandinó's daughters revisited*, p. 132-134, a história de Milú Vargas, cujo ingresso na FSLN foi impedido por quatro anos porque o homem com quem ela vivia (um membro da Direção Nacional da FSLN) era oficialmente casado com outra pessoa.

Fonseca podia também ser severo com os homens que demonstravam comportamentos antiquados com relação às mulheres. Em Havana, no princípio dos anos 1970, de acordo com um membro da FSLN,

às vezes alguns companheiros reuniam-se e falavam de mulheres – o que geralmente acontece nessas situações – e falavam coisas e mais coisas. Então, quando ele chegava, falava enfaticamente sobre o papel que a mulher tem que desempenhar, sobre seus direitos, a exploração, a questão do machismo. Não concebia uma conduta grosseira do homem para com a mulher, era algo que o deixava furioso.²⁴¹

Rigorosas medidas de segurança eram cumpridas na clandestinidade urbana. Os militantes tinham que memorizar os procedimentos em um manual de segurança ao qual se referiam como o “livro verde”: contrassenhas, nomes falsos, cartas escritas em código, pontos de contato, “caixas de correio”²⁴². Uma política chamada “compartimentação” pretendia assegurar que cada membro soubesse só aquilo de que necessitava; o indivíduo a quem ele ou ela informava supostamente compartilhava apenas com uns poucos membros a informação – uma meta impossível em uma organização que, no final da década de 1960, contava com apenas algumas dezenas de militantes, alguns dos quais se conheciam desde a infância. Quando um membro ou colaborador era julgado pessoa de pouca confiança, era deliberadamente excluído da cadeia de informação e passava a ser “compartimentado”. Os guerrilheiros que viviam em “aparelhos” tinham posto de guarda 24 horas por dia e dormiam completamente vestidos para que pudessem escapar rapidamente. Por essa mesma razão as mulheres tinham que usar calça e não saia.

²⁴¹ “Para la generación del 60: Carlos Fonseca es como los pinos del Norte”, *Barricada*, 8 nov. 1987.

²⁴² Locais previamente combinados, em muros, árvores, praças etc, onde era deixada correspondência para outros militantes (N. da T.).

Supostamente, as cartas entre os membros na clandestinidade deviam ser escritas em código, mas as que restaram mostram que seus significados eram bastante transparentes. Em dezembro de 1965, por exemplo, quando René Schick foi presidente da Nicarágua e a oposição considerava Luis Somoza uma mal menor frente a seu irmão Anastasio, Fonseca escreveu, em uma carta supostamente cifrada:

Quanto à possibilidade de que Luis ocupe a posição que hoje ocupa Don René, não concordo com a ideia que muitos estão propagando de que o irmão de Luis seja o maior perigo. Isto leva a muitas ilusões com relação às vantagens de indicar-se algum novo René. Com outro René ou com o irmão de Luis, a situação seria a mesma. Por conseguinte, o correto é concentrar nosso fogo contra o continuísmo, seja qual for o aspecto com que se apresente.²⁴³

Alguns guerrilheiros ocasionalmente encontravam momentos de humor em meio a seus problemas de segurança. Em um turno de guarda de noite inteira em um “aparelho” em Manágua, Carlos Guadamuz suspeitou do motorista de um carro estacionado fora. Depois de meia hora de preocupação, ele finalmente despertou Julio Buitrago, que observou durante vários segundos os faróis do carro e, desinteressando-se, disse quase com apatia: “Deve estar batendo uma...” e voltou a dormir. Então, comentava Guadamuz, “me dei conta da razão pela qual ele era o chefe da frente urbana”. Dois dirigentes da clandestinidade deram uma vez uma cópia dos estatutos da FSLN a um estudante que estavam tentando recrutar. Na reunião seguinte perguntaram-lhe o que pensava do material, e o estudante, orgulhoso por ter captado a importância das estritas medidas de segurança, informou-lhes que tinha lido os estatutos e que depois os queimara.

²⁴³ ““Abraham” [Carlos Fonseca], San José, a “Ángel” [Julio Buitrago], Manágua, 14 dez. 1965; CHM pasta “cartas a Julio Buitrago”, reg. 00343, caixa 3. Embora este documento esteja na pasta com esse título, provavelmente era dirigido a outro dirigente clandestino; em dezembro de 1965, Buitrago estava vivendo na Costa Atlântica.

Um deles “chamou minha atenção, porque eram os únicos que tinha para atender a toda sua estrutura, mas já não havia nada a fazer”.²⁴⁴

No entanto, para Carlos Fonseca, nada podia ser engraçado no que tange a medidas de segurança. Era conhecido por sua intolerância quanto ao mínimo descuido. No começo da década de 1960, Heriberto Rodríguez cometeu um erro inocente que enfureceu Fonseca, a ponto de este quase não poder falar. Fonseca advertia frequentemente que as relações familiares ou de amizade não eram desculpa para que os militantes baixassem a guarda quando se tratava de precauções de segurança. Em um manifesto de 1968 sobre normas de atividade para os membros da clandestinidade urbana, dizia: “deve ser abolido o hábito de muitos militantes de juntarem-se em público sem que o trabalho revolucionário o exija, levados unicamente por uma mal entendida amizade. Os problemas não devem ser tratados em conversas na rua, e sim com toda a seriedade nas reuniões conspirativas”. Ele buscava impor um modo de vida semiclandestino aos exilados em Havana, como se estivessem em Honduras ou na Costa Rica, ou mesmo na Nicarágua. Isso foi muito diferente das normas seguidas em Havana por exilados de esquerda de outros países da América Latina; e era difícil cumpri-las, especialmente para os nicaraguenses com filhos menores, que inevitavelmente desenvolviam relações mais abertas com seus amigos e vizinhos cubanos. Em 1973, os dois únicos membros da Direção Nacional que viviam dentro da Nicarágua, Ricardo Morales Avilés e Oscar Turcios, foram capturados em um “aparelho” fora de Manágua e assassinados pela Guarda Nacional. Fonseca escreveu um documento de 20 páginas explicando com abundância de detalhes as transgressões de segurança que tinham conduzido a este desastre.²⁴⁵

²⁴⁴ GUADAMUZ, *op. cit.*, p. 43; “Para la generación del 60”, *Barricada*, 8 nov. 1987.

²⁴⁵ Heriberto Rodríguez Marín, entrevista com a autora, Manágua, 14 fev. 1996; FONSECA AMADOR, “Militancia activa”; BLANDÓN, *Entre Sandino...*,

Não obstante, se se pode confiar num documento da OSN, foi Carlos Fonseca que cometeu uma das mais sérias violações à segurança durante o período clandestino. Segundo um informe secreto da polícia, datado de 21 de março de 1967, Fausto Amador chamou a OSN, em 18 de março e depois no dia 21 do mesmo mês, informando em cada ocasião que recentemente recebera uma chamada telefônica de seu filho Carlos Fonseca, dizendo-lhe que permanecesse longe do escritório de pagamentos da Central de Engenhos, porque ia ser alvo de um ataque armado.²⁴⁶

Os membros da clandestinidade e seus colaboradores viviam com o perigo constante de serem descobertos e mortos. Repetidamente, ao longo dos últimos anos da década de 1960, a Guarda Nacional rastreou os militantes conhecidos da FSLN em seus “aparelhos” ou nas ruas e os matou. Algumas vezes os guerrilheiros puderam responder ao fogo, mas normalmente eram vencidos, e o número de mortos era extremamente desigual. Em 4 de novembro de 1967, o ex-dirigente estudantil Casimiro Sotelo caiu morto junto com outros três membros da FSLN, uma semana depois de regressar de seu treinamento militar em Cuba. Em 15 de janeiro de 1970, o poeta Leonel Rugama foi descoberto em Manágua e morto com outros dois membros da FSLN. As últimas palavras de Rugama se transformaram em um exemplo da cultura de desafio, de quase escárnio diante da morte, que chegou a fazer parte da mística da FSLN. Quando a Guarda

p. 207; Doris Tijerino, entrevista com a autora, Manágua, 28 jun. 1994; María Haydeé Terán, entrevista com a autora, León, 2 jul. 1994; FONSECA AMADOR, “Análisis sucesos de Nandaime”, 20 out. 1973, CHM reg. 00254, caixa 2B.

²⁴⁶ CHM reg. 00535 (8), caixa 1, pasta “OSN: Documentos personales”. Ainda que este arquivo pareça genuíno, eu pessoalmente não creio em sua autenticidade, porque tal comportamento não é compatível com o caráter de Carlos Fonseca. Fausto Amador pode ter inventado a advertência para demonstrar sua lealdade aos Somoza. A OSN pode ter plantado informação falsa em seus próprios arquivos, como fez em outras ocasiões. O informe pode ter resultado de uma informação errônea ou de uma confusão.

Nacional mandou renderem-se e saírem os que estavam cercados no “aparelho”, Rugama respondeu gritando: “Que se renda sua mãe!”. Ainda não havia completado 20 anos de idade.²⁴⁷

O mais famoso exemplo de resistência foi dado por Julio Buitrago, o chefe da clandestinidade urbana. Transmitida ao vivo pela televisão e pelo rádio, a cobertura de sua morte eletrizou a nação. Em 15 de julho de 1969, o “aparelho” de Buitrago em um bairro operário, em Manágua, foi descoberto pela Guarda Nacional. Outros três rebeldes, inclusive Doris Tijerino, conseguiram sair, cobertos pelo fogo da metralhadora de Buitrago. Nas horas seguintes, a Guarda Nacional mobilizou tanques e helicópteros, assim como mais de 300 soldados, para atacar a modesta casa de dois pavimentos, e o que disseram aos repórteres foi que o volume de fogo, proveniente do interior da casa, indicava que tinham encontrado um ninho com dezenas de “terroristas comunistas”. Mas quando finalmente o fogo cessou, só existia o corpo crivado de balas de Buitrago. Tinha 23 anos e pesava 57 quilos.²⁴⁸

Um semanário opositor publicou em Manágua passagens do diário encontrado com o corpo de Buitrago. Cobrindo um período de três semanas de meados de 1968, as anotações revelam muito sobre os problemas da clandestinidade e o estado da FSLN naquele momento. O quadro que pintam as anotações é de divergências e debates entre os principais dirigentes acerca da estratégia imediata e das perspectivas de longo prazo da organização. Não era tanto o

²⁴⁷ Ver ALEGRÍA e FLAKOLL, *Nicaragua...*, p. 197. “Que se renda tu madre!” [Que se renda sua mãe] foi uma consigna vista por toda parte, em cartazes e faixas, nas mobilizações de repúdio à guerra contrarrevolucionária durante a década de 1980.

²⁴⁸ FONSECA AMADOR, “Lucha guerrillera en Nicaragua”, *Punto Final* (Santiago), n. 110 (4 ago. 1970): 17; BORGE, *Carlos, the dawn...*, p. 57. (Para variar, Fonseca fala em 200 soldados e duas horas, enquanto Borge fala em mais de três horas e mais de 400 soldados.) “El diario de Julio Buitrago”, *Extra Semanal* (Manágua), n. 51 (27 jul. 1969).

perigo o que preocupava Buitrago, e sim o aborrecimento, a frustração e a impaciência com outros membros da direção, especialmente com Fonseca. Buitrago anotou a certa altura que houve um momento em que não saiu de seu “aparelho” durante 15 dias, virtualmente paralisado pelas condições de clandestinidade. “É uma monotonia danosa, e acho que é preciso rompê-la com a ação revolucionária”. Lamentava-se pelo fato de o movimento parecer não poder fazer nada senão lidar com os problemas econômicos de subsistência. O aniversário do massacre estudantil de 1959 passou e “não fizemos nada, nem temos o material de que necessitamos para fazer nossas manifestações.” Soube pelo desanimador informe de um companheiro cujo nome em código era Onze, que “há gente que não faz nada. Diz que não vão sequer às reuniões”. Buitrago teve várias e prolongadas discussões com Fonseca, que ele achava demasiadamente conservador. “Creio que David [Carlos Fonseca] não confia atualmente no que devemos fazer. Às vezes penso que não se recompôs da recente derrota [Pancasán] e que isso mina sua confiança”.

“Discutimos muitas vezes, mesmo quando eu não concordava”, escreveu Buitrago em seu diário. “Não pude convencer-me plenamente de que neste momento não se podem realizar, paralelamente ao trabalho político, as ações militares”. O diário sugere que só o respeito por Fonseca impedira Buitrago de incorrer em uma aventura suicida. “Conversava com a Tere [Doris Tijerino] sobre o que faríamos se matassem David [Carlos Fonseca]. Desencadearíamos uma guerra até a morte, indiscriminada, contra nossos inimigos.”²⁴⁹

As queixas de Buitrago relativas à falta de dinheiro para comprar tinta ou papel para mimeógrafo para recordar o massacre estudantil de 1959 ilustram os crônicos problemas financeiros da FSLN. Em uma entrevista de 1970 para a revista chilena *Punto Final*, perguntaram a Fonseca que ações importantes a FSLN reali-

²⁴⁹ “El diario de Julio Buitrago”.

zara; fez uma lista de dezenas de ações entre 1963 e 1970, a maioria delas *recuperações* (assaltos a bancos). A primeira destas, realizada em Manágua, em maio de 1963, rendeu 10 mil dólares, mas poucas foram tão rendosas. Os guerrilheiros sandinistas tinham apenas pequenas armas de caça durante a maioria das operações militares urbanas ou rurais, porque eram as únicas de que podiam dispor. O pedido de contribuições a elementos opositores de classe média era uma tarefa de bastante importância, a ponto de ser atribuída em várias ocasiões ao próprio Fonseca. Há cópias nos arquivos da OSN (e, eventualmente, originais) de cartas manuscritas por Fonseca em que solicita “um sacrifício material” a indivíduos que “dizem apoiar” a luta contra Somoza.²⁵⁰

Por duas décadas, a Oficina de Segurança Nacional de Somoza guardou cada papelzinho com informações que pudesse, ter relação com Carlos, seus amigos e contatos. Seu volumoso arquivo sobre ele ia desde a carta pueril que escreveu a Anastasio Somoza Debayle, em 1956, solicitando a devolução de seus livros confiscados, até a pequena pasta de plástico, onde guardava a correspondência manuscrita, encontrada junto a seu cadáver ensanguentado, em novembro de 1976. As únicas cópias sobreviventes de alguns dos escritos de Fonseca provêm desses arquivos da polícia secreta, que passaram às mãos da FSLN quando Somoza fugiu da Nicarágua, em 1979. Os arquivos da OSN são uma importante fonte de informação, mas estes documentos têm que ser usados com cuidado, já que documentos escritos por outros membros da FSLN são, por vezes, atribuídos erroneamente a Fonseca.²⁵¹ É possível que alguns dos agentes da OSN não lessem ou

²⁵⁰ FONSECA AMADOR, “Lucha guerrillera”, p. 15-17; cartas a Dr. A. R., Dr. A. P. A., Dr. R. C. M., Lic. R. C., mar.-jun. 1968, CHM regs. 00363, 00352, 00355 00534, caixa 3.

²⁵¹ Carlos Fonseca Amador, León, ao Coronel Anastasio Somoza Debayle, Manágua, 11 dez. 1956, CHM reg. 00567, caixa 1B; “Jorge” [Jaime Wheelock], Santiago, Chile, ao “Compañero Cardenal”, Manágua, 10 abr. 1973, CHM reg. 00033, caixa 3. Os arquivos tinham sido transferidos do quartel da OSN

não pudessem ler os documentos que arquivavam, pois seus informes e transcrições mostram que alguns deles eram quase analfabetos.

Há uns quantos documentos nos arquivos da OSN que parecem ser falsificações deliberadas. Há, por exemplo, uma sentença de morte datilografada, dirigida ao Prof. Eloy Canales Rodríguez e assinada “Carlos Fonseca”. A carta informava a Canales que a FSLN o havia condenado à morte, “tendo em vista sua desprezível atividade de ‘orelha’ [espião] no Instituto Nacional Central Ramírez Goyena”, e “por sua danosa aversão aos elementos democráticos, que não hesitam em expor sua vida pela libertação de nosso país”. Ainda que a FSLN ocasionalmente tenha executado agentes somozistas, seus alvos eram cuidadosamente escolhidos. O mais famoso justicamento foi a execução, em 1967, do odiado torturador da Guarda Nacional, Gonzalo Lacayo, que prendera e golpeara Víctor Tirado López e Carlos Fonseca em 1964. Canales Rodríguez, ainda que várias vezes tenha sido eleito para o Congresso Nacional da Nicarágua como membro do Partido Liberal de Somoza, era um educador muito popular, que gozava de reputação por sua honestidade e que não tinha conexões com a Guarda Nacional ou com outros órgãos do aparelho repressivo. Em 1934, foi o primeiro legislador nicaraguense a apoiar a extensão do voto às mulheres.²⁵²

O arquivo contém, além disso, a cópia de uma apaixonada carta de amor enviada por Josefina Tijerino a “Víctor”, na Cidade do

para o *bunker* fortificado de Somoza em Manágua, onde foram descobertos por Rodolfo Romero e pelo comandante guerrilheiro Hugo Torres em 19 de julho de 1979. “Ainda não entendemos como podem ter deixado todos esses documentos ali para que os encontrássemos”, disse Romero em 1994. “Todos os segredos estavam ali, os planos da polícia secreta desde 1968, a lista de informantes que tinham infiltrado em várias organizações”. Os arquivos estavam em um quarto com uma enorme coleção de filmes pornográficos pertencente a Somoza. Cf. Rodolfo Romero, entrevista com a autora, Granada, 24 jun. 1994.

²⁵² CHM reg. 00362, caixa 3 (6); CASTILLO, Julián Guerrero e GUERRERO, Lola Soriano de. *100 biografías centroamericanas*. Manágua: Imprenta Nacional, 1971-1973, v. 1, p. 360-363.

México, em fevereiro de 1965. Um funcionário da OSN escreveu ao longo da parte de cima: “Para Carlos Fonseca Amador”. Na carta, Josefina, que aparentemente era uma estudante, refere-se a um tempo na escola passado com seu “amado Víctor”. Esta carta pode ter sido posta no arquivo de Fonseca deliberadamente, com vistas a usá-la para provocar problemas pessoais ao exilado revolucionário, que estava a ponto de casar-se com María Haydeé Terán. Mais de 30 anos antes, um capitão dos *marines* dos Estados Unidos produziu uma crise para Augusto C. Sandino, fazendo chegar a sua esposa, Blanca Aráuz, uma carta – autêntica, neste caso – que Sandino escrevera a sua amante.²⁵³

A obra *Militância ativa*, escrita por Fonseca em 1968 e o diário de Julio Buitrago, do mesmo período, deixam claro que havia desacordos dentro da FSLN acerca do curso e do ritmo em que a organização se movia. Em seu ensaio de 1969, *Hora zero*, Fonseca alegava que havia muitos militantes “exauridos” depois da derrota de Pancasán, e que era tempo de reagrupar e orientar politicamente novos quadros. Foi neste contexto que ele viajou para a Costa Rica, no início de 1969, para escrever o rascunho dos documentos programáticos básicos e para preparar uma reunião da liderança da FSLN. Humberto Ortega descreveu este episódio como “uma espécie de pausa, com o objetivo de analisar nossa rica prática até aquele momento, para melhorá-la à luz das análises, à luz do estudo”. Fonseca foi à Costa Rica um pouco a contragosto, como explicou em uma carta de San José a Julio Buitrago:

É penoso para mim estar aqui justamente agora, o que é quase como estar de férias (...) Posso desenvolver um trabalho que é quase impossível na Nicarágua, isto é, redigir uma série de documentos. Farei o que puder para reduzir ao máximo esta permanência aqui e voltar para onde mais quero estar, ao lado daqueles que são o melhor dos melhores.²⁵⁴

²⁵³ Josefina Tijerino a Víctor, México, 20 fev. 1965, CHM reg. 00386, caixa 3 (6); WUNDERICH, *Sandino...*, p. 110.

²⁵⁴ FONSECA AMADOR, *Hora cero*, p. 93; ORTEGA SAAVEDRA, Humberto,

O desejo de regressar rapidamente à Nicarágua é um tema persistente em todos os escritos de Fonseca no exílio.

Na Costa Rica, ele finalizou o ensaio *Hora zero*, no qual faz um balanço do interlúdio legal de meados dos anos 1960 à derrota da guerrilha em 1967, no contexto de uma breve análise econômica e social da Nicarágua. Na sequência, esboça um conjunto de reivindicações que foi publicado primeiro em 1969 como “Programa sandinista” e que chegou a ser conhecido como “Programa histórico”. O rascunho desse programa foi enviado a Julio Buitrago em Manágua e também, de contrabando, aos dirigentes da FSLN encarcerados na Nicarágua. Em uma carta escrita como se se tratasse de uma correspondência de negócios, seis semanas antes de que Buitrago fosse morto, Fonseca dizia que estava enviando a seu colega uma outra versão do “catálogo” para que circulasse e o comentasse:

Já expliquei em cartas anteriores que nossa ideia é que este material seja válido para um período mais extenso. Isso não elimina a necessidade de distribuir materiais, dia a dia, à medida em que ocorrem os acontecimentos (...) O projeto completo foi modificado de acordo com as sugestões de vários associados. Mas não quero elaborar uma versão final enquanto vocês não tiverem enviado seus comentários (...) Os associados daqui estão muito entusiasmados, e alguns acham mesmo que se trata de um material superior aos de outras companhias como a nossa em diferentes países da região.²⁵⁵

Em julho ou agosto de 1969, quase todos os principais dirigentes e muitos dos membros da FSLN estavam em São José, onde adotaram o *Programa histórico* e um novo conjunto de normas de organização.

Hora zero e o *Programa histórico* representaram um grande avanço ideológico para a FSLN: era a primeira vez que se punha no papel o enfoque político que vinham desenvolvendo por meio da

“Carlos usó el cárcel para ser más grande de lo que era”, *Barricada*, 23 out. 1980; “Salvador” [Carlos Fonseca], São José, 28 mai. 1969, a “Hermano” [Julio Buitrago], Manágua, CHM reg. 00357, caixa 3, pasta “cartas a Julio Buitrago”..
²⁵⁵ *Ibid.*

ação e do debate por quase uma década. O *Programa histórico* seria a plataforma de reivindicações segundo a qual a FSLN conduziria uma revolução vitoriosa em 1979. *Hora zero* era a análise de Fonseca de por que era necessária uma revolução na Nicarágua, porque os outros grupos opositores eram incapazes de conduzir a uma transformação política e social e o que a FSLN tinha feito para começar a preparar-se para tal revolução. Ele argumentava que a Nicarágua fora reduzida a uma “neocolônia” do imperialismo norte-americano, por três décadas de governo de uma “camarilha reacionária”, que, em aliança com “o setor capitalista que se autodenomina ‘opositor’”, impusera um sistema econômico atrasado e desigual ao país, explorando e vitimando trabalhadores e camponeses. A análise de *Hora zero*, sobre o estado e a economia nicaraguenses, conduzia diretamente às soluções propostas no *Programa histórico*. O *Programa histórico* foi publicado em nome da FSLN, mas levava a marca de Carlos Fonseca, assim como *Hora zero*. O programa começava com um verso curto do poeta nicaraguense Rubén Darío, satirizando o imperialismo dos Estados Unidos, seguido por seis ou sete citações provenientes dos heróis de Fonseca, Augusto C. Sandino e Ernesto Che Guevara.

O *Programa histórico* convocava o povo da Nicarágua a se mobilizar pelas 13 reivindicações básicas, ou tarefas da revolução. O coração do documento encontrava-se em seus dois primeiros parágrafos, que reivindicavam a derrubada da ditadura e uma reforma agrária radical. O primeiro ponto prometia implantar um governo revolucionário que garantiria os direitos democráticos básicos, expropriar as propriedades da família Somoza e de seus cúmplices e nacionalizar os bancos, o comércio exterior e os recursos naturais em mãos estrangeiras; isso era reforçado pelos pontos posteriores pôr fim à interferência ianque nos assuntos internos dos nicaraguenses e abolir a Guarda Nacional, substituindo-a por um “exército popular, revolucionário e patriótico” e milícias populares. O segundo ponto convocava para a realização

imediate de uma reforma agrária ampla, incluindo uma redistribuição da terra, em massa, a aqueles que a trabalham. Os pontos restantes esboçavam programas econômicos e sociais focados nas necessidades da maioria empobrecida. Reivindicavam uma revolução na cultura e na educação, na legislação trabalhista e na seguridade social, uma campanha para acabar com a corrupção, a reincorporação da Costa Atlântica e o fim da “odiosa discriminação” sofrida ali pelos índios e pelos negros, a emancipação das mulheres, a solidariedade com as lutas anti-imperialistas em todo o mundo e a veneração dos mártires sandinistas. As reivindicações eram em grande parte de caráter democrático e nacionalista, com uma forte tendência a favor das necessidades dos operários e dos camponeses, além de uma intransigente oposição a todos os aparatos de Somoza.²⁵⁶

Os artigos que tratavam da Costa Atlântica e da libertação das mulheres levantavam uma série de reivindicações concretas para que se começasse a lidar com a opressão especial sofrida por elas e pelos povos indígenas. Mas a importância destas questões não era compreendida amplamente na FSLN, e a organização realmente nunca avançou além da declaração formal destes ideais democráticos no *Programa histórico*. Frequentemente os índios e as mulheres eram vistos, no máximo, como vítimas indefesas da exploração imperialista e capitalista, mais do que como atores que podiam transformar a sociedade. O próprio Fonseca enfatizou pouco estes importantes assuntos políticos, apesar de desestimular fortemente as condutas sexistas por parte dos homens sandinistas. Estas debilidades políticas, e especificamente a falha de não captar a importância da identidade étnica para setores da população nicaraguense, causaram sérios problemas nos anos posteriores à revolução de 1979.

²⁵⁶ FSLN. El *Programa histórico del FSLN*. Manágua: Depep, 1981. A versão original de 1969, “Programa Sandinista”, está reproduzida em GILBERT, Dennis e BLOCK, David (orgs.), *Sandinistas: key documents/documentos-clave*. Ithaca, Nova York: Cornell University, 1990, p. 3-21.

Uma vez que o *Programa histórico* e os novos estatutos organizativos tinham sido adotados, em meados de 1969, Fonseca estava ansioso por retornar à Nicarágua para começar os preparativos para uma nova operação guerrilheira. Estes planos caíram por terra quando foi preso pela polícia costa-riquenha, em 29 de agosto. Quando a imprensa internacional o entrevistou na prisão, uma semana depois, muitas das perguntas giravam em torno da notícia bombástica sobre uma conferência de imprensa, em Manágua, no dia 20 de agosto, na qual o meio-irmão de Fonseca, Fausto Amador Arrieta, na presença de seu pai, denunciara a FSLN, instando Carlos a se render e a usar métodos legais para trabalhar por uma mudança social.²⁵⁷

Fonseca fora muito próximo de seu irmão paterno Fausto, que era nove anos mais moço que ele, mais do que de qualquer de seus outros irmãos. Em cartas escritas em 1960 a seu pai e à esposa deste, fez elogios extravagantes a um discurso do jovem Fausto que, como disse a Lola Arrieta: “li várias vezes e francamente senti-me honrado ao pensar que tenho um irmão assim”. Em meados dos anos 1960, o jovem meio-irmão de Carlos foi por um breve período um partidário ou, talvez mesmo, um membro da FSLN.

Fausto filho disse à mídia reunida em sua luxuosa residência em Manágua que a FSLN estava travando “uma absurda batalha sem sentido, longe das massas, que não tinham ideia do que estava sendo feito” e que, dada “a profunda amizade entre Somoza e meu pai”, Carlos podia voltar com segurança para uma vida legal na Nicarágua.²⁵⁸ Ainda que outros membros da FSLN seguissem uma “ideologia estrangeira”, de acordo com o jovem Fausto, Carlos não era comunista e pessoalmente era a favor de uma estratégia pacífica.

²⁵⁷ *La Prensa*, 4 set. 1969.

²⁵⁸ Carlos Fonseca Amador, 10 jun. 1960, a “Recordada doña Lolita”, Matagalpa; Carlos Fonseca Amador, San José, 11 de abril, 1960, a “Querido papá”, Manágua; AMADOR, Fausto, “How I came to be a trotskyist”, *Intercontinental Press* (Nova York), 27 jun. 1977, 743.

Ambos os diários, o somozista *novidades* e o opositor *La Prensa*, comentaram a semelhança física entre Fausto Amador e seu irmão (um deles escreveu que tinham os mesmos olhos azuis e que eram extraordinariamente semelhantes na voz e nos gestos) e seu conselho aos membros da FSLN para que regressassem a suas famílias e se dedicassem a seus estudos.²⁵⁹

A resposta furiosa de Carlos, escrita apenas dois dias depois da conferência de imprensa de Fausto, foi denominada “Viva a fraternidade guerrilheira”. Investiu contra o uso do nobre termo “irmão” para depois fazer referência “às declarações que um covarde desertor de nossas fileiras fez às emissoras censuradas pela Guarda Nacional e a *La Prensa* e *Novedades*, publicações de triste reputação”.²⁶⁰

Não bastou ao desertor cobrir-se ele mesmo de lama, mas pretendeu ainda lançá-la sobre aqueles que continuam desafiando os perigos inevitáveis que o combate implica. O desertor alega que o autor deste texto só mantém a linha guerrilheira devido à pressão exercida por estrangeiros. Esta é uma mentira insidiosa e revoltante (...) Não é possível eliminar a exploração e opressão de que padecem nossos povos com súplicas. Tanta imundície não pode ser lavada com água, por mais bendita que seja. Só o sangue pode lavar estas máculas. Diante dos golpes sofridos pelo movimento guerrilheiro, o imundo desertor propõe que apareçamos com as mãos para o alto.

Fonseca também defendeu sua crença no socialismo, do qual dizia “que correspondeu, na maioria dos casos, às esperanças que a história e as massas depositaram nele. As frustrações não são regras, e sim exceção”. Contrastava a traição de seu irmão paterno com a coragem de Julio Buitrago, caído um mês antes, e o da encarcerada,

²⁵⁹ “La entrega de Fausto Jr.”, *Extra Semanal*, 24 ago. 1969; “Carlos Fonseca A.: Nacido para la insurrección. El más completo reportaje sobre el hombre n. 1 del FSLN”, *Extra Semanal*, 7 set. 1969; *Novedades*, 21 ago. 1969, 1º set. 1969.

²⁶⁰ FONSECA AMADOR, “Viva la fraternidad guerrillera”, 22 ago. 1969, CHM reg. 00313, caixa 5. Uma versão substancialmente editada desta declaração, da qual foram suprimidos os nomes de Julio Buitrago e de Doris Tijerino, e todas as referências a Fausto Amador, aparece como “Proclama del FSLN”, in: *Obras*, v.1, p. 267-269.

mas aguerrida, Doris Tijerino.

Carlos Fonseca não voltou a ver seu pai nem seu irmão, e suas poucas referências a eles foram hostis. Em 1973, Fausto Amador pai e René Fonseca deliberadamente identificaram erroneamente o corpo de um guerrilheiro assassinado da FSLN como sendo o de Carlos Fonseca. Em um comunicado da FSLN, Carlos denunciou: “o senhor Amador, que foi o primeiro a fazer a afirmação, é um indivíduo vinculado pessoalmente à família Somoza” e identificou equivocadamente o corpo para desmoralizar os partidários sandinistas e proporcionar um golpe de propaganda para a ditadura.²⁶¹ Negava-se a reconhecer a motivação mais humana e também mais provável para que Amador e René Fonseca tivessem feito isso para enganar a Guarda Nacional na esperança de que cessasse a perseguição a seu filho e irmão.

A última e mais prolongada prisão de Fonseca ocorreu na Costa Rica, uma democracia que observava normas judiciais que não existiam na Nicarágua. O presidente da Costa Rica, naquele momento, havia sido por muito tempo um opositor da ditadura de Somoza. No entanto, para a FSLN, os aparatos policiais e as prisões tinham vínculos estreitos com a Guarda Nacional da Nicarágua, e Somoza tentaria extraditar ou assassinar Fonseca na Costa Rica. Uma campanha internacional foi empreendida contra sua extradição de Fonseca para a Nicarágua, a qual contou com o apoio de proeminentes personalidades e recebeu alguma cobertura dos meios de comunicação na Europa e nos Estados Unidos. Ao mesmo tempo, a FSLN começou a preparar um ataque à prisão para libertar seu líder.

Fonseca desempenhou um papel ativo no planejamento da fuga, passando mensagens por Haydeé Terán, que lhe levou secretamente, durante uma visita conjugal, uma pistola que levava escondida sob

²⁶¹ *Id.*, “Algunos puntos sobre la situación en Nicaragua”, Havana, 12 nov. 1973, 4, CHM reg. 00247, caixa 2A.

a saia. Ele ajudou a escolher os participantes, inclusive Humberto Ortega, de 22 anos de idade e já exilado na Costa Rica; Germán Pomares, um veterano camponês das campanhas de 1963 e 1967; Rufo Marín, um jovem operário do povoado de Estelí; e o estudante costa-riquenho Plutarco Hernández. Na tentativa de fuga, em 23 de dezembro de 1969, Ortega foi ferido, e um guarda costa-riquenho foi morto. Fonseca e Ortega conseguiram fugir em um carro dirigido por Rufo Marín, tendo sido perseguidos, segundo a imprensa local, por 55 veículos policiais. Quando o carro se aproximou de uma barricada da polícia, Fonseca deu ordem de rendição porque teve medo de que Ortega, que sangrava profusamente, morresse caso não recebesse atenção médica de imediato.²⁶²

Um juiz costa-riquenho sentenciou Fonseca, Marín e Ortega a uma prisão de longo prazo; para Fonseca foram 18 anos. Terán foi acusada de conspiração por ajudar seu marido a escapar e ficou detida vários meses, depois dos quais foi posta em liberdade sem julgamento; deportaram-na, proibindo-a de voltar à Costa Rica. Em cartas à imprensa costa-riquenha e chilena, Fonseca queixava-se das duras condições em que eram mantidos depois da tentativa de fuga e da falta de atenção médica adequada a Ortega.²⁶³

No entanto, Fonseca ainda recebia livros e jornais, e era permitido aos jornalistas entrevistá-lo, mesmo depois da abortada tentativa de fuga. Terán enviou-lhe uma coleção da *Revista Conservadora do Pensamento Centro-Americano*, que, segundo Ortega, ele “devorava”. No final de abril, ela lhe enviou pelo correio 17 livros e revistas que ele

²⁶² CHAMORRO, “La última cárcel de Carlos Fonseca”, *Barricada*, 24 jun. 1989; FONSECA, “Retornar a las montañas”, 54. Rufo Marín era o nome de um famoso combatente sandinista morto na batalha de Ocotal, em julho de 1927, de quem o jovem Marín de 1970 pode ser um descendente.

²⁶³ Cf. FONSECA AMADOR, penitenciária de San José, para *Punto Final*, Santiago de Chile, 23 mar. 1970, CHM reg. 00363, caixa 5. Humberto Ortega ficou com o braço direito inutilizado permanentemente em consequência dos ferimentos.

solicitara, inclusive seis volumes das estatísticas do Banco Central da Nicarágua, uma meia dúzia de romances e livros de poesia, além de *Black power* [Poder negro] de Stokely Carmichael. Em uma entrevista em 1980, Ortega declarou,

Carlos se impunha uma disciplina inacreditável de estudos, análises, exercícios físicos que indiscutivelmente iam temperando cada dia mais seu espírito, sua personalidade; não havia um único dia na prisão, mesmo os domingos, em que não observasse o cronograma completo que elaborara para si próprio, devorando enormes quantidades de livros sobre a situação internacional e sobre a história da Nicarágua. De acordo com Ortega, levantava-se ao amanhecer, fazia exercícios, depois lia de oito da manhã até, algumas vezes, as duas ou três da madrugada seguinte e depois, às cinco, de novo estava pronto para seus exercícios.

Fonseca, segundo seus companheiros de prisão, acompanhava os acontecimentos na Nicarágua e no resto da América Central por meio dos jornais diários, lendo até as colunas sociais, de modo que sabia os nomes de todas as famílias ricas da classe dominante. Compôs sua primeira cronologia da luta anti-imperialista na Nicarágua durante esta permanência na prisão.²⁶⁴

Os escritos de Fonseca não indicam que ele tenha se suavizado na prisão. Ao contrário, continuava na ofensiva, não apenas contra a ditadura de Somoza, mas também contra os grupos moderados de oposição. De sua cela na prisão, continuou um duro debate com os editores de *La Prensa*. Antes de sua prisão, lançara uma carta com o título “Resposta a um ideólogo da tortura”, em réplica a um artigo do intelectual antissomozista Jorge Eduardo Arellano. *La Prensa* não publicou a carta de Fonseca, mas respondeu a ela

²⁶⁴ CHAMORRO, “La última cárcel...”, *Barricada*, 24 jun. 1989. CHM caixa 1 A, pasta OSN: Vigilancia de María Haydeé Terán; FONSECA AMADOR, “No hay islas” [Entrevista com Marco Altamirano], out. 1970, CHM reg. 00322, caixa 6; *id.*, “Lucha guerrillera”, p. 15-18; ORTEGA SAAVEDRA, Humberto, “Conductor integral de la vanguardia”, *Barricada*, 8 nov. 1980; “Estrategia triunfante”, *Barricada*, 7 nov. 1979.

em uma página de rosto, com um artigo sem assinatura intitulado “Carta de Fonseca: Nada mais que um grito de angústia pelo lamentável estado de suas guerrilhas vermelhas”. No final de 1969, Fonseca escreveu da prisão rapidamente uma resposta furiosa ao artigo do coeditor de *La Prensa*, Pablo Antonio Cuadra. Parte desta carta terminou nos arquivos da OSN. Escrita em garranchos quase ilegíveis, dos dois lados de uma folha rasgada de papel *kraft*, a própria aparência da carta evidencia a pressa e a raiva com que foi produzida. Mesmo abalado, no entanto, Fonseca conhecia a história de seu país. Escreveu: “Há 1968 porque houve 1959, 1956, 1947, 1944, 1936, 1934, 1927, 1925, 1914, 1912, 1910, 1893, 1857, 1856, 1855, 1838, 1824, 1821, 1812... 1743... 1650... 1531”. Cada um destes números – escritos em letra cada vez maior e em linhas inclinadas na página – representam datas-chave da história nicaraguense.²⁶⁵

Quando foi entrevistado pela imprensa costa-riquenha e internacional, devido a sua prisão em agosto de 1969, Fonseca acusou o líder conservador, Pedro Joaquín Chamorro, de organizar uma oposição ineficaz que apenas servia aos interesses de Somoza, pois permitia ao ditador fingir que tolerava a dissidência. Perguntado sobre se havia reconsiderado sua negativa de apoio a Fernando Agüero nas eleições de 1967, respondeu que, multiplicando os defeitos de Pedro Joaquín Chamorro, o resultado era Agüero. Chamorro tentou visitar Fonseca na prisão, dizendo que, apesar de suas diferenças, considerava uma cortesia elementar visitar um compatriota nicaraguense encarcerado. Fonseca negou-se a falar com ele e agiu – conforme Chamorro disse posteriormente a Ernesto Cardenal – como se uma serpente tivesse

²⁶⁵ FONSECA AMADOR, “Respuesta a un ideólogo de la tortura: carta a Sr. Jorge Eduardo Arellano, Diario *La Prensa*”, 15 jan. 1969, CHM reg. 00356, caixa 2A; *La Prensa*, 2 fev. 1969; Carlos Fonseca Amador, Prisión Alajuela, São José, a Pablo Antonio Cuadra, Manágua, 2 dez. 1969; CHM reg. 00306, caixa 3 (elipse no original).

entrado em sua cela²⁶⁶

Em “Os ataques dos falsos revolucionários da Costa Rica nos honram”, escrito na Penitenciária Central de San José, em 26 de março de 1970, Fonseca criticava duramente o Partido Comunista costa-riquenho. O PVP ridicularizara ele e seu movimento na edição de 21 de março de seu jornal *Liberdade*.²⁶⁷

Ainda que a campanha internacional de solidariedade tivesse êxito no que se refere a impedir a extradição de Fonseca para a Nicarágua, os prisioneiros e a FSLN temiam um atentado contra sua vida. Um prisioneiro nicaraguense apelidado de “Mamãe Dolores” subitamente apareceu como companheiro de cela de Fonseca; este criminoso tinha ganhado sua reputação na prisão “A Aviação”, em Manágua, por suas surras nos prisioneiros políticos e por seus estreitos laços com os guardas. Houve boatos de que a Agência Central de Inteligência dos Estados Unidos, a CIA, tinha um plano preparado para assassinar Fonseca durante uma falsa tentativa de fuga.²⁶⁸

Outro ataque direto à prisão para resgatar Fonseca era coisa que nem se cogitava, de maneira que a liderança da FSLN decidiu tentar libertá-lo mediante o intercâmbio de reféns. Em 21 de outubro de 1970, um comando da FSLN composto de três homens e duas mulheres sequestrou um avião comercial costa-riquenho e dois executivos norte-americanos da *United Fruit Company*. Carlos

²⁶⁶ “Carlos Fonseca A.: nacido para la insurrección...”, *Extra Semanal*, 7 set. 1969; Ernesto Cardenal, entrevista com a autora, Manágua, 27 jun. 1994; cf. também Joaquín Sansón Argüello, “P. J. Ch.: Mi visita a Fonseca Amador fue humanitaria”, em *Extra Semanal*, 1º fev. 1971; “Seremos implacables y vendrá más dureza en la lucha anuncia Fonseca Amador”, *Extra Semanal*, 14 fev. 1971 (sem assinatura, mas seu autor é William Ramírez).

²⁶⁷ FONSECA AMADOR, “Los ataques de los falsos revolucionarios de Costa Rica nos honran”, *COPAN, Revista Teórica* (São José), n. 2-3 (agosto de 1984): 94-105.

²⁶⁸ ANGULO, Rolando, “Carlos Fonseca, gran problema para presidente Figueres”, *Extra Semanal*, 16 ago. 1970; ORTEGA, “Carlos usó la cárcel...”, *Barricada*, 21 out. 1980.

Agüero, o chefe da operação, de 22 anos de idade, pertencia a uma das famílias mais ricas da Nicarágua e era sobrinho de Fernando Agüero, o eterno candidato presidencial do Partido Conservador. De novo, Carlos Fonseca participou diretamente dos planos da operação, inclusive conseguindo repassar furtivamente instruções para que os passageiros do avião fossem tratados com respeito. O grupo de Agüero ofereceu trocar os empresários norte-americanos e outros passageiros costa-riquenhos por Fonseca e seus três companheiros de prisão. O governo costa-riquenho aprovou o acordo, e Fonseca, Ortega, Marín e Hernández voaram primeiro para a Cidade do México e depois para Havana.²⁶⁹

Durante o período em que Fonseca esteve preso na Costa Rica, várias dezenas de sandinistas foram prisioneiros na Nicarágua; aliás, quase todos os membros da FSLN dos anos 1960 e princípio dos anos 1970 ficaram algum tempo na prisão. Daniel Ortega e Jacinto Suárez, presos no final de 1967, passaram mais de sete anos atrás das grades. Ricardo Morales Avilés, Doris Tijerino e Tomás Borge foram encarcerados repetidas vezes.

Nessas circunstâncias, uma cultura da prisão e uma literatura de prisão surgiram na Nicarágua. Em suas notas de 1973 sobre a história da FSLN, Fonseca indicou os escritos da prisão como exemplos do renascer de uma cultura revolucionária depois de 1965, contrastando com o domínio da vida intelectual, anteriormente, pelos direitistas católicos e simpatizantes fascistas.²⁷⁰ Os escritos de seu período de prisão consistiram em análises históricas e políticas; outros membros da FSLN produziram pomas, testemunhos e desenhos, normalmente com conteúdo político. Daniel Ortega ficou conhecido por seu

²⁶⁹ MONTALBÁN, Óscar L., “Carlos Fonseca Amador, Pedro Joaquín Chamorro e Fernando Agüero”, *Extra Semanal*, 14 set. 1969; RAMÍREZ, W., “Sobrino de Agüero Guerrillero FSLN”, *Extra Semanal*, 31 jan. 1971; “Pueblo tico apoyó el rescate de Carlos”, *Barricada*, 21 out. 1980.

²⁷⁰ FONSECA AMADOR, “Notas sobre la lucha popular [1973]”.

poema da prisão intitulado “Não vi Manágua quando as minissaias estavam na moda”. Carlos Guadamuz tirou clandestinamente da prisão “A Aviação” sua biografia política por Julio Buitrago, *E... as casas ficaram cheias de fumaça*. Ricardo Morales Avilés escreveu quase diariamente poemas de amor a Doris Tijerino em 1969; foi preciso uma rede de guardas colaboradores e de prisioneiros comuns para que fossem levados do bloco de celas para homens ao das mulheres na prisão. Tomás Borge compôs na prisão seu poema em prosa em homenagem a Carlos Fonseca.

As condições materiais nas quais a literatura da prisão foi produzida eram extremamente difíceis. Doris Tijerino explicou, em uma entrevista gravada em 1973 por Carlos Fonseca, que os prisioneiros da FSLN na “Aviação” eram proibidos de ter papel e lápis e que todos os materiais para escrever eram confiscados dos pacotes enviados pelos familiares. Os poucos livros aprovados pelos censores da prisão eram em sua maioria úteis pelas páginas em branco, nas quais era possível escrever cartas. A literatura sandinista da prisão foi muitas vezes escrita nos minúsculos pedacinhos de papel das caixas de cigarros, com lápis doados pelos prisioneiros mais jovens (Tijerino usa a palavra “meninos”), cujo trabalho era limpar os arredores da prisão.²⁷¹

Os prisioneiros da FSLN dependiam dos presos comuns e de suas visitas, assim como de guardas colaboradores, que os ajudavam a transferir de dentro da prisão para fora seus escritos pessoais e políticos. Eles tinham uma política de tratamento respeitosa para com os presos comuns e os guardas e, quando era possível, buscavam envolver os prisioneiros comuns em suas discussões e aulas. Humberto Ortega, encarcerado com Fonseca na Costa Rica em 1970, disse que os presos comuns e mesmo os guardas chamavam Fonseca de “Don Carlos”, em sinal de respeito. Segundo ele, Carlos achava que obter

²⁷¹ *Id.*, “Charla con una compañera (sobre la cárcel)”, 28 set. 1973. CHM reg. 00324, caixa 6 (2).

informação para saber quem eram os prisioneiros comuns, como viviam e por que tinham acabado na prisão era importante para conhecer “um pedaço de nossa realidade concreta”²⁷².

As mulheres sandinistas eram algumas vezes encerradas com prostitutas, a quem elas tratavam como contatos políticos, tentando convencê-las a se transformarem em informantes da FSLN. O diretor da penitenciária masculina de Manágua administrava seu próprio esquema paralelo de prostituição. Os prisioneiros políticos se negavam a comprar os serviços sexuais das mulheres trazidas à prisão toda quinta-feira, mas tentavam recrutar-las como mensageiras.²⁷³

Durante seu cárcere, em 1969, Doris Tijerino foi encarregada de organizar a circulação de correspondência secreta dentro da prisão e para o mundo exterior. Ela nunca teve que pagar aos guardas e seus familiares para levar cartas dos membros da FSLN. Em uma série de entrevistas em 1994, Tijerino compartilhou algumas das centenas de poemas e documentos políticos que recebeu de Morales. Alguns só eram legíveis para ela – por exemplo, um extenso documento político escrito em apertadas abreviaturas sobre um pedacinho de papel de apenas uns poucos centímetros de largura e comprimento.²⁷⁴

Muitos prisioneiros políticos, inclusive Fonseca, foram submetidos a abusos físicos, os quais incluíam espancamentos, choques elétricos, tortura sexual e encapuzamento por longos períodos. As surras frequentemente aumentavam depois que os guerrilheiros rurais ou urbanos da FSLN realizavam com êxito uma operação. René Núñez ficou permanentemente incapacitado, e Gladis Báez necessitou de um

²⁷² CHAMORRO, “La última cárcel...”, *Barricada*, 24 jun. 1989; ORTEGA, “Conductor integral”, *Barricada*, 8 nov. 1980.

²⁷³ FONSECA AMADOR, “Charla con una compañera”; LÓPEZ, Roberto Fonseca, “Audacia, rebeldía y coraje en las cárceles del tirano”, *Barricada*, 25 jun. 1989. Cf. também RANDALL, *op. cit.*, p. 208, sobre a história de uma prostituta recrutada para ser mensageira da FSLN.

²⁷⁴ Doris Tijerino, entrevista com a autora, Manágua, 28 jun. e 11 jul. 1994; FONSECA AMADOR, “Charla con una compañera”.

longo tratamento médico devido às lesões sofridas atrás das grades. Mas muitos prisioneiros disseram que a tortura psicológica à qual foram submetidos era pior que a física. Na primeira vez em que Doris Tijerino foi presa, no princípio de 1967, um tenente ameaçou trazer para a prisão seu filho de 16 meses, “para ver se aguenta vivo um dia nas minhas mãos”.²⁷⁵ Ricardo Morales Avilés foi várias vezes vítima de uma forma de abuso chamado “pisa e corre”, que consistia em dar-lhe liberdade só para prendê-lo novamente assim que se aproximava da saída da prisão. Os guardas e os carcereiros atormentavam os prisioneiros com notícias de que membros da FSLN tinham sido assassinados, especialmente quando a vítima era um dirigente importante ou a esposa ou amante de um dos prisioneiros.

As prisioneiras políticas foram frequentemente violadas por guardas e submetidas a outras formas de abuso sexual. Mais que os homens prisioneiros, eram despidas, forçadas a realizar dolorosos exercícios nuas e submetidas a choques elétricos em seus órgãos genitais. Por outro lado, a pressão pública em relação ao tratamento dado às prisioneiras e, ocasionalmente, a intervenção de parentes bem articulados, às vezes resultavam em melhores condições para elas do que para seus companheiros homens. Mulheres camponesas envolvidas na luta pela terra e pelos direitos sindicais provavelmente sofriam abusos ainda piores que as sandinistas, porque aquelas não tinham a mesma habilidade para fazer chegar a informação ao público.²⁷⁶

Quando Doris Tijerino foi encarcerada, em 1967, cerca de outras dez presas no cárcere de mulheres tinham sido detidas por atividades políticas. Destas dez, duas estavam grávidas e pelo menos três foram violadas na prisão. Além de Tijerino e Gladis Báez, havia outra prisioneira, membro da FSLN, que estava grávida sendo ainda

²⁷⁵ O oficial referia-se às mãos dos guardas da prisão. Cf. TIJERINO, Doris e RANDALL, Margaret. *Inside the Nicaraguan Revolution*. Vancouver: New Star Books, 1983, p. 75.

²⁷⁶ Cf. RANDALL, *Sandinino's daughters*, p. 80.

adolescente. Outra mulher fora presa porque seu noivo era suspeito de ser membro da FSLN. Em julho de 1969, com 25 anos, Tijerino foi presa de novo e detida por quase dois anos, durante os quais foi submetida a abusos sexuais. Não foi posta em liberdade senão à custa de uma campanha de imprensa, greves de fome dos partidários e protestos públicos fora da prisão. O ódio do governo em relação a ela aparece na legenda de uma grande foto na edição de 5 de agosto de 1969 do diário *Novedades*, de propriedade de Somoza “Para manter o interesse público sobre a Frente Terrorista de Escravidão o mais alto possível, a senhora Doris Tijerino Haslam, comunista fanática, não teve escrúpulos em oferecer sua intimidade feminina como elemento de escândalo em uma denúncia cuja falsidade ficou indiscutivelmente comprovada com o laudo forense”.²⁷⁷

Alguns dos piores abusos às prisioneiras ocorreram nos quartéis da OSN perto do *bunker* de Somoza, no centro de Manágua. Segundo um artigo de 1972 de Carlos Fonseca, havia testemunhos de que o próprio Anastasio Somoza Debayle ordenava a tortura das mulheres sandinistas. Doris Tijerino também o acusou de participar das violações de mulheres prisioneiras.²⁷⁸

As manifestações de protesto em apoio aos direitos dos presos vincularam a FSLN a um público mais amplo. O movimento estudantil em particular se mobilizou em torno deste assunto. Uma e outra vez entre a prisão de Fonseca em 1964 e a revolução de 1979, os estudantes organizaram mobilizações, realizaram conferências de imprensa, fizeram greves de fome e ocuparam igrejas e universidades em apoio à liberdade para os prisioneiros políticos, pelo fim dos abusos, por mais exercícios físicos, melhor alimentação e mais acesso a livros

²⁷⁷ TIJERINO e RANDALL, *op. cit.*, p. 79-80; *Novedades*, 5 ago. 1969.

²⁷⁸ FONSECA AMADOR, “Mensaje del FSLN con motivo del XVI aniversario del 21 de Septiembre”, 15 ago. 1972, CHM reg. 25.288, caixa 5 (também publicado em Havana como um pequeno panfleto intitulado *La Tierra de Sandino clama solidaridad*); TIJERINO e RANDALL, *op. cit.*, p. 79.

dentro da prisão. Uma campanha de protesto em 1971, conhecida como “o movimento das igrejas”, porque incluía em primeiro lugar a ocupação das catedrais, obteve permissão para que uma delegação de autoridades universitárias visitasse os prisioneiros sandinistas e comprovasse que estavam vivos.

As comunidades indígenas também deram seu apoio às manifestações em defesa dos direitos dos prisioneiros, talvez porque os índios também tivessem sofrido tanto com as prisões discriminatórias e a brutalidade da polícia e dos carcereiros. No final de 1973 e início de 1974, ações de solidariedade pública em resposta a uma greve de fome dos prisioneiros políticos incluíram, na cidade de León, “setores populares provenientes do município de Sutiava, que fizeram uma passeata tocando seus instrumentos musicais de tradição indígena, conhecidos como ‘bombo’ e ‘caixa’”.²⁷⁹

Exceto por seu componente estudantil, as campanhas públicas de apoio aos prisioneiros eram majoritariamente organizadas por mulheres, especialmente por mulheres com vínculos de parentesco com os prisioneiros. Gladis Báez, que se envolvera com as manifestações de protesto pela primeira vez quando seu esposo, um membro do PSN, foi preso em 1956, disse: “Onde quer que haja prisioneiros, geralmente haverá todos os dias mães, esposas e filhas em ação”. Os homens dariam dinheiro, disse Báez, mas “a presença física” do movimento vinha da participação das mulheres. Santos Buitrago chegou a ser a principal organizadora das campanhas dos direitos dos prisioneiros, depois que seu filho Julio caiu morto, em 1969. A maioria das mulheres que se manifestavam em frente às prisões e que visitavam os prisioneiros políticos provinha das classes trabalhadoras e de famílias camponesas; algumas delas faziam longas viagens à capital para atender às horas de visita dominical. Muitas destas mães e

²⁷⁹ Declaración de la Dirección del Frente Sandinista de Liberación Nacional (FSLN), 8 jan. 1974, CHM reg. 00318, caixa 5.

outros parentes eram pessoas idosas que nunca haviam se envolvido em atividades políticas, e eram humilhadas pelas revistas corporais e os abusos verbais que suportavam dos guardas da prisão. Arriscavam sua própria segurança e a dos outros membros da família para demonstrar apoio a seus filhos e filhas encarcerados. Mas continuavam vindo, mesmo depois que seus próprios filhos tinham morrido, para visitar outros prisioneiros políticos. As mães dos membros da FSLN algumas vezes também levavam comida para os prisioneiros comuns, para que eles contrabandeassem cartas e protegessem os prisioneiros políticos.²⁸⁰ Uns quantos prisioneiros da FSLN provinham de famílias burguesas. Seus pais, como o pai de Carlos Fonseca, ocasionalmente intervinham para obter a liberdade de seus próprios filhos, mas nunca visitavam as prisões ou se manifestavam fora dela. Quando a organizadora clandestina Martha Cranshaw foi presa, seu pai, um ministro do governo de Somoza, deserdou-a publicamente.

Fonseca tinha um interesse especial na campanha pela construção da solidariedade pública com os sandinistas encarcerados. Este tema, ligado à questão dos direitos humanos, recebeu um amplo apoio na Nicarágua e internacionalmente. ele pensava que sua própria vida e a de muitos outros prisioneiros tinham sido salvas devido à pressão pública. Sua entrevista com Doris Tijerino, gravada em 1973, estava planejada para ser utilizada como parte de uma ampla campanha internacional pelos direitos humanos. Em uma entrevista para a revista chilena *Punto Final*, em 1970, Fonseca – ainda preso – listou as duas dezenas de prisioneiros dentro da Nicarágua e as condições em que eram mantidos, solicitando aos leitores que enviassem urgentemente mensagens aos funcionários nicaraguense e aos meios de comunicação. Ele foi o autor de um panfleto publicado em Havana, no final de 1972, convocando uma ampla campanha mundial para

²⁸⁰ RANDALL, *Sandinó's daughters*, p. 166 e 70; FONSECA AMADOR, “Charla con una compañera”; HEYCK, *Life stories...*, p. 248-249.

obter a liberdade dos prisioneiros membros da FSLN, alguns dos quais estavam na prisão desde 1967. “É preciso considerar que ser prisioneiro na Nicarágua é ser virtualmente um condenado à morte. No entanto, é possível deter a mão assassina e exigir a imediata libertação dos operários, estudantes e demais sandinistas na prisão.”

Fonseca afirmou que os muitos anos de campanha pela liberdade e melhores condições para os prisioneiros era a melhor resposta às acusações do regime e de elementos da oposição de que só interessava à FSLN criar mais mártires para sua causa.²⁸¹ As ações mais espetaculares da frente nos anos 1970 – o assalto, em dezembro de 1974, à residência Castillo e a tomada do Palácio Nacional em agosto de 1978 – foram, antes de tudo, planejadas para obter a liberdade dos dirigentes encarcerados.

Os anos 1960 foram de descoberta e de experimentação para Fonseca e para a FSLN. Foi uma década na qual a FSLN se tornou cada vez mais nicaraguense, na medida em que seus quadros juvenis passaram a conhecer as condições de vida na montanha remota e nas comunidades das classes trabalhadoras, onde estavam baseadas suas estruturas clandestinas. Adquiriram mais compreensão de todos os setores da sociedade, compartilhando diariamente a vida dos operários e dos camponeses e falando com os presos comuns para aprender “um pedaço de realidade nicaraguense”, mas também lendo as colunas sociais para aprender sobre os ricos e poderosos. A culminação deste processo foi o *Programa histórico* – um programa não para algum país genérico da América Latina que necessitasse de uma reforma agrária e de se libertar da dominação imperialista, mas para a *Nicarágua*.

Por volta de 1963 – e até mais cedo, no caso de Carlos Fonseca –, os jovens rebeldes passaram a se considerar seguidores de Augusto C. Sandino. No final da década, cada documento programático ou de análise, incluindo o *Programa histórico* e os estatutos da FSLN,

²⁸¹ FONSECA AMADOR, “Lucha guerrillera”; *id.* “Mensaje... 21 de Setiembre”.

se referiam ao exemplo de Sandino e de seu exército guerrilheiro. A década seguinte e o próximo estágio na vida de Fonseca implicariam o estudo sistemático de Sandino, a adaptação e recriação de sua imagem para a nova realidade dos anos 1970.

7. OS TEXTOS SOBRE SANDINO, 1970–1974

Em novembro de 1970, apenas alguns dias depois que Carlos Fonseca foi libertado da penitenciária de San José, na Costa Rica, ele disse a um jornalista em Havana que planejava retornar imediatamente às montanhas da Nicarágua para ajudar a preparar a população como um todo para a guerra revolucionária por vir. Na realidade, permaneceria fora de seu país por cinco longos anos. Exceto por uma viagem de seis meses à Coreia do Norte para treinamento militar, passou todos aqueles anos em Cuba. María Haydeé e os dois filhos pequenos do casal se juntaram a ele em Havana em 1971, e, pela primeira vez, a família unida pôde levar uma vida normal.

Fonseca dedicaria o mais prolongado de seus exílios a dois projetos planejados para organizar e mobilizar o povo nicaraguense e sua própria organização para a guerra insurrecional. O primeiro era a pesquisa e a redação de sua análise do papel de Augusto C. Sandino na luta pela identidade nacional e autodeterminação da Nicarágua. O segundo era a participação, com outros dirigentes da FSLN, em um intenso debate sobre a estratégia revolucionária.

Em 1970, Fonseca já vinha estudando a guerra de Sandino contra os *marines* norte-americanos há uma década. No começo dos anos

1960, persuadira seus companheiros rebeldes a denominar sua organização em homenagem a Sandino. A imagem do general patriota de 1930, conduzindo seu exército camponês contra os invasores ianques, esteve presente em todos os seus principais escritos nos anos 1960. Mas não foi senão em seu longo exílio em Havana, que ele pôde estudar sistematicamente a história de Sandino e articular por escrito sua própria versão dos acontecimentos de 1926 a 1934.

Todos os escritos históricos de Fonseca se ocupavam do mesmo tema político central: o papel histórico da FSLN consistia em levar a cabo as tarefas inconclusas de Sandino. Segundo ele, Sandino se enquadrava em uma longa tradição de resistência das massas exploradas da Nicarágua, tendo levado esta rebeldia nativa a um novo patamar com seus êxitos militares e seu plano embrionário de transformação social. As circunstâncias, fora de seu controle, o impediram de avançar mais. Tendo Augusto Sandino como sua inspiração e agindo sob novas condições mundiais definidas especialmente pela Revolução Cubana, a FSLN podia agora levar os trabalhadores e camponeses nicaraguenses a uma vitória sobre o imperialismo norte-americano e seus representantes locais, impossível nos tempos de Sandino.

Entre o final de 1970 e o começo de 1975, Fonseca escreveu cinco importantes textos sobre Sandino. Completou *Sandino: guerrilheiro proletário* antes de ir para Oriente em março de 1971. Este panfleto, escrito para um público de massas, foi publicado primeiro na revista cubana *Tricontinental*, no final de 1971, e depois em uma edição clandestina em León, em 1972. O *Ideário político do general Sandino*, uma seleção de citações de Sandino que Fonseca viera reunindo por quase uma década, foi finalizada no princípio dos anos 1970 e publicada em Cuba em 1977; versões iniciais mimeografadas circularam na Nicarágua desde meados dos anos 1960. Os três escritos mais longos da “Coleção Sandino”, finalizados em 1974 ou no começo de 1975, não vieram à luz até

depois da revolução, em 1979. *Cronologia da resistência sandinista* cobriu o período desde a Doutrina Monroe de 1823 à Conferência Tricontinental antiimperialista de 1966, com os acontecimentos ocorridos durante a vida de Sandino (1895–1934) como epicentro. O extenso livro *Crônica secreta: Augusto César Sandino confronta seus traidores* nunca foi publicado em sua totalidade. O longo ensaio *Viva Sandino*, publicado em várias edições depois da revolução, representou a última e mais desenvolvida análise das lições a tirar da história do herói nacional da Nicarágua.²⁸²

Enquanto estava escrevendo estes ensaios históricos sobre Sandino, Fonseca também produziu vários textos curtos sobre Rigoberto López Pérez, o jovem nicaraguense que matara Anastasio Somoza García em 1956. Dois temas em particular ligam os artigos sobre López Pérez, que foram objeto de pouca atenção, aos de Fonseca sobre Sandino: a importância do compromisso individual e do autossacrifício e o atraso político da Nicarágua antes da Revolução Cubana.²⁸³

Jaime Wheelock descreveu como Fonseca enviou os membros da FSLN às bibliotecas e arquivos em Cuba, México, Costa Rica e Nicarágua para encontrar documentos e artigos de jornais relacionados com Sandino. Buscaram livros pouco conhecidos sobre ele, tomaram notas das coberturas da imprensa internacional sobre os eventos na Nicarágua durante as décadas de 1920 e 1930, e esquadrinharam os arquivos cubanos em busca dos documentos da marinha dos Estados

²⁸² *Id.*, “Sandino: Guerrillero proletario”, in: *Obras*, v. 1, p. 368-384; *id.*, “Ideário político do general Sandino”, in: *Obras*, v. 2, p. 169-199; *id.*, “Cronología da resistencia sandinista”, in: *Obras*, v. 2, p. 89-167; *id.* *Crônica Secreta: Augusto César Sandino ante sus verdugos*, MS preparado em 1995 pelo Instituto de Historia de Nicaragua (trechos previamente publicados in: *Obras*, v. 1, p. 412-427, e *Barricada Edición Especial*, 7 nov. 1986); *id.* *Viva Sandino*, in: *Obras*, v. 2, p. 19-86. Todas as referências são destas edições.

²⁸³ *Id.*, “16 aniversario de la muerte del héroe nacional, Rigoberto López Pérez [1972]” CHM reg. 00623, caixa 2A; *id.*, “Rigoberto López Pérez en la lucha por la Liberación”, Havana, 1972, CHM reg. 00262, caixa 2A; *id.*, “Notas sobre la carta-testamento de Rigoberto López Pérez”, in: *Obras*, v. 1, p. 393-406.

Unidos, assim como de cópias dos telegramas do Departamento de Estado norte-americano. Fonseca dava orientações políticas aos pesquisadores, antes que começassem seu trabalho. Segundo Wheelock, eram “muitos militantes a quem Carlos, como se se tratasse de outra atividade conspirativa, dispersava por bibliotecas públicas, universidades e coleções particulares para recuperar o valioso material”.²⁸⁴ Além dos documentos de arquivo e versões publicadas, alguns dos escritos históricos também citavam as experiências pessoais de veteranos sandinistas que Fonseca entrevistara²⁸⁵.

Não havia nada de acadêmico no interesse de Fonseca por Sandino. Ainda que tenha desenvolvido uma historiografia sandinista, única para seu país, não era um historiador. Não há indícios de que deliberadamente tenha falseado informações acerca de seu tema, e a maioria de seus escritos históricos são cuidadosamente documentados com extensas notas; mas tinha um propósito definido em mente quando selecionou e analisou as ideias e campanhas de Sandino.²⁸⁶ Enfatizava a orientação classista e o conteúdo nacionalista dos escritos de seu mentor e ignorava o misticismo religioso, que considerava irrelevante para o papel político de Sandino. Fonseca não escreveu

²⁸⁴ ROMÁN, Jaime Wheelock. “Presentación”, in: FONSECA AMADOR, *Obras*, v. 2, p. 14

²⁸⁵ Cf. especialmente FONSECA AMADOR, *Cronología...*, p. 166-167.

²⁸⁶ A politização de Sandino por Fonseca foi criticada por alguns historiadores recentes que tentaram resgatar Sandino pela segunda vez, já não do esquecimento, mas da visão dele criada por Fonseca. Cf., por exemplo, WUNDERICH, *Sandinio...*, e SCHROEDER, “Horse thieves to rebels to dogs: political gang violence and the State in the western Segovias, Nicaragua, in: “The Time of Sandino, 1926-193”, *Journal of Latin American Studies*, n. 28, mai.1996, p. 383-434. Eles tiveram que desembaraçar alguns dos “mitos de Sandino” para fazer justiça ao contexto do final dos anos 1920 e princípio dos 1930. Mas meu propósito é fazer justiça à realidade política do final dos anos 1960 e começo dos anos 1970. Colocar de lado os aspectos mais politizados dos escritos históricos de Fonseca pode ser útil para construir um retrato equilibrado de Sandino, mas torna impossível entender Carlos Fonseca e o mundo em que viveu.

para os historiadores ou para a posteridade em geral, e sim para sua geração e a seguinte de revolucionários nicaraguenses, aqueles que ele estava convencido que derrubariam o regime somozista e devolveriam a Sandino seu pedestal de herói nacional do país. “Nossa máxima satisfação,” assinalou em *Viva Sandino* – “não consiste em escrever sobre os heróis, e sim em seguir seu exemplo, na trincheira rural ou na catacumba urbana”.²⁸⁷ O objetivo de Fonseca, ao estudar o passado, era transformar o presente e o futuro.

Em seus escritos sobre Sandino, Fonseca levou a cabo um diálogo de múltiplas facetas tanto com outros dentro da FSLN assim como com a oposição nicaraguense ampliada, uma discussão algumas vezes pedagógica e, em outras ocasiões, muito polêmica. Em um determinado nível, opunha sua própria organização à oposição conservadora, ridicularizando “a pose do senhor P. J. Chamorro, que, em seu escritório, se atreve a ostentar a imagem de Sandino”.²⁸⁸ O Partido Conservador algumas vezes invocava o nome e o exemplo de Sandino, mas sua crença que o governo dos Estados Unidos desempenhava um papel em grande medida positivo na história da Nicarágua era dramaticamente diferente da perspectiva de Sandino e da FSLN. Os escritos históricos também representaram uma continuação do longo debate de Fonseca com o PSN, que fazia uma crítica radical e “marxista” a Sandino, vendo-o como um aventureiro pequeno-burguês, ao mesmo tempo em que repudiava a possibilidade de uma revolução socialista no futuro próximo da Nicarágua. Fonseca também buscava apelar aos estudantes e camponeses que se identificavam com Sandino como combatente; neste caso, sua meta era politizar uma imagem já positiva do herói e aproximar estes indivíduos da FSLN. Finalmente, usava os escritos de Sandino para reforçar seus argumentos sobre assuntos estratégicos junto a outros membros da direção da FSLN.

²⁸⁷ FONSECA AMADOR, *Viva Sandino*, p. 23.

²⁸⁸ *Id.*, *Síntese...*, p. 100.

Alguns dos livros e ensaios de Fonseca também revelam uma identificação pessoal com seu tema. Os paralelos nos antecedentes familiares dos dois revolucionários são surpreendentes. Ambos foram filhos de mulheres pobres e solteiras, e de prósperos homens de negócios; ambos sofreram devido à forma como suas mães foram tratadas pelos patrões e pela sociedade, e ambos interpelaram seus pais e obtiveram alguma ajuda, mais no caso de Sandino do que no de Fonseca.

Fonseca escreveu em um mundo posterior à Revolução Cubana, e os escritos históricos revelam repetidamente o impacto desta revolução sobre suas ideias políticas. *Viva Sandino*, o mais importante texto de Fonseca de princípio dos anos 1970, começa e termina com a Revolução Cubana. O ensaio começa com referências à Conferência Tricontinental de Havana, em 1966, a Che Guevara e às duas primeiras Declarações de Havana, “dois documentos que, formulados pela Revolução Cubana, orientam a marcha dos combatentes defensores da terra latino-americana”. O ensaio termina com o impacto da Revolução Cubana no “rebelde espírito nicaraguense” e com o abraço da FSLN ao “marxismo de Lenin, Fidel, Che, Ho Chi Minh”. A *Cronologia* de Fonseca tratou a Conferência Tricontinental antiimperialista como a culminação de um século e meio de resistência sandinista. Em *Viva Sandino*, Fonseca reconheceu que foi a Revolução Cubana o estímulo para que ele comesse a estudar seriamente Sandino: “Nós nicaraguenses só começaríamos a recobrar a consciência de nossa própria identidade a partir da explosão de uma nova batalha pela libertação cuja primeira vitória definitiva teve um cenário particular: Cuba”.²⁸⁹

Fonseca esboçou sua perspectiva da história e a relevância desta para o presente em uma palestra que fez em Havana em outubro de 1973. Em seu discurso, o conhecimento sobre o passado foi apresen-

²⁸⁹ *Id.*, *Viva Sandino*, p. 21, 85 e 22; *id.* *Cronologia...*, p. 167.

tado como arma revolucionária, não menos importante que as outras armas carregadas pelos soldados:

É necessário que nós, que nos propomos a empreender a luta pela libertação de nosso povo, a levar à realidade esta libertação, resgatemos estas tradições e acumulemos os fatos e os dados necessários para fazer frente à guerra ideológica que temos que travar com nosso inimigo, guerra que deve acompanhar aquela que travamos com fuzis. Inclusive, na medida em que pudermos empunhar o fuzil com eficiência, nessa mesma medida seremos capazes de resgatar as tradições de nosso povo e, também, na medida em que conhecermos as tradições de nosso povo, também seremos capazes de empunhar vitoriosamente o fuzil contra o inimigo.²⁹⁰

Como Che Guevara, Fonseca acreditava que a história só poderia servir aos interesses da revolução se fosse apresentada de forma verdadeira. Uma vez chamou a atenção de um companheiro guerrilheiro por substituir “Deus” pela palavra “povo” ao citar o famoso poema de Rubén Darío; também repreendeu o editor da revista cubana *Bohemia* por assegurar, sem nenhuma evidência, que Sandino lera determinada carta de José Martí.²⁹¹ Mas não concebia que sua tarefa fosse descrever integralmente a filosofia eclética de Sandino, com todas as suas contradições, e sim selecionar o que era útil para sua própria geração e, em consequência, descrevê-la com veracidade. “O mais importante de Sandino foi sua ação”, dizia ele a seus seguidores, e usava a mesma orientação para escolher o que incluir em seus escritos históricos.

Ao começar a década de 1970 verificou-se um aumento dos protestos contra o regime de Somoza, com os estudantes encabeçando a ocupação de edifícios e greves de fome em defesa dos prisioneiros

²⁹⁰ *Id.*, “Charla en la Conmemoración del 4 de Octubre”. Dois nicaraguenses que Fonseca considerava símbolos da luta contra os regimes impostos pelos Estados Unidos caíram em combate no dia 4 de outubro: o general liberal Benjamín Zeledón, em 1912, e o veterano sandinista Ramón Raudales, em 1958.

²⁹¹ BORGE, *Paciente impaciencia*; Carlos Fonseca Amador, carta a Ángel Guerra, Havana, 16 fev. 1974. Fonseca estava certo e o editor de *Bohemia*, equivocado; a carta de Martí de 1895, condenando os Estados Unidos, foi escamoteada até a Revolução Cubana de 1959, de modo que Sandino não poderia tê-la lido.

políticos e, ademais, com as greves militantes de professores e operários da construção. A oposição ao regime se elevou fortemente por conta do devastador terremoto que atingiu Manágua em dezembro de 1972, resultando em dez mil mortos. Nestas circunstâncias, a FSLN começou a recrutar novos membros e a influenciar um crescente número de jovens fora de seus próprios quadros. Os escritos de Fonseca sobre Sandino buscavam dar educação política a estes novos militantes e simpatizantes, assim como aumentar o conhecimento dos dirigentes sobre a história revolucionária de seu próprio país. Em uma reunião de 1973, ele enfatizou a urgência da publicação das lições de Sandino e das ideias da FSLN:

Então haverá muita gente no país que dirá: ‘Ora, esta gente é a gente que tem boas ideias, esta é a gente que indica o caminho adiante, ao contrário desta *La Prensa* que é uma merda’. Estas pessoas começarão espontaneamente a dizer: ‘Nunca tinha visto explicações tão claras como as que essa gente dá, gente que não apenas fala e escreve coisas, como arrisca a vida em defesa do povo; eu achava que tudo estava perdido neste país, mas vejo que aqui há gente que luta verdadeiramente pelos interesses do povo’.²⁹²

Os escritos sobre Sandino fizeram parte de um esforço coletivo para preparar a insurreição popular armada que Fonseca acreditava estar no horizonte para a Nicarágua. No princípio de 1973, ele organizou o grupo de Havana em quatro forças-tarefa. Incumbiu o grupo de Humberto Ortega de desenvolver a estratégia militar; um comitê a cargo de Camilo Ortega, de pesquisar as condições econômicas e sociais nicaraguenses; e um terceiro grupo, encabeçado por Jaime Wheelock e Doris Tijerino, de redigir os princípios organizacionais. O próprio Fonseca encabeçou a força-tarefa sobre Sandino e também

²⁹² FONSECA AMADOR, “Charla del comp. Carlos Fonseca” (10 set. 1973), 6, CHM reg. 00292, caixa 6. Este documento é uma longa transcrição de comentários de Fonseca durante um período de dois dias, com as páginas de cada dia enumeradas separadamente.

coordenou o projeto.²⁹³ Ainda que designado para essa atividade, o comitê de Fonseca tinha a responsabilidade geral pelos assuntos políticos e programáticos.

Os escritos históricos sobre Sandino esboçavam as lições políticas e os paralelos que Fonseca considerava mais importantes para os revolucionários de seu próprio tempo. Concentrou-se em seis principais temas: Sandino como um símbolo nacional e anti-imperialista, a base operário-camponesa do movimento a estatura moral do general guerrilheiro a bancarrota dos dois partidos burgueses o internacionalismo de Sandino e suas relações com o movimento comunista mundial; e as razões da desintegração do movimento de Sandino depois de seu assassinato.

A importância de Sandino para Fonseca provinha, antes de tudo, da guerra que travara contra os *marines* dos Estados Unidos, que finalmente se retiraram da Nicarágua no começo de 1933, depois de ocuparem o país desde 1912. Ele pensava que o imperialismo dos Estados Unidos dominava política e economicamente seu país e a maior parte da América Latina, e que uma genuína independência nacional só poderia ser alcançada pela derrubada do regime de Somoza, apoiado pelos Estados Unidos.

Fonseca insistia constantemente nas conquistas militares do EDSN de Sandino, citando as estatísticas dos *marines* sobre o número de encontros com as forças da guerrilha e reclamando que até Gregorio Sélser, cujo livro sobre Sandino Fonseca em geral respeitava, subestimara o número de enfrentamentos ocorridos. Em 1974, ele escreveu uma extensa carta ao editor da revista cubana *Bohemia*, argumentando que o EDSN representara um desafio militar mais sério para os *marines* do que o que se insinuava em um tributo a Sandino recém-publicado. Fonseca atribuía, em grande parte, a retirada

²⁹³ WHEELLOCK, "Presentación", in: FONSECA AMADOR, *Obras*, v. 2, p. 16; BORGE, *op. cit.*, p. 563.

das tropas dos Estados Unidos às vitórias militares sandinistas. Sua insistência em que o embaixador dos Estados Unidos, Bliss Lane, tinha conhecimento prévio do complô de Anastasio Somoza para assassinar Sandino ajudou a diferenciar a FSLN da oposição conservadora, que só culpava Somoza pelo assassinato. “Várias décadas depois de cometido o crime de 1934, alguns príncipes aristocratas, herdeiros da oligarquia da Nicarágua e que pretendem passar por patriotas, tiveram o atrevimento de absolver o imperialismo ianque de sua culpa criminosa, atribuindo tal culpa exclusivamente ao assassino mercenário”.²⁹⁴

Fonseca esperava, por meio de suas descrições da guerra do EDSN contra os *marines*, convencer seus próprios contemporâneos de que uma guerra contra o imperialismo dos Estados Unidos não era nem impossível nem loucura. Quando enfatizava o reduzido número das tropas pobremente armadas comandadas por Sandino e as primeiras derrotas do EDSN, esboçava um paralelo óbvio com a FSLN. Quando escreveu sobre os guerrilheiros camponeses dos anos 1920, “vestidos com trapos, tendo apenas folhas de bananeira para protegê-los do frio”, estava descrevendo a situação de seus próprios camaradas de 1963 e 1967, nos mesmos cumes frios das Segóvias. As lições militares que extraía da história de Sandino eram as táticas que podiam permitir a um pequeno bando rural, pobremente armado, infringir golpes a um exército muito mais forte: emboscadas, armas caseiras, armadilhas, habilidade para sobreviver na selva.

Fonseca utilizava o exemplo de Sandino para incutir em seus próprios seguidores a certeza de que também podiam vencer, sempre que, como Sandino, tivessem o apoio popular e uma liderança disposta a combater. Citava frequentemente as respostas desafiadoras

²⁹⁴ FONSECA AMADOR, “Guerrillero proletario...”, p. 371 e 377; *id.*, *Viva Sandino*, p. 51, 56 e 82; Fonseca a Ángel Guerra, Havana, 16 fev. 1974 (*Bohemia* não publicou esta carta); cf. também FONSECA AMADOR, “Los ataques de los falsos revolucionarios”, p. 96.

de Sandino aos ultimatos recebidos do comando dos *marines* norte-americanos, as quais chegaram a fazer parte da liturgia da FSLN. Em 1927, Sandino respondera ao comandante da marinha Hatfield: “Não me renderei e estou esperando por vocês. Quero pátria livre ou morte”. Sua resposta ao almirante Sellers, no ano seguinte, incluía a frase “a soberania de um povo não é algo que se negocie, mas se defenda com as armas na mão”. Em *Viva Sandino*, Fonseca citou o “Manifesto de Santo Albino”, do próprio Sandino, escrito antes que tivesse ganhado sequer uma única escaramuça com os *marines*:

Venham, bando de viciados; venham nos assassinar em nossa própria terra, que eu estarei esperando por vocês firme, à frente de meus soldados patriotas, e pouco me importa quantos de vocês estão aí. Saibam que, quando isto acontecer, a destruição de sua grandeza fará o Capitólio de Washington tremer, e seu sangue irá tingir de vermelho a abóbada branca que coroa sua famosa *White House*, antro onde maquinam seus crimes.²⁹⁵

Somando-se ao folclore de resistência popular, Fonseca buscava para seus próprios escritos sobre Sandino exemplos dos mais humildes sandinistas que enfrentaram os Estados Unidos. Em *Viva Sandino*, conta a história da filha do mais famoso general de Sandino que foi abordada na estrada por um fuzileiro norte-americano que lhe perguntou, aos berros, “É a filha do bandoleiro Pedrón?” E a camponesa respondeu: “Sou a filha do *general* Pedro Altamirano, seu filho da puta”.²⁹⁶

Fonseca pensava que a luta de Sandino – somada à tradição de resistência ao colonialismo espanhol – dera origem à soberania da nação nicaraguense, e que só aqueles que se identificavam com esta luta tinham o direito de se intitularem nicaraguenses. Em uma entrevista de 1970, ao referir-se a Anastasio Somoza García e a Anastasio Somoza Debayle, disse: “não podemos considerá-los nicaraguenses”.

²⁹⁵ FONSECA AMADOR, “Guerrillero proletario...”, p. 374, 377 e 372; *id.*, *Viva Sandino*, p. 63.

²⁹⁶ *Id.*, *Viva Sandino*, p. 50 e 58.

No *Ideário*, ele citou Sandino quando disse do EDSN: “Não somos militares. Somos do povo, somos cidadãos armados”.²⁹⁷

Os verdadeiros patriotas, segundo Fonseca, eram aqueles que combatiam a dominação estrangeira com as armas na mão. Quando enviou seus pesquisadores aos arquivos, disse-lhes que o mais importante de Sandino era sua ação, o que fizera, e que isso era o que tinham que pesquisar. Com palavras assombrosamente similares às de Che Guevara contra “os revolucionários de gabinete”, ele escreveu que, mesmo que o programa político de Sandino tivesse limitações, os que o criticavam não tinham direito de fazê-lo.

Será que estas críticas ao operário-camponês Sandino não refletem certo esnobismo intelectual? Não seria possível que esses professores, sentados em seus gabinetes, inventando teorias revolucionárias, acham que não têm nada para aprender com simples camponeses nas montanhas da Nicarágua, que ensinam uma lição prática sobre a utilidade da tática da guerra de guerrilhas em uma luta verdadeira?²⁹⁸

Nenhum fuzileiro naval dos Estados Unidos ocupava a Nicarágua nos anos 1970. A FSLN combatia a Guarda Nacional, formada majoritariamente por camponeses nicaraguenses, não por invasores estrangeiros. Mas Fonseca insistia que a Guarda Nacional era em si um instrumento de dominação dos Estados Unidos. Ele achava que Sandino também considerava a GN uma ameaça à integridade territorial da Nicarágua, mas reconhecia que esta ideia não era amplamente aceita em 1934. Em 1970, por outro lado, os nicaraguenses tinham sofrido várias décadas de experiência com a Guarda Nacional.

Segundo Fonseca, a guerra de Sandino não era apenas uma batalha patriótica para pôr fim ao domínio dos Estados Unidos, mas também um levante dos operários e camponeses da Nicarágua contra seus opressores. O próprio Sandino indicara o caráter

²⁹⁷ *Id.*, “Lucha guerrillera”, p. 18; *id.*, *Ideário...*, p. 174.

²⁹⁸ VARGAS, Marcio, “A história de *Viva Sandino*”, *Barricada*, 5 nov. 1982; FONSECA AMADOR, *Viva Sandino*, p. 73.

popular de seu movimento e liderança, mas Fonseca ia além, quando dava um conteúdo de classe à luta pela libertação nacional. Quando em seu panfleto popular chamou Sandino de “Guerrilheiro Proletário”, estava se referindo, no mínimo, tanto ao caráter de classe do movimento nacionalista como à origem social de seu líder. Fonseca contrapunha o nacionalismo proletário de Sandino e da FSLN ao nacionalismo burguês da oposição conservadora, e insistia que só a primeira vertente de nacionalismo citada podia produzir uma luta séria contra o domínio estrangeiro. Fonseca citava frequentemente o “Manifesto de Santo Albino” de Sandino, no qual, segundo ele, “fala não apenas o patriota, mas também o proletário em armas”.

Na Nicarágua, a palavra *proletario* remete não só ao assalariado industrial, mas também aos artesãos, vendedores no mercado, empregadas domésticas e suas famílias. Carlos Fonseca a usava para descrever a si mesmo, assim como a Sandino. Mas as palavras que Sandino geralmente usava para se auto-definir eram “plebeu” ou “artesão”, dando a estes termos um sentido tanto de raça como de classe. No “Manifesto de Santo Albino” escreveu: “Que sou plebeu, dirão os oligarcas, que são como gansos no pântano. Não importa: minha maior honra é surgir do seio dos oprimidos, que são a alma e o nervo da raça”.²⁹⁹ Para Sandino, as classes oprimidas eram “a alma e o nervo” da *raça indo-hispânica*; ele também escreveu sobre as nações governos e povos indo-hispânicos,.

Fonseca achava que Sandino fora proletarizado por sua experiência de trabalho no México e por suas viagens pela América Central quando, “como milhares de nicaraguenses” – muitos, como Sandino, de extração camponesa –, abandonou seu país em busca de trabalho. No *Ideário* cita Sandino quando este se defende das acusações de que o que o motivava era a vantagem pessoal, dizendo: “Sou perfeitemen-

²⁹⁹ *Ibid.*, 49-50; *id.*, *Ideário...*, p. 176-177.

te capaz de ganhar meu sustento e o de minha esposa em qualquer situação, por humilde que seja. Sou mecânico e, se fosse necessário, voltaria ao ofício”.³⁰⁰

Sandino trabalhou como mecânico na refinaria *Cerro Azul* de Veracruz, México, e na *Huasteca Petroleum Company*, de Tampico. No entanto, quando Fonseca se referia a Sandino como a um sujeito proletarizado durante seus anos no México, falava mais de seu contato com as novas ideologias do que de sua atividade como trabalhador.

As rajadas do vento proletário do Outubro Bolchevique – já tênues ao chegarem às distantes latitudes americanas – alcançam Veracruz, principal porto mexicano no Atlântico (...) Ainda que não se possa dizer que o outubro tenha sido determinante no caminho que Sandino escolheria, é inegável que perpassou seu sensível coração operário-camponês o espírito proletário que pela primeira vez varreu o planeta.

Fonseca também sinalizava a influência da revolução mexicana em Sandino, escrevendo que aquilo “é o México dos anos 1920, ainda cheirando a pólvora que dispararam os camponeses oprimidos encabeçados pelo guerrilheiro Emiliano Zapata”. Mas quando aludia às ideias proletárias, suas referências geralmente eram a Rússia, não o México.

Fonseca pensava que a longa tradição de rebeldia da Nicarágua, por parte de índios, camponeses e trabalhadores, a distinguiu de outros países da América Latina – um continente já em si orgulhoso por sua história de insurgência. Encontrava ao menos um exemplo de resistência popular à opressão a cada ano em mais de um século, desde 1823, quando os Estados Unidos adotaram a Doutrina Monroe, até 1926, quando teve início o levante de Sandino. Fonseca localizou o início desta atitude histórica na recusa dos índios a se submeterem aos conquistadores espanhóis e na

³⁰⁰ *Id.*, “Guerrillero proletario...”, p. 368; *id.*, *Ideário...*, p. 173.

corajosa fuga para a Nicarágua dos valentes africanos escravizados, vindos dos navios negreiros e das plantações caribenhas. Ainda que escrevesse sobre as figuras do século 16, Fonseca não resistia a delinear os conteúdos de classe e a indicar os paralelos políticos com o século 20. A propósito de um cacique indígena que fez um compromisso com os espanhóis disse: “padecia de um pacifismo utópico, que o transformou em inconfundível antepassado dos intelectuais que, já no século 20, tornariam mais fácil para os carrascos o sacrifício de Sandino”.³⁰¹

Em seus escritos históricos, Fonseca enfatizava a origem de classe, operária e camponesa, dos ajudantes e generais de Sandino, dele próprio; *Crônica Secreta* contém pequenas biografias de algumas figuras secundárias. Ele pensava que a luta por vir, na Nicarágua, também produziria inevitavelmente seus próprios líderes provenientes das classes oprimidas. Em 1973, dizia a outros dirigentes da FSLN: em sua maioria de procedência universitária— “devemos ter confiança em que as massas populares contêm – por uma lei natural – indivíduos dotados das qualidades necessárias para ocupar uma posição de vanguarda na luta”.³⁰²

Foi o apoio dos camponeses das Segóvias, segundo Fonseca, que permitiu a Sandino se manter em campanha contra um poderoso inimigo ao longo de sete anos, contando apenas com um modesto apoio internacional. Os guerrilheiros do EDSN conheciam o território no qual combatiam, e uma população amistosa lhes garantia tanto informação crucial como alimentação. Chegou-se ao ponto, diz Fonseca em *Guerrilheiro proletário*, em que simplesmente ser

³⁰¹ *Id.*, *Viva Sandino*, p. 43; *id.*, *Cronologia*; *id.*, “Cronología histórica de Nicaragua”, in: *Obras*, v.1, p. 347-362; *id.*, “Reseña de la secular intervención norteamericana en Nicaragua”, in: *Obras*, v.1, p. 368-384; *id.*, *Viva Sandino*, p. 24. As cronologias eram longas listas de fatos históricos, que se centravam nas intervenções estrangeiras e na oposição local a elas.

³⁰² *Id.*, “Charla del comp. Carlos Fonseca” (10 set. 1973), 2.

camponês nas zonas sandinistas era um crime aos olhos dos *marines* e da Guarda Nacional.³⁰³

Em vários artigos e entrevistas, Fonseca defendia a teoria de uma intrínseca rebeldia camponesa, em comparação com outros setores explorados da população. Disse “Consideramos” aos jornalistas em 1970, “que o camponês nicaraguense é, por sua própria natureza, um rebelde”. Havia uma certa tensão entre esta visão romântica do campesinato e o marxismo de Fonseca que nunca foi resolvida. Ele selecionou para seu *Ideário* uma citação de Sandino que demonstra uma forte desconfiança em relação às cidades: “A cidade nos desgasta e nos reduz. [Preferimos] o campo: não para nos encerrar egoisticamente nele, mas para marchar para a cidade e melhorá-la”.³⁰⁴ Esta declaração era mais antiurbana que todas as escritas pelo próprio Fonseca, mas na FSLN havia indivíduos que compartilhavam o ponto de vista de Sandino.

O *Ideário* elaborado por Fonseca contém uma seção denominada “Programa para os problemas sociais”, na qual sugere que Sandino defendeu ao menos os rudimentos de um programa de transformação social. Mas essa seção apresenta muito poucas citações, a maioria deixando supor uma identificação um tanto abstrata com os interesses dos operários e os camponeses. Esquadrinhando todos os trabalhos de Sandino de que dispôs, Fonseca não encontrou nada mais concreto que uns poucos comentários a favor da nacionalização da terra e de estímulos às tropas do EDSN para que confraternizassem com os estudantes. Ele também ressaltou a meta de Sandino de construir cooperativas agrícolas na remota região da Costa Atlântica, onde os camponeses sem-terra da parte ocidental do país pudessem, segundo Sandino, produzir alimentos “para proveito da família nicaraguense em geral”.³⁰⁵ Ainda que fa-

³⁰³ *Id.*, “Guerrillero proletario...”, p. 373.

³⁰⁴ *Id.*, “Retornar a las montañas”, p. 56; *id.*, *Ideário...*, p. 178.

³⁰⁵ *Id.*, *Ideário...*, *loc. cit.*

vorável a tais planos, Fonseca projetava uma reforma agrária mais radical no *Programa histórico*, que restituísse as valiosas terras do Pacífico aos índios e aos camponeses mestiços, que delas tinham sido espoliados, em vez de simplesmente transferi-los para a região atlântica. Ele nunca mencionou o problema de que algumas das terras que Sandino considerava desocupadas e disponíveis para serem colonizadas pelos camponeses sem-terra eram consideradas, pelos índios miskitos e sumos, *sua* terra, crucial para a caça e a pesca, elementos-chave de sua dieta e cultura.

O apelo de Sandino para camponeses nicaraguenses provinha em parte de sua fama de humildade e incorruptível, o que o distinguia de outros líderes políticos e militares. Diferentemente de outros generais da guerra de 1926 a 1927 e de todas as guerras civis anteriores da história nicaraguense, Sandino não foi um proprietário de terras que envia seus camponeses para o combate; era um soldado que liderava suas tropas na batalha. Como Fonseca, com seu jeito simples de falar, ele falava aos camponeses com palavras que podiam entender. Em *Viva Sandino*, Fonseca dá um exemplo das imagens usadas por Sandino: “Se eu não estiver vivo para presenciar a vitória sobre os invasores, as formigas da terra vão me encontrar onde eu estiver enterrado e irão me contar tudo”. Fonseca quase nunca bebeu e, segundo ele, Sandino tampouco. Uma vez, ofereceram-lhe um trago e Sandino teria supostamente respondido: “A água límpida das montanhas foi a única coisa que tomei nesses últimos anos”.³⁰⁶

Fonseca com frequência lançou mão de anedotas para demonstrar a honestidade e a humanidade, Sandino e de seu exército. Em *Viva Sandino*, relatou a história das tropas famintas e esfarrapadas do EDSN que, ao encontrarem relíquias de ouro na mochila de um

³⁰⁶ *Id.*, *Viva Sandino*, p. 64. O tema da honestidade e simplicidade de Sandino aparece repetidamente ao longo das entrevistas com os veteranos e camponeses mais velhos, reunidas em IES. *Ahora sé que Sandino manda*. Manágua: Editorial Nueva Nicaragua, 1986.

soldado ianque capturado, devolveram-nas à igreja de Yalí, da qual tinham sido roubadas. Também contava que uma das últimas declarações de Sandino aos guardas que pegaram sua carteira antes de matá-lo foi: “Não tenho nem um único centavo porque, ao contrário de outros, jamais peguei o dinheiro da nação”. O *Ideário* mostra a versão de Sandino de sua decisão de não incendiar as casas em que os *marines* estavam escondidos, atendendo ao pedido das famílias pobres donas dos imóveis: “É por esta razão que não demos sequência à batalha e deixamos um monte desses porcos viverem, pois eu coloquei o interesse de meus concidadãos sobre a glória de minha pátria”.³⁰⁷ Fonseca também citava frequentemente as declarações de pesar de Sandino ante a morte de um de seus oficiais ou soldados; o respeito para com os mártires do movimento foi um dos princípios tanto da FSLN quanto do EDSN.

Fonseca se identificava pessoalmente com os elevados princípios morais de Sandino e buscou segui-los. Omitia, nas descrições de seu herói, aspectos de caráter antagônicos a seu próprio código de conduta, que desejava que sua tropa seguisse. Nunca mencionou, por exemplo, a amante que acompanhou Sandino ao México e à Segóvias enquanto sua esposa, Blanca Aráuz, ficava em sua casa, em San Rafael del Norte. (Fonseca obviamente sabia de Teresa Villatoro, tanto pelo livro de Somoza como por suas próprias entrevistas com veteranos sandinistas, como Santos López).

Ambos, Sandino e Fonseca, foram críticos dos latifundiários e capitalistas nicaraguenses; também foram igualmente detestados pelas classes dominantes de suas épocas. No entanto, suas críticas foram um tanto diferentes. Sandino, cujo alvo era a luta contra a intervenção estrangeira, pensava que o maior crime da oligarquia nicaraguense era ser *entreguista*. Fonseca pintava os setores liberais e conservadores da burguesia nicaraguense como unidos não apenas

³⁰⁷ *Id.*, “Guerrillero proletario...”, p. 383; *id.*, *Ideário...*, p. 197.

em seu servil apoio aos Estados Unidos, mas também em seu ódio e medo dos operários e camponeses nicaraguenses. Sobre o assassinato de Sandino, Fonseca escreveu:

Foi aqui neste país, onde apenas os oligarcas entendiam os segredos do realismo político (razão pela qual, segundo eles, optaram por se vender ao onipotente dólar), que um homem humilde se ergueu para combater e derrotar o invasor vindo do Norte. Expulso o invasor, os oligarcas de fraque se veem obrigados a se reunir com o guerrilheiro com sua vestimenta simples... O apoio unânime dos oligarcas ao assassinato de nosso herói nacional expressa, ao mesmo tempo, a asquerosa submissão ao amo imperialista e o ódio que professam aos oprimidos e explorados da Nicarágua.³⁰⁸

Fonseca retratava a guerra de 1926 a 1934 não apenas como uma guerra de guerrilhas anti-imperialista, com patriotas de um lado e “entreguistas” ou *vendepatrias* do outro, mas também, simultânea e inevitavelmente, como uma luta de classes entre os operários e camponeses da Nicarágua e os proprietários de terra e capitalistas do país. E aplicava o mesmo critério para explicar a conduta das camadas médias. Ao descrever os profissionais que representavam Sandino nas negociações para pôr fim à guerra, Fonseca escreveu: “Do ponto de vista de classe, as ilusões dos intelectuais citados podem ser conceituadas como a expressão de uma pequena burguesia cansada de lutar e que desesperadamente quer voltar a se dedicar a defender e desfrutar seus próprios interesses egoístas”.³⁰⁹

Fonseca utilizava a história de Sandino para explicitar sua própria oposição a ambos partidos, o Liberal e o Conservador. Quando Sandino pegou em armas pela primeira vez em 1926, era um general liberal envolvido no levante contra o governo conservador imposto pelos Estados Unidos. Ao fazê-lo, deu sequência a uma tradição de um século de guerras civis que opuseram aqueles que eram leais ao Partidos Liberal e Conservador da Nicarágua – e a lealdade partidária

³⁰⁸ *Id.*, *Viva Sandino*, p. 83.

³⁰⁹ *Ibid.*, p. 74-75.

tinha raízes profundas, mesmo entre o campesinato. Em 4 de maio de 1927, à sombra de uma árvore *espino negro* não longe de Manágua, todos os generais liberais, exceto Sandino, concordaram em entregar suas armas em troca da promessa de eleições nacionais supervisionadas pelos Estados Unidos. Em *Guerrillheiro proletário*, Fonseca escreveu: “O pacto liberal traidor de *Espino Negro* demonstrou que a burguesia nacional nicaraguense se associara definitivamente às classes feudais e reacionárias. Mais que nunca se justificava o ditado popular de que ‘cinco oligarcas conservadores mais cinco oligarcas liberais somam dez bandidos’”.³¹⁰

Fonseca não acreditava que o Partido Liberal, estabelecido em León, e que representava a nova burguesia cafeeira, fosse idêntico ao Partido Conservador, estabelecido em Granada por antigas famílias criadoras de gado. Ele insistia, no entanto, que os dois partidos tradicionais uniriam suas forças para impedir qualquer levante dos trabalhadores e camponeses, e que tampouco seria possível contar com eles para combater pela soberania nicaraguense contra a dominação dos Estados Unidos. Ele dedicou vários capítulos de *Viva Sandino* para detalhar o desenvolvimento histórico desta situação. Argumentou que, no contexto do interesse agressivo dos Estados Unidos pela Nicarágua, por seu potencial canal através do istmo, os liberais eram demasiadamente fracos para levar a cabo “as reformas sociais democrático-burguesas que representariam sua evolução natural”. O poder passou para a antiquada oligarquia conservadora, e a “Nicarágua começou a perder sua identidade”.³¹¹

O pacto de *Espino Negro*, de 1927, segundo Fonseca, “sepultaria a burguesia nacional da Nicarágua como classe revolucionária”. Repudiava o ponto de vista do PSN de que os liberais, como partido da burguesia nacional, eram mais progressistas do que a oligarquia conservadora proprietária de terras – uma posição que o próprio PSN

³¹⁰ *Id.*, “Guerrillero proletario...”, p. 371.

³¹¹ *Id.*, *Viva Sandino*, p. 34-40.

abandonaria nos anos 1960, quando fez sua guinada para apoiar os candidatos do Partido Conservador. Até 1927, argumentava Fonseca, nenhum dos partidos representava um tipo ideal, e exemplos isolados de uma disposição a fazer frente às pressões norte-americanas podiam proceder tanto do Partido Conservador como dos Liberais.³¹²

Na época em que Fonseca escreveu suas histórias de Sandino, nos anos 1970, o alinhamento partidário na Nicarágua era bastante diferente do que fora no final dos anos 1920. Um regime liberal encabeçado por Somoza com apoio dos Estados Unidos enfrentava agora um partido conservador na oposição. Ainda que os conservadores repetidamente fizessem alianças com o regime,³¹³ apresentavam-se nas eleições como alternativa a Somoza, e a ala mais antissomozista do Partido Conservador competia com a FSLN pela aliança dos estudantes e dos intelectuais. Ainda que os membros da FSLN se referissem algumas vezes às principais famílias conservadoras como “oligarcas”, na prática consideravam que ambos os partidos representavam a burguesia nacional; e quando os sandinistas falavam da formação de alianças com grupos e partidos capitalistas para derrubar Somoza, se referiam, em primeiro lugar, a opositores conservadores como o editor de *La Prensa*, Pedro Joaquín Chamorro.

Em seu repúdio ao direito de ambos os partidos governarem a Nicarágua, Fonseca foi mais longe do que Sandino, que aceitou, em 1933, respeitar a legitimidade de Sacasa, o presidente liberal eleito: “Estamos lutando – disse Sandino – não só pelos liberais, mas pelos nicaraguenses, ou seja, também pelos conservadores”. Se Sandino entendia seu papel como a luta pelos nicaraguenses, tanto liberais

³¹² *Ibid.*, p. 47; *id.*, “Los ataques de los falsos revolucionarios”, p. 101-102.

³¹³ Em 1971, um pacto entre Somoza e Fernando Agüero formalizou a última articulação para compartilhar o poder entre os dois partidos; de 1972 a 1974, o país foi governado por um triunvirato integrado por dois liberais subordinados a Somoza e pelo conservador Agüero. Os sandinistas denominaram-no “a junta dos três porquinhos”.

quanto conservadores, Fonseca via a FSLN combatendo pelo povo da Nicarágua contra ambos. A necessidade de permanecer independente dos dois partidos tradicionais fora assunto de todos os escritos políticos de Fonseca desde o começo dos anos 1960. No final de sua vida, Ele acusava a FSLN de ter se tornado excessivamente cautelosa ao atacar o que ele chamava de “pseudo-oposição”, e que já estava na hora de aumentar a pressão, com o objetivo de “avançar ainda mais na liquidação da influência da casta política tradicional” sobre a população.³¹⁴

Fonseca tinha uma particular desconsideração por Pedro Joaquín Chamorro. Ernesto Cardenal, amigo de ambos, disse que Fonseca fez muito mais críticas duras, em público e em particular, a Chamorro do que o editor do jornal fez ao jovem rebelde. Segundo Cardenal, ele chegou mesmo a criticar Chamorro pelas ideias políticas de seu pai, algo que era contrário aos princípios da FSLN; e, afinal, a linha política do pai de Carlos era muito pior.³¹⁵

Fonseca citava, fartamente, as críticas de Sandino às “farsas eleitorais”, de 1928 e 1932, e sua convocação a boicotar as eleições. Mais uma vez, deu um passo além de Sandino, que se limitara a condenar eleições realizadas “sob a baioneta dos ianques”.³¹⁶ Fonseca considerava toda eleição em que estivessem envolvidos conservadores e liberais como “farsas”, fossem ou não tuteladas pelos Estados Unidos, e insistia que a verdadeira transformação social jamais chegaria a seu país mediante eleições.

A insistência em afirmar que Sandino reconhecera a bancarrota dos dois partidos tradicionais o levou a atribuir veracidade ao boato

³¹⁴ FONSECA AMADOR, *Ideário*, p. 179; *id.*, *Síntese*, p. 101-102.

³¹⁵ Ernesto Cardenal, entrevista com a autora, Manágua, 27 jun. 1994.

³¹⁶ FONSECA AMADOR, *Ideário*, p. 180. Tanto em 1928 como em 1932, o oficial das forças militares dos Estados Unidos, que era presidente do Conselho Eleitoral, governava na prática a Nicarágua. Cf. WALTER, Knut. *The regime of Anastasio...*, p. 13.

de que o general anti-imperialista estava caminhando na direção de formar um partido próprio e que já tinha até escolhido um nome, Partido Autonomista. No princípio de 1933, segundo Fonseca, Sandino esperava formar “um novo partido político no país, que pela primeira vez na história nacional iria enfrentar os dois partidos tradicionais que, durante todo o período da república nominal, monopolizaram a vida pública da Nicarágua”. Em dezembro do mesmo ano, Sandino abandona – ou, nas palavras de Fonseca, “retifica” – sua proposta de um novo partido; um passo que, de acordo com Fonseca, “não deve ser entendido, sob nenhum ponto de vista, como demonstração de que ele renunciara à ideia de fundar um movimento político independente”. A decisão de Sandino de não formar um novo partido, de acordo com Fonseca, “foi apenas uma mudança na forma através da qual ele realizaria seu desejo de articular um movimento político independente, para influenciar o rumo que o país tomava. O que é necessário destacar aqui é que Sandino rompeu totalmente os vínculos que, antes de 4 de maio de 1927, prendiam-no a um dos dois grupos políticos tradicionais”.³¹⁷

Sandino via a si mesmo como um internacionalista, combatendo na tradição de Simón Bolívar pela libertação da América Latina do domínio estrangeiro; Fonseca o chamou de “precursor imediato desse grande internacionalista da época atual, Ernesto ‘Che’ Guevara”. Além dos óbvios paralelos entre os dois, Fonseca estabeleceu em seus escritos históricos todas as conexões possíveis entre a luta de Sandino e os eventos em Cuba, onde havia um ascenso operário em marcha no princípio dos anos 1930. Comparou-o também a José Martí, ressaltou a contribuição do comunista cubano José Antonio Mella ao movimento de solidariedade a Sandino citou, a partir do diário de 1935 de um revolucionário cubano não identificado, escritos

³¹⁷ FONSECA AMADOR, *Viva Sandino*, p. 79-80; *id.*, “Guerrillero proletario...”, p. 382.

relativos ao líder nicaraguense, (“só de Cuba e da Nicarágua podem sair esses livros”); e mencionou o alistamento do estudante cubano Fidel Castro no “Batalhão Sandino”, organizado para combater o ditador dominicano Rafael Trujillo, em 1947.³¹⁸

Fonseca citava Sandino por tratar do papel decisivo dos operários e camponeses na criação da unidade centro-americana, e concordava com ele sobre Nicarágua ser, no Caribe e na América Central, uma das “seis repúblicas decaídas que perderam sua independência, passando a ser colônias do imperialismo ianque”. O internacionalismo de Fonseca não começava, no entanto, com a unidade centro-americana, ou mesmo, como Sandino, com a unidade latino-americana. Para solidariedade e inspiração buscava primeiro Cuba, depois Vietnã, Argélia, Coreia, Congo, China e às vezes, Colômbia e Venezuela. Em *Viva Sandino* apresentou uma imagem muito negativa dos outros países centro-americanos quando escreveu que “as ideias marxistas (...) não puderam romper as sete fronteiras (Guatemala, El Salvador, Honduras, Costa Rica, Panamá, mais os dois oceanos) que, como muralhas, sete muralhas, as impediram de penetrar na Nicarágua confinada”. Na oração seguinte, confrontou o obstáculo que os vizinhos da Nicarágua representavam à Revolução Cubana, que, segundo ele, rompeu as muralhas e tornou possível que as ideias marxistas chegassem ao “rebelde espírito nicaraguense”.³¹⁹

Fonseca contrastava duramente sua percepção de que as massas populares da Nicarágua possuíam uma poderosa tradição de rebeldia à ausência de potencialidade revolucionária que via na Costa Rica. Assim, escreveu de San José a seu pai, no começo de 1960:

³¹⁸ *Id.*, “Lucha guerrillera”, p. 18; *id.*, *Cronologia...*, p. 110, 125 e 161.

³¹⁹ *Ibid.*, 127; *id.*, *Ideário*, p. 188-89; *id.*, *Viva Sandino*, p. 85. Este tema foi desenvolvido por Matilde Zimmermann, “La conexión centroamericana: ideologías revolucionarias entre 1959 y 1979”, trabalho apresentado no Terceiro Congresso Centro-Americano de História, San José, Costa Rica, 18 jul. 1996.

A verdade é que nem parece que está situada junto à Nicarágua, é totalmente diferente (...). No entanto, embora este país seja diferente da Nicarágua e eu anseie por uma Nicarágua diferente, a Costa Rica não me agrada, não me satisfaz e nem desejo que no futuro a Nicarágua seja como a Costa Rica. Aqui é como se a história tivesse parado e que esta realidade existisse há mil anos e existirá por outros mil. Por outro lado, é possível viver tranquilamente aqui e não existe melhor lugar para passar férias. O que de nada me serve, porque nem busco tranquilidade nem estou em férias.³²⁰

Em 1970, um jornalista perguntou a Fonseca sobre o perigo de que o público costa-riquenho fosse alienado pelos atos violentos de grupos como a FSLN. Ele respondeu: É possível que em determinado momento seja necessário enfrentar o problema de realizar ações que assustem o povo, mas vendo bem as coisas, aqui na Costa Rica, quem está fazendo coisas que assustem? Então, por que falar de um problema que não existe? O perigo que efetivamente existe aqui, em vez disso, é o de fazerem coisas que provocam um tremendo sono, uma tremenda letargia nas pessoas.³²¹

Fonseca dedicou uma considerável – e mesmo exagerada – quantidade de escritos históricos ao tema das relações de Sandino com o movimento comunista internacional. Ao mesmo tempo em que reconhecia que ele não era marxista, insistia em ressaltar sua abertura às ideias socialistas e comunistas, sua relação próxima com o comunista salvadorenho Farabundo Martí, a presença de outros comunistas, tais como o venezuelano Carlos Aponte, entre os que o cercavam, na solidariedade do comunista cubano José Antonio Mella, e os relatos de que nos acampamentos do EDSN se cantava “A Internacional”. “Sandino se identificava com o proletariado mundial”, escreveu Fonseca em sua *Cronologia*. Em geral, ele sele-

³²⁰ Carlos Fonseca Amador, San José, a “Querido Pai”, Manágua, 15 jan. 1960, Arquivo do IHN.

³²¹ FONSECA AMADOR, “No hay islas” [1970, entrevista com Marco Altamirano], in: *Obras*, v. 1, p. 202.

cionou para seu *Ideário* as citações mais radicais e dotadas de maior consciência de classe que pôde encontrar, tais como a antecipação de uma “explosão proletária contra os imperialistas de todo o mundo” e seu chamado aos trabalhadores a se unirem à Confederação Sindical Latino-Americana, encabeçada pelos comunistas. Algumas destas declarações eram atípicas frente aos escritos de Sandino como um todo; um biógrafo recente as atribuiu à influência de assessores comunistas nos acampamentos.³²²

Ainda que insistisse na abertura de Sandino às ideias comunistas, Fonseca também enfatizou os conflitos que se desenvolveram entre o patriota nicaraguense e o movimento comunista organizado, em particular o Partido Comunista Mexicano. O PCM e o comitê “Tirem as mãos da Nicarágua” (Mafuenic – *Manos Fuera de Nicaragua*), que desempenhou um papel destacado nesse movimento, foram para Sandino a mais importante fonte de solidariedade internacional nos primeiros anos de sua rebelião. Isso mudou abruptamente no princípio de 1929, quando retiraram seu apoio e começaram a acusar Sandino de ser um agente do imperialismo dos Estados Unidos. No final de 1929, *El Libertador*, o jornal da “Liga Anti-imperialista das Américas” controlada pelo PCM, publicou um artigo dizendo que a guerra de Sandino na Nicarágua estava condenada ao fracasso, recomendando que este fosse combater o imperialismo em outro lugar. Em novembro de 1930, o jornal do Partido Comunista dos Estados Unidos disse que a luta na Nicarágua só poderia ser vitoriosa se fosse encabeçada pelo Partido Comunista Nicaraguense – uma organização que seria formada uma década e meia depois.

A guinada na linha política do movimento comunista organizado prejudicou severamente a luta de Sandino. Alguns de seus mais ativos grupos de solidariedade chegaram a se transformar em comitês

³²² *Id.*, *Viva Sandino*, p. 70; *id.*, *Ideário*, p. 182, 185; *id.*, “Guerrillero proletario...”, p. 378; WUNDERICH, *Sandino...*, p. 221.cit., p. 221.

anti-Sandino, e muitos de seus mais proeminentes aliados, inclusive Farabundo Martí, o abandonaram.³²³ Embora o próprio Sandino atribuísse seus problemas diplomáticos à influência dos “dólares ianques”, Fonseca culpava o Partido Comunista mexicano e, em menor medida, a Apra³²⁴, e utilizava os escritos históricos para criticar os partidos comunistas contemporâneos, pelos ataques a Sandino e por seu conservadorismo, ao se absterem de participar das lutas de libertação nacional.

Sandino se vira envolvido em uma guinada política dos dirigentes soviéticos, o que estava muito além do controle do nicaraguense e desvinculado dos acontecimentos na América Central. Em 1928, A Terceira Internacional ou Komintern, dirigida por Stálin, decidiu que se iniciara um “Terceiro Período” no qual a revolução socialista estava na agenda em, virtualmente, todos os países. Durante esta fase, que durou até meados dos anos 1930, todos os partidos comunistas adotaram atitudes hostis frente aos movimentos social-democratas e nacionalistas. A retirada do apoio a Sandino e a grande recusa a seu pedido de ajuda ao governo mexicano eram consistentes com este enfoque ultraesquerdista e sectário. Para Sandino, que não tinha como estar a par das mudanças na política internacional, o súbito ataque de seus antigos aliados deve ter sido um terrível golpe. Em 1930, convocou os trabalhadores a se unirem à Confederação Sindical Latino-Americana ou Hispano-Americana (CSL), que considerava a “única organização sindical defensora dos interesses da classe trabalhadora”. A CSL surgira da decisão do Komintern de construir o que chamavam de “sindicatos vermelhos”, organizações sindicais paralelas sob controle dos comunistas; em outras palavras, ela era um produto da mesma política internacional ultraesquerdista que levou o PC mexicano e outros partidos comunistas para a oposição

³²³ WUNDERICH, *op. cit.*, p. 189 e 208.

³²⁴ Trata-se da Associação Popular Revolucionária Americana, criada em 7 de maio de 1924 (N. E.).

a Sandino. É muito difícil entender por que Fonseca, 40 anos depois, citou a convocação de Sandino para construir a CSL com aprovação, considerando que isso evidencia que este tinha “algumas ideias que se aproximavam do socialismo”.³²⁵ Ou bem Fonseca não percebeu que a guinada de 1929 foi um fenômeno internacional ou se recusou a culpar Moscou pelo ataque a Sandino. Mesmo em suas ásperas polêmicas com os partidos pró-moscovitas de seu próprio tempo, ele concentrou a responsabilidade, até onde se sabe, no secretário-geral do CPUSA, Earl Browder.

A interpretação de Fonseca das relações de Sandino com o movimento comunista internacional abunda em contradições. Por um lado, ressaltava a abertura de Sandino às ideias comunistas e a irmandade com comunistas como Farabundo Martí; por outro, queixava-se dos partidos comunistas oficiais por suas traições e falsificações históricas. Fonseca podia se identificar com esta situação paradoxal. Considerava-se um marxista-leninista e um comunista, mas fora atacado e ridicularizado por partidos como o PSN e o PVP. Em *Viva Sandino*, escreveu sobre a necessidade de uma pesquisa séria sobre estas contradições: “Até hoje não se analisou de maneira efetiva a atitude do movimento revolucionário internacional frente à resistência sandinista. Tal pesquisa deve ser feita, porque [a resistência sandinista] representa uma experiência de grande interesse, cujas lições podem servir para evitar a repetição de velhos erros nos novos tempos”.³²⁶ No entanto, não aprofundou este tema. Talvez tenha relutado em apontar Moscou como a origem do problema; talvez não tenha vivido a tempo de fazê-lo.

Fonseca buscou explicar em seus textos históricos, especialmente em *Viva Sandino*, por que o nacionalismo revolucionário de Sandino se desintegrou depois de 1934, e por que a vitória sobre os *marines* não

³²⁵ FONSECA AMADOR, *Ideário*, p. 185; *id.*, *Viva Sandino*, p. 68.

³²⁶ *Ibid.*, p. 71.

levou à transformação da sociedade nicaraguense. O EDSN desapareceu, segundo ele, porque era uma organização estritamente militar, sem uma contrapartida política que poderia ter se constituído depois da expulsão dos *marines* e continuado a luta contra o governo liberal e a Guarda Nacional. Fonseca não culpava Sandino pelo fracasso de não construir uma organização política; ao contrário, insistia que as condições políticas e sociais tornaram impossível que a luta avançasse. Como a meta de Fonseca era uma revolução social, ele se sentiu na obrigação de explicar por que os obstáculos que se apresentaram a Sandino nos anos 1930 já não existiam nos anos 1970.

Em 1933, depois da retirada dos *marines*, Sandino negociou um acordo de paz no qual aceitava reconhecer Sacasa, o presidente liberal recém-eleito, em troca de que lhe permitissem manter uma centena de homens em armas por pelo menos um ano. Fonseca defendeu a decisão de Sandino de negociar com o governo de Sacasa. Diz em *Viva Sandino* que muitos operários e camponeses ainda acreditavam nos partidos Liberal e Conservador, e que os inimigos de Sandino estavam fazendo uma eficaz campanha difamatória, acusando-o de não se importar realmente em expulsar os *marines* porque o que queria era poder pessoal. As limitações impostas ao movimento de Sandino tinham origem tanto nas condições materiais dadas no interior do país como na situação internacional. A classe operária nicaraguense dos anos 1930, diz Fonseca, era pequena, em grande parte de caráter artesanal e com pouca consciência de classe. O campesinato, apesar de sua tradição de resistência, não via a si mesmo como classe ou como uma força para a revolução. O povo, operários e camponeses, tinha uma “rebelião desprovida de qualquer consciência”. Os operários que acompanharam Sandino eram, como o próprio general, de extração camponesa, sem experiência no movimento sindical, sendo sua tradição específica a história de rebelião popular da Nicarágua.³²⁷

³²⁷ *Ibid.*, p. 77, 47 e 45.

Em uma entrevista de 1970, Fonseca disse que o movimento de Sandino necessitou de uma infusão de ideias revolucionárias de fora para que pudesse se desenvolver a partir de sua tradição popular. Do exército de Sandino participaram combatentes de outros países, afirmou, mas “lamentavelmente este internacionalismo não prosseguiu depois do assassinato de Sandino, e os sobreviventes guerrilheiros sandinistas, camponeses simples, sem instrução política, careceram da orientação revolucionária que poderiam ter recebido de revolucionários de outros países”.³²⁸

Sandino foi obrigado a negociar um acordo em 1933, segundo Fonseca, devido ao “incrível atraso político e ideológico que inundava a Nicarágua naqueles anos, quando a penetração das ideias marxistas no país ainda pertencia a um futuro distante”. O contato mais importante de Sandino com o movimento marxista internacional era o Partido Comunista mexicano, que acabou por traí-lo. Nos anos 1970, o panorama era muito diferente: a FSLN não tinha como referência os partidos comunistas burocráticos pró-Moscou, e sim o exemplo da Revolução Cubana.

³²⁸ *Id.*, “Lucha guerrillera”, p. 18.

8 UM MOVIMENTO DIVIDIDO, 1972–1975

O grupo da FSLN em Havana no princípio dos anos 1970 não dedicou todo o seu tempo a pesquisar e escrever a história de Sandino, tarefa sobre a qual todos concordavam. Seus membros dedicaram pelo menos um esforço equivalente ao debate acerca da estratégia e das táticas da guerra revolucionária em marcha na Nicarágua, um tema sobre o qual havia crescentes discordâncias. A disputa começava no que se referia ao peso relativo das diferentes classes sociais, ao equilíbrio entre a atividade política e a militar, ao ritmo ou duração da luta, aos méritos da guerra urbana frente à rural, ao vanguardismo e às alianças com os demais partidos e grupos. Por volta de 1972, estas diferenças levaram ao surgimento de três tendências políticas dentro da direção, o que resultou na constituição de três facções na FSLN. Entre os fatores que agravaram essa divisão e que provocaram um racha efetivo estavam os inevitáveis problemas associados à vida no exílio, à tradição de sectarismo e personalismo na cultura política nicaraguense e às pressões especiais que existiam em Cuba no início dos anos 1970.

A primeira mensagem de Fonseca em Havana, depois de sua libertação da prisão na Costa Rica, dizia que “a amargura de deixar

a terra natal, tornada inóspita pela opressão, é uma característica essencial do drama nicaraguense”.³²⁹ O elo com a Nicarágua continuou sendo forte ao longo de seu prolongado exílio. A vida em Havana oferecia certas vantagens: a possibilidade de uma discussão coletiva, o acesso a fontes históricas inacessíveis na Nicarágua e, sobretudo, segurança. Mas também causava sérios problemas, não só emocionais como também políticos. Os conflitos cresceram rapidamente entre aqueles que estavam desenvolvendo o trabalho revolucionário dentro da Nicarágua e os que passaram longos períodos no exílio, frequentemente em companhia da família e dos amigos. Ainda que a pequena colônia nicaraguense em Havana vivesse muito modestamente em comparação com alguns dos outros grupos esquerdistas da América Latina no exílio, certamente desfrutavam maior comodidade e segurança do que os guerrilheiros rurais e urbanos, do que os prisioneiros e mesmo do que os dirigentes estudantis radicais na Nicarágua de Somoza.

A cultura e a economia nicareguenses haviam historicamente sido dominadas por um pequeno número de famílias ricas. As mais proeminentes entre os conservadores eram o clã Chamorro, os Cuadra, os Cardenal e os Carrión. Os nomes mais destacados entre os liberais eram os Sacasa e, no século 20, os Somoza. Os *abomináveis sobrenomes*, como dizia Fonseca, controlavam grande número de dependentes e parentes pobres, assim como camponeses e peões, por meio de laços que eram ao mesmo tempo pessoais e econômicos. A ausência de qualquer diferença política fundamental entre os conservadores e os liberais não evitou que as grandes famílias guerreassem entre si repetidamente no transcorrer do século 19 e no começo do século 20. Ainda que a guerra de Sandino contra os *marines* dos Estados Unidos tenha representado, de alguma maneira, uma ruptura

³²⁹ *Id.*, “Mensaje de Carlos Fonseca, dirigente dal Frente Sandinista de Liberación Nacional”, Havana, 7 nov. 1970, IHN, Coleção Hacia el Sol de la Libertad.

com essa tradição, o apoio ao EDSN era muitas vezes influenciado por lealdades pessoais, pertencimento a facções e laços familiares tradicionais com um chefe político, conservador ou liberal. Também para os sandinistas de princípios dos anos 1970, as relações pessoais eram algumas vezes tão importantes como a doutrina política para determinar o pertencimento a uma certa tendência. Os indivíduos se agrupavam junto aos irmãos, aos amantes, àqueles que combateram a seu lado. Houve diversos conflitos pessoais duradouros entre os dirigentes; por exemplo, entre Jaime Wheelock e Tomás Borge e entre Carlos Fonseca e Oscar Turcios. Dentro da Nicarágua, os jovens eram atraídos para a FSLN por razões políticas, mas se uniam a uma das três tendências da FSLN por lealdade pessoal ao indivíduo que os recrutara. Um guerrilheiro que combateu na montanha durante muitos anos ouviu falar da divisão pela primeira vez no rádio, em 1978, “mas a única coisa de que tínhamos certeza era que o comandante Ruiz era o chefe dos que ali estavam”.³³⁰ As três tendências tinham elementos sectários, o que ajuda a explicar porque continuavam existindo mesmo quando as diferenças políticas entre elas eram pequenas e, muitas vezes, obscuras.

As cisões políticas eram um lugar comum nos partidos políticos nicaraguenses. Os partidos Conservador, Liberal e Comunista passaram todos por rupturas mais numerosas, sérias e duradouras do que a FSLN. Nos anos 1930, Somoza ganhou o setor do Partido Conservador mais propenso a trabalhar com ele e perdeu o apoio de uma ala de seu próprio Partido Liberal, o que resultou no Partido Conservador Nacionalista (PCN). Uma ruptura profunda no Partido Liberal deu lugar ao Partido Liberal Independente (PLI), nos anos 1940. Em troca, uma cisão menor deu lugar ao Partido Liberal Constitucionalista (PLC), nos anos 1970. Quando começou a década de 1960, a maioria dos membros

³³⁰ *Id.*, “Mensaje con motivo del 150 aniversario” [1971]; BORGE, *Paciente impaciencia*, p. 303 e 356; Doris Tijerino, entrevista com a autora, Manágua, 28 jun. 1994; HEYCK, *Life stories...*, p. 117.

jovens e uma parte considerável da direção que se separou do Partido Conservador se uniu ao Partido Social Cristão, formado, por sua vez, nos anos 1950, por dissidentes dos partidos Liberal e Conservador. Nos anos 1970, o Partido Socialista nicaraguense cindiu-se em três partidos comunistas pró-Moscou distintos.

O ambiente político de Cuba no princípio dos anos 1970 era diferente do que fora durante os anos 1960, o que impunha certas restrições às atividades de grupos como a FSLN. A eleição de Salvador Allende em 1970 para a presidência do Chile parecia provar que as eleições ofereciam uma via para o socialismo, na América Latina, mais confiável e menos custosa do que a luta armada. Os jornalistas que entrevistaram Fonseca entre 1970 e 1973 invariavelmente perguntavam-lhe se considerava que a via chilena para o socialismo, não violenta, seria uma opção para a Nicarágua. A influência político-ideológica soviética estava no auge em Cuba. As universidades cubanas suspenderam os cursos sobre Che Guevara e retiraram seus textos das bibliotecas. De acordo com Jacinto Suárez, o único período ao longo das duas décadas que se seguiram a 1959 em que os cubanos se recusaram a proporcionar treinamento militar aos nicaraguenses foi de 1970 até 1973. Os sandinistas eram, de certa maneira, algo embaraçoso para seus anfitriões cubanos, muitos dos quais concordavam com os assessores soviéticos que o caminho da guerrilha fora historicamente superado pelos acontecimentos no Cone Sul, se é que em algum momento fora realmente válido. Fonseca parecia estar se referindo a estas complicações em uma homenagem à solidariedade cubana em 1972: “Esta solidariedade se realiza em circunstâncias que não são nada cômodas(...) É importante ter isso em mente no momento difícil que atravessamos, sob pena de perdermos nosso entusiasmo e deixarmos de dar todo o esforço de que somos capazes na luta”.³³¹

³³¹ Jacinto Suárez, entrevista com a autora, Manágua, 8 jul. 1994; Carlos Fonseca Amador para a DN da FSLN, “Acerca de la solidaridad”, 12 jun. 1972, CHM reg. 00272, caixa 5.

Nestas condições de pressão política e militar, dificuldades de comunicação e separação geográfica, três tendências políticas, cada uma com sua própria direção, se desenvolveram dentro da ainda minúscula organização revolucionária. A tendência Guerra Popular Prolongada (GPP) era a única que tinha seus principais líderes dentro da Nicarágua: Ricardo Morales Avilés e Oscar Turcios – até a morte deles, em setembro de 1973 – e depois Henry Ruiz e Tomás Borge. O dirigente ideológico principal da Tendência Proletária (TP) era Jaime Wheelock Román, que viveu no Chile até o começo de 1973, quando se mudou para Havana. Humberto Ortega Saavedra, situado em Havana, era o principal impulsionador da Tendência Insurrecional (TI, mais comumente chamada Terceirista). Daniel, o irmão mais velho de Ortega, teve um papel de liderança de segundo escalão na TI, e seu irmão mais moço, Camilo Ortega, apoiava Fonseca na disputa das tendências.³³²

O papel de Carlos Fonseca na disputa das tendências nunca foi explicado adequadamente. Tentando situá-lo, os estudiosos assumiram que era um aliado da GPP.³³³ Na realidade, ele discordava das três tendências em questões estratégicas particulares: com a TI nas relações entre a luta militar e a luta política; com a GPP, quanto à duração da revolução; e com a TP, quanto ao papel da guerra de guerrilhas rural. Ele contrapunha ao esquema um tanto abstrato e sem vínculos com o cenário nacional das três tendências uma perspectiva da insurreição futura voltada especificamente para a Nicarágua e profundamente enraizada na história da nação.

Os pontos de desacordo entre as distintas tendências da FSLN não podiam ser ponderados nos textos liberados para distribuição

³³² Camilo, por exemplo, passou a Fonseca uma carta pessoal de seu irmão na qual Humberto lhe revelava suas diferenças políticas com o resto da DN. Cf. FONSECA AMADOR, “Notas sobre algunos problemas de hoy”, mar. 1976; no arquivo da autora, MS sem compagnar, item 9.

³³³ HODGES, *Intellectual foundations of the Nicaraguan Revolution*, p. 245; NOLAN, *Ideology of the sandinistas*, p. 57 e 144.

pública, tais como a coleção Sandino, sem causar complicações. Neste sentido, acabavam por ser debatidos em comunicados internos e em reuniões. Quase nada deste material foi publicado, e a maioria se perdeu.³³⁴ Os participantes ainda vivos destes embates consistentemente se recusam a discutir a luta das tendências. No entanto, algumas dezenas de cartas de Fonseca, manifestos, transcrições de discursos e ensaios analíticos ainda existem em um arquivo trancado no Centro de História Militar (CHM) do Exército nicaraguense, em Manágua. Estes documentos mostram claramente que Fonseca interveio aguda e diretamente em todos os assuntos políticos e táticos em disputa e revelam pelo menos os temas gerais de sua intervenção. Ademais, uma vez que estes documentos internos são levados em conta, fica claro que Fonseca também abordou as questões controversas em seus escritos sobre Sandino, ainda que de maneira mais indireta.

Nos anos imediatamente anteriores à revolução de 1979, os comitês internacionais de solidariedade vinculados às distintas tendências publicaram suas declarações programáticas e analíticas.³³⁵ Estes artigos, fonte na qual os pesquisadores tiveram que se basear em suas

³³⁴ Só duas das muitas contribuições de Fonseca ao debate das tendências foram publicadas: *Síntesis de algunos problemas actuales*, escrito em Manágua em novembro de 1975, e *Notas sobre la montaña y algunos otros temas*, escrito em outubro de 1976, pouco antes de sua morte. No último artigo, ele promete abordar o assunto com objetividade: “trataremos de referir-nos com o máximo cuidado que nos é possível às questões que podem ser motivo de diferença de opiniões”. Os discursos históricos e os artigos dos líderes sobreviventes da FSLN aludem muito superficialmente à disputa das tendências e nunca reconhecem qualquer participação de Fonseca nela, salvo para dizer que ele “favorecia a unidade”. Cf. por exemplo BORGE, “Carlos, el constructor revolucionario”, *El Nuevo Diario*, 22 nov. 1982.

³³⁵ Cf. por exemplo FSLN [TI], “La situación general del FSLN [abril de 1978]”, reimpresso em GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel *et al.*, *Los sandinistas*. Bogotá: La Oveja Negra, 1980, p. 188-223; FSLN-TP, *La crisis interna y las tendencias*. Los Angeles: Sandinistas por el socialismo en Nicaragua, 1978; *Gaceta Sandinista* (Havana) era um dos jornais que refletiam a visão da GPP; *Lucha Sandinista* (San José) se identificava como “órgão da Comissão do Exterior da FSLN” e era publicada pelos terceiristas.

análises sobre os temas em disputa, são de um período em que as tendências já não se falavam. Os artigos não revelam nada da viva discussão e da situação incerta de 1971 a 1976, com suas trocas de ideias, tentativas de persuasão, polêmicas ásperas e apelos à autoridade e ao bom senso. Os documentos das tendências de 1977 e 1978, por outra parte, estão escritos em um jargão esquerdista impenetrável e em um nível de abstração que torna difícil perceber as diferenças políticas reais. E, obviamente, não dão nenhuma pista sobre o papel de Carlos Fonseca na disputa entre as facções.

Os documentos internos não publicados que se encontram no CHM mostram que as diferenças sobre a estratégia apareceram já em 1971 e 1972 e que, em meados de 1973, todos os assuntos importantes tinham emergido e estavam sendo ventilados em comunicados e reuniões da direção. Sem acesso a estes textos, até as mais bem documentadas histórias da FSLN situam a origem da luta das tendências em 1975 ou mesmo em 1976.³³⁶

As divergências expressas pelas distintas tendências da FSLN a partir de 1972 foram debatidas dentro de uma organização que tinha uma estrutura política comum. Em outros países latino-americanos, a situação foi muito diferente. Em lugares onde a esquerda tinha um histórico longo e a classe operária era mais forte, não era nada raro haver meia dúzia de diferentes grupos marxistas e quase marxistas, cada um representando uma tendência internacional distinta, e cada um, em si, maior que a FSLN. Houve significativas organizações trotskistas na Bolívia, no Peru e na Argentina, importantes partidos comunistas pró-Moscou quase por toda parte, movimentos guerrilheiros maoistas em diferentes países da América do Sul, partidos social-democratas que se autodenominavam marxistas, mas que mantinham cargos eletivos e controlavam grandes federações sin-

³³⁶ Cf. BLACK, George. *Triumph of the people*, p. 91; BOOTH, John A. *The end and the beginning: the Nicaraguan Revolution*. Boulder: West-view, 1982, p. 143; GILBERT, *Sandinistas...*, p. 8.

dicais em muitos lugares; e, no México e em outros lugares, havia grupos anarquistas arraigados desde o século 19. Todos estes partidos pareciam estar constantemente produzindo dissidências. O Equador, por exemplo, ainda que não seja muito maior do que a Nicarágua, tinha seus próprios grupos maoistas, trotskistas, social-democratas de esquerda e stalinistas. Na Nicarágua, por outro lado, havia apenas o PSN, a FSLN e algumas pequenas seitas, que Fonseca chamava de microgrupos, às quais, ele defendia, devia-se estender a mão de um modo não sectário.

A FSLN mostrou ser capaz de conter em um mesmo (ainda que dividido) movimento político diferenças que em outros países deram lugar a organizações completamente separadas e mutuamente hostis. Alguns dos argumentos esgrimidos pelos integrantes da Tendência Proletária eram similares aos sustentados pelos grupos trotskistas em outros países; a posição da GPP sobre a guerra de guerrilhas rural tinha muito em comum com a dos grupos maoistas; e os terceiristas avançavam um programa político que se assemelhava ao enfoque dos social-democratas de outros países.

Fonseca volta e meia se queixava do “atraso político” da Nicarágua em comparação com outros países latino-americanos, mas para a FSLN, em certo sentido, este atraso pode ter sido benéfico. Com seu movimento estudantil tardiamente desenvolvido, uma classe operária pequena e a ausência de qualquer tradição de atividade socialista eleitoral, a Nicarágua não foi terreno fértil para a proliferação de grupos esquerdistas.

É difícil traçar linhas políticas definidas para demarcar as três tendências da FSLN, especialmente na situação incerta de 1972 a 1976. Não havia uma grande distância ideológica entre elas, especialmente em comparação com as diferenças que existiam naquela época entre a FSLN e o PSN, ou o abismo ideológico que separa a FSLN dos anos 1970 da FSLN dos anos 1990. Todas as três tendências descreviam a si mesmas como marxistas e sandinistas; todas insistiam em que uma

revolução na Nicarágua tinha que passar pela luta armada; nenhuma participava de eleições ou apoiava publicamente algum setor do Partido Liberal ou do Conservador; todas reconheciam a autoridade de Carlos Fonseca nos assuntos ideológicos e programáticos. Além disso, internamente, as tendências eram elas mesmas heterogêneas e contraditórias.

O debate foi mantido dentro dos círculos estreitos da direção, e as fileiras da FSLN pouco sabiam dos temas políticos em discussão. Um quadro terceirista dentro da Nicarágua podia facilmente sustentar uma posição geralmente associada à GPP, ou um dirigente do movimento estudantil vinculado ao grupo da GPP podia pronunciar um discurso que soava como se viesse de um membro da Tendência Proletária. Mesmo quando, após a morte de Fonseca, as divergências se aguçaram, os jovens atraídos pela FSLN tinham muitas vezes apenas uma vaga compreensão de como sua tendência particular diferia das outras.

Em seus escritos, os dirigentes das três tendências davam muito pouca atenção aos fatos concretos da Nicarágua. “Sobre a Guerra Popular Prolongada, a célula sandinista e alguns problemas”, um manifesto GPP de 35 páginas, de 1975, não continha praticamente nada sobre a Nicarágua ou sobre algum fato histórico que tivesse acontecido ali. Os textos de Oscar Turcios, “Condições para uma organização verdadeiramente revolucionária” e “Sobre as células”, flutuam fora de tempo e lugar. Nos memorandos internos de Fonseca, ao contrário, quase sempre existia uma atualização dos acontecimentos no país: greves e manifestações de protesto recentes dos trabalhadores e jovens nicaraguenses, as últimas manobras eleitorais dos partidos tradicionais, o estado da economia. Em 1972, fez circular um longo sumário com as mais importantes das recentes publicações do Banco Central da Nicarágua e de outros institutos de pesquisa: “Alguns dos dados a seguir têm tamanho interesse para os quadros e militantes revolucionários que convém fazer o possível para memorizá-los”. O propósito central de suas cronologias e escritos históricos sobre Sandino era fincar a estratégia da FSLN na realidade

nicaraguense. Em um comunicado interno escrito por Fonseca em julho de 1974, ele afirma que, havia dois anos, “seja por meio de documentos escritos ou por meio de reuniões entre os quadros aqui [em Havana], a Direção Nacional deixou muito claro que é errado aplicar mecanicamente esta noção de ‘guerra prolongada’, simplesmente copiando-a de livros que narram experiências em outros países”.³³⁷

Teoricamente, as três tendências estavam de acordo em que a Nicarágua era um país capitalista dependente e subscreviam as perspectivas delineadas por Fonseca em *Hora zero* e em uma série de entrevistas e manifestos do começo dos anos 1970. Ele ressaltava a natureza contraditória da economia nicaraguense, que tinha, por um lado, um setor capitalista baseado “na mais absoluta dependência do capital estrangeiro” e, por outro, relações de produção no campo que não eram “diferentes, em nenhum sentido, daquelas que imperaram durante a era feudal”. A burguesia nacional, inclusive a oposição a Somoza, estava atada ao imperialismo e a uma exploração servil do campesinato, o que não permitia outra maneira de resolver a contradição senão “uma revolução social triunfante”.³³⁸

A Tendência Proletária (TP) aceitava que a economia nicaraguense estava baseada na agricultura, mas acreditava que essa produção era completamente capitalista, sem vestígios de relações de trabalho pré-capitalistas. Seus membros argumentavam que o campesinato nicaraguense fora proletarizado em alto grau e que necessitava de sindicatos e de aumentos de salário mais que de reforma agrária. No

³³⁷ FSLN, “Sobre la Guerra Popular Prolongada, la célula sandinista y algunos problemas”, ago. 1975, IHN, Coleção *Hacia el Sol de la Libertad*; TURCIOS, Oscar, “Condiciones para una organización verdaderamente revolucionaria” e “Acerca de las celulas”, em IES, Coleção *Dirección Nacional Histórica*, p. 113-116; FONSECA AMADOR, “El enemigo confiesa”, CHM reg. 00275, caixa 2A; *id.*, “Carta a compañeros de la parroquia”, 31 jul. 1974, item 7, CHM reg. 00367, caixa 2B (44).

³³⁸ *Id.*, “Análisis sobre la situación nacional, el Programa Sandinista, en ocasión del Primero de Mayo de 1970”, CHM reg. 25.279, caixa 2B.

princípio dos anos 1970, o proletariado industrial na Nicarágua era muito pequeno, com menos de 20 mil operários fabris em Manágua e apenas 75 mil em todo o país.³³⁹ Os dirigentes da TP alegavam que este setor tinha uma influência desproporcional em relação ao seu tamanho e também, com razão, incluíam os trabalhadores agrícolas sazonais em sua definição de proletariado. Na prática, concentravam sua atividade nas comunidades operárias urbanas, até porque tinham pouca influência nos sindicatos, ainda dominados pelo PSN.

Fonseca criticava a TP por ignorar as necessidades dos nicaraguenses que não eram operários. Lembrava ao líder da TP, Jaime Wheelock, que eles sofriam opressão étnica e nacional, além da exploração a que eram sujeitos enquanto trabalhadores, lamentando que em uma comunicação de Wheelock, de 1974, fosse dado a entender que o problema era apenas de superexploração, sem mencionar o outro aspecto indispensável: a extrema opressão. Fonseca ressaltava que tal comunicação se concentrava exclusivamente nos operários assalariados, e particularmente nos da região do Pacífico, sem mencionar o norte e a Costa Atlântica.³⁴⁰

Os membros da TP se consideravam os mais marxistas entre as tendências, sendo que esta caracterização foi aceita por muitos pesquisadores. Fonseca pensava, no entanto, que sua linguagem marxista ortodoxa encobria um “economicismo” conservador. Referia-se aos seus membros da TP, em 1975, quando escreveu: “Temos que tomar cuidado com o palavrorio pseudomarxista, que tenta passar por marxismo, mas que no fundo é apenas materialismo econômico, uma caricatura do marxismo”.³⁴¹

A Guerra Popular Prolongada (GPP), por seu lado, enfatizava a natureza revolucionária do campesinato e a continuação das relações

³³⁹ CANCINO, *Las raíces históricas y ideológicas del movimiento sandinista*, p. 110.

³⁴⁰ FONSECA AMADOR, Carlos e ORTEGA, Humberto, “Notas sobre comunicación ‘Questiones urgentes para la organización’”, 30 abr. 1974, CHM reg. 00282, caixa 2B.

³⁴¹ FONSECA AMADOR, *Síntesis*, p. 110.

semifeudais no campo. Seu trabalho político nas cidades se dirigia aos estudantes e aos intelectuais, não aos operários. Um manifesto GPP, de 1973, antecipava que a luta revolucionária chegaria à classe operária vinda de fora, dos bairros e dos povoados, do seio do povo, que os quadros sandinistas penetrariam nas fábricas e nos centros de trabalho e levariam a luta revolucionária até o último rincão do país. Fonseca repetidamente estimulou a GPP a dar mais atenção aos operários e a buscar aumentar a influência da FSLN nos locais de trabalho.³⁴²

As três tendências tinham diferentes pontos de vista sobre se as energias revolucionárias deviam ser concentradas no campo ou nas cidades, um debate no qual Fonseca manteve sua própria posição. A GPP – e mais tarde a TI – se concentrava na guerra de guerrilhas rural, na montanha. “Será a partir do campo que avançaremos para a tomada das cidades”, dizia o líder da GPP, Oscar Turcios. Por outro lado, a Tendência Proletária enfatizava o trabalho nas cidades; foi a única das três que nunca implantou sua própria guerrilha rural. Fonseca advertia que contrapor as cidades à remota montanha e sua selva significava deixar de fora a maior parte da Nicarágua, o que podia levar à “paralisia”. Defendia que se desse mais atenção ao que chamava – *campo* – que corresponde aos povoados e vilarejos de algumas centenas a poucos milhares de habitantes, e aos arredores rurais das áreas habitadas por famílias que trabalhavam nas plantações de algodão e café ou nas fazendas. Em vários discursos e cartas, voltou a enfatizar a necessidade de direcionar para os trabalhadores das plantações de algodão, maior segmento de trabalhadores da Nicarágua e um setor com o qual a FSLN quase não tinha experiência.³⁴³

³⁴² “Acerca del trabajo revolucionario en barrios y comunidades”, 1973, IHN, Coleção Hacia el Sol de la Libertad; *id.*, “Charla del comp. Carlos Fonseca” (10 set. 1973), 11, 4.

³⁴³ “Oscar Turcios Chavarría”, em IES, Coleção Dirección Nacional Historica; FONSECA AMADOR, “Notas sobre alguns problemas atuais”, 1972; CHM reg. 00247, caixa 2A, MS sem compaginar, item 14; *id.*, “Palestra do comp. Carlos Fonseca” (11 set. 1973), 11.

Em novembro de 1975, preparando-se para subir à montanha, Fonseca sugeriu a extensão da guerra de guerrilhas das remotas montanhas para as “áreas rurais periféricas de certas localidades urbanas”. Ainda que este trabalho pudesse ser feito apenas esporadicamente e consistisse, no princípio, de ações de propaganda (tais como hastear bandeiras sandinistas), sua importância havia sido comprovada pela história de outras revoluções. Os destacamentos guerrilheiros que operavam mais perto das cidades deviam, fundamentalmente, ser “compostos em sua quase totalidade por elementos originários do próprio lugar, pois, nascidos ou criados ali mesmo, conhecem o terreno como a palma da mão”.³⁴⁴

Em uma discussão em 1973, em Havana, Fonseca argumentou que a excessiva ênfase no peso estratégico e militar da montanha podia se tornar debilidade política se os sandinistas ignorassem as áreas mais povoadas:

Sabemos que contamos com as maravilhosas montanhas, que nossa situação geográfica é muito útil para revolucionários. Mas é crucial que não encaremos a montanha apenas como um lugar para se esconder, mas também como um lugar onde entramos em combate. Devemos usar a cobertura proporcionada pela montanha para realizar tarefas organizativas: treinar quadros, elevar o espírito de luta de nossos combatentes, para vincular as ações militares na montanha com as operações militares na zona do Pacífico, para termos certeza de que podemos nos deslocar fluidamente de um lugar para o outro.

Em outra ocasião, sugeriu convidar jornalistas ou indivíduos proeminentes para entrevistar os guerrilheiros em seus acampamentos da montanha, como os cubanos tinham feito com equipes de filmagem da CBS e com o repórter do *New York Times* Herbert Matthews na Sierra Maestra. “Também podemos considerar a possibilidade de realizar lá algumas reuniões nacionais de caráter político, econômico, cultural ou sindical. Não para mantê-las em

³⁴⁴ *Id.*, *Síntesis*, p. 120.

segredo, mas, ao contrário, para utilizar estes eventos para alcançar a opinião pública”.³⁴⁵

As diferenças táticas mais claras entre as três tendências se relacionavam ao ritmo e à cronologia que se projetava para o desenvolvimento da revolução. Uma questão relacionada, mas mais complexa, a quem Fonseca dedicou muita atenção, tratava das relações entre os aspectos militar e político da revolução. Ambas as questões estão contempladas com aspereza em um documento interno que Fonseca fez circular em 1972, muito antes que as tendências se declarassem publicamente. Nos 47 artigos numerados de “Notas sobre alguns problemas atuais”, critica certos aspectos dos enfoques estratégicos das três tendências, intervindo no que já era, obviamente, um debate vigente na organização.

Sobre a questão da cronologia da revolução, preocupava-o que alguns dirigentes estivessem racionalizando longos períodos de inatividade para enfatizar o caráter prolongado da luta. A tendência da Guerra Popular Prolongada, como seu nome indica, achava que a FSLN cresceria gradualmente em tamanho através do incremento progressivo das unidades da guerrilha rural, em parte mediante o convencimento dos camponeses, em parte mediante a transferência para a montanha de estudantes recém-recrutados, até chegar finalmente ao ponto de poder desafiar a Guarda Nacional militarmente. Fonseca alertou a GPP a não transformar em fetiche o lapso de tempo que antecipava permanecer nas montanhas: “É preciso dizê-lo claramente: quanto a nós, não buscamos propriamente o prolongamento da contenda. Faremos tudo o que está dentro de nossas possibilidades para evitar um excessivo prolongamento da luta”. Os dirigentes da GPP insistiam que a tarefa no estágio dado naquele momento era a “propaganda”, depois da qual vinha a “agitação”, seguida finalmente

³⁴⁵ RUIZ, “La montaña”, p. 14; FONSECA AMADOR, “Notas sobre la lucha popular [1973]”, seção 8; *id.*, *Síntesis*, p. 120.

pela oportunidade de desencadear uma insurreição. Fonseca, por seu lado, constantemente alertava seus camaradas para prever o imprevisível. As oportunidades para a ação revolucionária podiam surgir de repente, dizia em 1973, e em nível desigual em todo o país:

Não podemos partilhar da ideia de que a luta irá se desenvolver com uma sucessão de etapas mecânicas, uma após a outra. É possível até que existam ações insurrecionais em determinados lugares antes que o resto do país tenha chegado a este estágio. Em alguns casos, veremos levantamentos insurrecionais seguidos por uma abertura para fazermos ações de propaganda e agitação.

Ele propunha prestar atenção a países onde os “movimentos revolucionários conduziram uma luta longa e dolorosa até atingir um ponto em que é possível um progresso acelerado, quando, em um tempo relativamente breve, há um avanço que não fora possível durante todo o longo período precedente”.³⁴⁶

As “Notas” de 1972 deixam claro que Fonseca via membros da direção cometerem dois erros opostos na questão do peso relativo ocupado pelo trabalho político legal e pelas ações militares clandestinas. Comparava a absoluta prioridade dada ao trabalho político – que se tornou a marca distintiva da Tendência Proletária – às práticas “pseudorrevolucionárias” do PSN. “Devemos assegurar – escreveu Fonseca – que nosso trabalho político esteja direcionado para um objetivo claro: um levante revolucionário”. Fonseca partia então imediatamente para o erro contrário: comprometer todas as energias da FSLN nas ações militares

Temos que rechaçar a concepção de que a guerra revolucionária poderia se resumir, algum dia, a uma operação conduzida por um ínfimo número de indivíduos totalmente desvinculados das massas. Antes de começar uma campanha militar, os núcleos revolucionários (...) devem

³⁴⁶ *Id.*, “Respuesta a las cuestiones que plantean los compañeros en los textos que elaboraron con motivo de los documentos que les fueron suministrados”, CHM reg. 00289, caixa 2B (37), parte 4; *id.*, “Charla del comp. Carlos Fonseca” (10 set. 1973), 18; *id.*, “Notas sobre algunos problemas actuales [1972]”, item 42.

ter algum tipo de relação contínua com um setor da população, devem ter estabelecido algum nível de organização enraizado nas massas. Seus planos devem ser elaborados com base no dia a dia real dos trabalhadores e camponeses.

Pode parecer simplista, admite Fonseca, dizer que cada ação tem que ser projetada para aguçar a luta entre os explorados e os exploradores. “Mas nossa ênfase justifica-se dada a tendência a recomendar exclusivamente operações paramilitares, que não estão baseadas na ação dos trabalhadores e camponeses explorados contra os seus exploradores”. Em 1974, recusou uma proposta de intensificação das operações militares porque esta não estava baseada em ganhos políticos concretos, em termos de novos membros e aumento de influência. Fonseca exigiu aos elaboradores da proposta que lhe enviassem tão logo quanto possível uma compilação de toda a propaganda política que tinham produzido nos últimos três anos, inclusive a que tivesse sido “publicada para alcançar setores sociais particulares e que tratasse de questões regionais ou locais”.³⁴⁷

Em 1975, Fonseca utilizou uma aula de história da FSLN para elucidar alguns dos temas em disputa. Disse que “certo militarismo involuntário” era responsável por alguns contratemplos no princípio dos anos 1960, atribuindo o foco exclusivo na luta armada ao entusiasmo juvenil, à reação ao conservadorismo do PSN e às ilusões sobre a vitória cubana recente. Jovens combatentes foram recrutados, mas

devemos admitir que lhes foram dadas tarefas exclusivamente militares, e não que não soubemos como aproveitar a experiência na luta classista que possuíam. Nunca tentamos incorporar a uma análise política os conhecimentos destes jovens acerca dos problemas sociais, sendo que muitos deles vinham das regiões agrícolas onde sofreram na própria carne a exploração dos latifundiários e de todo tipo de exploradores.

Como apenas receberam uma arma e nunca lhes tinha sido dado

³⁴⁷ *Id.*, “Notas sobre algunos problemas actuales [1972]”, itens 20, 22, 23, 41; *id.*, “Carta a compañeros de la parroquia [1974]”, item 21.

trabalho político, dizia ele, abandonaram o movimento assim que começaram as derrotas militares, em 1963.³⁴⁸

A polêmica de Fonseca contra o excessivo “militarismo” estava dirigida primordialmente contra a Tendência Insurrecional. Um “plano de ação” secreto terceirista de meados dos anos 1970 revela uma estratégia que é extremamente militar, até mesmo terrorista, em termos de ações armadas, ao mesmo tempo em que deixa as tarefas políticas para a oposição burguesa.³⁴⁹ A maior parte do documento consistia em uma lista detalhada de objetivos econômicos para ataques a bomba e incêndios; e concluía com uma lista de nomes de proeminentes somozistas “que eventualmente poderiam ser liquidados”. O “plano de ação” advertia que era importante atacar os matadouros, as plantações e as fábricas mais estreitamente ligados a Somoza para “não encontrar muita oposição junto aos adversários do regime e, ao contrário, conseguir a simpatia de certos setores”.

Ambos os GPP e os membros da Tendência Proletária estavam ativamente envolvidos no movimento estudantil, sendo que os membros da GPP estavam na direção da FER, a organização estudantil de longa data da FSLN. Mas o “plano de ação” terceirista chamava a FER de moribunda e propunha trabalhar por meio de um grupo filiado ao PLI, a “Vanguarda Estudantil Liberal Independente”. Segundo este documento, a FSLN – isto é, a TI – estava trabalhando estreitamente com uma ala do Partido Conservador, ao mesmo tempo em que realizava reuniões com o PLI e o PSN para “uma nova reunificação da esquerda”, em que a tarefa da Frente seria conduzir a luta armada. Francisco Rivera, comandante de

³⁴⁸ *Id.*, “Notas y experiencias [1975]”, 76, 60, 65.

³⁴⁹ FSLN, “Líneas y criterios que entrarán en el plan de acción militar”, CHM reg. 00266, caixa 2A (13). O inventário do CHM data este documento de 1973, mas as evidências internas demonstram que foi escrito depois de meados de 1975. O fato de ser publicado em nome da FSLN com um enfoque político tão diferente do de Fonseca sugere que o líder da FSLN ou estava na montanha ou já tinha morrido.

uma frente guerrilheira terceirista em 1979, dizia que foi advertido por Humberto Ortega para que relatasse apenas os acontecimentos militares em seus comunicados de notícias e não incluir nada político, “porque, se começarmos a usar uma linguagem muito radical nesses informes, podemos prejudicar todo o complexo trabalho que se está realizando para conciliar diferentes grupos e fortalecer as alianças”.³⁵⁰ Isso significava um desvio abrupto da insistência de Fonseca, ao longo da última década de sua vida, de que a FSLN tinha que se projetar como a vanguarda política da revolução e garantir que as alianças a fortalecessem como força independente, em vez de debilitá-la.

Fonseca buscou sugerir caminhos para combinar o trabalho político e o militar a fim de preparar a FSLN para uma situação que seria qualitativamente diferente de qualquer outra que se tivesse conhecido antes. Não era apenas uma questão de acúmulo lento ou rápido de forças nas linhas experimentadas até então, dizia, e sim questão de estarem prontos para uma realidade completamente nova.

Em muitas fábricas, em muitos bairros, em muitos vilarejos, em muitos latifúndios do país, no momento do triunfo da revolução e no decorrer do processo que levará a este desfecho, haverá elementos que simpatizam, que até se identificam com a orientação, com o programa, com a luta da FSLN, mas que não tiveram a oportunidade de estabelecer contato com um membro da Frente Sandinista, (...) Em um dado momento, a liderança deve reconhecer (...) que a criatividade, a iniciativa de enfrentar o inimigo, de enfrentar as classes dominantes, adquire proporções de massa e, então, muitas pessoas que não estão devidamente organizadas – por conta das limitações do Movimento Revolucionário, das ações revolucionárias e, deve-se admitir, das deficiências de nossa propaganda – serão inteiramente capazes de realizar (...) por sua própria conta, algumas tarefas.³⁵¹

³⁵⁰ RIVERA, Francisco, *La marca del Zorro*. Managua: Editorial Nueva Nicaragua, 1989, p. 211.

³⁵¹ FONSECA AMADOR, “Charla del comp. Carlos Fonseca” (10 set. 1973), 6.

Embora Fonseca não tenha vivido para ver estes acontecimentos com seus próprios olhos, sua projeção estava mais próxima daquilo que realmente aconteceria em 1979 do que os pontos de vista esquemáticos sustentados pelas três tendências.

A questão de trabalhar com os partidos políticos burgueses começou a ganhar destaque com a agitação social que se seguiu ao devastador terremoto que destruiu o centro de Manágua em dezembro de 1972. Somoza apropriou-se de boa parte da ajuda e do socorro internacionais em benefício próprio e de seus comparsas do Partido Liberal e da Guarda Nacional, e muito pouco foi feito para reconstruir a capital. Nestas circunstâncias, começaram a aparecer fissuras no apoio a Somoza entre alguns setores da burguesia nicaraguense. A hierarquia católica, sob pressão de ativistas das bases comunitárias, rompeu sua tradição e começou a criticar timidamente a violação dos direitos humanos pela Guarda Nacional. No entanto, as famílias endinheiradas ainda cerravam fileiras com a administração quando esta enfrentava algum desafio vindo “de baixo”, como aconteceu quando foi derrotada uma greve anti-Somoza de dois meses feita pelos operários da construção contra o mal-uso dos recursos de ajuda humanitária relativos ao terremoto.

Por iniciativa de Fonseca, a FSLN respondeu rapidamente após o terremoto, com uma série de atividades realizadas pela organização, que atuou de maneira independente. Como parte de uma campanha para aumentar a solidariedade internacional com a frente, ele distribuiu cartas a grupos pelo mundo solicitando apoio político e doações. Especialmente interessantes são as cartas aos “afro-norte-americanos” e aos “índios dos Estados Unidos” (enviadas a vários grupos de negros e índios dos Estados Unidos), e aos “nicaraguenses residentes nos Estados Unidos”. A FSLN chegou a publicar um convite para uma conferência científica internacional para estudar as falhas sísmicas sob Manágua e propor uma nova localização para a capital do país; era uma audaciosa tentativa de

se apresentar como um futuro governo responsável, num momento em que a organização tinha menos de uma centena de membros e a maioria de seus dirigentes estava no exílio. A FSLN dentro da Nicarágua pôde circular seus membros clandestinos por todo o país sob a cobertura das centenas de vítimas jovens, os *terremoteados*, que eram encaminhados para povoados e cidades não afetado. Quando os operários da construção entraram em greve no começo de 1973, os membros da FSLN Bayardo Arce, Doris Tijerino e Ricardo Morales Avilés organizaram um amplo comitê de solidariedade que deu mais apoio aos operários do que seus próprios sindicatos controlados pelo PSN. Todas estas medidas eram coerentes com o enfoque do movimento desde sua ruptura com a Mobilização Republicana em 1966: projetavam a FSLN como liderança de uma revolução contra Somoza e se destinavam especialmente a obter apoio para a organização entre os operários e a juventude.³⁵²

Por volta deste período, Fonseca explicou em detalhe a perspectiva do movimento sobre as alianças, em um memorando interno intitulado “Alguns aspectos do trabalho com as massas”. De acordo com ele, a atividade política organizada dirigida aos operários,

permitirá à Frente Sandinista contar com uma base de massas própria nas classes trabalhadoras, composta por aqueles que estão decididos a agir dentro da linha traçada por nossa organização. Para conseguirmos conduzir uma linha revolucionária independente, é fundamental contar com uma base popular própria, cujos interesses se restringem apenas aos dos explorados, que não dê ouvidos a outra organização que não seja a nossa, que esteja livre da influência burguesa.

³⁵² *Id.*, “Carta a los nicaragüenses residentes en Estados Unidos” [30 jan. 1973], in: *Obras*, v. 1, p. 154-155; *id.*, carta a “Hermano Afronorteamericano” [30 jan. 1973], *Barricada*, 5 nov. 1985; *id.*, carta a “Hermanos Indios de los Estados Unidos” [30 jan. 1973], em arquivos da autora; *id.*, “Llamamiento del Comité de Nicaragüenses en el exterior pro damnificados”, Havana, 1973, CHM reg. 00303, caixa 5.

As alianças de curto prazo com as forças burguesas podiam ser úteis, continuava Fonseca, mas apenas se a FSLN se apresentasse claramente como a liderança da luta contra Somoza e se possuísse suas próprias bases de massas entre as classes populares.³⁵³

Nos bastidores, no entanto, um enfoque diferente sobre a questão das alianças com a oposição burguesa estava tomando forma. Segundo Doris Tijerino, ela foi a Havana em 1973 para, em nome de toda a direção da Guerra Popular Prolongada (GPP), fazer uma proposta para que a FSLN chegasse a um acordo com a oposição conservadora. A GPP pensava que os guerrilheiros sandinistas podiam distrair e neutralizar a Guarda Nacional, enquanto a oposição daria um golpe para instalar Pedro Joaquín Chamorro como presidente. Tijerino garante que se reuniu pessoalmente com Chamorro para ver se concordava com tal acerto, tendo ele respondido que precisava de tempo para pensar. Quando ela se encontrou com Fonseca e Humberto Ortega em Havana, eles sumariamente descartaram a ideia.³⁵⁴ Ainda que Ortega tenha se unido a Fonseca na recusa em aceitar o acordo com Chamorro (talvez porque a proposta viesse da GPP, a qual teria influência considerável sobre qualquer aliança que partisse de sua iniciativa), logo se transformou no principal defensor das alianças com a oposição burguesa. A estratégia de alianças da Tendência Proletária era similar. Influenciados por seus anos no Chile, eles previam o desenvolvimento de algo como a coalizão da Unidade Popular de Allende, com a FSLN desempenhando o papel do MIR (Movimento de Esquerda Revolucionária) e o PSN fazendo o papel de seu equivalente chileno, o Partido Comunista.

³⁵³ Carlos Fonseca Amador pela FSLN, “Algunos aspectos del trabajo entre las masas” [o texto menciona 1971, mas foi datado internamente depois do terremoto de dezembro de 1972], IHN, Coleção Hacia el Sol de la Libertad, MS sem compagnar, itens 40, 35.

³⁵⁴ Doris Tijerino, entrevista com a autora, Manágua, 11 jul. 1994.

As divergências sobre as alianças estavam relacionadas aos distintos conceitos do que significava ser uma organização ou partido de vanguarda. Assim como ocorria com todos os temas na luta das tendências, a unanimidade declarada em termos abstratos mascarava diferenças marcantes na execução tática e na orientação política de cada dia. Todos na FSLN consideravam a organização uma vanguarda política que desempenharia um papel necessário na organização e condução de uma insurreição popular de massas para derrubar Somoza. Mas os dirigentes da FSLN tinham ideias distintas acerca do que a vanguarda deveria fazer para se preparar para a insurreição por vir, de como seu pequeno movimento podia concretamente alcançar, recrutar e influenciar a opinião pública nicaraguense. Fonseca tinha uma definição particularmente ampla da FSLN como vanguarda: “Sejam quais forem as diferenças entre os nicaraguenses, cada um tem lugar nas fileiras da Frente Sandinista. Tal característica é compatível com a posição de vanguarda do setor que se identifica com a classe operária e com a classe camponesa, e que se guia na ação pela filosofia do socialismo científico”. Na mesma declaração de 1970, mostrava a importância de “os verdadeiros revolucionários e os verdadeiros cristãos” unirem forças nas fileiras da FSLN.³⁵⁵ O dirigente da FSLN mais identificado com Fonseca neste assunto era o líder GPP Ricardo Morales Avilés, que foi assassinado em 1973.

Mesmo com um enfoque amplo de recrutamento, nem todos que quisessem combater Somoza unir-se-iam à FSLN. Em uma conferência em 1973, Fonseca afirmou: “É impossível que um movimento revolucionário atue e desenvolva a luta unicamente com a atividade de seus militantes. Nós somos a vanguarda, mas o termo vanguarda implica que haja forças intermediárias e forças de retaguarda; sem a existência destas forças complementares não existe vanguarda”. Estimulava os outros dirigentes da FSLN a

³⁵⁵ FONSECA AMADOR, “Mensaje de Carlos Fonseca [1970]”.

estar sempre à procura não apenas de militantes, mas também de simpatizantes e colaboradores.

Há também pessoas que podem dar uma cooperação mínima nas quais temos que prestar atenção, ainda que o nível de atividade delas não seja suficiente para que se tornem membros da Organização. Há pessoas que talvez participem em uma única oportunidade, mas esta pode ser decisiva para a tomada do poder pelo movimento.

No princípio dos anos 1970, Fonseca percebia em outros dirigentes da FSLN sinais da mesma mentalidade assistencialista, que já tinham experimentado nos bairros de Manágua uma década antes. Alertava-os a não pensar na vanguarda como em algo fechado e elitista. A tarefa de uma vanguarda, insistia ele, não era substituir a classe operária ou tratar os trabalhadores com condescendência: “Devemos dizer que cada trabalhador é uma autêntica enciclopédia viva, que deve ser consultada pela Frente Sandinista com a máxima atenção”. Na mesma circular interna, disse: “É importantíssimo que compreendamos que, ainda que não tenhamos conhecimento disso, todos os dias e em todos os lugares ocorrem nos centros de trabalho manifestações simples, mas reais, de protesto por parte dos trabalhadores”.³⁵⁶

Fonseca estimulava os dirigentes da FSLN a aprender com a sabedoria das massas populares, que não foi adquirida por elas “nem na universidade, nem em um instituto de pesquisa, mas por meio da própria experiência e do trabalho”.

Nosso povo em particular tem uma grande experiência histórica, inclusive uma experiência maior do que a maioria supõe. Temos que estar de olhos abertos para captar os sinais de descontentamento entre os diferentes setores da população. Temos que aprender a encarar com seriedade e prestar muita atenção em cada sinal isolado de resistência. Pois é na medida em que prestemos atenção em nossas massas, em nossos operários, em nossos camponeses, que faremos a revolução na Nicarágua.

³⁵⁶ *Id.*, “Algunos aspectos del trabajo [1973?]”, pontos 40 e 35.

É preciso estarmos atentos a estas formas espontâneas de luta, porque muitas vezes as massas criam, com sua sabedoria, com sua imaginação, métodos formidáveis de luta.

Citou o caso da defesa coletiva, vitoriosa, de um dos membros de uma comunidade indígena que matou um latifundiário ladrão e explorador:

Menciono este exemplo para dar mais realidade a esta questão das lutas espontâneas travadas por nosso povo. É preciso estar atento a elas, companheiros, pois onde há explorados há luta de classes, e, se ignoramos como se dão essas lutas, não é porque não existam, e sim porque não tivemos contato suficiente com os trabalhadores, porque não estabelecemos os vínculos que devíamos com os explorados.³⁵⁷

Se havia concordância teórica sobre o papel de vanguarda da FSLN, o mesmo não ocorria com a questão acerca de se ela era – ou deveria ser – um partido revolucionário. (Quando os grupos armados latino-americanos dos anos 1970, inclusive a FSLN, debatiam a “questão partidária”, não estavam se referindo a um partido político eleitoral, e sim a um partido de luta, que se assemelhasse pelo menos em alguma medida ao Partido Bolchevique de Lenin.) Em uma conferência para a direção da FSLN em 1973, Fonseca afirmou o seguinte:

Esta questão do partido foi uma coisa que se debateu entre os revolucionários latino-americanos devido à Revolução Cubana; alguns chegaram ao extremo de dizer que em Cuba, na prática, conduziu-se uma guerra de guerrilhas de sucesso sem que os combatentes tivessem seu próprio partido. Em minha opinião, algumas pessoas foram longe demais nesse raciocínio. Para mim, trata-se da necessidade de reconhecer o importante papel que uma organização política desempenha durante todo o processo insurrecional. Acredito que tanto em Cuba como na Rússia, como no Vietnã, como em outros lugares onde foi possível levar a revolução à vitória, em todos estes lugares há o fato em comum de que o movimento insurrecional contou com um grupo de quadros experimentados e familiarizados com os princípios revolucionários, os princípios da filosofia revolucionária.

³⁵⁷ *Id.*, “Charla del comp. Carlos Fonseca” (10 set. 1973), 9, 15: (11 set. 1973), 15.

Fonseca temia que tanto a GPP como a TI cometessem precisamente o erro de interpretar mal a lição da Revolução Cubana, subestimando a importância de uma organização política disciplinada. A GPP e a TI tinham ideias diferentes sobre quanto tempo duraria a guerra na luta contra Somoza, mas ambas pensavam que a formação de um partido podia ser postergada até que o equilíbrio militar de forças fosse mais favorável, ou mesmo até depois da revolução. Esta questão não seria resolvida durante a vida de Fonseca e nem mesmo depois. Ele voltou ao tema na seção final de sua última importante obra política.

Todo partido revolucionário autêntico surgiu do combate, e, se Cuba é o caso com o qual estamos mais familiarizados, isso não quer dizer que se trata de algo inédito. Na Rússia, no Vietnã, na China, na Coreia, na Argélia, o partido também surgiu da luta. Toda simplificação é um equívoco. A vida raramente oferece as coisas com demasiada simplicidade (...). Se [na Nicarágua de hoje] não é realista falar de um partido com comitê central e congressos, jornais, revistas teóricas, é sem dúvida necessário cumprir algumas tarefas de partido: estudo mais sistemático das condições nacionais (especialmente nas zonas de combate); uma maior combinação do estudo militar com a análise política; a construção de vínculos com as massas exploradas, onde quer que se encontrem, para envolvê-las na guerra revolucionária; prevenir-nos em relação ao sectarismo ideológico; priorizar o trabalho político sem prejuízo em nenhum momento de nossas operações militares; fortalecer a comunicação política entre os vários setores do movimento (junto aos quais houve amlg problemas devido a um certo espontaneísmo); tomar medidas para assegurar que estamos fazendo todo o possível para maximizar as potencialidades de cada um para a luta etc.³⁵⁸

Fonseca concordava que podia ser “prematureo” usar a palavra *partido* para descrever um grupo que levava a cabo “todas essas modestas tarefas”, mas estava estabelecendo claramente suas prioridades políticas para a FSLN. E sua lista de “tarefas modestas” incluía

³⁵⁸ *Id.*, *Notas sobre la montaña*, p. 140-141.

precisamente aqueles assuntos estratégicos em torno dos quais a organização estava dividida.

Alguns dos textos inéditos de Fonseca tratavam dos problemas de disciplina interna e de organização. Todos os dirigentes e membros da FSLN estavam de acordo, em teoria, com o conceito de construção de uma organização centralista democrática, em que as preferências pessoais dos membros, individualmente, estivessem subordinadas aos objetivos do movimento como um todo, e em que todos os membros – especialmente os dirigentes – estivessem subordinados à disciplina dos órgãos superiores. No caso da FSLN, a estrutura dirigente incluía o chefe de uma célula, o responsável por uma cidade ou região (algumas vezes realizando o trabalho integrando um comitê regional) e a Direção Nacional (DN), composta geralmente de três a cinco membros titulares e um ou dois suplentes. A DN, a mais alta autoridade na FSLN, foi criada no final dos anos 1960 para substituir um comitê de direção mais amplo chamado “a Executiva”. A DN não era um corpo eleito. No princípio, Carlos Fonseca simplesmente designava os indivíduos que assumiam responsabilidades crescentes, tais como Julio Buitrago ou Doris Tijerino. (Tijerino, posta temporariamente na DN por Fonseca no final de 1966, foi a única mulher membro da direção até os anos 1990). Nos anos 1970, a própria DN decidia as substituições dos membros que caíam, assassinados pela Guarda Nacional. Os membros raramente deixavam a DN (a não ser por morte), embora pelo menos dois, Efraín Sánchez Sancho e Plutarco Hernández, ou foram expulsos ou foram obrigados a renunciar. Durante as disputas das tendências, houve divergências sobre quem era membro legítimo da Direção Nacional.

O tema do centralismo democrático foi explicitado em setembro de 1973, quando o desastre acometeu a direção da FSLN. Os únicos dois membros da DN no interior da Nicarágua, Oscar Turcios e Ricardo Morales Avilés, foram capturados no povoado de Nandaimé, não muito longe de Manágua, e assassinados pela Guarda Nacional.

Fonseca e Humberto Ortega designaram o membro suplente da DN, Pedro Aráuz, para informar Henry Ruiz que ele, Ruiz, era agora o responsável por todo o trabalho político e militar dentro do país. Aráuz recusou, argumentando que Oscar Turcios o tinha nomeado seu sucessor caso morresse. Fonseca explicou sua decisão de retirar Aráuz da DN, mas permitir que continuasse na organização com as seguintes palavras: “Isto parte de nosso desejo de não fazer nenhuma demonstração de autoridade: dá-se a oportunidade ao companheiro Federico [Pedro Aráuz] de permanecer como membro da Organização, apesar de sua atitude de insubordinação representar uma violação que poderia ser – embora isso não tenha sido proposto por nós – motivo de fuzilamento ou de expulsão ou, ainda, de suspensão”. Em outra ocasião, Fonseca criticou duramente dois membros da DN que viviam em Havana – Humberto Ortega e Eduardo Contreras – por se negarem a regressar à Nicarágua e por violarem a disciplina, discutindo divergências políticas com indivíduos que não eram membros do órgão de direção.³⁵⁹

Algumas das notas de Fonseca sobre as responsabilidades de um militante disciplinado eram suficientemente genéricas para aparecerem nos escritos públicos. Em *Viva Sandino*, dizia que mesmo com suas divergências políticas, era imperdoável os partidos comunistas e o Apra não enviarem seus quadros para combaterem de maneira disciplinada sob as ordens de Sandino. Quando o conflito das tendências surgiu em sua própria organização, Fonseca escreveu: “Fizemos esta observação porque um revolucionário tem todo o direito de expressar sua opinião acerca de determinada situação, mas esta opinião nunca deve ser utilizada como pretexto para que se recuse a ocupar um lugar na trincheira”. A *Cronologia* descreve uma mensagem de 1930 na qual Sandino, segundo Fonseca, “refere-se criticamente às querelas sobre

³⁵⁹ *Id.*, “Reunión general para informar sobre problemas de la organización”, Havana, 14 nov. 1973, CHM reg. 00293, caixa 2B; *id.*, “Notas sobre algunos problemas de hoy [1976]”, pontos 5-12.

assuntos insignificantes entre certos elementos que permanecem fora do país o tempo todo, acrescentando que não haveria qualquer auxílio procedente do exterior da Nicarágua”. No mesmo texto, Fonseca utiliza o exemplo de Sandino ao argumentar que os revolucionários, sejam quais forem suas disputas, devem se apresentar unidos diante de seus inimigos. E cita uma mensagem de 1931 na qual Sandino dizia que era crucial demonstrar “que somos um só Exército e que não existem os grupos isolados de que fala o inimigo”.³⁶⁰

As disputas do começo dos anos 1970 algumas vezes levaram a questões morais. Fonseca considerava que um combatente sandinista tinha que estar disposto a correr perigo pessoal e, se fosse necessário, a morrer pela revolução, e apontava Che Guevara, assim como Sandino, como exemplos do tipo de dedicação total que era necessária. Em uma linguagem que lembrava a do Che, Fonseca disse a um jornalista, em 1970: “Não poderá haver um movimento revolucionário se não houver revolucionários, e não poderá haver revolucionários, enquanto não houver pessoas que dediquem sua vida inteira, seu tempo inteiro, seus sonhos, sua vigília ao sofrimento do povo”. O ensinamento que ele tirou da morte de Guevara na Bolívia em 1967, não foi que a campanha tinha sido um equívoco, e sim que a América Latina precisava de *mais* Che Guevaras. Fonseca via limitações no nível de compromisso revolucionário mostrado por indivíduos pertencentes às três tendências. Os dirigentes da Tendência Proletária, influenciados por seus anos no Chile e por sua orientação antirrural, consideravam que algumas – talvez todas – as ações militares da FSLN eram aventurais e apenas davam pretexto à repressão governamental. Pensavam

³⁶⁰ *Id.*, *Viva Sandino*, p. 74; *id.*, *Cronología*, p. 123-124 e 133; a frase “¡Un solo Ejército!” [Um só Exército!] chegou a ser uma palavra-chave para a FSLN e a unidade nicaraguense no princípio dos anos 1980. Michael J. Schroeder demonstrou, no entanto, que o EDSN de Sandino estava pelo menos tão dividido em tendências quanto a FSLN; Cf. SCHROEDER, “Horses Thieves...”; *id.*, “To defend our nation’s honor”.

que a organização devia conservar seus quadros até que o movimento operário organizado estivesse pronto para ser conduzido a uma insurreição; também acusavam alguns dos outros dirigentes e quadros da FSLN de terem uma conduta “suicida”. A GPP, ainda que estabelecida no campo e organizada militarmente, também punha considerável ênfase na conservação dos quadros, evitando, tanto quanto possível, os encontros com a Guarda Nacional. Fonseca se dirigia aos dois grupos quando disse: “É verdade que em uma determinada etapa é importante a conservação da própria força. Mas não há dúvida de que um movimento que está, o tempo todo e acima de tudo, preocupado em conservar suas forças e só ligeiramente preocupado em aniquilar o inimigo é um movimento que jamais vai tomar o poder”.³⁶¹

Poucos anos depois, Fonseca afirmou que a recusa do dirigente da TI Humberto Ortega e do membro da DN Eduardo Contreras de regressar à Nicarágua era “incompreensível” e um sinal certo de seu “desespero”. Era razoável, disse ele, que pensassem que certos quadros de direção devessem permanecer na reserva fora do país e não ser expostos aos perigos da vida clandestina. “Mas é errado que eles mesmos decidam que *eles* deveriam ser os quadros que ficarão na reserva, nem sequer consultando os demais companheiros da Direção”. Se a direção como um todo tivesse um momento para discutir o assunto, prosseguiu Fonseca, provavelmente iria optar por selecionar companheiros que estivessem em combate dentro do país para deixá-los na “reserva” fora do país.³⁶² Humberto Ortega estivera fora da Nicarágua desde 1967, exceto por uma visita breve em 1972, e não voltou ao país até a tomada do poder pela FSLN. Eduardo

³⁶¹ FONSECA AMADOR, “No hay islas”, p. 201; *id.*, “Charla del comp. Carlos Fonseca” (11 set. 1973), 10. Enquanto ele falava, o governo de Allende estava sendo derrubado no Chile; mas os dirigentes da FSLN em Havana não foram avisados até o final de sua reunião. Uns poucos meses antes, Fonseca ordenara ao pequeno núcleo da FSLN em Santiago que saísse do Chile porque ele vislumbrava um confronto militar sobre o qual não teriam nenhuma influência.

³⁶² *Idem*, “Notas sobre algunos problemas de hoy” [1976], ponto 16.

Contreras permanecera em Havana por apenas pouco mais de um ano; regressou à Nicarágua em meados de 1976 e foi assassinado pela Guarda Nacional alguns meses mais tarde.

Fonseca considerava que havia uma marca de classe nas qualidades morais. “A proletarização – disse a outros dirigentes da FSLN em 1972 – não se trata apenas de uma identificação ideológica com os interesses do proletariado, mas também da adoção, por parte do militante, do espírito de vida proletário: empenho no trabalho, modéstia, abnegação, honestidade”. A generosidade, lealdade, disciplina e modéstia de Sandino estavam todas relacionadas, para Fonseca, ao fato de que era um “proletário”. Uma educação pequeno-burguesa, pensava ele, tendia a produzir uma conduta egoísta, falta de autodisciplina, arrogância, apego à propriedade e ao consumo e até promiscuidade sexual. Apontava os líderes dos movimentos revolucionários latino-americanos provindos da classe média que tinham acabado por se comprometer com regimes reacionários ou com o imperialismo para salvar suas vidas e suas propriedades. Em várias ocasiões, recomendou que certos dirigentes da Tendência Proletária, que provinham de algumas das famílias mais ricas da Nicarágua, buscassem formas de “se proletarizar” suas vidas cotidianas. Embora se opusesse a enviar os militantes para a guerrilha rural contra sua vontade, concordava com dirigentes da GPP, como Henry Ruiz, de que a montanha podia ser uma experiência proletariante em um sentido moral.³⁶³

Embora o conteúdo de seus próprios comentários fosse frequentemente muito incisivo, Fonseca buscava manter o tom cortês no debate das tendências. Os ataques pessoais estavam fora de questão; em 1973 disse: “Em nossa luta para confrontar diversos problemas,

³⁶³ *Id.*, “Notas sobre algunos problemas [1972]”, ponto 30; cf., por exemplo, “Abraham” [Carlos Fonseca], San José, a “Ángel” [Julio Buitrago?], Manágua, 14 dez. 1965, CHM pasta “cartas a Julio Buitrago”, reg. 00343, caixa 3; *id.*, Los ataques de los falsos revolucionarios”; cf., também de Fonseca, “Notas sobre algunos problemas de hoy [1976]”, ponto 26.

em nossa luta contra certas debilidades (...) temos que evitar que isso se torne uma luta contra certos indivíduos (...), pois é crucial que nossos quadros e nossos militantes desenvolvam sua capacidade de pensar autonomamente. Porque é muito fácil dizer ‘Fulano é culpado, sicrano é um preguiçoso’”. Criticava os dirigentes das três tendências por usarem epítetos como “mencheviques” para caracterizar seus oponentes, em lugar de travar o debate em uma linguagem mais fraterna. Um dos temas dos escritos de Fonseca, especialmente de seus escritos polêmicos, era que as palavras, inclusive as de tratamento, eram importantes. Tanto em sua coleção sobre Sandino como em seus escritos internos, ele extraiu as implicações do fato de que os seguidores de Sandino se dirigissem um ao outro como *hermano*, isto é, irmão.³⁶⁴

No entanto, as divergências se tornaram mais agudas e de caráter mais pessoal depois do assalto, em dezembro de 1974, à festa em homenagem ao embaixador dos Estados Unidos, na casa do rico empresário somozista José María “Chema” Castillo. Quinze guerrilheiros, inclusive três mulheres, esperaram até que o embaixador Thomas Shelton fosse embora da festa e, então, ocuparam a residência, tomando reféns, entre outros, o cunhado do presidente Somoza e o ministro da Defesa.³⁶⁵ Esta operação executada por membros da GPP e terceiristas, permitiu libertar da prisão mais de uma dezena de dirigentes da FSLN, alguns dos quais tinham estado atrás das grades por sete anos, assim como o resgate de um milhão de dólares e a publicação de dois comunicados da FSLN nos jornais, no rádio e na televisão. Os membros da GPP em particular aclamaram a ação como a “ruptura do silêncio”, mas os membros da Tendência Proletária consideraram-na uma aventura

³⁶⁴ *Id.*, “Charla del comp. Carlos Fonseca” (10 set. 1973), 17; *id.*, *Síntesis...*, p. 109; *id.*, *Viva Sandino*, p. 53; *id.*, “Viva la Fraternidad Guerrillera”.

³⁶⁵ Frente Sandinista. *Diciembre Victorioso*. México: Editorial Diógenes, 1979; DEPEP (FSLN). *Y se rompió el silencio*. Managua: Editorial Nueva Nicaragua, 1981; GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *El Asalto: El operativo con que el FSLN se lanzó al mundo*. Managua: Editorial Nueva Nicaragua, 1982.

que apenas deu à ditadura de Somoza um pretexto para desencadear a repressão contra os ativistas estudantis e sindicais.³⁶⁶

As tensões entre os sandinistas dentro do país e no exílio se exacerbaram no mesmo período. Em outubro de 1974, os membros da Direção Nacional radicados na Nicarágua aprovaram uma moção dizendo que, com exceção de Carlos Fonseca, ninguém fora do país podia falar em nome da direção. Humberto Ortega, talvez junto com alguns outros, colericamente repudiou o direito da DN interna de aprovar tal moção.³⁶⁷

Há indicações de que pelo menos duas tendências tentaram relegar Carlos Fonseca a um *status* de “emérito”, como um antigo estadista sem responsabilidades cotidianas na tomada de decisões políticas e militares. Fonseca rechaçava raivosamente qualquer sugestão de que, por estar em Havana, estava perdendo o contato com a realidade nicaraguense. Em 1973, defendeu-se contra as dúvidas levantadas por membros da GPP e da TP com relação a sua habilidade para conduzir o trabalho prático do movimento:

É preciso lembrar que mantemos comunicação constante com os companheiros no país, estando desta forma absolutamente em dia quanto aos resultados de nosso trabalho e quanto às atividades que nossa organização está conduzindo em território nicaraguense. Há que se considerar também que os companheiros que regressaram de lá elaboraram informes detalhados para nós que permitiram que conhecêssemos o meio em que os companheiros atuaram, assim como as tarefas que cada um deles pôde realizar, o que possibilitou que nós déssemos conselhos em cada um destes casos.³⁶⁸

No entanto, este tema não se esgotaria. Um ano depois, Fonseca mais uma vez defendeu apaixonadamente seu conhecimento íntimo das atividades do movimento dentro da Nicarágua. Lembrava à direção da GPP de seus muitos anos de experiência clandestina e

³⁶⁶ Cf. FSLN-TP, *La crisis interna y las tendencias*, p. 2.

³⁶⁷ HERNÁNDEZ, *EL FSLN por dentro*, p. 74.

³⁶⁸ FONSECA AMADOR, “Reunión general [1973]”.

mostrava-lhes que, desde que chegou ao exílio, fora visitado regularmente por membros da FSLN que lhe davam “informes minuciosos acerca dos métodos de trabalho, do trabalho político, clandestino, militar, das vias de contato com as massas, das suas experiências pessoais, do meio social de que procediam etc”. Dava a entender que obtinha melhor informação dos membros de base do que dos dirigentes, citando o caso de um militante que estivera envolvido em uma greve de cerca de mil pessoas e chegou a Havana para informar primeiro a Fonseca. Quando Jaime Wheelock queixou-se de falta de direção política, Fonseca acusou o dirigente da TP de ignorar “as demandas contidas na correspondência trocada entre os membros da Direção no exterior e os que se encontravam no país, assim como as sessões de orientação dadas aos militantes em Havana”. Segundo Víctor Tirado, os membros da TI também tinham começado a sugerir que Fonseca estivera fora do país tanto tempo que já não apreendia claramente a situação.³⁶⁹

Os documentos sobreviventes desse período retratam Carlos Fonseca como estudioso de Sandino e estrategista político; mas do homem Carlos Fonseca não revelam quase nada. Uma pessoa extremamente reservada, Fonseca nunca manteve nenhum tipo de diário. Exceto por algumas cartas a seu pai e a Dom Edelberto Torres durante os anos 1960, sua correspondência é estritamente de natureza política. Diferentemente de Che Guevara, que escreveu a seus pais e a sua tia dezenas de cartas bem-humoradas, carinhosas e por vezes furiosas e preocupadas, Fonseca não deixou correspondência que revele seu “eu interior”. Embora seja possível que tenha escrito cartas íntimas a sua mãe e a sua esposa, o fato de que sequer um exemplo de tal correspondência tenha sido interceptado pela Guarda Nacional sugere que ele não as escreveu. Em Havana, Fonseca passou a maior parte

³⁶⁹ *Id.*, “Carta a compañeros de la parroquia [1974]”, ponto 27; FONSECA AMADOR e ORTEGA, H., “Notas sobre comunicación ‘Questiones urgentes’ [1974]”; VARGAS e ALEMÁN, “A pesar de todo”, *La Prensa*, 8 nov. 1979.

de seu tempo no escritório e residência da FSLN em Miramar, que chamavam de “Quarenta”, porque estava na Rua Quarenta. Haydeé Terán descreveu a vida de seu marido em Havana como disciplinada e dedicada em grande parte à política: levantando-se cedo para correr três quilômetros e fazer ginástica, passando os dias em reuniões na casa da Quarenta, para onde frequentemente retornava depois de jantar no modesto apartamento da família, que ficava próximo, em Buena Vista. O filho de Fonseca, Carlos, lembra que seu pai algumas vezes o levava ao escritório da FSLN, mas que não levava a sua irmãzinha Tânia “porque perturbava muito”.³⁷⁰

A escritora norte-americana Margaret Randall, uma das poucas amigas de Fonseca em Havana fora da pequena comunidade de exilados nicaraguenses, escreveu em 1994:

Lembro-me de Carlos Fonseca tão claramente, tão vividamente como a claridade intensa de seus olhos azuis. Tinha um daqueles olhares que literalmente te devoram. Estava quase sempre sério, pelo menos no tempo em que o conheci (Havana, no princípio dos anos 1970). Vinha visitar-me às vezes trazendo seus filhos, que eram muito pequenos na época, próximos da idade do meu menor. Sentava-se no sofá de nossa sala e conversávamos (...) sobre todo tipo de coisas. Parecia-me tão extremamente comprometido, dedicado, até monotemático com relação à Nicarágua. Quase tudo o que entrava na conversa, invariavelmente, ele usava como pretexto para falar do tema relacionando-o com seu país. Obviamente gostava mais da Nicarágua do que de qualquer coisa em sua vida.³⁷¹

O jovem Carlos Fonseca Terán tinha nove anos de idade quando seu pai saiu de Havana. Entrevistado anos mais tarde, lembrava-se de Fonseca como um homem caseiro, que levava seus filhos ao parque e à praia, algumas vezes ao cinema, e que gostava de cantar-lhes canções que ele mesmo compunha; e que lhes recitava poemas. Mas também

³⁷⁰ María Haydeé Terán, entrevista com a autora, León, 2 jul. 1994; BORGE, *Paciente impaciencia*, p. 280; IRÍAS, Noel e TERÁN, María Haydeé: “Era muy cariñoso”, *Barricada* 8 nov. 1992.

³⁷¹ Margaret Randall, Alburquerque, carta à autora, 26 mai. 1994.

podia ser severo. Carlitos descreveu seu pai como um “desses velhos muito severos no trato de suas coisas. Extremamente austero, muito disciplinado, metódico e cuidadoso. Não bebia nem fumava, e nos dizia que não deixássemos nossa mãe fumar”.³⁷²

Fonseca não foi o único dirigente da FSLN que começou a criar raízes em Havana. Vários, inclusive Plutarco Hernández, casaram-se com cubanas. Jaime Wheelock trouxe sua esposa chilena para Havana, onde ela se dedicou a angariar solidariedade internacional para a FSLN. Humberto Ortega estava casado com uma costa-riquenha e criava uma família. Doris Tijerino levou seu filhinho com ela para Havana, onde, pouco depois de ter chegado, deu à luz a filha de Ricardo Morales Avilés.

Citando os exemplos de Sandino e de Che Guevara, Fonseca dizia frequentemente que um dirigente revolucionário pertencia à linha de frente. Em algum momento da primeira metade de 1975, decidiu regressar à Nicarágua. Não aceitou as advertências de alguns dirigentes da FSLN no interior do país, no sentido de que o movimento estava muito débil para garantir a segurança de um líder que era muito conhecido e fisicamente tão diferenciado.

Uma vida prolongada no exílio criara problemas ao mesmo tempo práticos e ideológicos. Do ponto de vista ideológico, enquanto Fonseca e seus seguidores buscavam aprender com outras revoluções e usar as ferramentas do movimento marxista internacional, também queriam enraizar-se na realidade e na história da Nicarágua. Foi por isso que ele estudou Sandino enquanto esteve em Havana. Em um sentido prático, ainda que se pudesse estudar, discutir e aprender habilidades militares fora do país, só se podia construir uma organização de combate e prová-la na ação dentro da Nicarágua.

Três anos de discussão e debate em Havana não tinham resolvido as divergências sobre assuntos táticos e estratégicos. Em 1975,

³⁷² IRÍAS e TERÁN, “Era muy cariñoso”, *Barricada*, 8 nov. 1992.

as tendências estavam mais separadas do que nunca. Fonseca estava convencido de que a única possibilidade de reunificá-las passava por seu regresso ao país para encabeçar o movimento na ação assim como na teoria. Disfarçado de homem de negócios, trilhou seu caminho de regresso a Honduras e dali, por terra, através das montanhas, para a Nicarágua, chegando em outubro ou novembro de 1975.

9. A MONTANHA E A MORTE DE FONSECA, 1975-1976

Quando Fonseca fez sua tortuosa viagem clandestina de regresso à Nicarágua em 1975, a disputa entre as três tendências chegara a um novo e perigoso patamar. Em outubro de 1975, a Direção Nacional, em grande parte por iniciativa de Tomás Borge, da GPP, expulsou da FSLN os principais dirigentes da Tendência Proletária, Jaime Wheelock, Luis Carrión e Roberto Huembes. Nesse mesmo período e também agindo em nome da Direção Nacional, Plutarco Hernández, dos terceiristas (TI), organizou um julgamento interno do militante de longa trajetória na FSLN e dirigente camponês, Narciso “Chicho” Zepeda. Condenado por “traição”, Zepeda foi executado por seus próprios companheiros. Fonseca expressou mais tarde sua discordância pessoal com ambas as medidas, ao mesmo tempo em que aceitava a responsabilidade por elas como membro da Direção Nacional. A crise interna era tão grave então que nem mesmo havia consenso entre as três tendências quanto a quem era membro da DN, além do próprio Carlos Fonseca e talvez de Henry Ruiz, que estava no meio da selva.³⁷³

³⁷³ MONTOYA, Luis Carrión. *La ruta del comandante Pancho*. Manágua: Editorial Nueva Nicaragua, 1992), 50-52 (o autor é padre Luis Carrión); RIVERA, *La marca del Zorro*, p. 115; FONSECA, “Nota sobre alguns problemas de hoje

O aprofundamento do racha dentro da FSLN comprometeu seu trabalho junto aos diferentes setores da população e prejudicou sua ainda modesta capacidade militar. Um dos membros da Tendência Proletária expulsos, Roberto Huembes, fora encarregado do trabalho clandestino em Manágua; outro, Luis Carrión, construíra uma base para o movimento na juventude cristã de inclinação radical. O componente guerrilheiro da FSLN estava reduzido, no final de 1975, a algumas dezenas de combatentes e cada vez mais isolado, tanto de sua rede urbana de apoio como de seus colaboradores camponeses; ao mesmo tempo, era assediado sem trégua pela Guarda Nacional.

Fonseca voltava à Nicarágua com a esperança de obter consenso sobre um esforço conjunto para reforçar o exército guerrilheiro e para preparar uma nova ofensiva contra o governo de Somoza, que pretendia comandar pessoalmente. No final de 1970 falou a dois jornalistas cubanos sobre seu plano imediato de “retornar à montanha”. Aproximadamente cinco anos depois ele estava finalmente a caminho das Segóvias.

Primeiro uniu-se à clandestinidade urbana para discutir, em uma série de reuniões, as divergências políticas e estratégicas. Desde dezembro de 1975 até fevereiro de 1976, esteve escondido em um “aparelho” fora de Manágua, no km 20 da estrada para Masaya. Com ele estavam Pedro Aráuz, Carlos Agüero, Claudia Chamorro e Luz Marina Acosta. Aráuz era o chefe da clandestinidade urbana, tendo sido reincorporado à liderança depois de sua destituição por indisciplina, em 1973. Agüero fora o comandante do sequestro aéreo que, em 1970, libertara Fonseca da prisão na Costa Rica. Agora era o segundo na linha de comando nas montanhas, abaixo apenas de Henry Ruiz. Acosta e Aráuz fingiam ser um casal de classe média que alugava a casa, e dois velhos camponeses colaboradores faziam-se

[1976]”, item 26. No começo de 1976, Fonseca estava tentando estabelecer um comitê executivo da DN, composto por ele mesmo e Ruiz; ver *La Prensa*, 15 ago. 1976, citando Tomás Borge.

passar por jardineiros. Para não levantar suspeitas dos vizinhos ou das patrulhas da Guarda Nacional, a casa foi decorada em dezembro com enfeites de Natal, o que deixou todos os moradores – inclusive Carlos Fonseca – com saudades de suas famílias.

As medidas de segurança da casa eram extremamente rígidas. Fonseca quase nunca saía da casa. Na véspera do ano-novo as pessoas e todos os pertences tiveram que ser evacuados subitamente do local devido a uma falsa informação de que seu esconderijo tinha sido descoberto; refugiaram-se em uma casa dos arredores. Luz Marina Acosta, a única residente deste “aparelho” que sobreviveu até 1979, fez um relato da celebração das festas de fim de ano que revela muito sobre a cautela de Carlos Fonseca e sobre a distância emocional que estabelecia entre ele e seus companheiros – especialmente as companheiras mulheres. Mostra também como esta distância era algumas vezes impossível de manter, dadas as condições de intimidade da vida clandestina e a juventude de muitos dos guerrilheiros. Acosta ainda não completara 20 anos no final de 1975.

Pouco antes da meia-noite da véspera de ano-novo, os guerrilheiros sentaram-se no chão, em um quarto escuro, ouvindo música do rádio baixinho. Fonseca tentou tranquilizar Acosta, garantindo-lhe que a comida especial que ela passara o dia fazendo os estaria esperando no dia seguinte no “aparelho”.

‘Está bem’, disse eu ao Comandante, ‘amanhã comemos, mas hoje vamos dançar’. Seus olhos quase saltaram das órbitas ao ver-me tão decidida a fazê-lo dançar. Eu já estava me mexendo ao ritmo da música, dando-lhe a mão para que se levantasse. Não teve outro remédio, deu um impulso e ficou de pé, mas sem se mexer. (...) Eu dançava e convidava-o a fazer o mesmo. Ele não se decidia, aliás, queria convencer-me a desistir, mas não conseguiu. Estava decidida a fazê-lo dançar. Pegava seus braços e os movia de um lado para o outro. Quando soltava suas mãos, elas caíam, pesadas. Tornava a pegá-las, até que se decidiu, não sem antes me dizer, nervoso: ‘Angelita, porque você está fazendo isso comigo?’ Vi então como seu enorme corpo começou a se mexer, sem ritmo, rígido. Finalmente lhe

disse: ‘Não, assim não. É assim que se faz’. Pus uma mão em seu ombro, com a outra peguei sua outra mão e assim o fiz dançar. Ele dava dois passos, parava e me dizia: ‘Está bem, já dançamos’. Mas não me convencia. “Nada disso”, eu lhe dizia, ‘nada de parar antes que termine a música’. No fim, quis sentar-se, mas Elenita [Claudia Chamorro] não deixou: ela já tinha mudado a estação e tinha encontrado a mesma música. Também dançou com ela. Naquela madrugada, com toda aquela preocupação, dormi bem, feliz com a travessura que tinha aprontado: fiz Carlos Fonseca dançar!

Segundo Acosta, as pessoas iam e vinham para a casa com muito sigilo e se fechavam com Fonseca, Agüero e Aráuz em reuniões que algumas vezes duravam desde antes do amanhecer até a noite seguinte. Nem todas as reuniões de Fonseca incluíam os dirigentes principais da FSLN. Também se reuniu com os irmãos Ernesto e Fernando Cardenal, sacerdotes que estavam entre os mais proeminentes intelectuais que apoiavam a Frente. Pelo menos uma reunião foi organizada em León, apesar do perigo decorrente do traslado de um lugar a outro. Este encontro teve que ser transferido no último minuto porque Carlos reconheceu sua irmã, Estela Fonseca, cuidando de uma loja do outro lado da rua. Henry Ruiz, responsável pelo trabalho da FSLN nas montanhas desde 1971, não esteve entre aqueles que foram ao “aparelho” do km 20. Ruiz, conhecido pelo nome de guerra de “Modesto”, permaneceu com a Brigada Pablo Ubeda na mais remota região da montanha.

Desde a derrota de Pancasán, oito anos antes, não tinha havido muito progresso no restabelecimento de uma presença guerrilheira nas montanhas do norte. A primeira tentativa depois de 1967 foi uma operação em pequena escala perto de Zinica, em 1970, que foi rapidamente esmagada. Quando os combatentes subiram de novo à montanha, nos primeiros meses de 1971, tinham planos de permanecer um longo tempo. Durante sua preparação, em 1962 e 1966, a ideia dos guerrilheiros fora treinar e acumular recursos para um levante que começaria em questão de meses. Em 1971, no entanto, o objetivo dos guerrilheiros era apenas ficar fora do alcance da Guarda

Nacional por um período prolongado, construindo com paciência os contatos e conhecendo o terreno, preparando-se para uma campanha militar em um momento indefinido do futuro. José Valdivia, um dos oito guerrilheiros que foram para a montanha na Semana Santa de 1971, descreveu as conquistas do grupo em uma entrevista de 1980: “Em três anos não fomos localizados, e não houve necessidade de entrar em combate nem uma única vez. Parece que os juízes de paz³⁷⁴ que havia ali informavam a Guarda que passava gente de noite, que viam luzes, mas a Guarda nunca se preocupou”.³⁷⁵

Henry Ruiz esboçou sua filosofia da guerra de guerrilhas em uma entrevista, em 1980, na qual chamava a montanha de “um crisol onde se forjavam os melhores quadros”. Ruiz explicou que os guerrilheiros não conseguiram se integrar à população camponesa, até que “chegamos à montanha tendo claro que ficaríamos lá para o resto de nossas vidas”, preparados a compartilhar os lares simples e o trabalho rude da população, para virar apenas mais um membro da família. Ele trabalhava por meio de redes familiares, ganhando ao menos a confiança, ainda que não o acordo político, dos chefes de família que podiam pôr os recém-chegados em contato com parentes. Segundo Ruiz, o apoio camponês tornou possível ao líder guerrilheiro Víctor Tirado manter seu pequeno grupo, “por nove meses, com cinco córdobas no bolso” e, ao próprio Ruiz, manter sua coluna nas montanhas com pouco ou nenhum apoio financeiro das cidades. “Se o campesinato nos assegurava alimentação, e a cidade, um pouco de roupa e calçado, tínhamos como sobreviver”. Ruiz, como a maioria daqueles inseridos nos núcleos guerrilheiros

³⁷⁴ Juízes não togados, isto é, que não fazem parte do corpo oficial de funcionários da Justiça. Normalmente um cidadão comum que cumpre as funções de um conciliador. Na zona rural da Nicarágua, também tinham como função denunciar a presença da guerrilha. (N. E.).

³⁷⁵ ACOSTA, “Km 20”, Testemunho sobre Carlos Fonseca, *Nuevo Amanecer Cultural*, 8 nov. 1986; ARIAS, *Nicaragua...*, p. 81

do princípio dos anos 1970, provinha da classe operária de origem urbana, mas aprendeu a ser sitiante. Para comer, “chegamos a ser obrigados a cultivar na montanha”. Vários dos dirigentes guerrilheiros, inclusive Ruiz, Tirado e René Tejada mantiveram relações prolongadas com mulheres camponesas, que tiveram filhos seus nas montanhas.³⁷⁶

Embora a coluna guerrilheira pudesse sobreviver indefinidamente desta maneira, sem perder nenhum de seus membros em combate, dificilmente podia considerar-se que estivesse travando uma guerra revolucionária. Fonseca mais tarde chamou os grupos das montanhas do período entre 1971 e 1974 de “núcleos pré-guerrilheiros”. A avaliação das conquistas guerrilheiras feita por Ruiz era mais positiva: “em 1972 tínhamos descoberto o segredo de como organizar camponeses” e “já tínhamos o panorama geral pronto”. Mas alguns dos guerrilheiros começaram a se queixar de nunca terem abatido um único soldado inimigo, e a suspeitar que a razão pela qual a Guarda não levava em conta as informações sobre a atividade guerrilheira era que não considerava os rebeldes uma grande ameaça. Já em 1973, Carlos Fonseca fez referência a esta frustração – que alimentava as lutas internas do começo dos anos 1970 –, reconhecendo que a unidade na montanha estava caminhando muito pouco.

A vitoriosa tomada de reféns em Manágua pela FSLN, em dezembro de 1974, acelerou as ações militares na montanha. Em janeiro de 1975, um grupo encabeçado por Carlos Agüero atacou o quartel de Waslala. A FSLN não sofreu baixas nesta que foi sua mais ambiciosa operação militar na montanha até então, e cerca de dez soldados da Guarda foram mortos, a maioria ou todos por obra

³⁷⁶ Henry Ruiz, “La montaña era...”, *Nicaráuac* 1 (1980): 14-16, 22; RIVERA, *La marca del Zorro*, p. 113 e 139; HEYCK, *Life stories*, p. 97. Para a estratégia de trabalho por meio dos patriarcas familiares, cf. ARIAS, *Nicaragua...*, p. 96, e CABEZAS, *La montaña...*, p. 272.

de seus próprios companheiros, na confusão do ataque surpresa. Pouco depois, o povoado de Río Blanco foi brevemente tomado por forças sandinistas. Mas a euforia foi de curta duração. Por ocasião da quaresma de 1975, a situação militar da FSLN e de seus simpatizantes camponeses estava se deteriorando. A Guarda Nacional aumentou sua presença na zona e desencadeou uma onda de repressão, realizando bombardeios aéreos contra as aldeias suspeitas de colaboração com as guerrilhas. Várias centenas de camponeses, incluindo muitas mulheres e crianças, foram assassinadas durante esse período. Muitas dessas baixas civis nunca tinham tido contato com os guerrilheiros. Em setembro de 1975, em um esforço por demonstrar que não era totalmente incapaz de defender seus simpatizantes, a FSLN organizou uma emboscada para uma patrulha da Guarda Nacional e matou uma dezena de guardas. No entanto, na sequência imediata desta emboscada, dois dos mais experimentados dirigentes guerrilheiros foram capturados e assassinados. Perto do final de 1975, de acordo com um sobrevivente, o contingente guerrilheiro era absolutamente incapaz de realizar qualquer ação ofensiva; “o que [a guerrilha] fazia era escapar e escapar, e assim foi como mataram uma grande quantidade de gente nossa”. Nos primeiros meses de 1976, segundo outro guerrilheiro,

a Guarda começou a perceber que evitávamos o combate, começou a recolher material que deixávamos para trás – pacotes com dinheiro, comida ou rádios –, começou a sair dos quartéis; foi fazendo um cerco estratégico, primeiro quebrando nossas vias de abastecimento, controlando as zonas de acesso à montanha.³⁷⁷

Fonseca, assim como o líder da GPP, Henry Ruiz, tinha uma visão um tanto romântica da rebeldia inata do camponês nicaraguense. Os sandinistas chegaram mesmo a se apropriar de um termo racista e

³⁷⁷ RIVERA, *La marca del Zorro*, p. 107; HIDALGO, José Valdivia, “Testimonio sobre los mártires del 7 y 8 de noviembre de 1976”, *Nuevo Amanecer Cultural*, 5 nov. 1983; ARIAS, *Nicaragua...*, p. 114, 117-118.

pejorativo que os latifundiários usavam para os camponeses indígenas, transformando-o em um termo de orgulhosa autoidentificação e de descrição afetuosa de seus colaboradores favoritos.³⁷⁸ Fonseca achava que as “tradições combativas do povo nicaraguense [estavam] mais vivas no campo e na montanha do que na cidade. O camponês está menos exposto à penetração ideológica atual”. Igualmente importante era o fato de que, para os habitantes das cidades, Sandino era uma figura histórica, enquanto que “no campo e, sobretudo, na montanha, Sandino é uma presença viva”.³⁷⁹

A perspectiva de Fonseca sobre o campesinato era mais política do que a da GPP, e ele não compartilhava o ponto de vista desta tendência de que a futura revolução sandinista seria fundamentalmente uma revolução camponesa. Fonseca disse a um entrevistador, em 1970:

Nós consideramos que o camponês nicaraguense é, por sua própria natureza, um homem rebelde. Mas o que consideramos fundamental é que aprendamos a transformar em ação esse espírito guerreiro. Aprendemos nestes anos de luta que não basta que o camponês seja rebelde para enfrentar a ditadura; para isso é preciso conhecer a arte de converter em ação essa rebeldia.

Levara algum tempo para que os sandinistas, continuava Fonseca, aprendessem que não podiam simplesmente chegar de fora e impor “métodos artificiais” aos camponeses. A chave era a organização dos camponeses para combater em defesa própria, insistia, e não só convencê-los a apoiar o que os guerrilheiros estavam fazendo. “Mas o que acontece – repito mais uma vez – é que não basta o apoio camponês para que triunfe a guerrilha. É fundamental saber desenvolver e organizar esse apoio. *E, mais que isso, é preciso, através do trabalho*

³⁷⁸ A palavra *chapioyo* ou *chapiollo* designa uma raça de gado inferior e, por extensão, qualquer coisa de baixa qualidade. Cf. ARIAS, *Nicaragua...*, p. 71 e 222-223; RABELLA, Joaquín e PALLAIS, Chantall. *Vocabulario popular nicaraguense*. Manágua: Imprenta El Amanecer, 1994, p. 69.

³⁷⁹ FONSECA AMADOR, *Notas sobre la montaña*, p.137.

organizativo, preparar o povo como um todo para a guerra. Essa é nossa tarefa imediata".³⁸⁰

Era mais importante para a FSLN ter os olhos postos no "povo como um todo" do que se esforçar por obter o apoio do campesinato inteiro, de acordo com Fonseca. "Ao mesmo tempo, não consideramos que, para travar as próximas batalhas, seja indispensável que exista apoio unânime entre os camponeses. Pensamos que uns podem estar mais e outros menos dispostos, inclusive alguns confusos ou hostis à luta armada". Na análise final, era a classe operária, não o campesinato, que encabeçaria a revolução nicaraguense, "porque as virtudes revolucionárias do camponês de nossos vilarejos e montanhas estão condenadas a se manterem virtude passivas se não estiver presente o guerrilheiro operário que trabalhou nos grandes empreendimentos capitalistas do país, e o estudante de extração proletária ou devidamente proletarizado".³⁸¹

Os guerrilheiros obtiveram grande receptividade de seus contatos camponeses por conta do tema da reforma agrária. Omar Cabezas, que subiu à montanha em 1974, começou suas conversas perguntando aos camponeses a quem pertenciam as terras que trabalhavam e verificou que praticamente todo camponês sabia contar a história de como seu avô ou bisavô tinha perdido a terra familiar para um fazendeiro ou latifundiário. Segundo Cabezas, os sandinistas falavam aos camponeses sobre a luta de classes, tentando despertar neles seu sonho sobre a terra.

Mas, insiste ele, "nunca prometemos uma reforma agrária aos camponeses, nunca lhes prometemos! O que fizemos foi estimular os camponeses a lutar – dissemos que só conquistariam a reforma agrária lutando por ela". Isto estava na tradição de Carlos Fonseca que, de acordo com seu guia de 1966 e 1967, nunca disse aos cam-

³⁸⁰ *Id.*, "Retornar a las montañas", p. 56 – grifos no original.

³⁸¹ *Ibid.*, p. 56; *id.*, *Notas sobre la montaña*, p.137.

poneses que a FSLN lhes daria terra; ao contrário, afirmou: “A luta vai ser dura, longa e sangrenta. Uns têm que ir para a montanha e combater. Outros devem ficar aqui, organizando-se em sindicatos para lutar pelos direitos dos camponeses”.³⁸²

Muitos dos camponeses que os sandinistas conheceram na montanha remota não sabiam ler nem escrever. A mortalidade infantil era alta e os guerrilheiros encontraram frequentemente famílias de luto por um bebê. A construção de escolas e clínicas nas montanhas era quase tão importante quanto a questão da terra para a FSLN e seus contatos camponeses. Uma vez, Fonseca viu Tomás Borge e Germán Pomares ensinando um grupo de jovens camponeses a carregar e desmontar armas e lhes disse: “também devem ensiná-los a ler”. Pomares, um dirigente guerrilheiro proveniente de uma família camponesa, aprendeu a ler nas fileiras da FSLN. A Frente organizava cursos de leitura para camponeses e operários analfabetos recrutados, dando aulas nos “aparelhos” urbanos, das montanhas e até na prisão. Marlene López, uma guerrilheira de 15 anos nas montanhas próximas a Zinica, recebeu lições do próprio Fonseca em 1976. Em suas palavras, “e o próprio Carlos Fonseca foi quem acabou de me alfabetizar, porque ele sempre fazia questão de que nós, camponeses, aprendêssemos a ler e a escrever”.³⁸³

Em dado momento, Fonseca chegou a enviar um estudante para alfabetizar uma única família. Leopoldo Ochoa Pérez, um camponês colaborador de velha data, convenceu sua família para que protegesse os rebeldes da Guarda Nacional. Seus filhos aprenderam a confeccionar vassouras rústicas para fazer desaparecer as pegadas dos

³⁸² CABEZAS, *La montaña...*, p. 275; GUILLÉN, “A partir de abril”, *Nicaráuac* n. 13 (nov.-dez. 1986): 121.

³⁸³ BORGE, *Carlos, the dawn...*, p. 76; Marlene López Dávila, “Carlos me enseño a leer y a pelear”, *Barricada*, 1º nov. 1982. “También enséñenles a leer” e “En cada alfabetizador, Carlos Fonseca Amador”, chegaram a ser lemas de uma campanha de alfabetização em massa depois da revolução nos anos 1980, tendo sido impressos em muitos cartazes e murais.

guerrilheiros e fazer passar os animais do sítio sobre a trilha que os guerrilheiros tinham seguido. Depois de descobrir que nenhuma das crianças sabia ler, Fonseca prometeu enviar um professor e, segundo Ochoa, dez dias depois, “um rapazinho jovem e muito entendido de livros” apareceu na casa.³⁸⁴ Mas Fonseca não via isto como a solução do analfabetismo na zona rural, e pode ter enviado o estudante para viver com a família Ochoa tanto para aprender quanto para ensinar. Duas décadas tinham se passado desde que o jovem editor de *Segovia* incentivara seus companheiros estudantes de Matagalpa a irem para o campo ensinar camponeses e trabalhadores nas plantações de café a ler. Como Fonseca escreveu em sua “Mensagem aos estudantes revolucionários”, em 1968, e como os guerrilheiros da FSLN explicavam aos camponeses, só o Estado podia instalar escolas e clínicas na área rural, e isso não seria feito nunca por um governo que representasse os ricos latifundiários. Assim como a reforma agrária, a saúde e a educação só podiam ser obtidas por meio de “uma longa, dura e sangrenta luta” por parte dos próprios camponeses, como parte de um levante nacional de todo o povo.

As relações do campesinato nicaraguense com a Igreja variavam enormemente. Especialmente nas regiões remotas, os camponeses raramente viam um padre, e muitos nunca tinham estado em uma igreja. A maioria dos casais não era casada oficialmente, e poucas crianças eram batizadas. Ao mesmo tempo, a maioria das pessoas na zona rural considerava-se católica ou, nas regiões do leste, moravos, e as tradições destas religiões desempenhavam um papel importante nas festas populares. Os guerrilheiros da FSLN conheceram alguns camponeses profundamente religiosos que se recusavam a cooperar porque seus sacerdotes e pastores tinham-nos advertido contra os rebeldes. Algumas vezes os sandinistas questionavam as doutrinas da

³⁸⁴ HUERTA, Juan Ramón, “Los amigos de montaña de Carlos Fonseca”, *Barricada*, 23 jun. 1986.

Igreja que desalentavam os camponeses da luta para mudar suas vidas. Um colaborador de longa trajetória sintetizou assim o que aprendera com Fonseca: “Carlos nos ensinou que éramos pobres não porque Deus queria, e sim porque no mundo existem oprimidos e opressores”. Leonel Espinosa, que operava entre os povos do norte de Ocotal e da própria montanha, disse que os guerrilheiros aprenderam a esperar diferentes respostas das diferentes denominações religiosas. Os franciscanos organizavam os Delegados da Palavra, por exemplo, que tendiam a ver o mundo dividido em ricos e pobres e que frequentemente levavam mensagens para os guerrilheiros, mas dos Testemunhas de Jeová só se podia esperar hostilidade. Em uma carta de 1969, Fonseca se referiu aos clérigos dominicanos como “nossos irmãos próximos”. Alguns guerrilheiros diziam que os “mais conscientes” de seus contatos camponeses “buscavam a religião em tempos mortos ou de inatividade política. Mas quando descobriam que a Frente estava chegando, jogam fora a Bíblia”. E nem todos os camponeses eram religiosos, mesmo durante “os tempos mortos”. Segundo Espinosa, “nessa mesma zona havia os que eram bem avançados, que perguntavam especificamente: ‘E então, como é Cuba? Diga-me como são as coisas lá realmente, não me venha com bobagens’”.³⁸⁵

Por volta de outubro de 1976, Fonseca teve sua própria experiência com a rede de colaboradores camponeses construída pelos guerrilheiros da FSLN na montanha. Em seu texto mais importante, clamava por uma relação mais política com os contatos camponeses, ressaltando as deficiências que, segundo ele, “seria fatal ignorar”. Queixava-se dos supostos colaboradores que “não sabem nem o nome de nossa organização”, que pensavam que os guerrilheiros eram “algo assim como membros de esquerda do Partido Conservador” e, continuava, “mesclam sua simpatia pelos combatentes com ilusões a respeito dos políticos tradicionais da oposição burguesa”. Dizia que a FSLN não

³⁸⁵ *Ibid.*; ARIAS, *Nicaragua...*, p. 97-98..

tinha participado de nenhuma mobilização de massas na zona rural desde 1964 e que ganhar a colaboração de camponeses individuais “de nenhuma maneira deve ser confundido com a mobilização de milhares de camponeses”.³⁸⁶

Fonseca, seguindo Che Guevara, acreditava que a própria luta transformava homens e mulheres em seres humanos melhores, na medida em que adquirem um nível mais alto de consciência e de disciplina. Ambos pensavam que um “homem novo” e uma “mulher nova” começariam a surgir quando as velhas estruturas opressoras fossem erradicadas. Ainda que similar em alguns aspectos aos conceitos religiosos de sacrifício pessoal e realização individual, a perspectiva do “homem novo” em Fonseca tinha mais a ver com o patriotismo e a classe social do que com a teologia.

A Nicarágua não poderá ser salva pelos políticos que representam as classes exploradoras, os latifundiários, os grandes comerciantes, os magnatas da indústria, a imprensa que os defende a todos. Um novo mundo não poderá ser criado por aqueles que fazem do homem um burro de carga. O mundo novo será criado por aqueles que aspiram fazer do homem um irmão do homem. Tais como Augusto César Sandino, Karl Marx e Ernesto ‘Che’ Guevara.³⁸⁷

Para Fonseca, mais que para Guevara, chegar ao “homem novo” implicava níveis estritos de comportamento pessoal e sexual e a ausência absoluta de “indulgências”, tais como beber e fumar. As fotografias de Fonseca e Guevara projetam uma imagem muito diferente: em apenas uma foto Fonseca está sorrindo, e não há nenhuma dele desfrutando um bom charuto.

Normas rígidas de conduta pessoal foram impostas na clandestinidade nicaraguense tanto por razões de segurança como ideológicas. Em meados de 1969, Efraín Sánchez Sancho rompeu todas as regras de segurança ao perseguir uma jovem. Assediando a companheira

³⁸⁶ FONSECA AMADOR, *Notas sobre la montaña*, p. 132-133.

³⁸⁷ *Id.*, “Los mártires del FSLN son el honor de la Nicaragua de hoy”, Nicarágua, 4 nov. 1968, CHM reg. 25.090, caixa 5.

por razões românticas, enfrentou e matou um oficial da OSN que a estava vigiando por razões políticas. Vários sandinistas reconhecidos tiveram que se refugiar em embaixadas estrangeiras ou passar para a clandestinidade, em um momento em que a FSLN estava tentando desesperadamente reconstruir seu esquema destruído depois da queda de Julio Buitrago. Mesmo antes deste incidente, Sánchez já tinha reputação de mulherengo e bebedeira, problemas que Fonseca ventilou em uma carta escrita em São José da Costa Rica.

Benito conta, com justa preocupação, que você incorreu em algum erro pessoal que ao mesmo tempo levou-o a se descuidar de certas responsabilidades. (...) Nesta ocasião, quero apenas lembrar-lhe algo: devemos saber nos tornar homens novos integralmente. Isto não é fácil. Neste momento nossa conduta pessoal tem muitíssima importância. Devemos compreender a simplicidade e a honestidade do povo. O grande timoneiro [Sandino] com acerto propôs como modelo a pureza do camponês. (...) Mas acho que um guia importante nesses momentos, para não incorrer em confusões, é pensar se certas atitudes pessoais estão contribuindo para resolver os problemas que nos preocupam. É necessário abster-se de fazer coisas que apenas dão prazer a nós mesmos e não beneficiam nossa coletividade.

Esta breve carta revela vários aspectos diferentes da visão de moralidade que Fonseca possuía: considerações de segurança, bem-estar coletivo acima do prazer egoísta, os fundamentos classistas da ética e especialmente o ideal do camponês puro; e os exemplos de Che e Sandino. Em outros escritos, defendeu um fator adicional: um código moral estrito era parte da dívida que os revolucionários tinham para com os mártires do movimento.³⁸⁸

A ética revolucionária era considerada crucial para o combatente urbano, como ficou demonstrado pelo exemplo negativo de Efraín Sánchez. No entanto, para ambos, Fonseca e Guevara, o “homem

³⁸⁸ *Id.*, “Carta a Efraín Sánchez”. Quanto à reverência aos mártires, cf. *id.*, “Viva la fraternidad guerrillera [1969]”; *id.*, “Los mártires del FSLN [1968]”.

novo” era forjado de modo mais acelerado no fogo da guerrilha rural. Fonseca algumas vezes utilizava uma palavra diferente para descrever este processo – dizia que a montanha “proletarizava” o combatente guerrilheiro. As montanhas ensinavam disciplina aos recrutas, provavam seu nível de compromisso político e forjavam o tipo de solidariedade humana que provinha de arriscar a vida para ajudar os companheiros. A melhor demonstração do que a FSLN tinha alcançado em seus 15 anos de luta, dizia Fonseca em meados da década de 1970, era que “foi possível forjar uma coluna de combatentes feita de aço”. E prosseguia dizendo que uma das vantagens da montanha era que

As difíceis condições materiais põem à prova em poucos dias a humanidade e a fibra revolucionária do combatente, coisa que na cidade requer um tempo muito maior. Além disso, a montanha permite àqueles que possuem as qualidades morais e revolucionárias necessárias fortalecer estes atributos.³⁸⁹

Que a montanha pudesse “proletarizar” os novos recrutas não significava, para Fonseca, que os comandantes deviam ser indiferentes à classe e origem étnica dos soldados. Em 1976, Fonseca afirmou o seguinte: “É necessário ver com a devida preocupação, e mesmo com alarme, a ausência na unidade da montanha do que poderíamos chamar de representantes dos explorados de várias zonas do país, assim como dos vários setores produtivos onde os trabalhadores são explorados até a medula dos ossos”.³⁹⁰ A admissão de “alarme” de Fonseca sugere que a composição de classe do exército rebelde era não só de importância teórica como também tinha implicações militares mais imediatas. Sua reclamação acerca “de várias zonas do país” podia referir-se ao fato de que os afro-nicaraguenses e os índios miskitos da Costa Atlântica estavam virtualmente ausentes das colunas guerrilheiras.

³⁸⁹ *Id.*, *Notas sobre la montaña*, p. 128, 133 e 138.

³⁹⁰ *Ibid.*, p. 139-140.

Muitos recrutas nas fileiras da guerrilha vinham da universidade. Uma das primeiras coisas que os estudantes aprendiam nas montanhas, especialmente aqueles originários das camadas médias, era a humildade. “Eu cheguei da cidade na montanha acostumado a mandar, acostumado ao poder”, explicava o dirigente estudantil Omar Cabezas.

Eu estava acostumado a ser o responsável, e põem um camponês – além do mais analfabeto! – responsável por mim (...) A maneira como eu via isso, aqui estava eu, já tendo lido tudo o que havia para ler sobre o materialismo dialético, toda a escola latino-americana de sociologia etc., e, chegando à montanha, a primeira coisa que fazem é mandar-me trazer lenha. E eu nunca tinha segurado um machado em toda a minha vida!

Bayardo Arce era outro estudante com reputação de orador poderoso:

Depois de estar acostumado a horas de discursos, percebi que os camponeses só me davam dez minutos para explicar tudo. No final lhes perguntava: “Bem, e você, o que diz?”. E ele me dizia: “Pois sim. Aqui haverá sempre uma empanadinha quando você vier”. Ponto. E eu sentia que se quebrava todinho o meu esquema...

No começo, Arce nem sequer sabia como se vestir no campo – começou vestindo-se como o tipo de camponês que “só existe no folclore”.³⁹¹

Quando chegavam pela primeira vez às montanhas, os novos recrutas – operários e camponeses, assim como estudantes – passavam um mês ou mais em duros treinamentos físicos e militares. Carregavam pesadas mochilas subindo e descendo colinas, vadeavam rios, aprendiam a manter as munições e os materiais de leitura secos durante uma chuva. Francisco Rivera, um instrutor de meados dos anos 1970, dizia que a maioria dos que ele treinou eram camponeses que não tinham completado

³⁹¹ ARIAS, *Nicaragua...*, p. 103-104 e 92.

20 anos; mas que em vários cursos “chegamos a treinar mulheres de diferentes idades, que não ficavam atrás dos homens em nada; eram magníficas alunas”.³⁹²

Ainda que as unidades guerrilheiras sempre procurassem organizar aulas sobre marxismo e história da Nicarágua, a vida nas montanhas era sobretudo uma questão de sobrevivência básica. A busca de alimentos e água consumia uma enorme quantidade de tempo e energias e frequentemente determinava o movimento das colunas guerrilheiras. “Nosso principal inimigo era a fome”, disse um guia camponês das operações dos Rios Coco e Bocay. “Passávamos dias inteiros sem comer nada, até que conseguíssemos caçar uma anta, um javali ou um macaco; ou encontrássemos uma palmeirinha que se chama maquenque, ou um ninho de abelhas com mel”.³⁹³ Os guerrilheiros buscavam armazenar alimentos em seus esconderijos de suprimentos – ou *buzones* – e persuadir os camponeses amigos a vender-lhes comida, mas, quando os rios subiam ou as patrulhas da Guarda Nacional cortavam o acesso a estas fontes, eles sobreviviam do que encontravam na mata.

Nestas condições, compartilhar e demonstrar comedimento em relação à comida se tornou uma medida da estatura ética de um guerrilheiro. Dora María Téllez, que comandou uma unidade na guerrilha no final dos anos 1970, explica:

Já era um problema grave uma pessoa comer meia colherada mais de açúcar do que outra (...) e um crime de enormes proporções alguém beber dois goles a mais da água de um cantil que devia servir para uma unidade inteira (...) Nessas circunstâncias é que aparecem as pequenas debilidades que a gente tem. Ou a gente pensa no coletivo ou come a meia colherada de açúcar a mais. A montanha obriga a gente a resolver essas fraquezas pessoais, ou então ir embora.³⁹⁴

³⁹² RIVERA, *La marca del Zorro*, p. 93.

³⁹³ SÉLSER, “La primera guerrilla”, *Barricada*, 7 nov. 1986.

³⁹⁴ ARIAS, *Nicaragua...*, p. 126.

Um comandante guerrilheiro recebia a mesma ração de comida que os demais, e Carlos Fonseca, como Che Guevara, frequentemente doou a sua.

Os únicos guerrilheiros que recebiam comida extra eram os que estavam doentes ou feridos. As doenças mais debilitantes da guerrilha eram a diarreia e uma enfermidade de pele conhecida como “lepra da montanha”. Os combatentes seriamente incapacitados eram levados para as casas dos colaboradores para se recuperar ou, algumas vezes, evacuados da montanha para receber tratamento médico. Juan de Dios Muñoz, um jovem operário que foi descrito como “um homem que não era desta época, [e sim] alguém que representa o futuro”, recusou-se a deixar a montanha para receber tratamento em Cuba ou na União Soviética mesmo depois de ter perdido um olho, em consequência de uma bala da Guarda Nacional enquanto tentava cobrir a retirada de seus companheiros.³⁹⁵

Carlos Fonseca não tinha problemas crônicos de saúde como a asma que algumas vezes deixou Che Guevara incapacitado para caminhar durante suas campanhas nas guerrilhas do Congo e da Bolívia. Fonseca fortalecera-se consideravelmente nos anos decorridos desde que os chefes da operação de El Chaparral consideraram-no demasiadamente débil para participar. No entanto, sua vista continuava a se deteriorar e, na penumbra ou no escuro, era quase cego. Hugo Torres, que atravessou o rio vindo de Honduras para a Nicarágua com Fonseca, no final de 1975, estava preocupado com a pouca visão do comandante.

Carlos tinha sérios problemas com a vista, sérios, muito sérios! Quase não enxergava. Na montanha tinha que caminhar segurando o ombro do companheiro que ia adiante. Acho que não levaram suficientemente em conta esse problema da miopia quando lhe pediram que subisse (para a montanha). Na montanha a vista é vital. Absolutamente vital!³⁹⁶

³⁹⁵ *Ibid.*, p. 99-100.

³⁹⁶ *Ibid.*, p. 115.

Os guerrilheiros eram seres humanos, não só máquinas de combate, e festejavam os aniversários e o Natal nas montanhas com comida especial. Exceto quando as comunicações estavam completamente interrompidas, as redes da FSLN nas cidades buscavam enviar pacotes de Natal às montanhas – contendo pelo menos biscoitos e suco em pó e, quando era possível, uma garrafa de rum – para cada unidade da guerrilha. Especialmente depois dos reveses militares, muitas vezes os guerrilheiros, muitos dos quais ainda não tinham 20 anos, eram tomados pela desesperança. Um combatente, que serviu sob as ordens de Fonseca em sua última campanha, parafraseava as tentativas do comandante de levantar-lhes a moral:

Ouçam, rapazes, quando se sentirem tristes, desanimados, desmoralizados, com vontade de correr e abandonar tudo, com vontade de chorar, lembrem-se de que ninguém nos meteu à força nisso, que estamos aqui voluntariamente; e pensem nas milhares de crianças que pedem esmola, descalças e quase nuas; pensem na injustiça da miséria, pensem que os patrões não vão se render por sua própria vontade, que nós somos a única alternativa dos humilhados e explorados, a única esperança que eles têm neste mundo.³⁹⁷

Nas condições hostis da montanha, onde a vida de um guerrilheiro literalmente depende da vigilância e do apoio de seus companheiros e companheiras, desenvolvem-se laços pessoais fortes. Che Guevara esteve especialmente próximo de dois ou três indivíduos que combateram a seu lado, primeiro na Sierra Maestra, poucos anos depois no Congo e, de novo, mais tarde, na Bolívia.³⁹⁸ Embora Fonseca não pareça ter desenvolvido este tipo de forte proximidade pessoal com nenhum de seus companheiros combatentes, optando, ao contrário, por manter certa distância, laços estreitos desenvolveram-se entre

³⁹⁷ RIVERA, *La marca del Zorro*, p. 130 e 126.

³⁹⁸ Ver especialmente as relações com Harry Villegas (“Pombo”), José María Martínez (“Ricardo”) e Carlos Coello (“Tuma”), descritas em GUEVARA, Ernesto Che. *Bolivian diary*. Nova York: Pathfinder Press, 1994.

alguns dos sandinistas guerrilheiros. Cabezas descreveu sua amizade com seu primeiro instrutor nas montanhas, René Tejada, e sua profunda tristeza com a morte dele em combate. No caso de Tejada e Cabezas, esta relação especial envolvia dois homens jovens de procedência similar. Mas Francisco Rivera, o mais moço dos dez filhos de uma lavadeira de Estelí, desenvolveu o mesmo tipo de confiança e respeito por Claudia Chamorro, cuja procedência aristocrática o levava a subestimá-la como “uma garota *high society*”. Separados do resto da tropa no final de 1976, Rivera e Chamorro perambularam pelas montanhas durante dois meses, famintos, perseguidos de perto pela Guarda Nacional e forçados a depender, um da outra e vice-versa, de uma maneira que nunca tinham previsto. Rivera rememorou mais tarde:

Ela tinha problemas sérios com sua menstruação, tinha hemorragias muito abundantes, e os suprimentos que tinha levado para a montanha para controlar esses desacertos acabaram-se (...) o que fazíamos era conseguir trapos velhos nas casas dos camponeses (...) E quando os trapos ficavam embebidos de sangue, lavava-os e os estendia nos galhos. Esperávamos que secassem, punha-os de novo, e continuávamos a marcha. Ela se ocupava disso, e eu montava guarda com a arma engatilhada, distante, sem perturbá-la. Em uma dessas ocasiões em que lavava seus trapinhos, a Guarda chegou e, enquanto ela recolhia suas coisas, eu os enfrentei, e pudemos retirar-nos ilesos.

Em janeiro de 1977, Chamorro caiu em um tiroteio com a Guarda Nacional, gritando para que Rivera, se retirasse enquanto ela dava cobertura. Tinha 24 anos. Rivera em seu testemunho, descreveu-a como “mais valente na hora do combate e na hora da morte que muitos homens que conheci. E não foram poucos os que conheci”.³⁹⁹

O número de guerrilheiras tinha crescido lentamente desde que Gladis Báez somou-se à operação de Pancasán, em 1967. Em meados dos anos 1970, as colunas guerrilheiras contavam normalmente com

³⁹⁹ RIVERA, *La marca del Zorro*, p. 129-131.

pelo menos uma ou até duas combatentes mulheres, em sua maioria de origem camponesa.⁴⁰⁰ O recrutamento de mulheres camponesas como combatentes e colaboradoras implicava a superação de obstáculos ao mesmo tempo práticos e psicológicos, algo que não era necessário para os simpatizantes homens. Isabel Loáisiga, uma ativista de La Tronca nas montanhas acima de Matagalpa, explicou, em uma entrevista em 1986, como Carlos Fonseca convenceu-a a se envolver:

Falava-nos das cooperativas, que quando ganhássemos a guerra íamos entregar as terras aos camponeses, que os filhos dos operários e dos camponeses iriam à escola, que seriam professores e médicos, que não só os filhos dos burgueses poderiam cursar a universidade, também os filhos dos camponeses. Ele foi muito cuidadoso conosco. Não pensem que a integração ao movimento era brusca, acho que ninguém teria aceito se fosse; pouco a pouco foram nos explicando a importância de que nós, camponeses, nos organizássemos.

Segundo Loáisiga, Fonseca dizia às mulheres camponesas: “O mais importante para as camponesas é entender que têm que participar, que têm que se livrar dessa ideia equivocada que seus maridos lhes meteram na cabeça, que lhes impede de trabalhar nas organizações e de compreender que têm os mesmos direitos. São coisas que temos que mudar”.

Fonseca convidou Loáisiga a unir-se aos guerrilheiros, mas, quando ela lhe disse que tinha filhos pequenos, ele aceitou que permanecesse em seu vilarejo, trabalhando como colaboradora. O trabalho que a jovem realizava para a FSLN – contrabandear armas para os combatentes e distribuir propaganda revolucionária – era, para ela e seus filhos, tão perigoso quanto se fosse guerrilheira. Escondia as balas no meio da roupa das crianças e, uma vez, quando

⁴⁰⁰ A cifra geralmente dada para a porcentagem de mulheres nas colunas guerrilheiras da FSLN na época da vitória da revolução é de 30%, cifra esta que parece alta mesmo para 1979. (A primeira vez que apareceu foi na introdução a *Sandino's daughters*, de Margaret Randall).

a Guarda Nacional começou a revistar os passageiros de um ônibus em que viajava, escondeu uma pistola debaixo de sua filha pequena, nas fraldas “bem sujas de merda”.⁴⁰¹

A atitude de Fonseca em relação às mulheres combatentes era contraditória. Por um lado, buscava dar às recrutadas, especialmente camponesas, confiança em suas habilidades e direitos para participar da luta. Por outro, pensava que a presença de mulheres jovens solteiras na guerrilha podia causar problemas de moral e de segurança, e tinha uma postura muito tradicional no que se refere às relações sexuais fora do matrimônio. Um incidente revelador na montanha, durante os últimos meses de vida de Fonseca, está descrito no testemunho do guerrilheiro Francisco Rivera. Uma atraente jovem camponesa, combatente, Celestina López, subiu à montanha com o nome de guerra de Mayra, junto a Carlos Fonseca, em março de 1976. Ele estava perturbado com a atenção que ela recebia dos guerrilheiros homens e, em dado momento, Mayra disse-lhe que havia se envolvido em uma relação romântica com Rivera no ano anterior.

Segundo Rivera, Fonseca – que “era um homem muito direito nos assuntos do coração” – perguntou-lhe quais eram suas intenções com relação à Mayra e o mandou falar com a jovem, “e me informarem o que resolverem”. Quando Rivera voltou e lhe informou que os dois tinham resolvido “viver juntos”, Fonseca lhes disse, “estas coisas são muito sérias, e mais ainda entre militantes sandinistas. E, se estão de acordo, vamos formalizar já o casamento”. Então, continua Rivera, “sentou-nos diante dele, e por cerca de duas horas ficou nos explicando o significado do casamento na guerrilha, o que deve ser a mulher para os revolucionários, que pensássemos, que avaliássemos, que uma vez casados teríamos que respeitar um ao outro”. Os demais guerrilheiros foram convocados à presença de Fonseca, que, segurando o noivo e

⁴⁰¹ HUERTA, “Los amigos de montaña de Carlos Fonseca”, *Barricada*, 23 jun. 1986.

a noiva pelas mãos, “nos declarou marido e mulher diante da lei da revolução”.

Apesar de seu sermão sobre o respeito mútuo, Fonseca, em sua função como comandante da guerrilha, não tratava o novo casal em condições de igualdade, de acordo com a explicação de Rivera:

E daí em diante, quando ela devia sair em missão com outros companheiros, antes de enviá-la, Carlos me consultava para saber se eu estava de acordo; e, embora eu sempre respondesse que ela era minha companheira, mas que, antes de ser minha companheira, era uma militante da FSLN, perguntava-me todas as vezes, porque ele era assim, muito formal e respeitoso.⁴⁰²

No entanto, Fonseca não pedia permissão a López antes de enviar seu marido a uma missão.

O mentor de Fonseca em questões relacionadas com a guerra de guerrilhas, e especialmente com as qualidades morais do combatente guerrilheiro, era Che Guevara. Mas sua concepção do casamento nas montanhas – ou onde quer que fosse – não vinha do Che. Uma entrevista com a primeira mulher que combateu sob as ordens de Guevara foi publicada na revista cubana *Bohemia*, em 1967. Como Loáisiga e López, Oniria Gutiérrez não tinha completado 20 anos quando se uniu ao exército guerrilheiro e provinha de uma família camponesa. Guevara era reticente quanto a admiti-la e só o fez depois que ela argumentou vigorosamente com ele. Poucos dias depois, ele mandou-a deixar de lavar e remendar a roupa de seus companheiros homens, como ela tinha começado a fazer por sua própria iniciativa. Todas estas atitudes de Guevara estão em plena concordância com o caráter de Fonseca. Mas ele nunca teria respondido da maneira como fez o Che quando Gutiérrez mais tarde lhe disse que estava para se casar. Guevara explodiu: “O que quer dizer com se casar?! O que você tem que fazer é estudar para que possa fazer alguma coisa de útil!”⁴⁰³

⁴⁰² RIVERA, *La marca del Zorro*, p. 113-114.

⁴⁰³ “I argued that women too could fight”, *Militant* (Nova York), 19 fev. 1996, traduzido de *Bohemia* (Havana), 20 out. 1967.

Fonseca achava que os laços do matrimônio eram quase tão sérios como o compromisso revolucionário com a FSLN. Segundo um dirigente da FSLN que o conheceu na clandestinidade e no exílio, ele “dizia que a maior virtude do revolucionário era não fugir às responsabilidades. E que, precisamente quando o revolucionário se casa, quando cultiva o amor à sua família, está carregando uma dupla responsabilidade”.⁴⁰⁴ Mas era mais fácil para Fonseca se dedicar completamente à revolução do que para outros sandinistas que eram pais, especialmente para as que eram mães solteiras. Ele tinha uma esposa que não estava envolvida em política e que cuidava de seus filhos.

Quando Carlos Fonseca subiu à montanha, em março de 1976, a situação militar dos guerrilheiros era extremamente grave. O governo de Somoza tinha desencadeado uma ofensiva contrainsurgente chamada *Águila Sexta*, com a participação de tropas dos outros países centro-americanos e apoiada por assessores do exército dos Estados Unidos. A presença da Guarda Nacional na zona da guerrilha foi reforçada com mais 600 soldados, organizados em esquadrões de 15 a 18 homens e com o apoio de helicópteros, o que lhes permitia se aproximarem rapidamente quando os rebeldes eram avistados. Entre o final da quaresma e o começo da estação chuvosa de 1976, a Guarda se mobilizou, realizando um “*pente fino*” rumo ao leste do departamento de Matagalpa, em uma operação que seguia praticamente a mesma rota que tinha percorrido a pequena coluna de Fonseca em março.

Antes de *Águila Sexta*, os guerrilheiros tinham observado que os guardas seguiam sua pista até uma certa distância e depois desistiam. Mas, no final de abril de 1976, a GN seguiu uma pequena coluna até a profundidade da selva, matando um antigo dirigente da FSLN que tinha subido às montanhas apenas uns dias antes. No ataque, os guerrilheiros perderam “12 mochilas carregadas com munições,

⁴⁰⁴ CERNA, Lenín, “Cómo lo admirábamos, cómo lo queríamos! El perfil humano de Carlos”, *Nicarduac*, n. 13 (nov.-dez. 1986): 141-142.

medicamentos, comida especial para feridos, mas, sobretudo, perderam a segurança da rota para o rio Iyas”. Nesse mesmo período, o guerrilheiro Roberto “Tito” Chamorro – irmão de Claudia – foi tirado de Matagalpa porque alegou estar doente. Rendeu-se à Guarda Nacional e revelou tudo o que sabia sobre a FSLN nas montanhas, inclusive rotas, nomes de colaboradores, pontos de abastecimento e pseudônimos.⁴⁰⁵ Chamorro fora escoltado a Matagalpa por Edgar “Gato” Munguía, o famoso ativista estudantil que recrutou Omar Cabezas e que foi o primeiro membro da FSLN a ser eleito presidente do Cuun. Munguía foi emboscado e assassinado depois que regressou às montanhas.

Roberto Chamorro não pôde revelar, porque não sabia, que Carlos Fonseca já estava nas montanhas; quando ele estava a caminho de se unir ao grupo, Chamorro acabou de ir embora. Por volta do final de março, o líder da FSLN chegara ao vilarejo de El Chile, ao sul de Waslala, tendo feito seu caminho rumo a leste de Matagalpa sem ser detectado. Em maio uniu-se à coluna principal da guerrilha naquela zona, que consistia em uns 14 combatentes, e assumiu o comando das mãos de Francisco Rivera.

Durante sete meses, do final de março até começo de novembro, Fonseca e seus homens moveram-se em uma área relativamente pequena entre El Chile e o monte Zinica – uma distância de aproximadamente 50 quilômetros. Apesar de seus desesperados esforços por evadir as centenas de soldados da Guarda Nacional na região, o acampamento dos rebeldes foi descoberto no final de agosto. Houve um tiroteio, no qual Fonseca foi ferido levemente no pé; mas nenhum guerrilheiro morreu.

A Guarda Nacional fizera circular cartazes com a fotografia de Fonseca em toda a região onde operava a guerrilha. Nestas circunstâncias, seu físico diferenciado representava um sério empecilho. Henry

⁴⁰⁵ “Los últimos que vieran a Carlos Fonseca”, *Barricada Edición Especial*, 7 nov. 1986; ARIAS, *Nicaragua...*, p. 117.

Ruiz, descrevendo seus próprios anos como guerrilheiro, dizia que ele ficou tão conhecido que só podia viajar de noite: “bastava que vissem passar por ali um lourinho, um branquinho, gente estranha devido à cor, e denunciavam. Depois a Guarda começava a bater nos camponeses, a perguntar de casa em casa, a seguir pistas etc.” Mas Ruiz, ainda que claro, é baixo e robusto, com olhos e cabelos escuros. Se era difícil para ele se misturar à população da zona, era infinitamente mais difícil para Carlos Fonseca, com seus 1,80 m, sua pele branca, seus claros olhos azuis e seus óculos característicos. O deslocamento depois que escurecia não era uma solução possível para Fonseca devido a sua cegueira noturna. O camponês que o guiou até o interior das montanhas preocupava-se com o ruído que seu chefe fazia quando tropeçava e caía na escuridão.⁴⁰⁶ Fonseca, que completou 40 anos em junho de 1976, também estava ficando um pouco velho para as condições de vida na montanha.

Permaneceu sete meses nesta área extremamente perigosa, porque uma importante reunião estava programada para 15 de novembro, às margens do rio Iyás. Supunha-se que Henry Ruiz desceria de seu acampamento-base, no Monte Puyús, e que outros dirigentes subiriam das cidades para uma reunião de cúpula, presidida pelo próprio Fonseca, a fim de resolver a questão da divisão do movimento. Não parece que os outros dirigentes da FSLN tenham dado a esta reunião a mesma importância que ele lhe deu. No final de julho, ele despachou um pequeno grupo de guerrilheiros para lembrar aos dirigentes da FSLN nas cidades a urgência da reunião, mas o grupo caiu em uma emboscada da Guarda Nacional e não há evidências de que os dirigentes urbanos jamais tenham tentado ir para as montanhas. Em outubro, um experimentado combatente, enviado ao outro lado do rio Iyás para assegurar-se de que Ruiz estaria começando sua descida

⁴⁰⁶ RUIZ, “La montaña...”, 19; “Los últimos que vieron a Carlos Fonseca”, *Barricada*, 7 nov. 1986.

da, trouxe de volta a informação de que Modesto não começara sua viagem.⁴⁰⁷

Durante a primeira semana de novembro de 1976, a coluna de Fonseca, dez homens e duas mulheres, estava acampada perto de Zinica. Como comandante – e sem levar em conta as objeções dos demais – Fonseca dividiu a unidade guerrilheira em quatro pequenos grupos. Enviou um na direção norte para tentar abrir uma nova rota em direção a Honduras, e outra na direção oeste para encontrar-se com os dirigentes urbanos esperados para assistir à reunião de 15 de novembro. Ambos destacamentos saíram da base em 5 de novembro. Fonseca designou um terceiro grupo, inclusive Rivera e Claudia Chamorro, para permanecer em Zinica, e declarou que ele começaria a marcha de cinco dias ao ponto de reunião no Iyás, acompanhado somente por Crescencio Aguilar, um camponês de 16 anos recrutado para a FSLN no ano anterior, e Benito Carvajal, um operário adolescente de León que só tinha passado seis meses nas montanhas.

Fonseca levava um pacote de quatro cartas de outros guerrilheiros, embrulhadas em plástico para protegê-las dos rios e das chuvas. Estas cartas, capturadas depois da sua morte e transcritas pela Guarda Nacional em Waslala, dão um triste quadro do estado da guerrilha na montanha. Uma era o informe de uma série de desventuras – encontros que não se realizam, contrassenhas ruins, falhas com relação às normas de segurança. O emissário da carta estava frustrado e furioso com a morte do guerrilheiro Edgar Munguía, “que demonstra que necessitamos dar à Guarda o que ela merece; espero que possamos fazê-lo logo, e aí vamos mostrar a estes filhos da puta quem somos. Espero que minhas palavras não o ofendam e que você ouça o que estou dizendo, porque

⁴⁰⁷ RIVERA, *La marca del Zorro*, p.118. Em um discurso de 1982, Ruiz disse que ele estava em seu acampamento no Monte Puyús quando ouviu a notícia da morte de Fonseca pelo rádio; cf. RUIZ, “Permiso para informar, Comandante Carlos: tu pueblo, tu Frente Sandinista, nosotros, tu Dirección Nacional, agradecemos infinitamente tu enseñanza”, *Barricada*, 8 nov. 1982.

está mais do que na hora de darmos uma lição neles”. As outras três cartas eram todas semelhantes, escritas em linguagem camponesa, com erros adicionais de ortografia e gramática introduzidos pelos membros da GN que as transcreveram. Todas as cartas solicitavam itens básicos urgentemente necessários aos guerrilheiros da FSLN, inclusive lona de plástico, roupa de baixo, sopa em pó para os doentes e, em todas elas, remédios para os feridos e para os incapacitados.⁴⁰⁸

No domingo, 7 de novembro, cerca de 19h, Fonseca e seus acompanhantes adolescentes marchavam no escuro, sob uma chuva incessante. Embora o grupo nas montanhas não o soubesse, dois importantes dirigentes da FSLN já tinham sido assassinados pela Guarda Nacional naquele dia, em incidentes separados em Manágua. Os mortos eram o membro da Direção Nacional, Eduardo Contreras, comandante do assalto à casa de Castillo em dezembro de 1974, e o organizador clandestino Roberto Huembes, da Tendência Proletária.

Apenas umas poucas horas depois de ter deixado o acampamento e mais ou menos a dois quilômetros de distância, Fonseca caiu em uma emboscada da Guarda Nacional.⁴⁰⁹ Um informante camponês conhecido como “El Pinto” tinha mencionado guerrilheiros movimentando-se na área. A Guarda armou a emboscada perto da casa de um camponês chamado Matías López Maldonado. Forçado a esperar em um quarto traseiro, López ouviu tiroteio que durou uma hora ou mais. Fonseca e Carvajal foram baleados. Aguilar escapou, mas foi localizado e assassinado dois dias depois.

⁴⁰⁸ Pasta OSN, “cartas a Agatón”, CHM reg. 00390-00395, caixa 3 (5).

⁴⁰⁹ As circunstâncias exatas da morte de Fonseca são tema de alguma discussão. A seguinte representação resulta da combinação dos relatos publicados em entrevistas por vários combatentes da FSLN, um membro da Guarda Nacional, o camponês que vivia mais de perto do local do tiroteio e outros camponeses que a Guarda mandou para recuperar e enterrar o corpo de Fonseca. RIVERA, *La marca del Zorro*, p. 120-123; “Los últimos que vieron a Carlos Fonseca”, *Barricada*, 7 nov. 1986; “El último combate de Carlos Fonseca”, *Barricada*, 23 jun. 1980; ABURTO, Ernesto, “El nunca murió”, *La Prensa*, 7 nov. 1979.

Quando López saiu de sua casa na manhã da segunda-feira, 8 de novembro, viu dois corpos no chão e observou os Guardas dispararem neles de novo. A Guarda ordenou a vários camponeses, inclusive López, recuperar os cadáveres e levá-los em lombo de mula para uma capela próxima. Os camponeses todos disseram que achavam que Carlos Fonseca sobrevivera até de manhã. Seu corpo, diferentemente de Carvajal, estava quente ainda, e sangue fresco fluía da ferida em seu peito, mas o sangue em torno de sua ferida na perna estava seco. Na capela, os Guardas cortaram as mãos de Fonseca para enviá-las a Manágua, para identificação. Também tiraram 10 mil córdobas de sua mochila e dividiram-nas entre eles. Cobrindo seu peito ferido com um plástico negro, tiraram as fotografias que depois foram entregues à imprensa. A Guarda ordenou depois a López e a outros camponeses que levassem os corpos para fora, para enterrá-los.

Em algum momento, no decorrer da segunda-feira, as autoridades identificaram o cadáver de Fonseca. O presidente Somoza estava em um concerto sinfônico em Manágua naquela noite, quando um alto oficial da Guarda Nacional chegou correndo para dizer-lhe que o comunista Carlos Fonseca estava morto. Ter-lhe-ia dito “Juro ao senhor desta vez morreu, e, se estivermos enganados de novo, o senhor pode nos matar”. De acordo com um observador, o presidente pulou e agarrou o mensageiro pelos ombros pedindo-lhe que repetisse: “Repita isso!”, “Repita isso!” E saiu correndo do teatro.⁴¹⁰

Em seu poema em prosa *Carlos, o amanhecer já não é uma tentação*, Tomás Borge lembra o comandante da prisão de Tipitapa que, cheio

⁴¹⁰ MORA, Silvio, “El sueño de Carlos Fonseca”, *El Nuevo Diario*, 8 nov. 1988. Dois dias mais tarde, quando a Guarda Nacional anunciou a morte de Fonseca à nação, disseram que tinha morrido em uma troca de tiros que começou às 19h da segunda-feira, 8 de novembro. O tiroteio aconteceu realmente domingo à noite, e os corpos foram resgatados segunda pela manhã. A edição de 8 de novembro de *La Prensa*, um jornal vespertino, já continha uma reportagem sobre a morte de dois guerrilheiros não identificados e a fuga de um terceiro em um combate nas montanhas do norte.

de si, foi informar-lhe pessoalmente que o líder da FSLN estava morto. Borge teria respondido ao coronel que se equivocava, porque “Carlos Fonseca é daqueles mortos que nunca morrem”. O coronel teria se retirado resmungando. No dia 11 de novembro, em uma reunião em Havana, a FSLN confirmou oficialmente a morte de Fonseca.⁴¹¹

⁴¹¹ BORGE, *Carlos, the dawn...*, p. 87; *La Prensa*, 12 de novembro, 1976.

10. A REVOLUÇÃO DE 1979

Muitos nicaraguenses não acreditaram na notícia divulgada pelo governo de Somoza, em 10 de novembro, proclamando que Carlos Fonseca estava morto. Por um lado, este anúncio já fora feito várias vezes antes. Por outro, na imaginação popular, Fonseca adquirira poderes sobre-humanos, e algumas pessoas acreditavam que não era possível matá-lo ou que ele tinha a habilidade de se tornar invisível ou ainda de se transformar em papagaio ou em macaco. Mesmo depois que a FSLN confirmou a notícia da morte, poucos dias depois, alguns ainda se recusavam a aceitá-la.

O governo somozista, radiante, não tinha dúvidas de que a FSLN pereceria sem seu dirigente principal. O escritório de notícias abriu garrafas de uísque e vodka na conferência de imprensa que anunciou a morte de Fonseca, e os coronéis da GN insistiram em que os jornalistas se unissem a eles em brindes e mais brindes, apesar de ser de manhã. A Guarda Nacional declarou que as mortes de Fonseca e Contreras reduziam a cerca de uma centena sua lista de “subversivos” – incluindo os presos – e antecipou, com confiança, a pronta captura dos que ainda estavam soltos.⁴¹²

⁴¹² MORA, “El sueño”, *El Nuevo Diario*, 8 nov. 1988; *La Prensa*, 11 nov. 1976.

Os quadros da FSLN na montanha e na clandestinidade urbana ficaram arrasados com a notícia da morte de Fonseca. Quando 1976 chegou ao fim e 1977 já transcorria, começou a parecer que a FSLN de fato não sobreviveria à perda. Outros dirigentes de longa trajetória foram mortos: Carlos Agüero na montanha, em abril; o membro da Direção Nacional Pedro Aráuz, perto de Manágua, em outubro. Henry Ruiz descreveu 1977 como o período mais difícil de toda a história da FSLN; por mais de um ano, esteve completamente isolado de todo contato com seus apoiadores fora da montanha. Ao final daquele ano, o contingente do “exército” guerrilheiro era de apenas 11 guerrilheiros.⁴¹³

A divisão entre as tendências aumentou. Por dois anos, depois da morte de Fonseca, os dirigentes das três tendências nunca se reuniram para uma discussão, nunca tentaram resolver as disputas políticas. A tendência da Guerra Popular Prolongada (GPP) e a Tendência Insurrecional (TI, ou terceiristas) tinha cada uma seu próprio pequeno grupo guerrilheiro: o primeiro, encabeçado por Ruiz, estava tentando evitar a Guarda Nacional na montanha profunda, e o segundo, encabeçado por Víctor Tirado, retirara-se para o outro lado da fronteira hondurenha para reorganizar-se. A GPP e a Tendência Proletária (TP) tinham cada uma sua própria filial estudantil, sua própria rede de ativistas cristãos, seus próprios trabalhadores agrícolas e camponeses aliados. Cada tendência tinha seus próprios grupos de solidariedade fora do país, em cidades como São Francisco, Cidade do México, Havana e San José da Costa Rica.

Embora as três tendências se identificassem como seguidoras de Carlos Fonseca, todas estavam mudando os programas e estratégias tão discutidos sob a direção de Fonseca no final dos anos 1960 e princípio dos 1970. A Tendência Insurrecional foi a que levou mais longe esse processo, e a que merece a maior atenção, porque seu programa

⁴¹³ RUIZ, “La montaña”, p. 21-22; HEYCK, *Life Stories...*, p. 116.

foi considerado pelos estudiosos o programa de toda a FSLN. A TI é geralmente tida como a tendência que se tornou a maior depois da morte de Fonseca, embora seja possível, até certo ponto, que a GPP ou a TP tenham tido mais membros e simpatizantes dentro da Nicarágua. Onde a TI teve uma clara maioria foi na Direção Nacional. Com a morte de vários dirigentes GPP e de Carlos, e o isolamento de Henry Ruiz, a DN em atividade depois de 1976 era formada por Humberto Ortega, Daniel Ortega e Víctor Tirado. As declarações políticas destes três dirigentes terceiristas eram sempre publicadas em nome da Direção Nacional da FSLN, embora só Humberto tivesse sido membro pleno da DN durante a vida de Fonseca.

O enfoque político subjacente nos documentos terceiristas de 1977 e 1978 tinha muito em comum com a proposta GPP repudiada por Humberto Ortega e Carlos Fonseca em 1973. A FSLN concentraria suas energias na tarefa militar de derrotar a Guarda Nacional, esperando que a oposição burguesa dominasse o governo pós-Somoza, mas permitisse alguma representação à FSLN. Esse tipo de divisão do trabalho era estranho à perspectiva de Fonseca, de uma “revolução popular sandinista” de operários e camponeses mobilizados, com a FSLN à frente. Se o afastamento de Somoza deixasse os partidos tradicionais no poder, advertira Fonseca mais de uma vez, às massas nicaraguenses seria de novo, como nos tempos de Sandino, negada a vitória revolucionária.

Ainda que muito comprometido com a luta armada, o programa terceirista assemelhava-se às políticas do PSN e de outros partidos comunistas pró-soviéticos em sua linha de alianças policlassistas e sua teoria das “duas etapas” da revolução. Segundo esta teoria, a primeira etapa da revolução em um país subdesenvolvido como a Nicarágua seria protagonizada pela burguesia nacional, para obter a independência do imperialismo ou do regime ditatorial, o que depois abriria a possibilidade de uma segunda etapa socialista, em que a classe operária desempenharia o papel preponderante. Carlos Fonseca adotara esta

teoria quando pertencia ao PSN, mas argumentara fervorosamente contra ela desde, pelo menos, a metade dos anos 1960. Em *Hora zero*, escrito em 1969, diz que só o apoio de “amplas camadas populares” tornaria possível à FSLN “impedir que as forças capitalistas de oposição, comprovadamente submissas ao imperialismo ianque, aproveitem a situação desencadeada pela luta guerrilheira e tomem o poder político”.⁴¹⁴

Talvez isto explique porque Fonseca gastou tanto tempo em polemizar com o PSN em sua última e maior contribuição ao debate das tendências antes de deixar Cuba, em 1975. O PSN estava seriamente debilitado naquele período e representava menos concorrência do que nunca para a FSLN. No entanto, Fonseca dedicou bastante tempo, em uma longa conferência sobre a história inicial da FSLN (a transcrição tem 90 páginas) à explicação da debilidade política do PSN.⁴¹⁵

Ele previu um momento em que alianças “provisórias ou mesmo momentâneas” com grupos burgueses da oposição poderiam “auxiliar a causa da unidade nacional antissomozista sob a liderança das classes exploradas”. Mas antes que os sandinistas pudessem considerar o ingresso em tais alianças, insistia, era absolutamente necessário “contar com uma base de massa própria, composta por aqueles que não dão ouvidos a outra organização senão a nossa; que estão livres de qualquer influência burguesa, cujos interesses são apenas os interesses dos explorados”. Se estas disposições não fossem seguidas, os revolucionários arriscavam se tornar “simples apêndices das forças políticas tradicionais”.⁴¹⁶

⁴¹⁴ FONSECA AMADOR, *Hora zero*, p. 93-94. Ainda que eu concorde em muito com a análise do marxismo da FSLN de Dennis Gilbert, penso que ele se equivoca quando diz que os sandinistas sempre viram sua tarefa como uma revolução em duas etapas. Ele cita uma declaração de Carlos Fonseca – do tempo em que era membro do PSN (1957) – e a Plataforma Geral dos terceiristas (1977), mas ambas são inconsistentes com o enfoque político da FSLN durante as duas décadas intermediárias; cf. GILBERT, *Sandinistas...*, p. 36.

⁴¹⁵ FONSECA AMADOR, “Notas y experiencias [1975]”.

⁴¹⁶ *Id.*, “Algunos aspectos del trabajo entre las masas [1973?]”, itens 41, 42.

Em maio de 1977, os resquícios da Direção Nacional, composta pelos irmãos Ortega mais Tirado, publicaram um documento de 60 páginas chamado “Plataforma geral político-militar” cujo autor é Humberto Ortega e que, segundo o texto, foi preparado ao longo de um ano. Embora um retrato de Carlos Fonseca apareça na capa (depois das fotos de Sandino e de Rigoberto López Pérez), o documento menciona Fonseca uma só vez, no final de uma lista de cerca de uma dúzia de homens que contribuíram para o desenvolvimento do programa da FSLN nos anos 1960. Uma extensa seção sobre a história do movimento revolucionário nicaraguense, começando com Sandino, nunca menciona a Revolução Cubana. O lugar de destaque que Fonseca atribuía à mobilização da classe operária e do campesinato contra Somoza, e sua repulsa em atribuir um papel protagonista à oposição burguesa, estava ausente no documento da “plataforma geral”:

Os operários, camponeses, pequena burguesia, intelectuais, cristãos, militares patriotas, profissionais liberais, pequenos e médios proprietários do campo e da cidade, burguesia opositora, personalidades patriotas e progressistas das camadas médias e altas, estudantes, mulheres, crianças, anciãos, indígenas, negros, brancos e mestiços compõem a força formidável que derrubará o somozismo e implantará o governo revolucionário democrático e popular.⁴¹⁷

Ainda mais reveladora é uma versão revista do *Programa histórico* publicada pela DN terceirista em 1978. Assim como a versão de Fonseca de 1969, chama-se “Programa Sandinista”. Alguns dos pontos nele enumerados têm títulos idênticos e usam um pouco da mesma linguagem. Mas uma leitura atenta mostra que o documento de 1978 varia bastante em relação ao original de 1969, a ponto de representar uma estratégia diferente e substancialmente mais moderada. Abandona o termo “revolucionário” da sua palavra de ordem “por um governo

⁴¹⁷ GILBERT, Dennis e BLOCK, David (orgs). *Sandinistas: key documents/ documentos claves*. Ithaca, Nova York: Cornell University, 1990, p. 56. A *Plataforma Geral* completa está reproduzida neste volume.

democrático e popular”, promete apenas nacionalizar as propriedades pertencentes à família Somoza e propõe uma limitada e vaga reforma agrária. Se o programa de 1969 exigia a imediata dissolução da Guarda Nacional e a formação de um “Exército Revolucionário, Patriótico e Popular” e de milícias populares armadas, o programa terceirista simplesmente propunha a formação de um novo exército que incluiria alguns elementos da GN. O *Programa histórico* comprometia-se com a solidariedade com as lutas dos povos do Terceiro Mundo contra o imperialismo estadunidense, apoiava as reivindicações de retirada das bases militares dos Estados Unidos em todo o mundo e defendia as lutas dos negros norte-americanos contra o racismo. A versão da TI não menciona o imperialismo dos Estados Unidos em nenhum momento e simplesmente diz que a Nicarágua pós-revolução “terá relações com todos os países do mundo”. A plataforma dos terceiristas, no que diz respeito ao desenvolvimento da Costa Atlântica, elimina a referência do *Programa histórico* à “odiosa discriminação” sofrida pelos índios miskitos e sumos e pelos negros. Diferentes seções do programa terceirista eram pouco mais que lugares comuns liberais, tais como as ideias de que os professores e os empregados públicos “receberão novo tratamento”, e que as empresas de água e luz serão dirigidas por “gente honesta e capacitada”.⁴¹⁸ Embora alguns acadêmicos considerem que representava o programa da insurreição nicaraguense, é provável que o “Programa Sandinista” da TI fosse praticamente desconhecido na Nicarágua, tanto antes como depois da revolução de 1979. O único lugar em que pode ser encontrado é um livro publicado na Colômbia. O programa publicado – e amplamente divulgado – pela FSLN depois da revolução foi o *Programa histórico* de Fonseca, de 1969.

A tendência encabeçada por Humberto Ortega era contraditória por natureza, como o fora enquanto Fonseca estava vivo. Política-

⁴¹⁸ GARCÍA MÁRQUEZ *et al.*, *Los Sandinistas*, p. 243-257.

mente era o mais moderado dos três grupos – e, de longe, muito mais conservador que Carlos Fonseca – mas, militarmente, era o mais agressivo. Fonseca chamara esta combinação de “militarismo” e polemizou com ela, argumentando que se tratava de um perigoso desequilíbrio que peca pela falta de atenção ao trabalho político orientado para operários e camponeses. Mas Fonseca não era contra a realização de ações militares ousadas quando isso se justificava politicamente; aliás, criticara duramente a GPP e a Tendência Proletária por sua falta de iniciativa militar.

As tendências não se atacaram mutuamente com o tipo de violência e constantes ataques públicos que dilaceraram movimentos esquerdistas por toda a América Latina, mas tampouco colaboraram umas com as outras. Quando os comandos terceiristas atacaram três quartéis da Guarda Nacional, em meados de outubro de 1977, tanto a GPP como a TP condenaram as ações: os últimos chamaram-nas de “aventuras golpistas (...) [que] se inscrevem na mais pura tradição dos golpes militares burgueses”. As divisões entre as três tendências consternaram e desconcertaram os membros das bases e os contatos da FSLN na Nicarágua. O segundo volume do testemunho de Omar Cabezas descreve a confusão e a dor que sentiu, dividido entre sua lealdade a Ruiz e à GPP e sua admiração pelos guerrilheiros terceiristas que estavam começando a realizar operações militares.⁴¹⁹

Em 1977, o recrutamento das três tendências acelerava-se nas áreas urbanas, ainda que não na montanha. O número total dos membros da Frente chegou a ser talvez de 150 a 200, e sua influência e reputação foi crescendo muito mais rápido do que seu tamanho.⁴²⁰ O crescimento do movimento revolucionário foi um reflexo – e também uma das causas – de uma crise política e social cada vez mais profunda da ditadura somozista.

⁴¹⁹ BLACK, *Triumph...*, p. 104; CABEZAS, Omar. *Canción de amor para los hombres*. Manágua: Editorial Nueva Nicaragua, 1989.

⁴²⁰ HEYCK, *Life stories...*, p. 13; GOULD, *To lead as equals...*, p. 302.

As origens desta crise são frequentemente situadas no terremoto de 1972 em Manágua e no roubo e mau uso, por parte de Somoza da ajuda para a reconstrução. Diferentes livros sobre a revolução nicaraguense começam com descrições dramáticas do terremoto ou sugerem que o destino de Somoza ficou selado quando negou a outros setores da burguesia sua “justa” parte no “saque” da reconstrução.⁴²¹ Os políticos ligados ao Partido Conservador bem como os dissidentes do Partido Liberal tornaram cada vez mais evidente oposição a nos primeiros anos após o terremoto, e a hierarquia católica deu passos importantes para pôr um fim nas longas décadas de apoio que deu ao regime. Os anos de 1973 e 1974 também testemunharam a crescente atividade dos operários e estudantes: greves dos trabalhadores da construção e da saúde, dos professores, ocupações de edifícios e greves de fome em apoio aos prisioneiros políticos. Em 1974, após a eleição de Anastasio Somoza Debayle como presidente para um mandato de sete anos, uma duração inédita, vários grupos conservadores e liberais uniram suas forças ao PSN e ao Partido Social Cristão em uma coalizão opositora chamada União Democrática de Libertação (UDELA).

A ideia de que o terremoto de 1972 representou uma virada decisiva do movimento para tirar Somoza do poder tem origem em uma sobrevalorização do papel desempenhado pela burguesia e pela classe média na queda do ditador. As sequelas do terremoto exacerbaram os conflitos econômicos e políticos reais entre a família Somoza e outros setores da burguesia nicaraguense (embora estas tensões tenham sido amainadas por uma expansão relativamente acelerada da economia local provocada pelo aumento dos preços das exportações nicaraguenses no mercado mundial, de 1974 a 1977, o que benefi-

⁴²¹ Cf., por exemplo, GILBERT, *Sandinistas*; BOOTH, *The end and the beginning...*; SPALDING, Rose J., *Capitalists and revolution in Nicaragua: opposition and accommodation, 1979-1933*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1994.

ciou o capital agroexportador e comercial como um todo).⁴²² Estes conflitos interburgueses poderiam talvez ter derrubado a ditadura somozista, seja mediante a eleição de um opositor em 1981, seja – e mais provavelmente – por meio de um golpe relativamente desprovido de violência por parte da burguesia opositora e de setores da Guarda Nacional, com a aprovação tácita dos Estados Unidos. Qualquer destes acontecimentos teria tido amplo apoio popular. Mas nenhum ocorreu. Em vez disso, Somoza foi expulso do poder por uma insurreição popular de massas que, por um certo tempo, pôs em questão o futuro do capitalismo na Nicarágua. A revolução nicaraguense de 1979 não pode ser compreendida tomando-se como ponto de partida o ressentimento da burguesia não somozista. Só pode ser entendida, caso se estude a FSLN e sua relação com as massas nicaraguenses.

Dezembro de 1974 representou um momento decisivo, tanto quanto dezembro de 1972, na história da revolução nicaraguense. O dramático e vitorioso assalto da FSLN e a tomada de reféns de 27 de dezembro marcaram a reaparição das guerrilhas sandinistas depois de vários anos de inatividade. Como acontecera com o terremoto de 1972, foi a resposta de Somoza ao assalto de 1974, e não o evento em si, que produziu um novo clima político. O governo declarou imediatamente estado de sítio e desencadeou uma onda de repressão que resultou em cerca de três mil mortos. Os primeiros alvos foram os estudantes radicais, operários e ativistas católicos nas cidades, mas a maioria das vítimas foram os camponeses suspeitos de ajudar os guerrilheiros. A campanha contrainsurgente de massa na zona rural, que resultou na morte de Carlos Fonseca, incluiu também o

⁴²² A análise mais minuciosa dos conflitos entre a família Somoza e outros capitalistas está em SPALDING, *op. cit.* Para o impacto político da rápida, mas temporária, expansão econômica, cf. DEPEP (FSLN), *Carlos Fonseca y su tiempo*. Manágua: Colección “El Chipote”, 1982, p. 6; os jornais de Manágua tiveram recorde de vendas nas bancas durante o período do Natal de 1975 até o início de 1976.

lançamento de bombas e de Napalm⁴²³ sobre assentamentos, incêndio de ranchos e lavouras camponesas, desaparecimentos, estupros e encarceramento em massa em campos de concentração. Quando as notícias desta onda de terror chegaram às cidades, o desejo de limpar a nação de Somoza adquiriu nova urgência, especialmente entre as classes populares nicaraguenses, principais alvos da repressão, mas também entre as camadas médias. Nem Tachito nem Tacho Somoza tinham governado exclusivamente com a violência; ambos tinham sido, em geral, capazes de convencer setores significativos da população de seu direito a governar, por meio de uma combinação de poder compartilhado, políticas econômicas que beneficiavam a burguesia como um todo e apelos populistas aos trabalhadores. A repressão de 1975 e 1976 prejudicou seriamente a ideia de que Somoza tinha um direito moral de governar a Nicarágua ou de que podia governá-la com algum grau de estabilidade. A crescente visibilidade da FSLN, apesar da repressão, deu mais uma razão à burguesia opositora para odiá-lo. Esse terror governamental que era sementeira de revolucionários, para a burguesia era pelo menos tão questionável quanto o uso por Somoza do poder político para vantagens econômicas injustas.

A crise do regime aprofundou-se, ainda que não num ritmo constante. Em setembro de 1977, Somoza levantou o estado de sítio imposto em 1974, em parte porque se sentia mais seguro à luz de uma recuperação econômica e diante do quase aniquilamento das guerrilhas rurais, mas também em resposta à crescente pressão pública. Novas manifestações de protesto floresceram, com frequência ligadas à FSLN. As mulheres sandinistas tomaram a iniciativa da formação de uma organização chamada Associação de Mulheres diante da Problemática Nacional (Amproac); todo o mundo sabia que a “problemática nacional” era Somoza. A associação organizou manifestações contra a

⁴²³ Composto químico que torna mais eficientes as bombas incendiárias. Muito utilizado na guerra do Vietnã, com efeitos terríveis para a população civil (N. E.).

violação dos direitos humanos, com um enfoque especial nos abusos cometidos pela Guarda Nacional contra as mulheres camponesas e as prisioneiras políticas nas prisões de Somoza. Ativistas cristãos da Tendência Proletária desempenharam um papel dirigente em uma nova organização dinâmica de trabalhadores agrícolas —, a Associação de Trabalhadores do Campo (ATC). A burguesia opositora continuava buscando a arena eleitoral e se preparava para fazer frente, em 1981, a um candidato liberal que já se projetava: seria outro Anastasio Somoza, filho de Tachito e neto de Tacho.

O curso dos acontecimentos acelerou-se dramaticamente em 1978, parcialmente devido às ações repressivas de Somoza, parcialmente devido às iniciativas da FSLN, parcialmente devido às ações semiespontâneas das massas. A burguesia opositora ficou para trás, tentando assumir e pôr sob seu controle uma situação rapidamente radicalizada. Tentava conseguir algum espaço no centro político, mas, na atmosfera cada vez mais polarizada de 1978 e 1979, que às vezes se aproximava da guerra civil, havia muito pouco terreno para se ocupar no centro. Em 10 de janeiro de 1978, o dirigente da Udel (União Democrática Libertadora), Pedro Joaquín Chamorro, foi assassinado a caminho do trabalho em *La Prensa*. Chamorro era o opositor mais conhecido do país e fora um proeminente líder da oposição conservadora por mais de três décadas. As manifestações de protesto agitaram o país depois de sua morte, e, em 23 de janeiro, os grupos de empresários opositores convocaram uma greve nacional de protesto. Inicialmente projetada para durar “até que Somoza renuncie”, a greve foi suspensa abruptamente em menos de duas semanas, depois que os trabalhadores ignoraram a consigna dos empregadores de não abandonar suas casas durante a greve e, ao contrário, organizaram ações militantes de rua.

Protestos esporádicos nas cidades e povoados continuaram por toda a Nicarágua ocidental depois do assassinato de Chamorro. Novas formas de luta popular tomaram forma, chegando a se generalizar

ao longo de todo aquele ano e no ano seguinte, passando a simbolizar a insurreição nicaraguense: fogueiras fedorentas nas ruas, feitas com pneus coquetéis Molotov e bombas de contato, de fabricação caseira barricadas de paralelepípedos para proteger os bairros pobres dos tanques da GN. Em centenas e depois em milhares de paredes proliferaram as consignas revolucionárias, às vezes assinadas pela FSLN-GPP e outras pela FSLN-TP. Em fevereiro de 1978, um levante contra Somoza, que não foi organizado por nenhuma das três tendências, explodiu na comunidade indígena de Monimbó, localizada na cidade de Masaya, a apenas 40 quilômetros de Manágua.

Em abril, uma greve estudantil fechou as universidades nicaraguenses e 80% das escolas públicas e privadas de nível médio. Em julho, multidões de agitadores simpatizantes aglutinaram-se em várias cidades para dar boas-vindas aos membros do grupo dos Doze, um grupo pró-sandinista de empresários, intelectuais e dirigentes religiosos estabelecido em San José da Costa Rica e organizado pelos terceiristas. No mesmo mês, organizações populares sandinistas, influenciadas principalmente pela TP e pela GPP, fundiram-se para formar o Movimento Povo Unido (MPU).

Em agosto de 1978, mais de 20 guerrilheiros disfarçados de soldados da Guarda Nacional tomaram o Palácio Nacional em Manágua, mantendo como reféns 3,5 mil pessoas, entre elas políticos e empresários, até que Somoza aceitou libertar 59 membros da FSLN que estavam na prisão. A ousada ação atraiu a atenção do público e da mídia, e a “Comandante Dois” da operação transformou-se de pronto em uma lenda: “Dora María Téllez / de 22 anos / miúda e pálida / de botas, boina negra / uniforme de Guarda / muito folgado... Dora María / a aguerrida jovem / que fez tremer de fúria / o coração do tirano.”⁴²⁴ Quando o ônibus escolar que levava os guerrilheiros

⁴²⁴ ZAMORA, Daisy, “Comandante Dos” (fragmento de poema), reimpresso com a autorização de sua autora; RANDALL, *Sandinino's daughters...*, p. 231-232.

da FSLN e seus prisioneiros libertados passou pelos bairros de classe operária, em seu caminho para o aeroporto, dezenas de milhares de moradores saíram para saudá-los, alguns dizendo em coro “Abaixo Somoza!” e “Somoza nas galés!”

Quase tão desafiador para a ditadura foi um levantamento semiespontâneo que irrompeu em Matagalpa no final de agosto, porque estabeleceu um padrão que seria repetido de cidade em cidade naquele e no ano seguinte. Cerca de 500 estudantes de nível médio, apoiados pelos habitantes mais velhos, tomaram o controle de grande parte da cidade, combatendo a Guarda Nacional por cinco dias, antes que sua rebelião fosse esmagada por um bombardeio aéreo e pela introdução de vários milhares de soldados da tropa de choque da Eebi.⁴²⁵ Os insurgentes usavam lenços vermelhos e negros e diziam palavras de ordem sandinistas, mas o levantamento pegou a FSLN de surpresa. Não havia nem um único quadro da FSLN em Matagalpa até que alguns guerrilheiros, que estavam nos arredores, precipitaram-se para a cidade, para dar respaldo aos estudantes.

Durante a segunda semana de setembro de 1978, os guerrilheiros da FSLN organizaram levantamentos em uma série de cidades ao norte e ao sul da capital, incluindo Masaya, Chinandega, Diriamba, León, Jinotepe e Estelí. A direção TI iniciou as ações de setembro, que chamou de “ofensiva final” contra Somoza, mas jovens associados às três tendências combateram e morreram nas rebeliões – vale lembrar – maioria dos participantes das batalhas de rua não era no entanto, que filiada a nenhuma das tendências. Somoza respondeu com bombardeios aéreos e ataques com artilharia, matando cerca de

⁴²⁵ *Washington Post*, 25 ago. 1978; *Washington Post*, 1º set. 1978; *El Diario* (Nova York), 31 ago. 1978. As unidades especiais da GN chamadas Eebi (Escuela de Entrenamiento Básico de Infantería) eram comandadas por Anastasio Somoza Portocarrero, conhecido como “El Chigüín” [o rapaz], que era tido como mais cruel e ainda mais corrupto do que seu pai e seu avô.

cinco mil pessoas.⁴²⁶ As condições econômicas e sociais chegaram a proporções desesperadoras, em consequência do esmagamento das rebeliões de setembro. Cerca de 50 mil refugiados foram para os países vizinhos – Costa Rica, Honduras e El Salvador. Em diferentes cidades houve escassez de alimentos, desemprego generalizado – algo inusitado, porque era o período da colheita – e uma inflação significativa.

Nestas condições de feroz repressão e de crise social, um número cada vez maior de nicaraguenses via a FSLN como sua organização e como sua legítima direção na luta contra Somoza. Tanto a burguesia opositora como o governo dos Estados Unidos estavam temerosos de que vozes mais moderadas da oposição fossem postas de lado e que a FSLN acabasse tendo um papel destacado no governo posterior a Somoza. Depois de anos desmerecendo os sandinistas como um grupo insignificante de terroristas, irrelevante para a política nicaraguense, os conservadores e os social-cristãos, de repente, perceberam que *eles próprios* é que eram considerados cada vez menos relevantes. Os opositores moderados tinham organizado uma nova coalizão, a Frente Ampla Opositora (FAO). Mas a legitimidade da FAO provinha mais da presença do grupo pró-FSLN dos Doze do que da coleção de organizações conservadoras, dissidentes liberais, social-cristãs e comunistas. As outras duas tendências da FSLN pertenciam a uma coalizão diferente, o Movimento Povo Unido, ou MPU, mas os terceiristas, que tinham relações mais próximas com a oposição burguesa, tinham designado os Doze para trabalhar na FAO, mais moderada. (Os Doze funcionavam como a face pública da FSLN terceirista. Ainda que se apresentasse como um grupo independente pró-FSLN, seus porta-vozes mais destacados eram secretamente membros da FSLN, e vários outros eram pais de militantes sandinistas).

⁴²⁶ BLACK, *Triumph...*, p. 132.

Carlos Fonseca sempre advertira a FSLN de que os Estados Unidos tentariam bloquear uma revolução na Nicarágua, criticando a oposição burguesa por esperar que os norte-americanos ajudariam a derrubar Somoza. Ainda que este contasse com simpatizantes leais no Congresso dos Estados Unidos – por vezes denominados “Os Trinta Sujos” –, em 1978, a administração do presidente Jimmy Carter queria ver Somoza afastado do poder e substituído por um governo democrático não revolucionário. No princípio de outubro de 1978, a administração Carter formou um comitê de mediação na Organização de Estados Americanos, chamado Comissão de Reconciliação e Cooperação Amistosa, para tentar desativar o que a embaixada dos Estados Unidos na Nicarágua chamava de uma “situação perigosamente polarizada”. A comissão, composta por representantes dos Estados Unidos, da Guatemala e da República Dominicana, realizou uma série de reuniões com a moderada FAO, aprovando, consensualmente, a proposta de que Somoza renunciasse à presidência, que ficaria em mãos de um sucessor nomeado por ele, mantendo intacta a Guarda Nacional, sendo o poder legislativo compartilhado entre os partidos da oposição burguesa e o PLN de Somoza. O plano não incluía qualquer papel para a FSLN. Em protesto, os Doze da FSLN retiraram-se da FAO e, pouco depois, se uniram ao MPU, que, juntamente com outros setores, formaram uma nova coalizão, a Frente Patriótica Nacional (FPN).

A administração Carter tinha a esperança de fortalecer a FAO e de reduzir a influência dos sandinistas, mas a imposição à FAO de uma proposta que nenhuma corrente da FSLN podia aceitar teve um efeito exatamente contrário. A partida dos Doze despojou a FAO de seu direito de representar a cúpula do movimento antissomozista. Em lugar de uma FAO mais forte, articulou-se uma nova coalizão radical que representava as três correntes da FSLN mais o PLI e uma fração do partido social-cristão que deixara a FAO com os Doze. Frente ao clamor dos Estados Unidos, o dirigente da FAO, Alfonso Robelo,

tentou negociações diretas com Somoza depois do colapso do esforço de mediação da OEA, o que, contudo, teve como único resultado aumentar o desprestígio da oposição burguesa.⁴²⁷

Em suas discussões com a GPP, no começo dos anos 1970, Fonseca convidara seus companheiros a estarem preparados para uma situação na qual as perspectivas de uma ação revolucionária pudessem mudar dramaticamente quase da noite para o dia. Quando começou o ano de 1979, nem a própria FSLN percebia quão rapidamente os sentimentos revolucionários tinham se generalizado. Os dirigentes da GPP e da TP ainda achavam que a vitória levaria anos, e não meses. Os terceiristas pensavam que a vitória estava mais próxima, mas só vislumbravam a primeira etapa nacionalista de uma revolução, que resultasse em um governo posterior a Somoza dominado pela oposição burguesa.

Depois de esmagados os levantamentos de setembro de 1978, a violenta repressão governamental diminuiria um pouco, mas, com a partida da comissão da OEA, em janeiro de 1979, os ataques aos ativistas e aos jovens aumentaram de novo. *La Prensa* informava quase diariamente assassinatos e desaparecimentos de responsabilidade da Guarda Nacional e dos grupos paramilitares de direita, como a Mão Branca. Nas áreas rurais, as escaramuças armadas entre a Guarda Nacional e os guerrilheiros da FSLN aumentavam. As cidades, povoados e vilarejos experimentavam um nítido crescimento na incidência de atividades de protesto de todo tipo: greves de estudantes e de trabalhadores, ocupações de terras, marchas religiosas e funerais que se transformavam em demonstrações de massa, ocupações de

⁴²⁷ CHRISTIAN, Shirley. *Nicaragua: revolution in the family*. Nova York: Random House, 1985, p. 71. A comissão da OEA se desarticulou sem resultados no princípio de janeiro de 1979. No mês seguinte, a administração Carter encerrou todos os acordos militares com a Nicarágua (os representantes dos Estados Unidos, no entanto, votaram a favor de um empréstimo do FMI, de 66 milhões de dólares, para o governo de Somoza três meses depois, em 14 de maio de 1979).

edifícios e ataques aos quartéis da Guarda Nacional. Os Comitês de Defesa Civil, que apareceram primeiro em Estelí, durante a rebelião de setembro de 1978, multiplicaram-se em outras cidades e povoados. Em poucos meses, uma efetiva insurreição pôs-se em marcha. Um acadêmico descreveu a etapa final deste levante com sendo

tão massivo, tão popular, que os milhares de milicianos com seus lenços vermelhos e negros, armados de pistolas, espingardas, fuzis, coquetéis molotov e bombas de contato nunca foram inteiramente organizados pelos quadros da Frente e nem sempre dirigidos por sandinistas reconhecidos. Na realidade, no momento da vitória, qualquer um que tivesse construído uma barricada, lançado uma bomba, disparado um revólver, levado uma mensagem, ou cuidado dos feridos, ganhara o direito – pelo menos temporariamente – de chamar-se sandinista.⁴²⁸

As dezenas de milhares de jovens nicaraguenses que se lançaram à luta contra Somoza transformaram a política nicaraguense e também transformaram a FSLN. A entrada dessas massas em ação empurrou a FSLN para a esquerda, não somente em termos da aceleração da guerra contra Somoza, mas também em termos da radicalidade das metas da revolução, o que, por sua vez, levou as três tendências a voltar para Carlos Fonseca, para sua visão de uma revolução sandinista que iniciaria um processo de transformação social radical.

O primeiro resultado do fato de que o sandinismo revolucionário transformara-se em um fenômeno de massas foi a reunificação da FSLN. Os novos recrutados de 1978 e 1979 haviam sido atraídos porque queriam lutar contra Somoza, e não porque quisessem debater os pontos precisos da estratégia com outros revolucionários. Rapazes e moças ligados às três tendências uniam-se na ação nos levantamentos urbanos, e todos respondiam de maneira similar às rápidas mudanças da situação política. Cada vez mais nicaraguenses identificados com a FSLN começaram, na prática, a simplesmente ignorar as divisões

⁴²⁸ FAGEN, Richard R. *The Nicaraguan Revolution*. A personal report. Washington: Institute for Policy Studies, 1981, p. 8.

das tendências, que, afinal, nunca tinham aprovado ou compreendido plenamente. Não houve a mesma pressão nas redes de solidariedade fora da Nicarágua, onde o fato de que cada tendência tivesse seu próprio jornal, seu apoio financeiro, seus aliados políticos e, em certas ocasiões, até editores e celebridades simpatizantes, deu a todas uma razão para continuar a existir como entidades separadas.

Em 7 de março de 1979, as três tendências da FSLN anunciaram sua unificação e o estabelecimento de uma Direção Nacional conjunta, formada por três membros de cada tendência, com posto de comandante da revolução. Esta Direção Nacional permaneceria praticamente a mesma por toda uma década: Daniel Ortega, Humberto Ortega e Víctor Tirado, da TI; Tomás Borge, Bayardo Arce e Henry Ruiz, da GPP; Jaime Wheelock, Luis Carrión e Carlos Núñez da TP.⁴²⁹ Vinte e sete combatentes foram condecorados, depois da vitória revolucionária, em agosto de 1979, no aniversário de Pancasán, com o nível de comandante guerrilheiro; foi uma seleção de nove por cada tendência. Deles, só três mulheres Dora María Téllez e Leticia Herrera, da TI, e Mónica Baltodano, da GPP.

A tão longamente esperada unidade da FSLN iniciou o período da insurreição final. No princípio de abril, guerrilheiros da Frente realizaram ações de cerco à Guarda Nacional em Estelí, as quais, para surpresa dos sandinistas, desencadearam um levante geral que pôs o controle da cidade nas mãos dos rebeldes durante dez dias. Em meados de abril, quase todos os dias havia choques entre guardas e jovens com seus lenços vermelhos e negros nas cidades de todo o país, incluindo, pela primeira vez, a construção de barricadas nos bairros populares de Manágua.⁴³⁰

⁴²⁹ Sergio Ramírez foi incorporado à DN no começo de 1990, e Carlos Núñez, o membro mais jovem, morreu em 1990. Em 1999, mais da metade dos membros da Direção Nacional dos anos 1980 tinha se afastado da FSLN, e apenas dois, Daniel Ortega e Tomás Borge, ainda permaneciam nela.

⁴³⁰ Relatos publicados dos líderes rebeldes do período insurrecional podem ser encontrados em MORALES, Arqueles, *Con el corazón en el disparador (Las batallas del Frente Interno)*. Manágua: Editorial Vanguardia, 1986; e TÉLLEZ,

Além das cidades e povoados, cinco frentes guerrilheiras de diferentes tamanhos operavam sob um comando conjunto montado pela FSLN recém-unificada. A Frente Sul, comandada por Humberto Ortega a partir de um acampamento na Costa Rica, era de longe a maior – talvez tão grande quanto as outras quatro juntas – e praticava o tipo mais convencional de guerra. No final de maio, os 700 soldados e dez veículos blindados da Frente Sul lançaram outra “ofensiva final”, com ataques aos postos da Guarda Nacional próximos à fronteira. Viram-se presas de uma guerra de posições fixas por mais de um mês e sofreram muitas baixas. O esquema dos exércitos guerrilheiros de avançar sobre as cidades e “libertá-las” não teve nada a ver com o que realmente ocorreu na Nicarágua em 1979. Em geral, as cidades libertaram-se a si mesmas, ainda que a Frente Ocidental, comandada por Dora María Téllez, praticando guerra de guerrilhas em vez da guerra convencional, tenha desempenhado um papel importante na expulsão da Guarda Nacional da cidade de León. Quando a Brigada Pablo Ubeda conquistou os povoados mineiros de Siuna e Bonanza e a cidade costeira de Puerto Cabezas, a Guarda Nacional já tinha se rendido; o que foi algo positivo, porque a BPU, depois de oito anos nas montanhas, estava reduzida a uns cinco guerrilheiros.⁴³¹

No dia 4 de junho, a DN conjunta convocou uma greve geral insurrecional, para durar até a queda de Somoza. Poucos dias depois explodia um levantamento de grande envergadura na cidade de Manágua. Em meados de junho, a Guarda Nacional tinha abandonado León e Matagalpa, a segunda e terceira cidades mais importantes

Carlos Núñez, *Um povo em armas*. Manágua: Colección Juan de Dios Muñoz, 1981. Para um relato das desventuras do embaixador norte-americano designado para negociar a renúncia de Somoza (e uma descrição surpreendentemente abrangente da insurreição em Manágua), cf. PEZZULLO, Lawrence e PEZZULLO, Ralph. *At the fall of Somoza*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1993. A fonte secundária mais completa sobre a insurreição e a ofensiva final é BLACK, *Triumph...*, p. 142-181.

⁴³¹ HEYCK, *Life stories*, p. 119-120.

do país, assim como uma dezena de povoados menores. No final do mês, a FSLN controlava mais de 20 povoados e cidades ao longo da zona do Pacífico, tendo montado, em alguns, estruturas de governos locais e sistemas de distribuição de alimentos.⁴³²

As insurreições foram de caráter esmagadoramente operário, como Fonseca antecipara. Um sociólogo pró-revolução examinou os registros de todos os que morreram na insurreição, dos que mais tarde a FSLN reconheceu como “combatentes”, ou seja, cerca de seis mil indivíduos. Dentre os mortos, 50% eram trabalhadores, outros 29% eram estudantes universitários e de nível médio, a maioria dos quais provinha de famílias trabalhadoras. Outro indício de sua origem de classe é que mais da metade desses seis mil mortos nascera fora do casamento; muito poucas mulheres de classe média e da burguesia na Nicarágua são mães solteiras. Três quartas partes dos combatentes, nessa pesquisa, tinham entre 15 e 24 anos de idade quando foram mortos; 93% eram do sexo masculino. Menos de 5% foi identificado como camponês. Um rosto humano pode ser posto sobre estas estatísticas, quando se examinam as fotografias e biografias reunidas em muitos povoados e cidades depois da revolução, pelos Comitês de Heróis e Mártires. O museu do comitê, em uma modesta casa de León, por exemplo, contém várias centenas de reveladoras fotografias e pequenas biografias. Os 54 “combatentes da FSLN” caídos na pequena cidade de Jinotepe, em 1978 e 1979, foram descritos assim em um folheto produzido localmente: mais de três quartos tinham menos de 25 anos quando morreram; a maioria das fotos pareciam ter sido tiradas em formaturas ou em crismas. A maioria daqueles mortos em Jinotepe tinha terminado a escola primária, mas menos da metade tinha terminado o curso secundário, e menos de um quinto tinha começado a universidade. Três eram mulheres, uma jornalista de 27 anos; uma ativista estudantil católica de 21 anos; e uma estudante combatente urbana de 14 anos de idade.

⁴³² WALKER, *Nicaragua in revolution*, p. 37.

Vários dos combatentes mais velhos tinham alguma experiência no PSN. A maior parte dos registros não especifica a classe social; alguns, por meio da ocupação ou por frases como “mãe pobre”, indicam uma origem operária.⁴³³

Quase todos os combates urbanos ocorreram em lugares de classe trabalhadora e em bairros pobres, outro indício da dinâmica de classes da insurreição. Praticamente cada notícia de jornal sobre os levantes localiza-os nas “periferias urbanas”. A Frente Interna da FSLN, depois de preparar planos logísticos detalhados para a ofensiva final, tanto nos bairros orientais como nos ocidentais de Manágua, decidiu concentrar-se nos orientais, porque “as condições políticas eram ali mais favoráveis”. Os bairros ocidentais também eram de classe operária, mas com bolsões residenciais de classe média; tinham melhores condições físicas, mais edifícios de concreto e umas quantas casas de dois andares que podiam ser úteis para proteger-se e para vigiar. Os barracos de madeira dos bairros orientais ofereciam menos proteção, pegavam fogo facilmente, e uma quadra completa podia ser atravessada por um só foguete da Guarda Nacional. Mas a zona oriental, uma ininterrupta sucessão de bairros populares, era um bastião sandinista, o que superava em muito suas limitações físicas. Os bairros orientais responderam rapidamente à convocação de 8 de junho para uma greve insurrecional geral na capital. Em poucos dias, “não havia uma única loja aberta, nenhum banco, nenhum escritório. Nem postos de gasolina, nem transporte público, nem ônibus interurbanos. Nem supermercados ou docerias. Tudo fechado. Nada funcionando... absolutamente nada”.⁴³⁴

⁴³³ VILAS, Carlos M., *Sandinista Revolution*. Nova York: Monthly Review Press, 1986, p. 108-112; Vilas os denomina de “as bases da revolução” e reconhece que a vasta maioria não era de militantes da FSLN; *Nova York Times*, 27 jun. 1979; Comité de Dirección Zonal de Jinotepe, *Por la memoria de nuestros héroes y mártires, cumpliremos con la patria*, s.d.

⁴³⁴ MORALES, *Corazón...*, p. 51; BLACK, *Triumph...*, p. 157.

Os bombardeios e os ataques com foguetes de Somoza, em toda parte, tinham como alvo os bairros mais pobres. Em algumas das pequenas cidades e nos povoados, os bairros não estavam tão claramente definidos, mas, em Manágua, comunidades inteiras da classe trabalhadora tinham desaparecido, enquanto a maioria das áreas de classe média permanecia intacta. Somoza ordenou a sua força aérea bombardear tudo o que se movesse no lado leste de Manágua. Como informou o *Washington Post*, de Manágua, em 25 de junho: “Enquanto os residentes dos subúrbios da classe média nas serras em torno de Manágua se deslumbravam, os helicópteros governamentais permaneciam no ar sem se moverem sobre os bairros pobres, nas áreas de concentração da guerrilha (...) lançando bombas que explodiam com tal vibração que faziam tremer janelas a uma distância de até seis quilômetros em torno”. As fábricas destruídas pelo bombardeio aéreo estavam na mira porque ficavam no meio dos bairros operários, não porque fossem propriedade dos opositores ricos. De fato, algumas delas pertenciam a Somoza.

As dezenas de milhares de pessoas que participaram do levante urbano de 1979, e as centenas de milhares que queriam que os sandinistas vencessem, tinham motivos diferentes para se envolverem e ideias diferentes quanto ao que a revolução traria. A maioria queria simplesmente o fim da repressão e via a Frente como a única organização capaz de acabar com o regime do “Demônio” Somoza. Muitos estavam também lutando por reivindicações classistas: pela terra, por emprego durante o ano inteiro, moradia digna e cuidados médicos, fim dos abusos de empregadores e latifundiários. Para alguns, o mais importante era o direito dos nicaraguenses de dirigir seu próprio país, livres da interferência dos Estados Unidos. Outros foram atraídos por algum fato particular, ocorrido em seu próprio povoado ou bairro, como o massacre de pacientes e médicos em um hospital de Estelí ou os ataques a escolas e serviços religiosos. Muitas mulheres inicialmente fizeram parte da rede de simpatizantes sandinistas do bairro

por razões familiares, para proteger seus filhos ou os amigos de seus filhos. Na Costa Atlântica e nos bairros indígenas, como Sutiava e Monimbó, um desejo de maior autonomia e o fim dos abusos racistas insuflou o apoio à revolução. Ainda que a maioria das pessoas jamais o tivesse lido, estavam combatendo por diferentes trechos do *Programa histórico* de 1969 de Carlos Fonseca, e o êxito da FSLN baseou-se no agrupamento destas diferentes lutas em um movimento unificado que cada vez mais representava uma séria ameaça para a ditadura.

A FSLN teve que se movimentar febrilmente para acompanhar os levantes que eclodiram quase espontaneamente em 1978 e em 1979. E conseguiu. Na primavera de 1979, quadros comprometidos e experimentados (que estavam na organização há apenas poucos meses) estavam liderando as atividades cotidianas da revolução, distribuindo o limitado número de armas disponíveis, treinando milicianos, organizando o apoio comunitário, o abastecimento de alimentos e o cuidado dos feridos, decidindo quando e onde combater e o momento de recuar; e, no processo, recrutando e treinando novos dirigentes.

Parecia cada vez mais que havia só dois lados na Nicarágua: a FSLN e uma massa sandinista cada vez maior de um lado, e Somoza e a Guarda Nacional do outro. Nestas circunstâncias, setores significativos da oposição burguesa chegaram a estar dispostos a negociar com a FSLN e a aceitar atribuir aos sandinistas um papel importante no governo pós-Somoza. Em 16 de junho, a FSLN anunciou em San José da Costa Rica a formação de um governo revolucionário provisório, formado por três membros da Frente (Daniel Ortega, Moisés Hassán, do MPU, e Sergio Ramírez, dos Doze), o industrial milionário e dirigente da FAO, Alfonso Robelo, e Violeta Chamorro, a viúva do assassinado Pedro Joaquín Chamorro. Os dirigentes da FSLN em San José – principalmente terceiristas, mas com o apoio da DN conjunta – também tinham concordado com eleições pouco depois da saída de Somoza para um novo corpo legislativo no qual os partidos burgueses teriam o controle garantido. É difícil dizer

se cada lado estava negociando de boa-fé. Os terceiristas poderiam estar, pois o plano era coerente com sua Plataforma Geral de 1977. A oposição burguesa provavelmente não. Um capitalista descreveu suas atitudes pouco antes da revolução com as seguintes palavras: “Os empresários viam os sandinistas como seus peões. Pensavam que podiam colocá-los em campo para lidar com a Guarda. Depois eles interviriam e ficariam com o poder, quando Somoza caísse. Caso houvesse problemas, os Estados Unidos dariam um basta aos sandinistas, tirando-os do poder”.⁴³⁵

Com a derrubada de Somoza, os cinco membros da junta transformaram-se no governo da Nicarágua. Mas seria um equívoco ver Chamorro e Robelo como a minoria capitalista de um governo que representava uma real coalizão de classes diferentes. O poder político estava com a FSLN, especialmente com os nove homens da Direção Nacional. Chamorro e Robelo tinham seus lugares na junta governamental enquanto convidados da FSLN, e sua legitimidade provinha de sua identificação com a revolução sandinista. Alfonso Robelo normalmente fazia negócios usando terno, mas quando falou a uma manifestação de massa em Cuba, em 26 de julho de 1979, pôs uma camiseta negra e amarrou um lenço vermelho e negro no pescoço, pronunciando um entusiasmado discurso sandinista. A assembleia legislativa pós-Somoza projetada não se instalou até maio de 1980, sendo então dominada pela FSLN e por uma série de organizações pró-sandinistas criadas durante a insurreição, representando operários, mulheres, jovens, camponeses e ativistas comunitários.

O governo dos Estados Unidos continuou até o fim tentando evitar que a FSLN chegasse ao poder. A proposta de Washington no final de junho, de enviar uma “força de paz” da OEA para a Nicarágua, foi amplamente entendida como uma tentativa desesperada de desarmar a FSLN, e só o representante de Somoza votou a favor

⁴³⁵ SPALDING, *Capitalists and revolution...*, p. 61.

da moção. Em 8 de julho, quando toda a zona do Pacífico estava virtualmente em estado de guerra, uma entrevista de Somoza ao *Washington Post* criou um escândalo na Nicarágua. Ele revelava que tinha se proposto a renunciar, mas que o governo dos Estados Unidos estava atrasando sua saída até que uma nova estrutura de comando da Guarda Nacional pudesse ser instalada. Naquela mesma semana, a Cruz Vermelha emitiu um informe dizendo que 50 mil civis, incluindo 9 mil só em Manágua, tinham sido assassinados pelas forças governamentais nos meses de guerra.⁴³⁶

Em 16 de julho, Somoza nomeou seu sucessor presidencial, o congressista liberal Francisco Urcuyo, e um novo comandante da Guarda Nacional, o coronel Francisco Mejía. Pouco depois da meia-noite, na madrugada de 17 de julho, ele apresentou sua renúncia em uma sessão do Congresso Nacional convocada apressadamente no Hotel Intercontinental, em Manágua, e fugiu para Miami.⁴³⁷ O Presidente Urcuyo e o chefe da GN seguiram-no. Em 18 de julho, três membros do novo governo revolucionário chegaram de avião a León, declarada capital provisória da Nicarágua. A Guarda Nacional desintegrou-se. Um oficial da polícia de trânsito foi encarregado da rendição pela Guarda Nacional, o que inicialmente se recusou a fazer, já que o comandante da FSLN a quem tinha que se render era uma mulher.

Em 19 de julho, as colunas guerrilheiras da FSLN entraram em Manágua. No dia seguinte, quando os membros da junta de governo e da Direção Nacional dirigiram-se à multidão que aplaudia e dava vivas na capital, a praça foi decorada com dois imensos estandartes com as imagens de Augusto C. Sandino e Carlos Fonseca Amador. A multidão gritava em coro: “Carlos Fonseca, presente!” A influência de

⁴³⁶ PEZZULLO e PEZULLO, *At the fall of Somoza*, p. 180.

⁴³⁷ Em setembro de 1980, Anastasio Somoza Debayle foi executado no Paraguai por um comando de guerrilheiros argentinos. Cf. ALEGRÍA, Claribel e FLAKOLL, D. J. *Somoza: expediente cerrado*. Manágua: Editorial El Gato Negro, [1993?].

Carlos Fonseca estava de fato presente: na ideologia do nacionalismo e do anti-imperialismo nicaraguenses, na estratégia de organização simbolizada pelos tanques e pelos uniformes dos guerrilheiros e pelo esmagador apoio de operários e camponeses nicaraguenses à insurreição e, ainda, como um símbolo do “homem novo”. A multidão podia também ter gritado em uníssono – como fez em outras ocasiões – “Augusto César Sandino, presente!” “Ernesto Che Guevara, presente!”

EPÍLOGO

Em fevereiro de 1990, depois de uma década tumultuada no poder, a FSLN perdeu-o nas eleições, quando a líder conservadora Violeta Chamorro derrotou por estreita margem Daniel Ortega na disputa presidencial. A perda da FSLN foi um choque tremendo para quase todos. A FSLN e seus simpatizantes por todo o mundo tinham planejado celebrações; toda a imprensa nicaraguense e internacional tinha antecipado vitória, talvez esmagadora, da FSLN; a própria coalizão que apoiava Chamorro viu a campanha mais como uma oportunidade para ganhar pontos na propaganda contra a revolução sandinista do que como uma possibilidade de que sua candidata fosse eleita. A campanha da FSLN foi formatada no que diz respeito ao tom e conteúdo para tranquilizar e apelar aos nicaraguenses de classe média. Contudo, e talvez não surpreendentemente, a ampla maioria da classe média votou em Chamorro. O mais difícil de explicar é que um número significativo de operários e camponeses nicaraguenses, as tropas de choque da insurreição de 1979 e a base de apoio das medidas revolucionárias durante os anos 1980 também votaram contra a FSLN.

Parte da explicação pode estar no gradual distanciamento da própria direção da FSLN das ideias e do exemplo de Carlos Fonseca. O processo desenvolveu-se de maneira desigual, tropeçando, mas, no final da década, a FSLN tinha mudado. Ainda rendendo homenagens ao ícone revolucionário de um Carlos morto e santificado, a FSLN não era mais, na filosofia e na prática, o partido de Carlos Fonseca. Alguns dos custosos equívocos da FSLN nos anos 1980 já haviam sido prefigurados nos debates de uma década antes ou mais, quando Fonseca alertava precisamente quanto a esses erros e clamava por um caminho diferente. Embora o tema deste livro não seja a evolução da FSLN depois de 1979, quero concluir indicando brevemente umas quantas maneiras pelas quais as políticas da Direção Nacional afastaram-se das ideias de Fonseca e do *Programa histórico*.

Nos primeiros meses e anos da revolução, o governo sandinista, apoiado e, algumas vezes empurrado, por uma população mobilizada, fez rápidos progressos em relação a algumas das mudanças prometidas no *Programa histórico*. As propriedades agrícolas e industriais de Somoza e de seus comparsas mais próximos foram confiscadas e transformadas em propriedade estatal. Os estudantes de nível médio e os universitários foram motivados e organizados para realizar uma campanha massiva de alfabetização no campo e nas montanhas; um dos lemas da jornada foi: “Em cada alfabetizador, Carlos Fonseca Amador”. Com a assistência de médicos cubanos e de novos trabalhadores nicaraguenses da saúde treinados rapidamente, a assistência médica básica foi estendida gratuitamente às áreas rurais de todo o país, com ênfase especial nas necessidades de saúde das mulheres e das crianças.

Quanto ao assunto crucial da reforma agrária, o progresso alcançado foi menor. O novo ministro da reforma agrária, Jaime Wheelock, achava que os camponeses nicaraguenses tinham sido quase completamente proletarizados e que necessitavam de direitos trabalhistas, e não de terra – uma teoria contra a qual Fonseca argumentara quando Wheelock encabeçava a Tendência Proletária dos

anos 1970. Não foi senão no segundo aniversário da revolução, depois de repetidas manifestações camponesas na capital e de ocupações de terras no campo, que a primeira e titubeante reforma agrária foi anunciada, sendo concedidos títulos agrários somente aos camponeses organizados em cooperativas. Distribuições de terra em grande escala para famílias camponesas individuais ocorreram em meados dos anos 1980, mas foram realizadas mais por necessidades militares do que por princípio. Quando o estado de emergência provocado pela guerra terminou, em 1987, Wheelock anunciou que a reforma agrária tinha acabado, apesar de haver ainda dezenas de milhares de famílias camponesas esperando por terra.

As medidas radicais dos primeiros anos da revolução rapidamente provocaram uma aguda polarização de classe na Nicarágua e a hostilidade ativa do governo dos Estados Unidos, cujo presidente era Ronald Reagan. Cinco anos de guerra sangrenta – financiada e organizada por Washington, apoiada por muitos nicaraguenses da burguesia e da classe média, com os contrarrevolucionários da ex-Guarda Nacional, os *contras*, como ponta de lança – fracassou em seu intuito de derrotar a revolução nicaraguense ou tirar a FSLN do poder. O povo nicaraguense pagou um preço terrível por sua vitória sobre os *contras*, com grandes prejuízos econômicos e 50 mil mortos. Por sua vez, a FSLN pagou um custo político devido à maneira como os esforços de guerra foram dirigidos pelo ministro da Defesa e membro da DN, Humberto Ortega. Carlos Fonseca polemizara, no começo dos anos 1970, contra o “militarismo” de Ortega, sua confiança na força militar mais do que na organização política. A fortaleza de um exército revolucionário, insistia Fonseca, está no compromisso de seus combatentes, não no mero número de seus soldados, ou em seu armamento. Ainda que homens e mulheres jovens em grande número se alistassem voluntariamente nas unidades organizadas em 1982 para combater as primeiras incursões dos *contra*, Ortega e o resto da DN logo optaram por um recrutamento para o serviço militar obrigatório,

a fim de levantar um enorme exército convencional. As milícias populares, que tinham começado a se organizar nos bairros e centros de trabalho, foram abandonadas. Os nicaraguenses de classe média com filhos adolescentes (inclusive alguns que eram membros da FSLN) simplesmente transferiram suas famílias para Miami para evitar o recrutamento; o alistamento forçado vitimou quase exclusivamente os jovens de classe operária e camponeses, algumas vezes antes que tivessem em idade de serem recrutados. O exército de meados dos anos 1980, com seu armamento pesado, sua guerra convencional e sua estrita hierarquia militar, assemelhava-se ao exército soviético, mais do que ao de Sandino. O povo nicaraguense derrotou os *contras*, assim como derrotara a Guarda Nacional em 1979. Em ambos os casos, eu diria, venceu apesar da estratégia militar de Humberto Ortega, não por causa dela.

Como Fonseca predissera, novos dirigentes de massas surgiram no decorrer da insurreição de 1979; eram, em sua imensa maioria, jovens e de famílias pobres. Depois da vitória, alguns deles canalizaram seus talentos e zelo revolucionário para o Exército Popular Sandinista e a Polícia Sandinista ou para as novas associações comunitárias, sindicatos e organizações de trabalhadores do campo, de camponeses, de mulheres e jovens. Fonseca advertira que a FSLN, se quisesse ser considerada *vanguarda*, necessitava de uma constante inclusão de novos quadros provenientes da classe operária e do camponato, precisava aprender com a “sabedoria das massas populares, uma sabedoria que as massas adquirem não na universidade, nem em um instituto de pesquisa, e sim com a experiência e o trabalho”. Mas a FSLN, depois de 1979, recrutou poucos destes novos líderes para suas fileiras e nenhum para os organismos dirigentes. Os nove homens da Direção Nacional, que virtualmente manteve-se intacta por toda a década, tomava todas as decisões importantes. Reuniões secretas eram realizadas, e uma estrita disciplina interna fez com que as divergências nunca fossem reveladas. A FSLN alegava – com

alguma justiça nos anos iniciais – estar governando em nome dos interesses dos operários e dos camponeses. Mas, diante da ausência de democracia interna ou do esforço nulo para incluir novos dirigentes provenientes dos estratos sociais oprimidos, esta alegação degenerou na ideia paternalista de que ela sabia o que era melhor para os operários e camponeses nicaraguenses.

A recusa da DN a admitir como membro uma única mulher durante os 11 anos de regime da FSLN foi um exemplo particularmente evidente da maneira como se encerrara em si mesma. A FSLN da pré-revolução era muito desigual em sua compreensão do papel das mulheres na sociedade e na transformação revolucionária. Carlos Fonseca não deu o mesmo tipo de tratamento ao tema dos direitos das mulheres que deu ao anti-imperialismo ou ao conflito entre as classes. Mas havia mulheres combatentes na FSLN que eram mais do que capazes de levar adiante esta questão, depois de 1979, se lhes tivesse sido permitido fazê-lo.

A relação entre a identidade étnica e a política revolucionária foi muito mais complicada do que Fonseca ou qualquer outro membro da FSLN vislumbraram antes de 1979. Mas pelo menos o *Programa histórico* reconhecia a “discriminação odiosa” sofrida pelos indígenas e pelos negros da Costa Atlântica e prometia respeitar os valores culturais diferentes da região. Não foi senão em meados dos anos 1980 que começou a ser executado o que se chamou o processo de autonomia, como distribuição de terra em grande escala para os camponeses, por necessidades militares.

Fonseca sempre apontou o exemplo político da Revolução Cubana. Frequentemente mostrava Augusto C. Sandino e Che Guevara como os guias e a inspiração da FSLN. Os membros da DN dos anos 1980 raramente mencionavam Cuba, exceto para reconhecer sua ajuda financeira generosa e a indispensável contribuição dos médicos e professores cubanos. Só Tomás Borge falava da inspiração da revolução socialista cubana, e o fazia cada vez menos, à medida

que os anos passavam. Sandino e o sandinismo foram cada vez mais contrapostos ao Che e ao marxismo.

Fonseca insistia sempre em que não se devia confiar na oposição tradicional ou em qualquer outro setor da burguesia nicaraguense para resolver os problemas da pobreza, da desigualdade, do atraso econômico e cultural. Os conflitos entre os proprietários de terra e os camponeses, os operários e os capitalistas, dizia, eram inevitáveis, e os revolucionários tinham que ficar ao lado dos oprimidos. As políticas econômicas e sociais introduzidas pelo governo da FSLN, no final dos anos 1980, faziam justamente o oposto. Sua solução para a devastação econômica da guerra contrarrevolucionária foi aprovar impostos, créditos e políticas trabalhistas destinadas a estimular a empresa privada. Em uma política conhecida como *concertación*, ou unidade nacional, os proprietários das fábricas e os latifundiários, por quem Fonseca tinha tanto desprezo, foram batizados de *produtores patrióticos*. Aos trabalhadores agrícolas e industriais, que tinham travado suas próprias lutas econômicas e sociais durante a guerra, foi dito que tinham que continuar se sacrificando por seus empregadores para que recuperassem sua tranquilidade e rentabilidade. Porque as políticas de austeridade tinham origem na FSLN e porque a DN estava unida no apoio à *concertación*, a maioria dos trabalhadores concordou com as novas disposições. Mas tais políticas trouxeram confusão e forma desmoralizadoras.

Ainda que a FSLN não tenha se fundido com o Partido Comunista nicaraguense nem com alguma de suas dissidências, seu enfoque político e sua orientação eleitoral no final dos anos 1980 tinham muito em comum com as posições conservadoras que Fonseca atacara no PSN e em outros partidos pró-soviéticos. O modo de vida privilegiado de muitos dos dirigentes da FSLN assemelhava-se ao desfrutado pelos burocratas soviéticos. O colapso da União Soviética foi visto por alguns dirigentes da FSLN como o fim de qualquer possibilidade de que um país como a Nicarágua pudesse evoluir para o socialismo.

Mas o objetivo de uma transformação social na Nicarágua nunca estivera baseado no apoio econômico ou político proveniente da União Soviética; estava relacionado ao combate ideológico com o Kremlin e os partidos que influenciava.

A soma de políticas da FSLN decorrentes da guerra aos *contra* significou uma guinada à direita, oposta às ideias de Carlos Fonseca, oposta aos operários e camponeses da Nicarágua, oposta ao exemplo de Cuba. Esta guinada foi algo obscurecida pelo fato de que a FSLN estava ainda à esquerda dos outros partidos nas eleições de 1990, especialmente quanto ao tema da autodeterminação. Os Estados Unidos apoiaram agressivamente a candidatura de Chamorro, com recursos financeiros, propaganda e promessas de ajuda futura. A estratégia de campanha da FSLN foi prosseguir com suas políticas econômicas pró-empresariais e suavizar tanto quanto possível sua imagem revolucionária. O lema da campanha de Ortega foi “Tudo será melhor”, e houve tentativas para popularizar seu apelo mediante toscas piadas sexuais e canções que foram profundamente ofensivas para muitas mulheres.

O partido que um dia fora conhecido pela austeridade pessoal e pelo alto nível moral de seu principal líder era sacudido pelos escândalos sexuais e financeiros no final dos anos 1980 e princípio dos anos 1990. Em uma farra de autoenriquecimento durante os poucos meses de interregno entre as eleições e a tomada de posse de Chamorro, políticos e funcionários da FSLN apropriaram-se de centenas de casas e de fazendas que tinham sido nacionalizadas depois da revolução de 1979. A privatização das propriedades estatais durante o período de Chamorro transformou Humberto Ortega (que permaneceu como chefe do exército até 1995) em um dos homens mais ricos do país.

No decorrer de mais de uma década, a FSLN progressivamente abandonou sua tradição revolucionária. Esta evolução foi simbolizada pela decisão, em 1986, de deixar de publicar as obras de Carlos Fonseca e pelo abandono formal do Programa histórico, substituído,

em 1989, por uma plataforma eleitoral moderada. A decomposição da FSLN acelerou-se em meados dos anos 1990, quando muitos membros racharam para formar organizações opostas ou simplesmente dispersarem-se. Em 1996, com Daniel Ortega outra vez como representante da FSLN, um liberal somozista chamado Arnoldo Alemán foi eleito presidente da Nicarágua; em 2001, outro candidato liberal mais uma vez derrotou Ortega.

Para os dirigentes da FSLN, a lição da derrota eleitoral de 1990 é que uma revolução social nunca pode ter êxito em uma região vista como quintal dos Estados Unidos. Face à crescente hostilidade e violência, tanto de Washington como da burguesia nicaraguense, a revolução sandinista estava, segundo a direção da FSLN, condenada a fracassar. Mas a derrota de 1990 não era inevitável, como não o fora a vitória de 1979. Nas duas ocasiões, decisões foram tomadas, erros foram corrigidos ou aprofundados, a confiança ganha ou perdida. A FSLN de Carlos Fonseca não procurou os Estados Unidos ou os partidos da burguesia para derrubar Somoza nem esperou que estas forças fossem neutras frente a uma revolução popular triunfante. Fonseca disse que a FSLN aprendeu, observando a direção cubana, a “identificar-se cada vez mais com a ideologia do proletariado no decorrer de 1961”, e que “a melhor maneira de defender uma revolução vitoriosa contra os ataques das forças reacionárias e do imperialismo era identificar-se com as classes exploradas”. O povo da Nicarágua – especialmente os homens e mulheres jovens da classe operária e do campesinato – derrubou Somoza e derrotou, a um custo enorme, o ataque militar dos *contras* respaldados pelos Estados Unidos, só para ver a FSLN virar as costas para eles no final dos anos 1980. Mereciam um tratamento melhor.

GLOSSÁRIO

Amproac – Associação de Mulheres frente à Problemática Nacional
ATC – Associação de Trabalhadores do Campo
Cuun – Conselho Universitário da Universidade Nacional
DN – Direção Nacional
EDSN – Exército Defensor da Soberania Nacional
Eebi -Escola de Treinamento Básico de Infantaria
FDC – Frente Democrata Cristá
FER – Federação de Estudantes Revolucionários
FSLN – Frente Sandinista de Libertação Nacional
FUN – Frente Unitária Nicaraguense
GN – Guarda Nacional
GPP – Guerra Popular Prolongada
INN – Instituto Nacional do Norte
JDN – Juventude Democrática Nicaraguense
JPN – Juventude Patriótica Nicaraguense
JRN – Juventude Revolucionária Nicaraguense
MAFUENIC – Mãos Fora da Nicarágua
MPU – Movimento Povo Unido

MR ou MRP – Mobilização Republicana
OSN – Escritório de Segurança Nacional
PGT – Partido Guatemalteco do Trabalho
PLI – Partido Liberal Independente
PLN – Partido Liberal Nacionalista
PSCN ou PSC – Partido Social Cristão da Nicarágua
PSN – Partido Socialista da Nicarágua (comunista)
PSP – Partido Socialista Popular (Cuba)
PVP – Partido Vanguarda Popular (Costa Rica)
TI – Tendência Insurrecionalista
TP – Tendência Proletária
UCA – Universidade Centroamericana
UDEL – União Democrática de Libertação
Unan – Universidade Nacional Autônoma da Nicaragua
UNAP – União Nacional de Ação Popular
Bibliografia

Arquivos

CHM - Centro de Historia Militar, Ejército de Nicaragua, Manágua
IES - Instituto de Estudio del Sandinismo, Manágua
IHN - Instituto de Historia de Nicaragua, Manágua

Jornais e revistas

Barricada, Manágua
Bohemia, Havana
Nicaráuac, Manágua
Novedades, Manágua
El Nuevo Diario, Manágua
Patria Libre, Manágua
La Prensa, Manágua
Segovia, Manágua
Segovia, Matagalpa

Verde Olivo, Havana

Tricontinental, Havana

Escritos de Carlos Fonseca Amador

Segue abaixo uma lista de todos os escritos conhecidos de Carlos Fonseca, publicados e não publicados, organizados cronologicamente, na ordem em que foram escritos. Todos foram consultados para a elaboração deste livro.

1954

“Editorial”, *Segovia* (Matagalpa), 1 (ago. 1954).

“Futuro”, *Segovia* 1 (ago. 1954).

“Editorialoide”, *Segovia* 2 (set. 1954).

“Está bién, pero está mal” [por “CARFONA” (Carlos Fonseca Amador)], *Segovia* 2 (set. 1954).

“C.A.F.A.TERIAS”, *Segovia* 2 (set. 1954).

“Editorial”, *Segovia* 4 (nov. 1954).

“C.A.F.A.TERIAS”, *Segovia* 4 (nov. 1954).

“Editorial”, *Segovia* 5 (dez. 1954).

1955

“16 versos del molendero”, *Segovia* 6-7 (jan.-fev. 1955).

“Editorial: La juventud intelectual matagalpina necesita ponerse en contacto para orientarse bién y poder triunfar”, *Segovia* 6-7 (jan.-fev. 1955).

“El capital y el trabajo”, Prova final, Instituto Nacional del Norte, Matagalpa, 27 fev. 1955,

CHM reg. 00397, caixa 2.

“El voto de la mujer”, *Segovia* 9 (dez. 1955).

1956

“Carta al Sr. Ministro de Educación Pública en la que se sugiere utilizar las Barberías como bibliotecas populares”, *Segovia* 11 (fev. 1956).

“Editorial: Significado patriótico de la lucha estudiantil”, León, 1956, CHM reg. 18.942, caixa 2A.

Carta ao “Coronel” [Somoza], Matagalpa, 11 dez. 1956, CHM reg. 00346, caixa 3.

1957

“Mensaje de Carlos Fonseca con el seudónimo de Pablo Cáceres en el IV Congreso Sindical Mundial, RDA”, out. 1957, CHM reg. 07193, caixa 5.

“Declaración, 1957”, *in: Obras*, v. 1, 159-181.

Un nicaragüense en Moscú, *in: Obras*. Manágua: Editorial Nueva Nicaragua, 1982. v. 1, p. 277-344.

1958

Carta ao General Anastasio Somoza, Manágua, 21 mai. 1958, CHM reg. 00348, caixa 3.

Cartas diversas de Carlos Fonseca como *Secretario de Relaciones* do Cuun, León, 1958, CHM reg. 00376, caixa 3.

1959

Carta a “Querido Papa”, Guatemala, 22 abr. 1959, *in: Obras*, v. 1, 148-150.

Carta a “Recordada Estelita”, Tegucigalpa, 15 jul. 1959, CHM reg. 19.086, caixa 3.

Carta a “Querido papá”, San José, 15 jan. 1960, IHN Arquivo.

“La lucha por la transformación de Nicaragua”, *in: Obras*. Manágua: Editorial Nueva Nicaragua, 1982, v. 1, p. 25-38.

“Breve análisis de la lucha popular nicaragüense contra la dictadura de Somoza”, *in: Obras*, v. 1, p. 39-54.

“Nicaragua, tierra amarga”, *Nuevo Amanecer Cultural*, 21 jul. 1990 [datada internamente como posterior a fev. 1960, publicada pela primeira vez em *Mella* (Havana), 10 jan. 1961].

Carta a “Querido papá”, San José, 11 abr. 1960, CHM pasta “cartas familiares”, caixa 3.

Carta ao Prof. Edelberto Torres, San José, 8 jun. 1960, IHN Arquivo.

Carta a “doña Lolita”, San José, 10 jun. 1960, CHM reg. 00332, caixa 3.

Pôster: “Manifiesto del Centro Universitario al Pueblo de Nicaragua, 23 jul. 1960”, León: Editorial Antorcha, 23 jul. 1960 [editado por Fonseca], CHM reg. 0358, caixa 5.

Carta ao Sr. Narciso Báldizon Caldera, Guatemala, 5 set. 1960, CHM reg. 00330, caixa 3.

Carta ao “Compañero Denis”, Guatemala, 17 set. 1960, Arquivo IES. “En que forma ha penetrado en Nicaragua la llamada ‘Alianza para el Progreso’ de Kennedy”, CHM reg. 07030, caixa 2A [Autoria questionável].

Bajo la sombra de Sandino [entrevista a Victor Rico Galani], *Siempre* (México), 542 (13 nov. 1961): 30-31.

Desde lo cárcel yo acuso a la dictadura, Prisão “La Aviación”, 8 jul. 1964, in: *Obras*, v. 1, p. 88-89 [Edição brasileira: BOGO, Ademar (org.), *Teoria da organização política* 3, p. 355-364].

“Declaración, 1964”, in: *Obras*, v. 1, p. 182-193.

“Esta es la verdad”, in: *Obras*, v. 1, p. 239-242.

Carta ao Sr. Rodolfo Tapia Molina, prisão Tapachula, Guatemala, 16 jan. 1965, CHM reg. 00333, caixa 5.

Série de cartas para “Querido hermano”, San José, out.-dez. 1965, CHM regs. 00341, 00338, 00342, 00343, caixa 3.

Carta à “Querida mamita”, México, 13 abr. 1965, CHM reg. 00334, caixa 3.

1966

“¡Sandino sí, Somoza no; revolución sí, farsa electoral no!” [Manágua, 25 nov. 1966], *in: Obras*, v. 1, 243-247.

Carta a Don José Moreno e Sra Estrela de Moreno, Manágua, 19 mar. 1967, CHM reg. 00349, caixa 3.

Carta a “Papá, queridísimo papá”, San José, 12 jun. 1967 [ou 1968, o último dígito está ilegível], CHM reg. 00350, pasta “Cartas familiares”.

1968

“Mensaje del FSLN en el 34º aniversario del asesinato de A. C. Sandino: Continuamos combatiendo!” 21 fev. 1968, CHM reg. 25299, caixa 5.

“Mensaje del Frente Sandinista de Liberación Nacional, FSLN, a las estudiantes revolucionarias”, abr.1968, *in: Obras*, v. 1, p. 55-74.

“Mensaje del FSLN (en ocasión del 1º de Mayo)”, 1 mai. 1968, CHM reg. 25300, caixa 5.

Diversas cartas em série para Dr. A. R., Dr. A. P. A., Dr. R. C. M., Lic. R. C., mar.-jun. 1968, CHM regs. 00363, 00352, 00355, 00534, caixa 3.

“Mensaje del FSLN a las madres de los Mártires nicaragüenses”; 30 mai. 1968, CHM reg. 00299, caixa 5.

“Militancia activa del combatiente revolucionario”, 6 jun. 1968, CHM reg. 00269, caixa 2A. “Yanqui Johnson: go home” [5 jul. 1968], *in: Obras*, v. 1, p. 251-253.

“En el primer aniversario de la inmolación del ‘Che’ juramos ser leales a su ejemplo”, 8 out. 1968, CHM reg. 25.281, caixa 5.

“Bajo las banderas de Sandino”, *in: Obras*, v. 1, p. 248-250.

“Los mártires del FSLN son el honor de la Nicaragua de hoy”, 4 nov. 1968, CHM reg. 25.090, caixa 5.

1969

“Respuesta a un ideólogo de la tortura”, San José, 15 jan. 1969, CHM reg. 00356, caixa 2A. “Por un primero de mayo guerrillero y victorioso”, 1º mai. 1969, CHM reg. 25.086, caixa 5. Diversas cartas em série de Fonseca para Julio Buitrago, San José, mai.-jun. 1969, CHM regs. 00357, 00358, 00359, caixa 3, pasta “Cartas a Julio Buitrago”. “Viva el combate revolucionario de los Estudiantes de América Latina”, 1º jun. 1969, CHM reg. 29.270, caixa 5.

“Carta a Efraín Sánchez en relación a errores incurridos”, San José, 2 jun. 1969, CHM reg. 18.839, caixa 3.

“Con la sangre de nuestro mártires construiremos un futuro feliz”, 17 jul. 1969, *in: Obras*, v. 1, p. 257-258.

“En el X aniversario de la masacre estudiantil” [23 jul. 1969], *in: Obras*, v. 1, p. 259-260.

“El FSLN es la más generosa creación de la nueva generación de Nicaragua”, 31 jul. 1969, CHM reg. 25.079, caixa 5.

“Juramos cobrar implacable venganza por la sangre de Julio Buitrago, Marco Rivera, Aníbal Castrillo y Alesio Blandón” [15 ago. 1969], *in: Obras*, v. 1, p. 263-265.

“Proclama del FSLN”, *in: Obras*, v. 1, p. 267-269.

“Viva la fraternidad guerrillera”, San José, 22 ago. 1969, CHM regs. 00313 and 25.177, caixa 5.

“Continuemos el ejemplo del inmortal Ho Chi-min” [set. 1969, texto incompleto], *in: Obras*, v. 1, 266.

Carta a *Punto Final*, CHM reg. 20.809, caixa 7.

“Nicaragua hora cero”, *in: Obras*, v. 1, 75-95.

El Programa Histórico del FSLN. Managua: Depep, 1981.

Declaração para a comissão especial indicada pelos parlamentares da Costa Rica, prisão Alajuela, 7 out. 1969, CHM reg. 00526, caixa 1; longos trechos citados em “Entrevista”, *in: Obras*, v. 1, p. 206-213.

Carta a Pedro Antonio Cuadra, prisão Alajuela, 2 dez. 1969, CHM, reg. 00306, caixa 3.

1970

“Los ataques de los falsos revolucionarios de Costa Rica nos honran” [Penitenciária de San José, 26 mar. 1970]. *COPAN, Revista Teórica*: San José 2-3 (ago. 1984): 94-105.

“Análisis sobre la situación nacional, el Programa Sandinista, en ocasión del Primero de Mayo de 1970”, Penitenciária de San José, 1 mai. 1970, CHM reg. 25.279, caixa 2B, e reg. 00276, caixa 5.

“Carta a los lectores de *Punto Final*”, CHM reg. 00363, caixa 5.

“Carta ao Sr. Guido Fernandez, editor of *La Nación*”, Penitenciária de San José, CHM reg. 00368, caixa 3.

“Lucha guerrillera en Nicaragua”. Entrevista na Penitenciária de San José, *Punto Final* (Santiago), 4 ago. 1970, 16-19.

“La lucha armada en Nicaragua”, entrevista para Hernán Uribe Ortega, Havana, *Punto Final* (Santiago), 129, (27 ago. 1971); reimpressa com alguns cortes em *Barricada*, 23 jun. 1983.

“Mensaje de Carlos Fonseca, dirigente del Frente Sandinista de Liberación Nacional”, Havana, 7 nov. 1970, IHN, Colección Hacia el Sol de la Libertad.

“No hay islas”, entrevista para Marco Altamirano, Penitenciária de San José, out. 1970, HM reg. 00322, caixa 6.

“Entrevista, 1970” [para Ernesto González Bermejo], in: *Obras*, v. 1, p. 214-227.

1971

“Heroísmo y martirio de Sandino”, *Granma*, 20 fev. 1971.

“Sandino, el combatiente insobornable”, *Verde Olivo*, 28 fev. 1971, p. 58-59.

Carta para “Camarada Ko”, Havana, 23 abr. 1971, CHM reg. 03595. *Sandinio: Guerrillero proletario*, in: *Obras*, v. 1, p. 368-384.

“Mensaje del FSLN con motivo del 150 aniversario del rompimiento del yugo colonial español”, 21 set. 1971, CHM reg. 00317, caixa 5; uma versão abreviada foi publicada como “El Frente Sandinista de

Liberación Nacional”, *Bohemia* (Havana), n. 40 (1º oct. 1971): 94-97; reimpresso em *Obras*, v. 1, 363-367.

“Respuesta a la posición de un grupo de compañeros”, 6 abr. 1971, CHM reg. 00285, caixa 2B.

1972

Breve cronología de la historia de Nicaragua, 8 mar. 1972, CHM reg. 00245, caixa 4.

“Reseña de la secular intervención norteamericana en Nicaragua”, mar. 1972, *in: Obras*, v. 1, p. 385-392.

“Saludo de la representación del FSLN al II Congreso de la Unión de Jóvenes Comunistas;” Havana, 29 mar. 1972, CHM reg. 24.849, caixa 5.

“Respuesta a las notas del compañero M.”, 6 abr. 1972, CHM reg. 00283, caixa 2B.

“Respuesta a las notas del compañero A.”, 7 abr. 1972, CHM reg. 00284, caixa 2B. “Declaración del FSLN con motivo del 4 de mayo”, 4 mai. 1972, CHM reg. 24.831, caixa 5. “Acerca de la solidaridad”, 12 jun. 1972, CHM reg. 00272, caixa 5.

“Notas sobre la situación actual de Nicaragua”, 21 jun. 1972, CHM reg. 00247, caixa 2A. “Nicaragua, from Sandino to the Frente Nacional Sandinista: an interview with Carlos Fonseca Amador by Margaret Randall and Robert Cohen”, 28 jun. 1972, Havana, MS, trans. Margaret Randall; original em español em CHM reg. 00320, caixa 6.

“Plan de instrucción 10cal”, 10 jul. 1972, CHM reg. 00271, caixa 2B.

“Mensaje del FSLN con motivo del XVI aniversario del 21 de septiembre”, 15 ago. 1972, CHM reg. 25.288, caixa 5; también conhecido como “La tierra de Sandino clama solidaridad”.

“Notas sobre la carta-testamento de Rigoberto López Pérez”, *in: Obras*, v. 1, p. 393-406.

“16 aniversario de la muerte del héroe nacional, Rigoberto López Pérez”, CHM reg. 00623, caixa 2A; igual a “Rigoberto López Pérez en la lucha por la Liberación”, CHM reg. 00262, caixa 2A.

“Observaciones sobre los informes organizativos”, 12 dez. 1972, CHM reg. 00288, caixa 2B. “Acerca de la lucha del FSLN: breve cronología”, CHM reg. 00244, caixa 2A.

“Notas sobre algunos problemas actuales”, reg. 00295, caixa 2B.
Ideário político del general Sandino, in: Obras, v. 2, p. 169-199.

1973

“Carta a los nicaragüenses residentes en Estados Unidos”, 30 jan. 1973, *in: Obras, v. 1, p. 154-155.*

Carta a “Hermano Afronorteamericano” [30 Jan, 1973], *Barricada*, 5 nov. 1985.

Carta a “Hermanas y hermanos Norteamericanos” [30 jan. 1973], *Barricada*, 6 nov. 1985.

Carta a “Hermanos Indios de los Estados Unidos”, 30 jan. 1973, dos arquivos de Vernon Bellecourt.

“Llamamiento del Comité de Nicaragüenses en el exterior pro damnificados”, Havana, jan.-fev. 1973, CHM reg. 00303, caixa 5.

“Algunos aspectos del trabajo entre las masas” [1973?], IHN, Colección Hacia el sol de la libertad.

“Charla del comp. Carlos Fonseca”, 10-11 set. 1973, CHM reg. 00292, caixa 6.

“Charla con una compañera (sobre la cárcel)”, 28 set. 1973, CHM reg. 00324, caixa 6.

“Charla del compañero Carlos Fonseca en la conmemoración del 4 de octubre”, Havana, 4 out. 1973, CHM reg. 00248, caixa 6.

“Análisis Sucesos de Nandaime”, 20 out. 1973, CHM reg. 00254, caixa 2B.

“Algunos puntos sobre la situación de Nicaragua”, Havana, 12 nov. 1973, CHM reg. 00247, caixa 2A.

“Reunión general para informar sobre problemas de la organización”, Havana, 14 nov. 1973, CHM reg. 00293, caixa 2B.

“El enemigo confiesa”, CHM reg. 00275, caixa 2A.

“Opinión sobre algunos problemas y tareas”, CHM reg. 00294, caixa 2B.

“Notas sobre la lucha popular contra la tiranía somocista”, CHM reg. 00253, caixa 2B.

1974

“Presentación al documento ‘Refutación a las afirmaciones del presidente Taft’” [jan.-fev. 1974], in: *Obras*, v. 1, p. 409-427.

Carta a Angel Guerra, editor of *Bohemia*, Havana, 16 feb. 1974, CHM reg. 00379, caixa 3.

“Con motivo del 40 aniversario del asesinato de Sandino, el FSLN demanda solidaridad hacia el pueblo de Nicaragua”, Havana, 21 fev. 1974, CHM reg. 24.794, caixa 5.

“La dominación yanqui en Nicaragua” [13 abr. 1974], *Barricada*, 8 nov. 1983.

“Notas sobre comunicación ‘Cuestiones urgentes para la organización’”, 30 abr. 1974, CHM reg. 00282, caixa 2B.

“Manifiesto: 23 de julio – símbolo de tradición estudiantil nicaragüense”, 23 jul. 1974, CHM reg. 00251, caixa 5.

“Carta a compañeros de la parroquia”, 31 jul. 1974, CHM reg. 00367, caixa 2B.

“Discurso en acto de solidaridad”, Havana, 6 set. 1974, CHM reg. 19.729, caixa 5.

“Problemas estratégicos de la lucha revolucionaria nicaragüense”, 30 set. 1974, CHM reg. 00281, caixa 2B.

“Por una correcta línea de masas”, dec. 1974, CHM reg. 02396, caixa 2A [autoria questionável].

Cronología de la resistencia sandinista, in: *Obras*, v. 2, p. 89-167.

“Crónica Secreta: Augusto César Sandino ante sus verdugos”, MS preparado em 1995 pelo Instituto de Historia de Nicaragua (trechos previamente publicados em *Obras*, v. 1, 412-427; e *Barricada Edición especial*, 7 nov. 1986).

1975

Viva Sandino, in: *Obras*, v. 2, p. 19-86. [Edição brasileira: STEDILE e BALTODANO (orgs.), *Sandinino – vida e obra*, p. 25-101].

“Notas y experiencias revolucionarias (transcripción de charla)”, CHM reg. 09466, caixa 2B. *Síntesis de algunos problemas actuales*, 3 nov. 1975, in: *Obras*, v. 1, p. 96-121.

“Sobre la actual represión en Nicaragua”, CHM reg. 00250, caixa 5. *Nota sobre algunos problemas de hoy*, feb.-mar. 1976, in: arquivos da autora; também conhecido como “El último documento/testamento de Carlos Fonseca”.

“Tomás Borge: un sandinista”, dos arquivos de Tomás Borge. *Notas sobre la montaría y algunos otros temas* [8 out. 1976], in: *Obras*, v. 1, p. 122-141.

Sem data (organizado em ordem alfabética)

“Antecedentes del FSLN”, *Ventana*, 6 jul. 1985 [parece ter sido escrito em 1973].

“Aspectos de la estrategia y organización en algunas experiencias”, CHM reg. 00279, caixa 2B.

Cronología de la intervención norteamericana de 1909 a 1910, CHM reg. 00258, caixa 4.

Cronología de la resistencia de 1912, CHM reg. 00260, caixa 4.

“Lucha de masas y guerra revolucionaria”, CHM reg. 00287, caixa 2B.

“Noticia sobre Darío y Gorki”, *in: Obras*, v. 1, p. 407-408.

“Respuesta a las cuestiones que plantean los compañeros en los textos que elaboraron con motivo de los documentos que les fueron suministrados”, CHM reg. 00289, caixa 2B.

“Sobre la situación de Costa Rica”, CHM reg. 00296, caixa 2A.

“Que es un sandinista?”, *Barricada*, 9 nov. 1980.

Artigos e livros

ALEGRÍA, Claribel e FLAKOLL, D. J. *Nicaragua: la revolución sandinista*. México: Ediciones Era, 1982.

_____. *Somoza: expediente cerrado*. Manágua: Editorial El Gato Negro, [1993?].

ANDERSON, Jon Lee. *Che Guevara: a revolutionary life*. Nova York: Grove Press, 1997. ARIAS, Pilar. *Nicaragua: revolución. Relatos de combatientes del frente sandinista*. México: Siglo XXI, 1980.

AVENDAÑA, Rolando Sandino. *Masacre estudiantil: 23 de julio de 1959, Leon, Nicaragua*. [Manágua?]: Tipográfico América, 1960.

BARAHONA, Amaru. *Estudio sobre la historia de Nicaragua del auge cafetalero al triunfo de la revolución*. Manágua: Instituto Nicaragüense de Investigaciones Económicas y Sociales, 1989.

BERHEIM, Carlos Tünnerman. *La Universidad: búsqueda permanente*. León: Editorial Universitaria de la Unan, 1971.

BIDERMAN, Jaime M. *Class structure, the State, and capitalist development in nicaraguan agriculture*. Tese de Doutorado, Universidade da California - Berkeley, 1982.

BLACK, George. *Triumph of the people: the sandinista revolution in Nicaragua*. London: Zed Press, 1981.

BLANDÓN, Jesús Miguel. *Entre Sandino y Fonseca Amador*. Manágua: Depep, 1981.

BOGO, Ademar (org.). *Teoria da organização política III*. São Paulo: Expressão Popular, 2008, p. 355-364.

- BOOTH, John A. *The end and the beginning: the Nicaraguan Revolution*. Boulder: Westview, 1982.
- Borge, Tomás. *Carlos, the dawn is no longer beyond our reach*. Vancouver: New Star Books, 1984.
- _____. The FSLN and the Nicaraguan Revolution. *New International* (spring-summer 1984): 133-153.
- _____. *La paciente impaciencia*. Manágua: Editorial Vanguardia, 1989.
- _____. *The patient impatience*. Willimantic: Curbstone Press, 1992.
- CABEZAS, Omar. *La montaña es algo más que una inmensa estepa verde*. México: Siglo XXI, 1982, p. 38. (Edição brasileira: *A montanha é algo mais que uma imensa estepa verde*. São Paulo: Expressão Popular, 2008).
- _____. *Canción de amor para los hombres*. Manágua: Editorial Nueva Nicaragua, 1989.
- CAMEJO, Pedro; MURPHY, Fred. *The Nicaraguan Revolution*. Nova York: Pathfinder Press, 1979.
- CANCINO, Hugo. *Las raíces históricas y ideológicas del movimiento sandinista: antecedentes de la revolución popular nicaragüense, 1927-1979*. Odense: Odense University Press, 1984.
- CARMONA, Fernando (org.). *Nicaragua: la estrategia de la victoria*. México: Editorial Nuestro Tiempo, 1980.
- CARRIÓN MONTOYA, Luis. *La ruta del comandante Pancho*. Manágua: Editorial Nueva Nicaragua, 1992.
- CASTAÑEDA, Jorge G. *Utopia unarmed: the Latin american left after the Cold War*. Nova York: Alfred A. Knopf, 1993.
- CASTILLO, Julián Guerrero e GUERRERO, Lola Soriano de. *100 biografías centroamericanas*. Manágua: Imprenta Nacional, 1971-1973.
- CASTRO, Fidel. *Second declaration of Havana*. Nova York: Pathfinder Press, 1984.
- _____. *A história me absolverá*. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

- CHRISTIAN, Shirley. *Nicaragua: revolution in the family*. Nova York: Random House, 1985.
- COLBURN, Forrest D. *The vogue of revolution in poor countries*. Princeton: Princeton University Press, 1994.
- Crawley, Eduardo. *Dictators never die: Nicaragua and the Somoza family dynasty*. Nova York: St. Martin's Press, 1979.
- DEPEP-FSLN (Departamento de Propaganda y Educación Política – FSLN). *Habla la dirección de la vanguardia*. Managua, 1981.
- _____. *Y se rompió el silencio*. Managua: Editorial Nueva Nicaragua, 1981.
- _____. *Carlos Fonseca siempre*. Managua: Centro de Publicaciones Silvio Mayorga, 1982.
- FAGEN, Richard R. *The Nicaraguan Revolution: a personal report*. Washington: Institute for Policy Studies, 1981.
- FONSECA AMADOR, Carlos. Los ataques de los falsos revolucionarios de Costa Rica nos honran (Penitenciaría San José, 26 de marzo de 1970). *COPAN, Revista Teórica*. San José, 2-3 ago. 1984: p. 94-105.
- _____. *Bajo la bandera del sandinismo, in: Obras*, v. 1. Managua: Editorial Nueva Nicaragua, 1982.
- _____. *Viva Sandino, in: Obras*, v. 2. Managua: Editorial Nueva Nicaragua, 1982.
- _____. *El Programa histórico del FSLN*. Managua: Depep, 1981.
- FSLN - Frente Sandinista de Liberación Nacional. *Diciembre victorioso*. México: Editorial Diógenes, 1979.
- _____. Unity statement, *Latin American Perspectives* (winter 1979): 108-113.
- _____. *La revolución a través de nuestra dirección nacional*. Managua: SNPEP, 1980.
- GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel *et al.* *Los sandinistas*. Bogotá: La Oveja Negra, 1980.

- _____. *El Asalto: el operativo con que el FSLN se lanzó al mundo*. Manágua: Editorial Nueva Nicaragua, 1982.
- GILBERT, Dennis. *Sandinistas: the party and the revolution*. Nova York: Blackwell, 1988. _____; BLOCK, David (orgs.). *Sandinistas: key documents/documentos claves*. Ithaca, Nova York: Cornell University, 1990.
- GONZALEZ, Victoria. Somocista women, right-wing politics, and feminism in Nicaragua, 1936-1979. Comunicação apresentada na *Latin American Studies Association Conference*, Chicago, 24-26 set. 1998.
- GORDILLO, Fernando. *Obra*. Manágua: Editorial Nueva Nicaragua, 1989.
- GOULD, Jeffrey L. For an organized Nicaragua: Somoza and the labour movement, 1944- 1948. *Journal of Latin American Studies* 19 (nov. 1987): 353-387.
- _____. "La raza rebelde": las luchas de la comunidad indígena de Subtiava, Nicaragua (1900-1960). *Revista de Historia* (San José) 21-22 (jan.-dez. 1990): 69-115.
- _____. *To lead as equals: rural protest and political consciousness in Chinandega, Nicaragua, 1912-1979*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1990.
- _____. "¡Vana Ilusión!" The highlands indians and the myth of Nicaragua mestiza, 1880-1925. *Hispanic American Historical Review* 73 (ago. 1993): 393-429.
- _____. *To die in this way: nicaraguan indians and the myth of mestizaje, 1880-1965*. Durham: Duke University Press, 1998.
- GROSS, Lisa. *Handbook of leftist guerrilla groups in Latin America and the Caribbean*. Boulder: Westview Press, 1995
- GUADAMUZ, Carlos José. *Y... las casas quedaron llenas de humo*. Manágua: Editorial Nueva Nicaragua, 1982.
- GUEVARA, Ernesto Che. *Guerrilla warfare*. Lincoln: University of Nebraska Press, 1985.

- _____. *Che Guevara and the Cuban Revolution: writings and speeches of Ernesto Che Guevara*. Nova York: Pathfinder Press, 1987.
- HARNECKER, Martha e CASTRO, Fidel. *Fidel Castro's political strategy: from Moncada to victory*. Nova York: Pathfinder Press, 1987.
- HERNÁNDEZ, Plutarco. *El FSLN por dentro*. San José: Talleres Gráficos de Trejos Hermanos, 1982.
- HERRERA, Miguel Ángel. "Carlos Fonseca: el anhelo de servir a la patria". MS, Managua, s.d.
- HEYCK, Denis L. D. *Life stories of the Nicaraguan Revolution*. Nova York: Routledge, 1990.
- Hodges, Donald C. *Intellectual Foundations of the Nicaraguan Revolution*. Austin: University of Texas Press, 1986.
- INSTITUTO DE ESTUDIO DEL SANDINISMO (IES). *Carlos: el eslabón vital*. Cronología básica de Carlos Fonseca, jefe de la Revolución, 1936-1976.
- _____. *Carlos Fonseca jefe de la Revolución*. Managua: Editorial Nueva Nicaragua, 1985.
- _____. *Ahora sé que Sandino manda*. Managua: Editorial Nueva Nicaragua, 1986.
- _____. "Hacia el sol de la libertad": Selección de textos para el estudio de la historia del FSLN. Managua, 1986. Mimeo.
- LANUZA, Alberto; CHAMORRO, Amalia et al. *Economía y sociedad en la construcción del estado en Nicaragua*. San José: Icap, 1983.
- LOZANO, Lucrecia. *De Sandino al triunfo de la revolución*. México: Siglo XXI, 1985.
- MACKENBACH, Werner. El problema de la nación en el pensamiento juvenil de Carlos Fonseca. MS, Managua, s.d.
- MANDELA, Nelson. *The struggle is my life*. Nova York: Pathfinder Press, 1986.
- MARCUS, Bruce. *Sandinistas speak*. Nova York: Pathfinder Press, 1982.

- _____. *Nicaragua: the sandinista people's revolution* (Speeches by sandinista leaders). Nova York: Pathfinder Press, 1985.
- MEISELAS, Susan. *Nicaragua: june 1978-july 1979*. Nova York: Pantheon, 1981.
- MILLETT, Richard. *Guardians of the dynasty*. Nova York: Orbis Books, [1977?].
- MORALES, Arqueles. *Con el corazón en el disparador* (Las batallas del Frente Interno). Manáguá: Editorial Vanguardia, 1986.
- NOLAN, David. *The ideology of the sandinistas and the Nicaraguan Revolution*. Coral Gables: Institute of Interamerican Studies, 1984.
- NUÑEZ TELLEZ, Carlos. *Un pueblo en armas*. Manáguá: Colección Juan de Dios Muñoz, 1981.
- ORTEGA SAAVEDRA, Humberto. *50 años de lucha sandinista*. Manáguá: Colección Las Segovias, Mint, 1979.
- PALMER, Steven. Carlos Fonseca and the construction of sandinismo in Nicaragua. *Latin American Research Review* 23 (1988): 91-109.
- PEZZULLO, Lawrence e PEZZULLO, Ralph. *At the fall of Somoza*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1993.
- RANDALL, Margaret. *Sandinista's daughters*. Vancouver: New Star Books, 1981.
- _____. *Sandinista's daughters revisited: feminism in Nicaragua*. New Brunswick: Rutgers University Press, 1994.
- RIVERA, Francisco. *La marca del Zorro: hazañas contadas por el comandante Francisco Rivera Quintero a Sergio Ramírez*. Manáguá: Editorial Nueva Nicaragua, 1989.
- RODRÍGUEZ, Marta Rojas. *Tania, la guerrillera inolvidable*. Havana: Instituto del Libro, 1970.
- ROTHSCHUH TABLADA, Guillermo. *Los guerrilleros vencen a los generales: homenaje a Carlos Fonseca Amador*. Manáguá: Ediciones Distribuidora Cultural, 1983.

- RUIZ, Henry. La montaría era como un crisol donde se forjaban los mejores cuadros. *Nicaráuac* 1 (1980): 8-24.
- SANDINO, Augusto César. *El pensamiento vivo*. 2 v. Managua: Editorial Nueva Nicaragua, 1981.
- SCHROEDER, Michael J. "To defend our nation's honor": toward a social and cultural history of the Sandino rebellion in Nicaragua, 1927-1934. Tese de Doutorado. Universidade de Michigan, 1993.
- _____. Horse thieves to rebels to dogs: political gang violence and the State in the western Segovias, Nicaragua, in the time of Sandino, 1926-1934. *Journal of Latin American Studies* 28 (may 1996): 383-434.
- SERRANO, Alejandro *et al.* *Frente a la situación nacional*: documento de la generación del 23 de Julio. León: Editorial Antorcha, 1969.
- SOMOZA GARCÍA, Anastasio. *El verdadero Sandino, o, el calvario de las Segovias*. Managua: Editorial San José, 1976.
- SPALDING, Rose J. *Capitalists and revolution in Nicaragua*: opposition and accommodation, 1979-1993. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1994.
- STEDILE, João Pedro e BALTODANO, Mónica (orgs.). *Sandino – vida e obra*, São Paulo: Expressão Popular, 2008, p. 25-101.
- TAIBO, Paco Ignacio. *Guevara, also known as Che*. Nova York: St. Martin's Press, 1997. [Edição brasileira: *Ernesto Guevara, também conhecido como o Tchê*. São Paulo: Expressão Popular, 2011].
- TIJERINO, Doris e RANDALL, Margaret. *Inside the Nicaraguan Revolution*. Vancouver: Nova Star Books, 1983.
- TORRES, Camilo. "Mensaje a los estudiantes", *Revista Conservadora del Pensamiento Centroamericano* 105 (jun. 1969): 6.
- TRAFIA GALEANO, Marcia *et al.* *Historia del movimiento estudiantil universitario (1944-1979)*. MS, Managua: 1985.
- VANDEN, Harry E. e PREVOST, Gary. *Democracy and socialism in sandinista Nicaragua*. Boulder: L. Rienner, 1993.

- VILAS, Carlos M. *The Sandinista Revolution: national liberation and social transformation in Central America*. Nova York: Monthly Review Press, 1986.
- VOGL BALDIZÓN, Alberto. *Nicaragua con amor y humor*. Manágua: Ministerio de Cultura, [1985?].
- WALKER, Thomas W. *The christian democratic movement in Nicaragua*. Tucson: University of Arizona/Institute of Government Research, 1970.
- _____. *Nicaragua in Revolution*. Nova York: Praeger, 1982.
- WALTER, Knut. *The regime of Anastasio Somoza García and State formation in Nicaragua, 1936-1956*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1987.
- WEISSBERG, Arnold. *Nicaragua: an introduction to the Sandinista Revolution*. Nova York: Pathfinder Press, 1983.
- WHEELOCK, Jaime. *Las raíces indígenas de la lucha anticolonial en Nicaragua*. México, D.F.: Siglo XXI, 1975.
- WICKHAM-CROWLEY, Timothy P. *Guerrillas and revolution in Latin America: a comparative study of insurgents and regimes since 1956*. Princeton: Princeton University Press, 1992.
- WRIGHT, Bruce E. *Theory in the practice of the Nicaraguan Revolution*. Athens: Ohio University Center for International Studies, 1995.
- WRIGHT, Thomas C. *Latin America in the Era of the Cuban Revolution*. Westport: Praeger, 1991.
- WUNDERICH, Volker. *Sandino: biografía política*. Manágua: Instituto de Historia de Nicaragua, 1995.